

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CURITIBA II

WANDERSON BARBIERI MOSCO

ARTE CONTEMPORÂNEA, ESTIGMA E PERSEGUIÇÃO POLÍTICA: O CASO
DA OBRA DNA DE DAN, DE MAIKON K

CURITIBA

2022

WANDERSON BARBIERI MOSCO

ARTE CONTEMPORÂNEA, ESTIGMA E PERSEGUIÇÃO POLÍTICA: O CASO
DA OBRA DNA DE DAN, DE MAIKON K

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre, do Mestrado Profissional em Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes, Campus de Curitiba II, Universidade Estadual do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Artur Freitas

CURITIBA

2022

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Mosco, Wanderson Barbieri

Arte contemporânea, estigma e perseguição política: o caso da obra dna de dan, de maikon k / Wanderson Barbieri Mosco. -- Curitiba-PR, 2022.
266 f.: il.

Orientador: Artur Correia de Freitas.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado em Artes) -- Universidade Estadual do Paraná, 2022.

1. Artes Visuais. 2. Arte Contemporânea. 3. História da Arte. I - Freitas, Artur Correia de (orient). II - Título.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

ATA Nº 01/2022 - PPGARTES
BANCA DE DEFESA

No dia 25 de julho de 2022, às 14h30, através de chamada de vídeo pelo aplicativo Microsoft Teams realizou-se a Banca de Defesa do Trabalho Acadêmico intitulado ARTE CONTEMPORÂNEA, ESTIGMA E PERSEGUIÇÃO POLÍTICA: O CASO DA OBRA DNA DE DAN do mestrando Wanderson Barbieri Mosco, que contou com a presença dos professores doutores Artur Correia de Freitas (orientador), Clóvis Mendes Gruner e Ricardo Henrique Ayres Alves, como membros titulares da banca avaliadora. Após a avaliação do Trabalho Acadêmico, a banca deliberou pela APROVAÇÃO da pesquisa. Nada mais havendo a discutir, o Exame de Qualificação deu-se por encerrado e eu, professor orientador e presidente da banca, lavrei a presente ata, que segue assinada por mim e pelos demais membros da banca de avaliação.



Prof. Dr. Artur Correia de Freitas (UNESPAR) – orientador



Prof. Dr. Clóvis Mendes Gruner (UFPR)



Prof. Dr. Ricardo Henrique Ayres Alves (UFPEL)

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa teve início quando decidi adaptar meu tema de projeto para abordar um assunto que despertava meu interesse há alguns anos: a percepção de uma possível perseguição política a artistas LGBTQIA+ que não se conformavam às normas sociais. Quem inicialmente me incentivou a seguir esse caminho foi o meu professor na época, o Dr. Artur Freitas, e que se tornou meu orientador no mestrado.

O incentivo ocorreu durante nossos encontros no "fumódromo" da UFPR, localizado no campus de comunicação. Naquela época, a UNESPAR estava enfrentando problemas de falta de espaço para acomodar os novos cursos de mestrado, então gentilmente nos foi emprestado esse local. Sou extremamente grato por todo o apoio e pelas primeiras referências que recebi do Artur, as quais me encantaram e me deram a motivação necessária para prosseguir. Sua presença e apoio foram fundamentais para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

Agradeço a todos meus colegas de turma que me apoiaram com sua amizade e com suporte emocional e de estudos, em especial à Luiza Kons, Daniele Viana, Isabele Linhares, Isabel Oliveira, Ana Villas Bôas, Larissa Lorena, Roberta Wisniewski, Juliana Partyka, Zélia Caetano, Jhon Erik Voese, Lucas Fier, Odair Rodrigues, Thiago Dominoni e Carlos Henrique Tullio.

Gostaria de agradecer a parceria de Gustavo Paris na elaboração e execução do curso de estágio probatório intitulado "Arte e Política no Brasil: questões sobre o espaço público e o corpo na arte contemporânea, ontem e hoje" no qual pudemos unir nossas pesquisas. Agradeço especialmente a Gustavo Paris por sua amizade e apoio incondicional nessa empreitada. Ele abraçou a ideia e contribuiu com valiosos aportes teóricos provenientes de sua pesquisa. Nessa colaboração de ideias, identificamos diversas conexões entre pesquisas sobre arte e política, abordando tanto o período do fascismo bolsonarista quanto da ditadura de 1964 como momentos de enfrentamento da arte.

Quero prestar um agradecimento póstumo ao meu amado amigo e parceiro de arte e pesquisa, André Malinski. Suas contribuições foram absolutamente essenciais para o meu entendimento da teoria relacionada às questões de aproximação entre arte e corpo queer, impulsionando significativamente o meu desenvolvimento. Nossa parceria no curso "Queer e Arte" estabeleceu um momento transcendente de alegria e conexão. Descanse em paz, meu amigo, e que o seu pensamento e legado estejam sempre presentes entre nós. Sentiremos sua falta.

Expresso um agradecimento especial às professoras e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Artes da UNESPAR (PPGArtes), que generosamente me apoiaram ao longo desta pesquisa, seja fornecendo valiosos aportes teóricos ou oferecendo orientação em aspectos metodológicos e

práticos. Gostaria de destacar em particular a contribuição de Denise Bandeira, Andréa Sério, Giancarlo Martins, Robson Rosseto e Marcos Camargo. Sua expertise e orientação foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço imensamente por sua dedicação e generosidade.

Gostaria de expressar minha gratidão às professoras e aos professores de outras instituições ou de outros programas da UNESPAR que me apoiaram nessa jornada acadêmica. Em particular, gostaria de agradecer à professora Juslaine Abreu-Nogueira por sua assistência no entendimento dos trabalhos teóricos de Guacira Lopes Louro. Sua orientação foi fundamental para o aprofundamento da minha pesquisa. Também gostaria de agradecer à professora Rosane Kaminski pelo convite para apresentar um recorte do meu trabalho como parte da Oficina de História e Artes do PPGHIS da UFPR. Esse convite proporcionou uma valiosa oportunidade de compartilhar meus estudos com uma audiência engajada.

O meu sincero agradecimento às pessoas representantes do MAC-PR, MON, SESC-SP/PR, Casa da Memória-PR, Grupo NAVIS, Biblioteca Pública do Paraná, UNESPAR e UFPR. Sua colaboração foi fundamental para a obtenção de fontes primárias, acesso a acervos e informações valiosas que enriqueceram este trabalho. Agradeço profundamente por sua generosidade e apoio.

Minha profunda gratidão a Maikon K pelos contatos estabelecidos, tanto pessoais quanto por meio de sua obra, que proporcionaram uma compreensão mais profunda de sua biografia e das questões envolvidas em seu trabalho. A consistência de sua trajetória artística foi fundamental para a realização desta pesquisa. Seu trabalho foi uma fonte inspiradora e fundamental para o desenvolvimento deste estudo.

Gratidão aos membros da minha banca, os professores Ricardo Ayres e Clóvis Gruner, cujos apontamentos foram essenciais para o aprimoramento da minha pesquisa nesta dissertação. Suas contribuições e sugestões foram de grande valor e permitiram que eu aprofundasse meu trabalho acadêmico. Agradeço sinceramente por sua dedicação e pelo tempo dedicado à leitura e avaliação do meu projeto.

Por fim, gostaria de expressar minha gratidão às pessoas amigas de longa data e àquelas que conheci durante o período em que estive dedicado ao meu mestrado, em especial Michael Kronemberger, Belquior Benoni, Gustavo Dalaqua, Emerson Persona, Lisa Storti, Di Peroni, Talita Braga e Fernando Mognon. Seu apoio foi de imensa importância para manter minha sanidade e foco ao longo dessa jornada. Sua companhia nos momentos descontraídos, seja em um bar, numa conversa online ou durante outros rolês, foram fundamentais para equilibrar minha vida acadêmica. Estou sinceramente grato por todo o suporte e pela amizade verdadeira que compartilhamos.

O corpo é meu início. Matéria-prima desconhecida. Desprogramar esse amálgama de hábitos, educação e crenças. Adentrar seu instinto, memória, conhecimento e potência. Vibrar suas camadas. Carne elétrica, sólida, atômica. Genoma de metamorfoses. Humano por um instante. Todas as coisas agora. Descobrir até onde esse corpo vai, até onde toca.

Maikon K (texto de maikon k para o catálogo "terra comunal: marina abramovic + mai")

RESUMO

A presente pesquisa foi realizada com o intuito de analisar a criação, o percurso e as polêmicas que envolveram a obra DNA de DAN; produzido pelo artista curitibano Maikon K em 2012 o trabalho passou por perseguição política após apresentações em julho e outubro de 2017. Como metodologia de pesquisa foi realizada uma busca por fontes primárias, majoritariamente encontradas em repositórios na internet. Já com o intuito de embasar questões técnicas a respeito de temas relativos ao processo criativo como o uso do corpo e o fato de o performer estar nu em sua apresentação, foi feito um levantamento de literatura especializada. Para isso foram abordadas questões como o uso do corpo na arte de performance, a objeção de moralistas em tornar relevante trabalhos artísticos que possuam nu masculino, além de relacionar peculiaridades da arte contemporânea. Assim, analisa-se, a partir da realização de um trabalho nu e de como esse trabalho foi recebido, a forma como os trabalhos que abordem, direta ou indiretamente, temas de gênero e sexualidade afetam a recepção da arte no público conservador. Incluindo a tentativa de associar esses produtores com crimes como pedofilia e intolerância religiosa, entre outros. Os resultados dessa pesquisa apontam para o uso do discurso conservador como arma política e de freio contra avanços sociais conquistados por grupos minoritários nas últimas décadas. Essas campanhas difamatórias contribuíram para ampliar a estigmatização da arte produzida por pessoas LGBTQIA+ que, para manterem-se em atividade, precisaram se adaptar e resistir a essas reações de forma poética e combativa.

Palavras-chave: Arte Contemporânea. Estigma. Perseguição Política. DNA de DAN. Maikon K.

ABSTRACT

The present research was conducted with the purpose of analyzing the creation, trajectory, and controversies surrounding the work DNA de DAN, produced by the Curitiba artist Maikon K in 2012. The work faced political persecution after presentations in July and October 2017. As a research methodology, a search for primary sources was conducted, primarily found in online repositories. Additionally, to provide a technical foundation for issues related to the creative process, such as the use of the body and the performer's nudity during the presentation, a survey of specialized literature was conducted. This involved addressing questions regarding the use of the body in performance art, the objections raised by moralists in regard to the relevance of artistic works featuring male nudity, as well as establishing connections with peculiarities of contemporary art. Therefore, this study examines the impact of works that directly or indirectly address gender and sexuality themes on the reception of art by conservative audiences, through an analysis of the performance involving nudity and its reception. It also explores attempts to associate such artists with crimes like pedophilia and religious intolerance, among others. The findings of this research indicate that conservative discourse is employed as a political weapon and to impede social progress achieved by minority groups in recent decades. These defamatory campaigns have contributed to further stigmatizing the art produced by LGBTQIA+ individuals who, to maintain their artistic practice, have had to adapt and resist these reactions in a poetic and combative manner

Abstracts: Contemporary Art. Stigma. Political Persecution. DNA de DAN.
Maikon K.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- FIGURA 1 – Fotografia da apresentação da obra DNA de DAN no CEART, Florianópolis/SC, em agosto de 2017. Marco Santiago, 2017 37
- FIGURA 2 – Atrizes e atores durante apresentação do espetáculo VAGABUNDOS na Bienal Internacional de Dança do Ceará, em Fortaleza, 2014 66
- FIGURA 3 – Fotografia da apresentação da obra La Bête no Palais de Tokyo, Paris/França. Benoit Cappronier, 2017 72
- FIGURA 4 – Renata Carvalho em cena da peça O evangelho segundo Jesus, rainha do céu 74
- FIGURA 5 – Fotografia da Obra Travesti de lambada e deusa das águas 79
- FIGURA 6 – Maikon K durante apresentação da performance Guilhotina em Curitiba, 2007 91
- FIGURA 7 – Espectador abraça Maikon K durante apresentação da performance DNA de DAN 100
- FIGURA 8 – Captura de tela de imagem publicitária da temporada 2017 da apresentação da obra DNA de DAN por meio do projeto “Palco Giratório” do SESC..... 102
- FIGURA 9 – Planta expográfica dos eventos “Terra Comunal: Marina Abramovic + MAI” e “Terra Comunal: Marina Abramovic – Marina Abramovic”, SESC Pompeia, São Paulo/SP, 2015 108
- FIGURA 10 – Registro do momento em que Kysy Amarante Fischer aplica o Látex caseiro sobre todo o corpo de Maikon K 110
- FIGURA 11 – Registro do momento em que Faetusa Tezelli aplica o Látex caseiro sobre todo o corpo de Maikon K antes de sua apresentação no SESC Pompeia, São Paulo, 2015 111
- FIGURA 12 – Maikon K durante apresentação da performance DNA de DAN no Memorial Minas Gerais Vale, 2016 112
- FIGURA 13 – Detalhe da pele de Maikon K durante apresentação da performance DNA de DAN 113
- FIGURA 14 – Detalhe da movimentação de Maikon K durante apresentação da performance DNA de DAN 114

FIGURA 15 – Detalhe da movimentação de Maikon K durante apresentação da performance DNA de DAN	115
FIGURA 16 – Detalhe de ação de Maikon K durante apresentação da performance DNA de DAN	115
FIGURA 17 – Detalhe de ação de Maikon K durante apresentação da performance DNA de DAN	116
FIGURA 18 – Detalhe de ação de Maikon K durante apresentação da performance DNA de DAN	117
FIGURA 19 – Detalhe de Maikon K durante momento em que a bolha plástica se esvazia	117
FIGURA 20 – Detalhe de Maikon K e público durante momento em que a bolha plástica se esvazia	118
FIGURA 21 – Maikon K durante apresentação no Memorial Minas Gerais Vale. Belo Horizonte, 2017	120
FIGURA 22 – Maikon K durante apresentação no Memorial Minas Gerais Vale. Belo Horizonte, 2017	120
FIGURA 23 – Maikon K durante apresentação no Memorial Minas Gerais Vale. Belo Horizonte, 2017	121
FIGURA 24 – Imagem da performance DNA de DAN no vídeo institucional do MiTsp. São Paulo, 2018	122
FIGURA 25 – Imagem da performance DNA de DAN no vídeo institucional do MiTsp. São Paulo, 2018	123
FIGURA 26 – Imagem da performance DNA de DAN apresentada em vídeo institucional do SESC Rondônia. Belo Horizonte, 2017	124
FIGURA 27 – Imagem da performance DNA de DAN apresentada em vídeo institucional do SESC Rondônia. Belo Horizonte, 2017	124
FIGURA 28 – Imagem da performance DNA de DAN apresentada em vídeo institucional do SESC Rondônia. Belo Horizonte, 2017	125
FIGURA 29 – Imagem de divulgação do Festival da Arte Degenerada que foi apresentado no cemitério de automóveis de Londrina, novembro de 2017	128
FIGURA 30 – Imagem da fotografia/performance Fotona apresentada em frente ao Museu Nacional de Brasília. DF, setembro de 2017	130

FIGURA 31 – Imagem da fotografia/performance Fotona apresentada em frente ao Museu Nacional de Brasília. DF, setembro de 2017	131
FIGURA 32 – Imagem da peça “Domínio Público” apresentada no Teatro da Reitoria da UFPR, em março de 2018, Curitiba, PR.	138
FIGURA 33 – Imagem de detalhe da versão original em inglês da HQ	140
FIGURA 34 – Captura de tela de postagem a respeito da preparação dos elementos da performance DNA de DAN no Parque Igapó 1, em outubro de 2017, Londrina, PR.	147
FIGURA 35 – Captura de tela de postagem com fotografia da primeira hora de apresentação da performance DNA de DAN no Parque Igapó 1, em outubro de 2017, Londrina, PR.	148
FIGURA 36 – Captura de tela de postagem com fotografia da fase final de apresentação da performance DNA de DAN no Parque Igapó 1, em outubro de 2017, Londrina, PR.	149
FIGURA 37 – Fotografia de registro da abordagem da PM/PR durante apresentação da obra DNA de DAN, em outubro de 2017, Londrina, PR.	151
FIGURA 38 – Captura de tela de postagem da Alma Rádio Web em que seus organizadores denunciam perseguição em sua página oficial no Facebook, em outubro de 2017, Londrina, PR.....	153
FIGURA 39 – Fotografia de registro do momento de dispersão do público após conclusão da performance DNA de DAN no Lago Igapó em Londrina, outubro de 2017	156
FIGURA 40 – Captura de tela do cabeçalho da página Maringá Post com enlace para o portal da rádio Jovem Pan. Maringá, 2020.	158
FIGURA 41 – Captura de tela do cabeçalho da página Maringá Post já sem o enlace para o portal da rádio Jovem Pan. Maringá, 2021.	158
FIGURA 42 – Fotografia de parte do público presente no palco do Lago Igapó quando da apresentação de DNA de DAN em Londrina, outubro de 2017	160
FIGURA 43 – Captura de tela de vídeo de entrevista de Filipe Barros à TV Tarobá em Londrina, outubro de 2017	185
FIGURA 44 – Captura de tela de vídeo de entrevista de advogado à TV Tarobá em Londrina, outubro de 2017	185

FIGURA 45 – Captura de tela de vídeo de entrevista de Danieli Pereira à TV Tarobá em Londrina, outubro de 2017	186
FIGURA 46 – Captura de tela de postagem da vereadora Jessicão em seu perfil pessoal no Instagram, Londrina, 2017	189
FIGURA 47 - Captura de tela de postagem da vereadora Jessicão em seu perfil pessoal no Twitter, Londrina, 2021	190
FIGURA 48 - Captura de tela de postagem da vereadora Jessicão em seu perfil pessoal no Instagram, Londrina, 2019	191
FIGURA 49 - Captura de tela de postagem da vereadora Jessicão em seu perfil pessoal no Instagram, Londrina, 2020	192
FIGURA 50 - Captura de tela de postagem do deputado Filipe Barros em seu perfil pessoal no Facebook, Londrina, 2021	205
FIGURA 51 – Captura de tela de imagens do Instagram pessoal do artista Maikon K, Curitiba, PR.	218
FIGURA 52 – Captura de tela do resultado de busca por informações da peça Macaquinhos na ferramenta Google.	219
FIGURA 53 – Captura de tela de imagens postadas no Instagram pessoal de Maikon K. Curitiba, 2021	225

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. CORPOS CRIMINOSOS: PERSEGUIÇÃO À ARTE EM 2017	37
1.1 A CONSTRUÇÃO DE UMA NORMATIVIDADE PARA O CORPO.....	40
1.2 A ARTE COMO QUESTIONADORA DE PADRÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE.....	52
1.3 AS ARTES E OS MORALISTAS	64
1.4 EPISÓDIOS EXEMPLARES DE 2017: OUTROS CORPOS POLÍTICOS	70
1.5 PERSEGUIÇÃO DA ARTE PRODUZIDA POR ARTISTAS LGBTQIA+ .	80
2. DNA DE DAN: UM PERCURSO POÉTICO	90
2.1 O CORPO EM PROCESSO: ALGUMAS DAS BÚSSOLAS TEÓRICAS E SUBJETIVAS QUE PERPASSAM A CRIAÇÃO DA OBRA DNA DE DAN	96
2.2 O CORPO EM TRAJETO: O PERCURSO DE APRESENTAÇÕES DA OBRA DNA DE DAN POR MEIO DO PROJETO “PALCO GIRATÓRIO”	101
2.3 O CORPO EM REGISTROS: ANÁLISE DE ACERVO FOTOGRÁFICO DE DNA DE DAN	110
2.4 O CORPO EM REGISTROS: ANÁLISE DOS REGISTROS AUDIOVISUAIS DE DNA DE DAN	119
3. A RECEPÇÃO DA OBRA DNA DE DAN E OS DEBATES DERIVADOS DA POLÊMICA GERADA EM TORNO DO TRABALHO	126
3.1. A RECEPÇÃO NA MÍDIA DAS ABORDAGENS POLICIAIS CONTRA APRESENTAÇÕES DA PERFORMANCE DNA DE DAN	142
3.2 ANÁLISE DA PERSEGUIÇÃO A MAIKON K.....	179
3.3 ANÁLISE DA REAÇÃO DO PÚBLICO ÀS NOTÍCIAS DA PRISÃO DE MAIKON K NA INTERNET	206

3.4 ANÁLISE DAS RESPOSTAS E ENTREVISTAS DE MAIKON K, INCLUINDO SEUS MANIFESTOS POÉTICOS	220
CONSIDERAÇÕES FINAIS	227
REFERÊNCIAS.....	240

INTRODUÇÃO

A arte brasileira dos anos 2010, imagino, poderá receber maior atenção no futuro. Principalmente por meio de pesquisas que, por ganharem um distanciamento temporal dos fatos, poderão ser capazes de apresentar outras perspectivas a respeito desse período. Contudo, já é possível delinear algumas características culturais desta época que influenciaram a produção artística contemporânea. Sendo um desses traços a controvérsia política ocasionada por um embate entre agentes de poder adeptos de um discurso conservador e movimentos sociais. Este último formado por grupos que reagiram a ações políticas conservadoras, tentando impedir que ocorressem retrocessos nas conquistas sociais voltadas aos direitos humanos. O conflito entre a promoção de ideais conservadores e a defesa de direitos sociais adquiridos ganhou força com um “movimento de massa reacionário” formado em 2015 e cuja atuação foi preponderante para a deposição da presidenta Dilma Rousseff¹. Tal movimento culminaria numa série de eventos promulgados por um ideal neofascista e cuja consequência teria sido a eleição de Jair Bolsonaro como presidente do país em 2018². Alguns dos alvos destes atores políticos foram os avanços promovidos por pessoas negras, feministas e LGBTQIA+³. Principalmente a ocupação, por parte dessas comunidades, tanto de espaços de cultura quanto de educação cuja hegemonia de um discurso moralista calcado em princípios excludentes passou a ser questionada. É aqui que se insere a produção artística contemporânea protagonizada por esses grupos. Em especial, uma arte que tem o corpo como signo principal e que constrói uma ponte entre artista e público capaz de suscitar o debate de questões como a liberdade do corpo, os usos da sexualidade, as possíveis construções de subjetividade e gênero etc. Uma produção artística cuja existência foi questionada em tribunais e até mesmo por uma comissão parlamentar de inquérito (CPI) do Senado.

¹ BOITO JR, Armando. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. **Revista Crítica Marxista**, Campinas, n. 50, p. 111-119, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3pth4P6>>. Acesso em: 20 dez. 2020. p. 115.

² Ibidem.

³ Adota-se nesta pesquisa o acrônimo LGBTQIA+ para se referir a pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e travestis, que se autodenominam *queers*, intersexuais, assexuais e pertencentes a todas as demais existências de gêneros e sexualidades.

Entendo ser importante frisar que o cenário social contra o qual se passa essa movimentação e perseguição é indiferente aos estudos estéticos. Mesmo quando a arte contemporânea e seus produtores tornam-se alvo de campanhas difamatórias, o que parece estar em questão são as modificações culturais e políticas ocorridas no Brasil nas primeiras décadas do Século 21. Transformações as quais foram problematizadas em diversos estudos publicados no país nos últimos anos. Num desses ensaios, Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco entendem as transformações recentes no país, desde o início dos anos 2000, como resultado da “entrada de [novos] sujeitos na economia de mercado”. Sendo o Brasil uma “economia emergente”, essa chegada de novos atores sociais, principalmente os jovens, reflete em maiores e mais qualificadas demandas por parte dessa fatia da população⁴. Resultando assim em novos pontos de vista políticos e sociais, pois são pessoas que passam a se envolver em/ou vivenciar novas perspectivas de participação na sociedade. Porém, entre esses jovens, esse envolvimento está mais relacionado com ideais de consumo do que com a conquista de direitos civis. Atitude que pode ser vista como propulsora de atitudes superficiais, sem pretensões de mudanças progressistas na sociedade, e que acometeu inclusive a juventude secundarista que ocupou escolas em diversas regiões do país. Tendo como efeito colateral a captura dessa demanda juvenil por atores de discurso supostamente antissistema como no caso da família Bolsonaro. Machado e Scalco, ao entrevistarem estudantes de ensino médio, perceberam que as motivações para os que apoiavam Bolsonaro eram: “a perda de protagonismo social e a sensação de desestabilização da masculinidade hegemônica”⁵.

Essa consciência política dos mais jovens, ainda que superficial e aliada a um desejo de consumo, foi analisada em conjunto com outra característica dos tempos atuais: o intenso uso de redes sociais por esse público. Focando-se nesse aspecto da história política recente, Márcio Moretto Ribeiro buscou agrupar alguns dos temas centrais usados para manifestar apoio à candidatura de Bolsonaro. Ainda que entenda a dificuldade em definir esses apoiadores, seja

⁴ PINHEIRO-MACHADO, R.; SCALCO, L. Da esperança ao ódio: a juventude periférica bolsonarista. In: SOLANO, E. **O ódio como política**: A reinvenção da direita no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 55.

⁵ *Ibidem*, p. 57.

pela mescla de ideais neoliberais e progressistas – muitos bolsonaristas defendem a manutenção de serviços públicos –, o autor consegue sintetizar algumas características idiossincráticas desse público. São conteúdos de apoio às ações enérgicas das polícias e uma mescla de patriotismo e cristianismo como supostas armas de defesa da população à corrupção. E para explicar como se dissemina o sentimento antipetista, Ribeiro apresenta um resumo do conteúdo propagado contra o referido partido, a cujos seguidores ou apoiadores é dada a alcunha de “esquerdopatas”⁶. Lula é descrito como “chefe de quadrilha”, referindo-se ao seu papel e influência dentro do Partido dos Trabalhadores e ao fato do ex-presidente haver nomeado alguns dos ministros do STF, e que usa dos “programas sociais” para perpetuar políticos corruptos no poder⁷. Assim, segundo o conteúdo de propagação do antipetismo nas redes sociais, sintetizado por Ribeiro,

abundam evidências de que os movimentos sociais e sindicatos são corruptos, violentos e têm como plano oculto a implantação do comunismo no Brasil; o comunismo é um risco ainda maior do que a corrupção; pois ameaça à liberdade do “cidadão de bem”; foi para combater essa ameaça que o Exército foi forçado a intervir em 1964; diferentemente dos dias atuais, naquele tempo havia ordem, tanto pública quanto privada. Essa visão de mundo é auto evidente para todos, mas a mídia, mentirosa e manipuladora, impede que a população a enxergue; por isso é importante procurar propagar a verdade nas redes sociais⁸.

A velocidade com que as informações atualmente se propagam na internet, aliada a uma difusão das redes sociais entre diversos setores da sociedade nos anos 2010, fez com que informações distorcidas pudessem ser replicadas sem verificação de sua autenticidade. E parece ter havido uma captura desse meio de comunicação por grupos conservadores. Tais grupos usam principalmente da religião cristã como meio de impor medo e culpa. Os dirigentes de denominações evangélicas aparecem como os principais difusores populistas da ideia de uma ameaça à fé cristã. Henrique Vieira descreve esse

⁶ RIBEIRO, Marcio Moretto. Antipetismo e conservadorismo no Facebook. In: SOLANO, E. **O ódio como política**: A reinvenção da direita no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 90.

⁷ Ibidem.

⁸ Ibidem.

viés de verdade assumido pelos discursos religiosos os quais não são assumidos como o que são: pontos de vista. Assim, discursos machistas, heteronormativos e patriarcais, disfarçados de interpretações religiosas, ganham status de verdade absoluta⁹. Dessa forma, quaisquer outras “visões de mundo”, incluindo “outras manifestações religiosas”, distintas vivências culturais, são colocadas à margem do que pode ser considerado digno de existir¹⁰.

Essa situação agravava a já deteriorada luta por direitos da comunidade de pessoas LGBTQIA+, principalmente por conta de uma aproximação entre setores da esquerda política e representantes de igrejas evangélicas e católicas. O acordo tácito firmado entre esses grupos e o governo de Dilma Rousseff, segundo Lucas Bulgarelli, garantiu a “governabilidade” da petista, porém teve efeitos negativos para a comunidade. Isso porque, segundo o autor, houve “um afastamento cada vez maior do governo com as prioridades dos movimentos LGBTI”¹¹. O alinhamento aos ideais de grupos conservadores religiosos e os acordos decorrentes dessa união “não impediram que deputados e senadores próximos ao governo e contrários aos direitos LGBTI se alinhassem às forças responsáveis pelo impeachment de Rousseff em 2016”¹². Assim, a tentativa de garantir fôlego aos projetos sociais e econômicos da então presidenta não surtiu efeito e seu mandato foi interrompido, inclusive com apoio da FPE [Frente Parlamentar Evangélica]. Grupo que seguiu unido “em votações envolvendo gênero e sexualidade”, direcionando seus esforços para a “defesa de ideias como ‘família’ e ‘vida’, bem como a uma oposição ao que é considerado desvio dos ‘valores cristãos’”¹³. Sendo essa defesa ideológica o ponto de partida para o agravamento de uma dicotomia entre a vivência da comunidade de LGBTQIA+ e a fé cristã. Esses ideais conservadores angariaram adeptos em diferentes estratos sociais da população brasileira.

⁹ VIEIRA, Henrique. Fundamentalismo e extremismo não esgotam experiência do sagrado nas religiões. In: SOLANO, E. **O ódio como política**: A reinvenção da direita no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 93.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ BULGARELLI, Lucas. Moralidades, direitas e direitos LGBTI nos anos 2010. In: SOLANO, E. **O ódio como política**: A reinvenção da direita no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 98.

¹² Ibidem.

¹³ Ibidem, p. 99.

Ao colocar a luta por direitos iguais daquela comunidade como referência a um status quo social, e reverberando um cenário de perseguição religiosa, Bolsonaro foi capaz de alavancar o interesse do público para seus projetos. Assim, complementa Bulgarelli, torna-se fácil entender como mesmo entre os jovens o referido político apresenta-se como “uma alternativa capaz de fazer experimentar a vida política de maneira rebelde, contestatória e antisistêmica”¹⁴. No terreno cultural essa narrativa gerou um outro medo, o da perda de hegemonia do modelo de masculinidade. As regras sociais, conforme indica Renan Quinalha, passaram por transformações a partir da difusão do debate em torno de questões de gênero. As identidades tornaram o campo da vivência de gênero mais plural e menos centrada na heteronormatividade. Toda essa transformação gerou o que Quinalha identifica como “um pânico moral há tempos alimentado e que coloca em linha de tiro, precisamente, a comunidade LGBT”¹⁵. Tendo enfoque maior em homossexuais, para os quais Bolsonaro reserva “incitação constante e explícita à violência física, por vezes até mesmo ao extermínio”¹⁶.

Esse viés de violência na retórica bolsonarista que tem repercutido nos últimos anos foi acompanhado por diversos outros políticos, muitos dos quais compuseram o governo Bolsonaro a partir de 2019. Angela Alonso, descreve a ideologia desse grupo como centrada em dualidades que “simplificam a realidade”: “bem e mal, sagrado e profano, gente de família e indecentes, cidadãos de bem e bandidos, éticos e corruptos, nacionalistas e globalistas”¹⁷. Assim, dois polos foram formados, de um lado os que se alinham à retórica moralista e do outro todos os que não aceitam os planos de governo de Bolsonaro. Tendo esse último grupo sido caracterizado como petista, independente da filiação partidária ou ideológica de seus integrantes. E uma vitória de Bolsonaro nas urnas representou, para o público conservador, a retomada do poder que entendiam estar exclusivamente sob domínio do Partido

¹⁴ Ibidem, p. 101.

¹⁵ QUINALHA, Renan Honório. Desafios para a comunidade e o movimento LGBT no governo Bolsonaro. In: ABRANCHES, Sérgio et. al. **Democracia em risco**: 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 157.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ ALONSO, Angela. A comunidade moral bolsonarista. In: ABRANCHES, Sérgio et. al. **Democracia em risco**: 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 31.

dos Trabalhadores¹⁸. A estigmatização dos diferentes foi fundamental para a continuidade desse projeto de governo, contando com o apoio de diversos profissionais e grupos civis. Senso de perda de hierarquia, corrupção como maior problema da sociedade, discurso armamentista, patriotismo superficial, todos esses ingredientes, indica a autora, estiveram presentes no discurso bolsonarista¹⁹. Causando sintonia entre o cidadão médio e o então candidato à presidência.

A respeito dessa definição da moral bolsonarista que recebeu adesão de milhões de brasileiros, Alonso descreve alguns dos fatores por trás dessa identificação, ainda que relativa:

A maioria dos eleitores de Bolsonaro talvez não endosse suas crenças, ao menos em voz alta. Mas fatia gorda partilha os valores de sua comunidade moral. Não são insanos, ignorantes ou sem “consciência” de seus reais interesses. São os que, como o eleito, veem o patriotismo como um enraizamento, a família tradicional como coluna mestra da vida e a violência como autodefesa. Creem no mérito individual, no trabalho duro e em Deus. Têm nas igrejas seus sustentáculos moral, afetivo, financeiro, e no evangelho sua lente para ler a realidade²⁰.

Essa característica do discurso bolsonarista, de viés violento e perigoso para o sistema democrático burguês estabelecido no Brasil, é assim também descrita por outro autor. Marcos Nobre, cita os perigos dessa assimilação do público com a retórica beligerante propagada pelo projeto de poder conservador do presidente. Para Nobre, “[...] Bolsonaro é um líder antissistema *abertamente* autoritário” cujo plano de governo prosperou em certos aspectos porque “[...] as instituições [que garantem a estabilidade democrática] estão em colapso no país já há algum tempo”²¹. Assim, a vitória de Bolsonaro em 2018 acelerou uma degradação das garantias democráticas cuja estabilidade já estava na corda bamba. Porém, o filósofo alerta para a extensão do período sob o qual se estende esse movimento ideológico, muito anterior a 2018, apontando para o que compreende como um ponto de desgaste da lógica política promovida até

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Ibidem, p. 41.

²¹ NOBRE, Marcos. **Ponto-final**: A Guerra de Bolsonaro contra a democracia. São Paulo: Todavia, 2020. p. 20.

então por partidos como o PMDB (atual MDB). Esse período de inflexão teria culminado com as manifestações deflagradas em junho de 2013. Demonstrando que “a estabilização político-econômica inaugurada pelo Plano Real em 1994 já não se sustentava e que um novo arranjo precisaria ser criado”²².

A oportunidade de reformar o sistema político do país foi perdida, tanto por partidos da esquerda, aqui incluído o PT de Dilma Roussef, quanto pela direita. Abrindo espaço para discursos antissistema cujo lema seria a destituição das barreiras burocráticas que estariam engessando o desenvolvimento do país. Numa das interpretações desse conturbado período, Nobre entende a ação do PSDB, ao questionar o resultado das urnas em 2014, como uma quebra da regra de convivência pacífica tacitamente acordada entre as diversas siglas políticas atuantes naquele momento. Ação centrada numa crítica à constituição brasileira de 1988, documento firmado no momento de abertura política, cuja estruturação institucional possuía “falhas construtivas” que “teriam ficado evidentes a partir de 2014”²³. Apesar de colocar diversas possibilidades de explicação para o conturbado cenário político e social da primeira metade dos anos 2010, o autor centra-se na explicação mais provável. Por conta de uma contraposição com relação à distribuição de recursos pelo estado, quebra-se a “cultura política democrática de fundo na qual as divergências podem ser elaboradas publicamente”²⁴.

A movimentação reacionária desse período ganhou representações por meio do discurso de diversos agentes políticos que, assim como Bolsonaro, assumiram para si a tarefa de expurgar os problemas principais da sociedade. Por vezes enxergando os grupos minoritários como detentores de privilégios recebidos por conta da atuação de governantes do PT e que estariam abusando de sua condição.

Para Márcia Tiburi, usando como exemplo o ataque difamatório sofrido pelo artista Wagner Schwartz durante apresentação da performance *La Bête*, a

²² Ibidem, p. 64.

²³ Ibidem, p. 66.

²⁴ Ibidem, p. 70.

atuação desses agentes conservadores mira em ações que, direta ou indiretamente, representam a pluralidade democrática:

O ataque à La Bête e à Wagner Schwartz é parte do conjunto do ataque às artes, às ciências e à educação que vemos em curso no Brasil. É certamente da mesma ordem de ataques às instituições e até mesmo à justiça – como vemos em operações como a Lava Jato – e aos personagens corruptos que ludibriam o povo fazendo-se passar por honestos. Trata-se, evidentemente, de ataques orquestrados e coordenados contra tudo aquilo que não é autoritário, a tudo o que é democrático no Brasil de hoje. Um ataque à democracia em nome do poder ilimitado de tiranos que não medem esforços para alcançar mais e mais poder²⁵.

E, no caso da tentativa de criminalização de artistas LGBTQIA+ por conta de trabalhos que apresentavam nudez, pensando em possibilidades de abordagem que pudessem trazer respostas para entender como esses artistas tornaram-se antagonistas dos conservadores, levantei as seguintes questões: como e por que o uso do corpo em suas produções se tornou, como será analisado nessa pesquisa, alvo de campanhas difamatórias e acusações criminais? Teriam esses artistas, conscientes ou não, criado uma arte antiética? Estaríamos vivenciando uma nova quebra de limites, em que a produção artística é realizada com o intuito de tornar-se um ato criminoso?

Dentre os trabalhos de artes do corpo produzidos nesse período, e como forma de analisar os efeitos dessa onda conservadora, foi escolhida para análise a obra DNA de DAN. E assim, a partir do corpo de um homem nu em performance, serão debatidas questões de sexualidade e de identidade/ expressão de gênero, ou melhor dizendo: a partir da realização de um trabalho nu e de como esse trabalho foi recebido, pretendo debater esses dois tópicos. Isso porque um corpo masculino nu pode servir de trampolim para um uso oportunista quando ressignificado pelo discurso conservador. Podendo, essa apropriação, gerar deturpações nas possibilidades de percepção desse trabalho pelo público.

²⁵ TIBURI, Márcia. La Bête: a quem interessava transformar a performance em escândalo? **Revista Cult**, São Paulo, 30 out. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3jdihHA>>. Acesso em: 05 jun. 2020. Sem pág.

Trata-se de um trabalho desenvolvido pelo artista curitibano Maikon Kempinski, mais conhecido como Maikon K, cuja pesquisa possui, entre outras fontes, “influência de práticas xamânicas”²⁶ – base sob a qual desenvolveu-se o referido trabalho. O artista cita ainda ter outra fonte de inspiração/estudo, trata-se de sua relação com os Orixás que, inclusive, foi utilizada para cunhar o título da performance, descrita por K como uma homenagem a Oxumaré²⁷. Uma das faces desse orixá, a serpente (DAN), uma manifestação estelar, foi motivação para o trabalho; de suas possíveis formas místicas, o artista preferiu refletir a versão mais terrena dessa serpente²⁸. DNA de DAN começou como um projeto apresentado e aprovado para receber financiamento pelo *Prêmio Funarte Petrobrás de Dança Klauss Vianna* em 2012²⁹. E a partir desse marco, a obra começou seu percurso de apresentações e transformações, tendo sua estreia sido realizada entre as árvores do gramado do Museu Oscar Niemeyer (MON) em Curitiba durante dezembro de 2013³⁰.

O trabalho seria, tempos depois, reconhecido pela artista contemporânea Marina Abramovic, quem, em 2014, por conta de estudos de práticas espirituais desenvolvidas na região de Curitiba, teve a oportunidade de assistir a DNA de DAN³¹. A artista enfatizou durante conversa informal com o performer que o trabalho a havia interessado por conter “a presença energética do *performer*”³². E esse encontro renderia uma indicação da performance para compor a exposição Terra Comunal + Marina Abramovic + MAI realizada no SESC Pompéia em 2015³³. Além desse convite, um outro evento propulsor para a circulação do trabalho foi o circuito Palco Giratório promovido pelo SESC entre

²⁶ MAIKON K. Sobre. Nem Performance. Nem Dança. Nem Teatro. Sem pág. Disponível em: <<https://www.maikonk.com/pt-br/sobre>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

²⁷ FISCHER, Kysy Amarante. Sempre fica um pouco de perfume: reverberações do Butoh no processo criativo de DNA de DAN. 2015. 202 f. **Dissertação** (Mestrado em Teatro) - Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<http://www.tede.udesc.br/handle/tede/1197>>. Acesso em: 01 jul. 2019. p. 105.

²⁸ Ibidem, p. 108.

²⁹ Ibidem, p. 104.

³⁰ Ibidem, p. 99.

³¹ Ibidem, p. 142.

³² Ibidem.

³³ Ibidem.

os anos de 2016 e 2017³⁴. Por fim, a obra ainda seria levada para a MITsp – Mostra Internacional de Teatro de São Paulo na edição de 2018³⁵.

Foi nesse período, durante uma apresentação em Brasília, no ano de 2017, como parte do cronograma de apresentações do projeto Palco Giratório do SESC, que DNA de DAN tornou-se alvo de moralistas. Na ocasião, a polícia militar foi acionada por transeuntes que se sentiram incomodados por entenderem que a presença do artista em espaço público, que apresentava DNA de DAN sem roupas, caracterizava um ato obsceno. Diversos portais de notícias descreveram a abordagem ao artista como violenta e desproporcional. E em entrevista ao *Correio Braziliense* Maikon K descreveu o acontecimento e seus efeitos colaterais, relatando que um contingente de dez policiais foi destacado para demonstrar “que quem mandava era o código penal”³⁶. A ação causou polêmica e a prova de sua falta de base legal veio com o pedido de desculpas do então governador do Distrito Federal, Rodrigo Rollemberg, quem, por fim, informou ao artista “que seu trabalho era bem-vindo em Brasília”³⁷. Porém, mesmo com essa constatação por parte do político, outros episódios de interpretação da lei em favor de um discurso conservador e contrário à apresentação de trabalhos protagonizados por artistas LGBTQIA+ voltaram a acontecer naquele mesmo ano³⁸. Refiro-me à peça-performance “O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu”, protagonizada por Renata Carvalho, a performance “La Bête”, do performer Wagner Schwartz, e a exposição “Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira”, com curadoria de Gaudêncio Fidelis e financiada pelo Santander Cultural. Esses trabalhos apresentavam, direta ou indiretamente, questões relativas aos temas da identidade de gênero e das orientações sexuais não heteronormativas. E, além de a tentativa de criminalização do artista não ter sido uma ação exclusiva contra Maikon K ou seu trabalho DNA de DAN, surge outra questão a respeito do

³⁴ DNA DE DAN. Info: DNA de DAN. Maikon K. Sem pág. Disponível em: <<https://maikonk.com/pt-br/dna-de-dan>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

³⁵ Ibidem, sem pág.

³⁶ REZENDE, Humberto. "Se minha arte é bem-vinda, eu quero voltar", diz artista que foi preso. **Correio Braziliense**, Brasília, 17 jul. 2017a. Cidades. Disponível em: <<https://bit.ly/34Ft0oW>>. Acesso em: 15 ago. 2019. Sem pág.

³⁷ Ibidem, sem pág.

acontecimento. Por que o trabalho, que foi apresentado em espaço público em outras ocasiões, somente chocou os conservadores em 2017?

Para tentar responder essa última questão, busquei realizar um recorte temporal para minha pesquisa que compreendesse todo o percurso da obra. E para tanto foram buscadas fontes que pudessem descrever desde os primeiros passos de elaboração do projeto em 2012 até os efeitos colaterais resultantes da prisão em 2017. Assim, para realizar a busca por fontes primárias, alguns acervos físicos foram consultados, sem êxito, em busca dessas informações. Desde o acervo da Biblioteca Pública do Paraná, setor paranaense, até os mais especializados espaços de arte como o Museu de Arte Contemporânea e o acervo do Museu Oscar Niemeyer, todos em Curitiba. Contudo, foi nos repositórios digitais na internet que encontrei um vasto número de publicações, notícias, textos opinativos (sejam especializados ou não), manifestos e depoimentos. Eram sites de notícias, redes sociais, sites de universidades e canais de *streaming* de instituições oficiais, como os canais do SESC, do MITsp e do Instituto Marina Abramovic no YouTube. O que tornou possível tanto analisar o trabalho do performer e dos artistas que elaboraram a obra quanto o dos agentes que auxiliaram na sua difusão³⁹. E é importante ressaltar que apesar de não haver conseguido assistir à performance de maneira presencial, eu compartilho com Amelia Jones a crença na importância da documentação fotográfica desse tipo de trabalho que pode ser entendido como uma arte do corpo⁴⁰. Jones enfatiza que obras deste tipo dependem de “documentação para atingir um status simbólico dentro do reino da cultura”⁴¹. Ou seja, os registros da performance podem ser considerados importantes para a análise do trabalho, e no caso de DNA de DAN existem muitos registros fotográficos e audiovisuais capazes de auxiliar nessa tarefa de pesquisa.

³⁹ A construção dos elementos que compõem DNA de DAN partiu de uma execução coletiva, com nomes como o de Kysy Fischer (Pesquisa corporal e orientação), Fernando Rosenbaum (Ambiente), Faetusa Tezelli (Pele Artificial), Beto Kloster (Sonoridade), Victor Sabbag (Iluminação), Adriana Alegria (Design), entre outros.

⁴⁰ JONES, Amelia. **Body Art: Performing the Subject**. Minneapolis/E.U.A.: University of Minnesota Press, 1998. p. 13.

⁴¹ *Ibidem*, p. 33. Tradução minha a partir de: “*on documentation to attain symbolic status within the realm of culture*”.

Essa forma de acessar as produções artísticas na contemporaneidade é realidade também para uma fatia da recepção das obras que teve nesses registros, muitas vezes, seu único contato com os trabalhos. Contato mediado, em alguns casos, por imagens e textos que usavam de juízo de valor para descrever as ações performadas por cada artista. Vale citar que nesse caso, um tipo de registro encontrado nas campanhas de difamação contra outras performances daquele ano não foi encontrado para DNA de DAN. Tratam-se das montagens visuais combinadas – por vezes utilizando imagens de outras situações – com textos curtos colocados sobre as imagens e que imputavam mentiras a respeito dos artistas e suas produções, tratando-se de uma das muitas estratégias desinformativas conhecidas como *Fake News*. A difamação, com exceção de alguns relatos em áudio, contra Maikon K e sua atuação foi realizada com imagens reais da performance e acompanhada de textos opinativos que a condenavam.

Os registros imagéticos de DNA de DAN foram separados em duas categorias, sendo a primeira a que intitula de registros oficiais. Estes registros eram provenientes seja de instituições seja de fotógrafos elencados pela equipe da performance para registrar as apresentações. Na segunda categoria, separei as imagens e vídeos capturadas de forma não oficial, realizadas principalmente por parte do público da performance ou de pedestres que passavam pelo local da apresentação. Alguns desses últimos registros, especificamente no caso de materiais audiovisuais, foram feitos com acompanhamento de narrações. Sendo em sua maioria desabafos de indignação seja com o performer, no caso daqueles que se sentiram ofendidos ou ameaçados pelo trabalho, seja com a polícia, devido à truculência das abordagens. E para analisar esse conteúdo imagético eu me utilizei da metodologia detalhada por Artur Freitas (2004) em que são consideradas as dimensões semântica, formal e histórico-social⁴². Esses registros foram pensados como “vestígios plásticos” das apresentações de DNA de DAN e que auxiliam no entendimento da interlocução sensível ocorrida entre público e artista⁴³. Com esse horizonte em mente será possível

⁴² FREITAS, Artur. História e imagem artística: por uma abordagem tríplice. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n° 34, julho-dezembro de 2004, p. 3. Disponível em: <<https://bit.ly/391hgi6>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

⁴³ *Ibidem*, p. 10.

buscar interconexões entre o trabalho objeto desta pesquisa e o contexto em que a obra se insere, seja tanto com relação a outras produções do período quanto com as características socioculturais e históricas da recepção⁴⁴. E com relação aos espectadores, há um outro tipo de fonte primária que utilizo para análise, tratam-se dos comentários deixados em sites os quais noticiaram de alguma maneira as abordagens policiais às duas apresentações de Maikon K em 2017. Por fim, são analisados também outros resultados desses eventos de policiamento da arte que demonstra uma reflexão a respeito da perseguição sofrida por diversos artistas que usam da nudez em suas apresentações. Incluindo nesse bojo, principalmente, aqueles com identidades que os aproximam da comunidade de pessoas LGBTQIA+. Trata-se de trabalhos e manifestos apresentados posteriormente aos episódios de perseguição.

A obra DNA de DAN também já foi objeto principal ou auxiliar de pesquisas e artigos acadêmicos anteriores. Kisy Amarante Fischer em 2015 dissertou a respeito de sua participação no trabalho como preparadora corporal. Em sua pesquisa-relato, Fischer apresentou seu percurso desde os estudos do Butoh até seu encontro com Maikon K e a participação na elaboração de DNA de DAN. A pesquisadora pode assumir uma posição de escuta, de acompanhamento do outro, gerando uma interlocução integrada ao processo criativo do artista. Trata-se da única pesquisa encontrada com data anterior ao evento da prisão de Maikon K. Todas as outras análises do trabalho são artigos ou dissertações lançados depois de 2017. E o cerne dessas pesquisas está predominantemente focado na intervenção policial que interrompeu a apresentação do performer em Brasília, deixando os elementos artísticos do trabalho em segundo plano.

Uma dessas menções ocorreu em 2018 na dissertação de Andreia Moreira Pires, que abordou questões da arte e dos usos do corpo como ferramenta política para contrapor legislações opressoras⁴⁵. No texto, a obra DNA de DAN foi citada durante entrevista com o artista Yuri Firmeza que

⁴⁴ Ibidem, p. 6.

⁴⁵ PIRES, Andreia Moreira. **Performances e políticas de um corpo criminoso**. 2018. 149 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3bKivHL>. Acesso em: 03 de out. 2020.

comentou a prisão de Maikon K e a posterior afirmação do governador do Distrito Federal de que o trabalho receberia proteção do estado. Firmeza questionou se há necessidade dessa proteção para que os artistas realizem seu trabalho, se realmente essa chancela do estado deveria ser almejada⁴⁶. Em outro estudo, com abordagem similar, Rosana de Castro realizou uma investigação a respeito da importância da educação estética frente a confrontos promovidos contra a arte por “adeptos da política-partidária”⁴⁷. Para tanto, a pesquisadora elencou três exemplos, sendo um deles a interrupção do trabalho de Maikon K em Brasília no ano de 2017, e apontou como principal característica desses trabalhos a capacidade de provocarem “debates importantes acerca da incidência da arte sobre o comportamento humano”⁴⁸. Outra pesquisa relacionada é a de Siqueira e Pontes que têm como objeto o espetáculo de dança Zoe e que fizeram referência à tentativa de criminalização de DNA de DAN para evidenciar o que acreditam ser um tipo de “censura” promovida como forma de perseguir trabalhos com “processos artísticos micropoliticamente potentes”⁴⁹. Por fim, o texto de Ribeiro trabalhou seu argumento a partir de análise da estratégia de imposição da força policial para controle de performances realizadas em espaço público. E a abordagem dos agentes de segurança pública ao trabalho de Maikon K é vista por Fausto Ribeiro como uma forma de exemplificar o quanto essa instituição policial “trabalha como coordenadora da ordem pública Estatal”⁵⁰. Ao citar DNA de DAN, a maioria desses textos abordaram a obra não como discussão central, mas como exemplo para corroborar a argumentação de outros objetos de pesquisa.

Na presente dissertação, a principal ênfase está na busca por uma perspectiva mais abrangente de DNA de DAN. Tenta-se retomar a análise de Kysy Amarante Fischer e seguir o percurso de apresentações da performance

⁴⁶ Ibidem, p. 134-135.

⁴⁷ CASTRO, Rosana de. Ah, gente! É a mulher do pezão.... In: Encontro da Anpap, 27, 2018, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p. 2849-2863. Disponível em: <<https://bit.ly/3pGRE0x>>. Acesso em: 16 ago. 2020. p. 2850.

⁴⁸ Ibidem, p. 2853.

⁴⁹ SIQUEIRA, Elton Bruno; PONTES, Francini Barros. Zoe: vida comum ameaçada. **Revista Brasileira Estudos da Presença** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. vol.9, n.2, Porto Alegre, Mar 11, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2KTAGNF>>. Acesso em: 05 mar. 2020. Sem pág.

⁵⁰ RIBEIRO, Fausto. Produção artística no espaço urbano: controle estatal e conflito. In: **Anais do Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos**. Unicamp - Campinas, 2019. p.36-54. Disponível em: <<https://bit.ly/3ar4uhx>>. Acesso em: 16 ago. 2020. p. 48.

até o ano de 2017, momento da dupla tentativa de criminalização de Maikon K – além de Brasília, o *performer* também foi abordado por policiais em sua apresentação na cidade de Londrina, durante um Festival de Dança⁵¹. Este segundo acontecimento não foi citado em nenhuma das pesquisas encontradas e que abordam a prisão do performer em 2017, as quais centraram-se no episódio de Brasília. Além disso, a composição e transformação do trabalho não é suficientemente abordada nas pesquisas de 2018 e 2019. E, por conta desse fato constatado, a presente dissertação busca aliar a perspectiva histórico-contextual e uma análise estética da obra e de seu percurso.

Além dessa percepção da necessidade de buscar dados que contemplassem desde os primeiros passos da elaboração do trabalho até suas últimas apresentações públicas, foi perceptível a necessidade de entender o percurso de pesquisa trilhado por Maikon K. Afinal, isso seria importante para compreender o processo criativo na elaboração de DNA de DAN. Principalmente para entender suas motivações para trabalhar o corpo, que é muito presente em seu trabalho e que foi considerado perigoso e capaz de realizar um distúrbio da moral e dos bons costumes de nossa sociedade. Por isso, busquei saber qual é a relação anterior do performer com as questões do corpo, e quais elementos do corpo em conjunção com a arte teriam atraído mais a sua atenção.

Maikon K formou-se Bacharel e Professor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná em 2008⁵². O tema de seu trabalho de conclusão de curso foi um questionamento com relação ao modo como a ciência é capaz de “mentir ao corpo, coroando a mente em separação”⁵³. E para realizar seu intuito, Maikon K desenvolveu um estudo antropológico do corpo no teatro e no xamanismo, passando por elementos que ele entende como estranhos à ciência tal como a intuição e a beleza do mistério que não se busca desvendar. A pesquisa chega ao tema da relação entre homem e arte, levando Maikon K a

⁵¹ JORNAL TAROBÁ Segunda Edição – Londrina. Filipe Barros quer responsáveis por 'DNA de Dan' na CPI. Londrina, 24 out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2Gzx51W>>. Acesso 12 jun. 2019. Vídeo.

⁵² KEMPINSKI, Maikon. **O ator/xamã e o corpo do abismo**: a realidade do corpo liminar. 43 f. Trabalho de Graduação (Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais) – Setor de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

⁵³ *Ibidem*, p. 5.

outra questão importante para entender o que o artista busca ao refletir o corpo na arte e o corpo em sua visão do espiritual:

[...] qual é a lógica do homem no xamanismo? Antes de tudo, é uma lógica do corpo, da ação. É o corpo o veículo de todo o seu fenômeno, de toda sua busca, é ele o seu laboratório. E é no teatro de suas percepções que ele investiga o mundo, os outros que há nele e que ele mesmo criou⁵⁴.

O artista trabalha o entendimento do corpo a partir de uma ótica holística, em que o corpo é entendido como multifacetado e capaz de produzir subjetividades infindáveis. O resultado foram produções que, segundo seu entendimento, transitam “entre a performance, a dança e o teatro”⁵⁵. Além de DNA de DAN, Maikon terá o corpo como elemento principal em obras como O ânus solar, Máquina êxtase e Terrário, apenas para citar alguns dos principais trabalhos do gênero. A começar por Ânus solar, trabalho que teve seu título associado a um texto poético homônimo de autoria de George Bataille, o corpo do performer “é um altar a ser profanado e recriado”⁵⁶. Uma obra que, segundo Clóvis Domingos dos Santos, é parte de uma trajetória repleta de “trabalhos focados na potência do corpo em suas experimentações de estados alterados e práticas ancestrais”⁵⁷. Trata-se de um trabalho que testa os limites do corpo, o qual torna-se ferramenta para alcançar o sagrado, uma metáfora para representar a busca por liberdade pelas vias da transgressão⁵⁸. Já no caso de Máquina êxtase “o corpo é um escombros do qual os segredos vazam, pingam, explodem, faíscam [...] é uma máquina monumental que enferruja e colapsa sob a ação úmida e viscosa do arrebatamento”⁵⁹. Desse arrebatamento que Anderson do Carmo descreve como algo nascido no interior do corpo e que brota em êxtase a partir de movimentos cuja intensidade não pode mais ser

⁵⁴ Ibidem, p. 42.

⁵⁵ MAIKON K. Sobre, Op. Cit. sem pág.

⁵⁶ SANTOS, Clóvis Domingos dos. O Cordeiro Imolado. In: **Catálogo da 7ª MITsp | Mostra Internacional de Teatro de São Paulo**, Ministério da Cidadania, Itaú, Secretaria Municipal De Cultura E Sesc: São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3mOCLHt>>. Acesso em: 20 dez. 2020. p. 185.

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ Ibidem.

⁵⁹ CARMO, Anderson do. Aqui é uma fábrica ou um desmanche?: ‘Overtongue’, de Michelle Moura, e ‘Máquina Êxtase’, de Maikon K. **Conectedance**, São Paulo, 9 mar. 2020. Dança em Perspectiva. Disponível em: <<https://bit.ly/2KYJ7XE>>. Acesso em: 20 dez. 2020. Sem pág.

controlada⁶⁰. E por essas duas primeiras impressões pode-se perceber a maneira com que o corpo permeia o trabalho de Maikon K, num movimento que rompe as barreiras entre o interno e o externo, numa fusão de sentidos. Pode-se, assim, concluir que DNA de DAN não foi um fato isolado na carreira artística de Maikon K, sendo seu trabalho intrinsecamente relacionado ao corpo.

Por fim, entre as apresentações de Maikon K que pude assistir presencialmente está Terrário, uma obra em que os limites do corpo são testados por meio de diversas ações extenuantes. Ações que colocaram à prova o corpo do público também, pois em um grande espaço assemelhado a um galpão foi preciso manter-se em pé por todo o período de duração da performance e em constante movimento para visualizar as ações do artista dentro do espaço. O performer, em determinado momento, caminhava de forma leve sobre grandes pedaços quebrados de espelhos, pedaços que em seguida foram conduzidos por suas mãos até serem apoiadas sobre o corpo, explorando o reflexo da imagem desse corpo e da luz. Os efeitos luminosos foram muito importantes na construção de sua narrativa, bem como um outro elemento de desgaste físico, a areia. Para manusear esse último elemento, Maikon K entra numa grande caixa preta cujo interior o público só pode vislumbrar por quatro pequenas janelas de vidro, uma em cada lateral da caixa. Nessa etapa do trabalho é muito difícil não associar aquele cubo repleto até a sua metade interna de areia a um terrário, espaço geralmente idealizado para manter a vida, seja de animais ou de plantas. E dentro desse terrário, o performer se debate com a areia, em movimentos caóticos que ocupam o espaço e expurgam areia em ações de expansão e retração, assim como um animal enjaulado e enfurecido. Mais uma vez o artista apresenta o corpo como enlace para outras possibilidades de vida, tal qual a serpente representada em DNA de DAN, o organismo vivo é a artéria central de Terrário.

Além dessa relação da obra DNA de DAN com outras ações de Maikon K, também considero importante para a pesquisa entender de que maneira o trabalho realiza uma interlocução com a arte de seu tempo. E para isso eu busquei estudar correlações com o uso do corpo na arte contemporânea. O

⁶⁰ Ibidem, sem pág.

corpo de Maikon K como principal elemento visual de DNA de DAN encontra eco na história da arte contemporânea quando se tornaram comuns as chamadas artes corporais ou artes do corpo, mais especificamente a chamada arte de performance. Isso porque a linguagem da performance trouxe o corpo do artista como um possível elemento de narrativa visual, tendo funções ora de suporte ora de matéria construtiva do trabalho⁶¹. E esse acontecimento levou a uma ruptura com a ideia de artes plásticas em que o resultado é um objeto inanimado, pois em uma performance é o corpo do artista, um ser vivo e que pode interagir com objetos e outras pessoas, o elemento principal do trabalho⁶². Por vezes, esse corpo é exposto ao público sem roupas, fato que pode gerar tensão aos olhos mais conservadores presentes na plateia e que muitas vezes confundem a ação do artista na forma como este dispõe do seu corpo com práticas de alusão a atos de atentado ao pudor ou de conduta libidinosa. E a recepção a esse tipo de trabalho artístico funde-se à padronização esperada do corpo, numa idealização que flutua, conforme indica Artur Freitas entre o “sonho do corpo livre e plenamente subjetivado” e o “corpo submisso, disciplinado e despossuído de si”⁶³. Sendo essa última possibilidade, a de acreditar que o corpo deve ser domesticado e “despossuído” de liberdade, que parece embasar esse olhar conservador. Trata-se de um público que parece refletir no corpo do *performer* todas as suas indignações com a realidade em que vive, com suas limitações e padrões rígidos que escolheu seguir para sua vida e, acreditam, deve ser a norma seguida por todas as pessoas que compartilham consigo o mesmo ambiente público. São pessoas que demonstram em comentários pela internet não entenderem o sentido de um *performer* apresentar-se sem roupas, com um corpo que entendem não estar dentro dos conceitos de beleza, de arte, e que é visto como uma ameaça à normalidade.

Apesar de as origens da performance serem ainda objeto de disputa, esse uso do corpo apresenta raízes, segundo Kristine Stiles, nas artes cênicas, como o teatro, a dança, entre outros. Porém, esse corpo como ferramenta de

⁶¹ COHEN, Renato. **Performance como linguagem**: criação de um tempo-espço de experimentação. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1989.

⁶² STILES, Kristine. Performance. In: Nelson, Robert; SHIFF, Richard (eds.). **Critical terms for art history**. 2nd ed. Chicago; London: University Chicago Press, 2003, pp. 75-97.

⁶³ FREITAS, Artur. Roteiro de viagem para corpos sem rumo. In: _____. **Festa no Vazio**: performance e contracultura nos encontros de arte moderna. 1ª ed. São Paulo: Intermeios, 2017.

comunicação visual pode, muitas vezes, precisar despir-se das “defesas” do ator, como indica o performer Marcelo Gabriel ao explicar, em entrevista ao programa Agenda da Rede Minas de Televisão, o porquê de muitas performances apresentarem corpos nus⁶⁴. Para o artista mineiro, essas defesas das quais o ator deve, em alguns casos, despojar-se são: o uso “de um personagem, de um figurino, de *mis en scène*, de efeitos”⁶⁵.

Para além das artes cênicas, o nu também sempre esteve muito latente nas artes visuais, porém nessa linguagem artística a representação está presente, principalmente, em pinturas e esculturas, desde a antiguidade clássica até os dias de hoje. No caso desse tipo de representação, o que se desvela é uma proximidade da imagem com a realidade, seja mimética ou subjetiva, trata-se de uma tentativa de transportar uma interpretação da realidade para dentro do quadro ou da escultura. E o uso do corpo nu em outra forma de arte visual importante na contemporaneidade, a performance, corrobora o que Kristine Stiles afirma como sendo uma das capacidades desse tipo de arte: a de causar no espectador uma junção, de difícil resolução, entre a mimesis e a realidade⁶⁶. Essa junção ocorre, ainda segundo Stiles, por conta de a representação da arte de performance usar metáfora e metonímia, atuando como uma “comissura entre realidade e metarealidade⁶⁷”⁶⁸. A pensadora descreve essa ação de “comissura” da performance como uma força cultural controversa pois coloca a arte e o artista atuando sobre e, ao mesmo tempo, imitando a realidade.

Portanto, cabe ressaltar, que a presente pesquisa se baseia numa análise relacional da obra DNA de DAN dentro de uma perspectiva dialógica entre o trabalho em questão, com todas as suas peculiaridades, e o contexto cultural e político em que se inseriu. Tendo como elemento central da argumentação o uso do corpo na criação artística do performer em contraposição à forma como uma parte da recepção percebeu esse trabalho corporal. Para tanto buscarei interpretar essa interlocução entre o público e a obra, a partir de um ponto de

⁶⁴ CASTRO, Rodrigo. Hora Extra #59 - Performance e Moralismo. Agenda, Rede Minas de Televisão, Belo Horizonte, 31 jul. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2SJMUBJ>>. Acesso em: 20 jul. 2019. Vídeo.

⁶⁵ Ibidem, sem pág.

⁶⁶ STILES, Kristine. Op. cit. p. 90.

⁶⁷ Tradução minha. Texto original: “*commisure between reality and metareality*”.

⁶⁸ Ibidem.

vista da potência desse corpo que se faz político em sua existência e atuação. E como procedimento metodológico para apresentar minha argumentação, separei os capítulos entre: questões do episódio de criminalização da obra, análise da construção, e percurso do trabalho e recepção às apresentações e aos desdobramentos da abordagem político-partidária da obra.

No capítulo 1 serão abordados os antecedentes da obra DNA de DAN, e em conjunto serão analisados fatores de contextualização do cenário político brasileiro em que a obra se insere. Para dar cabo dessa contextualização, será abordada a prisão do artista em 2017 bem como serão trazidos outros episódios exemplares do mesmo ano, cujo trabalho tenha apresentado forte influência do uso do corpo e cuja atuação foi entendida como crime. Tendo esses episódios em mente será feito um retrato dos elementos que compõem o que se apresenta como uma guinada conservadora por parte da sociedade cujos efeitos atingiram a arte produzida por pessoas LGBTQIA+. Movimento com forte apelo a ideais difundidos por um tipo de moralismo liderado por agentes de poder propulsores de um discurso normatizante e excludente.

Uma descrição detalhada e uma análise aprofundada do trabalho DNA de DAN são desenvolvidas no Capítulo 2. E para realizar esse feito foram abordados, inicialmente, os processos criativos adotados por Maikon K em sua trajetória poética. Em seguida, foi feita uma análise da circulação da obra por meio de incentivos recebidos a partir do projeto “Palco Giratório” do SESC; cabe ressaltar que o trabalho foi apresentado em quase todas as macrorregiões do país. E para concluir o capítulo foram realizadas análises detalhadas tanto dos registros fotográficos quanto audiovisuais das apresentações de DNA de DAN que foram coletadas para esta pesquisa.

Por fim, o Capítulo 3 é dedicado à investigação da recepção da performance de Maikon K, incluindo os debates que se derivaram a partir da intervenção policial em suas duas apresentações de 2017. Desde a recepção pela mídia até os episódios de criminalização em instâncias judiciais, passando pelo conteúdo produzido pelo público na internet que comentou em notícias e notas lançadas para relatar os casos de perseguição. E neste último quesito, serão abordadas as violências direcionadas ao performer, tais como ameaças de morte e agressões verbais. Ameaças que geraram do artista um retorno, feito

em forma de discurso: são manifestos, poesias e depoimentos de Maikon K que servirão para entender se houve e quais foram os efeitos desses episódios em seu processo criativo.

1. CORPOS CRIMINOSOS: PERSEGUIÇÃO À ARTE EM 2017

O corpo do artista Maikon K, mostrado na Figura 1, em apresentação de seu trabalho DNA de DAN, é visto dentro de um “casulo plástico”, como um espaço de acolhimento. Pode-se notar que há pessoas do público tanto dentro quanto fora desse envoltório. E no centro do espaço “interior” o *performer* está sem roupas, com toda sua pele coberta por um líquido viscoso que, já seco, constrói uma nova textura para a sua superfície.



FIGURA 1 – Fotografia da apresentação da obra DNA de DAN no CEART, Florianópolis/SC, em agosto de 2017. Marco Santiago, 2017⁶⁹.

O produto que cobre o corpo de Maikon K na imagem é aplicado durante o início de sua performance. E depois de algumas horas esse material seca e endurece, e o performer passa então a realizar uma série de movimentos em referência a uma serpente e sua ação de troca de pele. O artista classifica esse trabalho como uma dança-instalação, cujo aparato possui dimensões sem

⁶⁹ CARMO, Anderson do. Crítica: “DNA de DAN” evidencia compromisso do Sesc com arte que não faz concessões. *nd+*, Florianópolis, 12 ago. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/36foyr>>. Acesso em: 20, jun., 2020. Sem pág.

limiaries precisos e que extrapolam a ideia de objeto artístico⁷⁰. É um trabalho de dimensões amplas, que pode comportar o corpo de público e artista ao mesmo tempo. Isso porque, a partir de certo momento da apresentação, as pessoas poderiam se aproximar do artista, entrar no espaço interno da bolha e acompanhar as movimentações de seu corpo. Ou mesmo permanecer fora do envoltório plástico, caso assim o optassem. Dessa maneira, o público possuía algumas opções para acompanhar a apresentação.

A estrutura material de DNA de DAN possui uma instalação que demanda grande espaço físico, tanto em altura quanto em comprimento, e por isso a apresentação muitas vezes precisava ser realizada em áreas externas. O que fez com que eventualmente o artista apresentasse seu trabalho em espaços públicos de grande circulação de pessoas. Esse corpo masculino sem roupas, contorcendo-se sem se preocupar em performar a masculinidade padrão causou escândalo em parte do público. Essa reação dos espectadores foi muito diferente daquela que se tem frente à arte com nudez feminina que, para Michael Archer, representa o “objeto do desejo masculino”⁷¹. Sendo essa objetificação oriunda da criatividade do homem artista heterossexual que dominou o discurso da produção artística⁷². Fato que se agrava por nossa sociedade, incluindo as instituições artísticas, ainda não terem desmistificado a nudez masculina.

A análise realizada pela autora Laura Mulvey apresenta contribuições para essa discussão. Para a autora “a mulher mostrada como objeto sexual é o leitmotiv do espetáculo erótico”. Essa conotação de algo a ser olhado teria raízes na cultura ocidental, relacionadas com a divisão de gêneros “entre ativo/masculino e passivo/ feminino”. Nessa configuração cultural as mulheres teriam um “papel tradicional exibicionista”, sendo “olhadas e exibidas” em favor do desejo masculino⁷³. Apoiada em estudos da psicanálise, e centrada na representação cinematográfica, Mulvey aponta para uma reprodução do modelo social nas produções artísticas. Seu argumento centra-se na ideia de ameaça ao

⁷⁰ Em sua página oficial na internet, o artista Maikon K descreve seu trabalho DNA de DAN como uma “dança-instalação a ser montada ao ar livre ou em locais com grandes dimensões (galpões, galerias, pátios, grandes salas)” (DNA DE DAN, 2019).

⁷¹ ARCHER, Michael. **Arte contemporânea**: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 136.

⁷² Ibidem.

⁷³ MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail (Org.). **A Experiência do cinema**. Trad.: João Luiz Vieira. Rio de Janeiro: Edições Graal; Embrafilme, 1983, pp. 437-454. p. 444.

masculino que Freud articula com base no mito edipiano. O medo de perder caracteres biológicos, além da nostalgia em relação ao afeto maternal perdido, teria levado os homens a imporem um lugar subalterno às mulheres. Nesse ponto, a visualidade desses corpos femininos passou a ser entendida como incapaz de produção de “significado”, atendo-se ao posto de “portadora de significado”⁷⁴. Assim, o lugar da mulher como musa ou objeto de desejo/observação toma lugar na arte quase como seu elemento fundante. O contrário, o masculino assumindo o papel de passividade – no sentido de objeto a ser observado e/ou desejado – pode causar estranheza aos olhares acostumados com a divisão de visualidade dos gêneros.

Por conta dessa construção cultural em torno do corpo e da criação de regras para seu comportamento, algumas consideradas naturais, foi comum encontrar na pesquisa de relatos e comentários na internet uma visão de que a nudez seria o tema central do trabalho de Maikon K. Uma vez que a nudez em espaço público se caracteriza como uma quebra de conduta, e que sua exposição seja vista como ato vulgar, outros aspectos da performance tornam-se irrelevante para o discurso conservador. E com essa assunção, os comentaristas passavam a questionar o valor artístico da obra. Num desses comentários, que transcrevo aqui, é possível constatar essa percepção por meio de uma pergunta retórica: “ficar pelado na rua pra todos verem é manifestação artística? [...]”⁷⁵. Além disso, em outro comentário nota-se a falta de compreensão do que compõe a arte contemporânea, ou denota a falta de interlocução da obra com o público: “por falta de talento agora [sic] tudo é arte [...]”⁷⁶.

Essa percepção de parte do público difere do que é encontrado na análise da dissertação de Kysy Amarante, que foi a preparadora corporal do artista. Amarante informa que a ideia do trabalho foi revelada a Maikon durante um ritual religioso, momento em que o artista tomou a decisão de desenvolver uma obra em homenagem a seu Orixá Oxumaré⁷⁷. Para a pesquisadora, Maikon K compreende a arte como um caminho de vida, como algo que vai muito além das etapas de planejamento, criação e execução de uma obra⁷⁸.

⁷⁴ Ibidem, p. 438.

⁷⁵ PRADO, Miguel Arcanjo. Op. cit. sem pág.

⁷⁶ Ibidem, sem pág.

⁷⁷ FISCHER, Kysy Amarante. Op. cit. p. 105.

⁷⁸ Ibidem, p. 106.

Esse uso do corpo, principalmente nu, como elemento da arte, tem sido alvo de questionamentos conservadores nos últimos anos. A argumentação principal gira em torno de produções artísticas que de alguma maneira tangenciam temas como a sexualidade, o gênero e a nudez masculina – este último terá destaque nesta pesquisa por conta de sua relevância na argumentação que buscou estigmatizar a obra de Maikon K, DNA de DAN. Isso porque a forma como o corpo do performer foi apresentada ao público gerou certa reação negativa por parte de uma parcela desses espectadores e de algumas instituições de vigilância estatal. E para compreender melhor a polêmica em torno do evento foram relacionadas algumas referências capazes de auxiliar no entendimento do que se entende por exposição de um corpo nos dias de hoje. Principalmente se a visualidade desse corpo colocar em evidência questões de gênero e sexualidade, cujo cerne de discussão problematize direta ou indiretamente a forma padronizada como nossa sociedade determina o que é ou não adequado em termos de construção das identidades de gênero. Para isso serão abordadas na sequência algumas das principais discussões em torno do tema.

As discussões a serem tratadas nesta pesquisa têm como fio condutor o trabalho DNA de DAN, sua trajetória e a repercussão que algumas de suas apresentações tiveram no ano de 2017. Para isso, nesse primeiro capítulo serão abordados os seguintes temas, a serem tratados nos subcapítulos a seguir: a situação das artes nos últimos anos, com enfoque nessa “onda conservadora” que vem atingindo diversos setores da sociedade numa tentativa de barrar mudanças na sociedade que estão reestruturando os modelos tradicionais de comportamento; exemplos de outros trabalhos criminalizados em 2017 para auxiliar no entendimento de como exatamente os grupos conservadores mobilizaram a opinião pública em favor da estigmatização da arte de pessoas LGBTQIA+; detalhar, a partir dos estudos de caso, a maneira como os corpos dissidentes da heteronormatividade de gênero e sexualidade em apresentações artísticas foram capazes de chamar a atenção desses agentes de poder;

1.1 A CONSTRUÇÃO DE UMA NORMATIVIDADE PARA O CORPO

A concepção do que caracteriza o comportamento indicado a um determinado gênero, nos dias de hoje, é regida por diversas regras construídas culturalmente. Identificando sexo como “natural” e gênero como algo “moldado”, um tipo de modelo de entendimento que por algum tempo guiou em certa medida até mesmo os debates feministas, mas que foram colocados à prova por Judith Butler. A autora entende que é a cultura e não a biologia de um sujeito que se tornam o seu destino⁷⁹. Essa argumentação busca remover as fronteiras entre natural e cultural, tornando a ideia de sexo um fruto do discurso cultural. Butler apresenta sua interpretação quando afirma que “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma”⁸⁰. E ao apontar para esse entendimento fica evidenciado por Butler que a ideia de ser o gênero a raiz da identidade e não o sexo causa uma associação do gênero com a ideia de essência. Pois o próprio fato de separar essas duas instâncias gera a concepção de um elemento natural anterior e, por isso mesmo, base para o gênero. Ao realizar sua crítica, a autora enfatiza que a construção de um “eu verdadeiro” se dá de forma simultânea “no sexo, no gênero e no desejo”⁸¹. Questionando, assim, a premissa de que existem caracteres essencialistas que ditam as normas do que é ser um corpo masculino e do que é ser um corpo feminino. Partindo dessa premissa, Butler dialoga com os estudos de Simone de Beauvoir, entendendo que os conceitos defendidos pela filósofa francesa a respeito da construção do feminino não se atrelam ao sexo. Butler entende que na explicação de Beauvoir não há nenhum indicativo “que garanta que o ser que se torna mulher seja necessariamente fêmea”⁸².

A partir desse novo ponto de vista tenta-se compreender a construção de identidade de gênero por parte de pessoas trans ou de gênero não-binário, pois o entendimento do corpo deixa de estar atrelado a uma carga essencialista que bloqueia a liberdade do ser na sociedade. E a reação conservadora à arte de corpos trans, como aconteceu com a representação que a atriz Renata de Carvalho fez da crença cristã na segunda volta de Jesus, expõe a

⁷⁹ BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003, p. 26.

⁸⁰ Ibidem, p. 25.

⁸¹ Ibidem, p. 45.

⁸² Ibidem, p. 27.

incompreensão dessas vivências por parte do público⁸³. Trata-se de um receio a respeito da disponibilidade do corpo, de que ocorra o fim da separação entre sexo e gênero na construção da identidade do ser. Que passariam a ser entendidos como processos interligados pela cultura e de cunho não essencialista. Não é somente o gênero que passa pela “fiscalização” da sociedade, mas também a sexualidade dos indivíduos que é posta à prova a todo instante, numa tentativa de regulamentá-la. Essa idealização tem por preceito uma combinação binária em que as pessoas identificadas como mulheres devem sentir atração por homens e vice-versa. Posta por uma “regulação” que visa suprimir “a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica”⁸⁴.

A conceituação dos corpos em que se cria uma hierarquia, posicionando o sexo como um elemento do corpo surgido antes da cultura também é questionado por Guacira Lopes Louro . A autora contrapõe essa concepção tomando como exemplo aqueles que extrapolam os padrões da matriz heterossexual imposta aos corpos pela sociedade. São pessoas que transpõem as barreiras não por vontade própria, mas que “podem se ver movidas para tal por muitas razões, podem atribuir a esse deslocamento distintos significados”⁸⁵. Ou seja, o ser que é considerado desviante da norma nem sempre toma um determinado caminho por se sentir intrépido, mas porque não consegue construir sua subjetividade sem trilhar esse caminho que o coloca à margem. E apesar dessa padronização, também é necessário se atentar para o fato de que essa construção não é estática e universal, pois cada cultura a interpreta de acordo com seu contexto e período⁸⁶. Por isso, o presente trabalho se foca no entendimento do binarismo masculino/feminino a partir de uma análise do caso brasileiro. Além disso, pode ser importante também entender a construção em torno de outro binarismo, o das sexualidades hegemônicas.

E para auxiliar no entendimento de parte dessa construção cultural que se deu em torno das principais orientações sexuais, mais precisamente na cisão

⁸³ RODAS, Sérgio. Juiz proíbe peça de teatro que representa Jesus como mulher transgênero. **Conjur (Consultor Jurídico)**, 16 set. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/3bkbtqG>>. Acesso em: 30 dez. 2020. Sem pág.

⁸⁴ BUTLER, Judith P. Op. cit. 2003, p. 41.

⁸⁵ LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 17-18.

⁸⁶ Ibidem, p. 76.

da hegemonia da heterossexualidade, pode-se buscar em Jurandir Freire Costa um estudo a respeito dos trabalhos do literato Proust. Nos trabalhos do autor Francês, assim como de A. Gide, Costa enxerga uma das raízes do entendimento de que para além da invenção da heterossexualidade dominante passou a construir-se também um discurso a respeito da homossexualidade⁸⁷. Atribuindo a esses autores o mérito de auxiliar no entendimento atual de que existe um “tipo humano homossexual, com características próprias e irreduzíveis a outros homens”⁸⁸. No caso de Proust, a homossexualidade atravessava seus trabalhos por meio de conceitos da época que eram aceitos por uma sociedade europeia muito dividida entre a aristocracia de fim de século (XIX) e a burguesia. E para construir um universo homoerótico aceitável para si e para seus personagens o literato refugiava-se nos conceitos médico-científicos e jurídicos da época, investindo na figura do “invertido” como forma de fugir do estigma de “crime” ou de submundo (“sarjeta”)⁸⁹.

Obviamente, pensar em heterossexualidade como algo dado desde sempre seria apagar a criação dessa faceta do comportamento e da identidade humana. Assim com a homossexualidade, a orientação hétero também se formou por meio de problematizações da cultura e da sociedade. Porém, não é de se estranhar que se pense na conceituação de heterossexualidade como algo antigo e quase inato ao próprio surgimento da sociedade. Isso ocorre porque tal orientação possui “uma tradição inventada”⁹⁰. E sua invenção teria por propósito criar uma hierarquia de valores em desfavor dos indivíduos que apresentassem uma sexualidade discordante. Sem a criação de uma norma seria impossível categorizar e desclassificar as exceções. Portanto, a heterossexualidade serviu aos propósitos de enaltecer o homem cisgênero e hétero frente aos desviantes sexuais (principalmente os homens e mulheres homossexuais) e de gênero. Restringindo esses grupos às margens dos direitos civis e de muitas das facilidades e qualidades de vida trazidas pelo aparato cultural, e muitas vezes tecnológico, das sociedades modernas. Jonathan Ned Katz considera que “a

⁸⁷ COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício**: Du coté de chez Proust. PHYSIS – Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, n. 1, v. 2, 1992. Disponível em: <<https://bit.ly/38N8kO6>>. Acesso em: 05 jan. 2021. p. 39.

⁸⁸ Ibidem.

⁸⁹ Ibidem, p. 46.

⁹⁰ KATZ, Jonathan Ned. **A invenção da heterossexualidade**. Trad. Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. p. 183.

heterossexualidade significa um arranjo histórico particular dos sexos e seus prazeres”, porém apresentada de tal forma fazendo-nos supor “que a heterossexualidade é tão antiga quanto a procriação e a luxúria de Adão e Eva”. Vista por muitos da sociedade atual como “eterna” tal qual “o sexo e a diferença entre os sexos daqueles primeiros seres humanos”. Criando na imaginação coletiva a ideia de que a heterossexualidade “é essencial e imutável e não tem história”⁹¹.

E por meio de estudos focados nos pontos que abrangem as mulheres de sexualidade desviante Katz relaciona apontamentos dos estudos de Adrienne Rich os quais exemplificam essa construção social. A referida autora "critica o modelo biológico que coloca a heterossexualidade como uma orientação inata predeterminada". E o faz porque tal fato "[...] nega efetivamente as pressões sociais sobre as mulheres, que as empurram para a heterossexualidade"⁹². A construção do inatismo heterossexual produziu uma narrativa de inclinação natural para algo que em verdade se estabelece por meio de pressão social, religiosa e muitas vezes política. Dessa maneira, continua Katz, é possível conceber que um indivíduo cuja personalidade, gênero e orientação sexual estejam conformados aos padrões de gênero e sexualidades vigentes assim o faça por concordar com esse modo de vida estabelecido pela sociedade. Seria um aceite para as normas vigentes da heterossexualidade compulsória e não uma atitude ou adequação/ reação essencialista⁹³. Para aquelas pessoas cuja vivência afronta tais princípios resta enfrentar uma sociedade despreparada e receosa de que seu comportamento possa não apenas desviar-se dos padrões como levar outros a segui-la pelo exemplo ou por uma possível influência. Como sinal de evidência do caráter social dessa construção da heterossexualidade, Katz descreve ainda a maneira como os pais ou responsáveis se preocupam em garantir a conformidade do comportamento e da vivência de seus filhos: “[...] se heterossexualidade fosse inevitável como afirma a ideologia dominante, ninguém se daria ao trabalho de condicionar os filhos a serem heterossexuais”⁹⁴.

⁹¹ Ibidem, p. 25.

⁹² Ibidem, p. 165.

⁹³ Ibidem, p. 161.

⁹⁴ Ibidem, p. 155.

A preocupação com possíveis trejeitos do gênero oposto que uma pessoa possa desenvolver em seu corpo mostra o quanto muitos desses pais agem de forma a adequar seus filhos às normas dominantes. Fazer coisas de menino ou menina nada mais é que uma maneira de se encaixar em comportamentos considerados adequados pela sociedade. E adequar-se ou respeitar esses preceitos, ainda que não os julgue alinhados com sua personalidade, pode ser uma forma de defesa do indivíduo para ser aceito em seu círculo social e não um retorno a um estado natural. No limite, Katz propõe um exercício interessante para aqueles adequados e confortáveis com as normas de comportamento padrão tanto para gênero quanto para sexualidade. Ponto relevante para se colocar essa questão em perspectiva, a proposta seria problematizar essa adequação acrítica de muitas pessoas tal qual se faz com a relação que uma pessoa transexual tem com sua vivência:

Falamos sobre Transexualismo [sic] (dando-lhe esse nome) problemático, a sensação de ser do sexo oposto, o desejo de ter o corpo do outro sexo. Não falamos muito sobre a sensação de ser do próprio sexo (ou damos a isso um nome) [...] mas o fato de nos sentirmos relativamente bem com o nosso sexo e o forte desejo de manter a nossa integridade sexual não indicam algo que precisa ser explicado, tanto quanto o transexualismo? [sic]⁹⁵.

Ao analisar a construção histórica de gênero e sexualidade, Thomas Laqueur apresenta outro conceito importante para o tema. Seu entendimento é útil para entender o quanto essa construção de uma hegemonia heterossexual é apenas uma faceta de uma longa história que inclui diversos embates sociais. Trata-se da conceituação de sexo único, um modelo pré-iluminista que não distinguiu os seres humanos por seu sexo, mas por seu posicionamento na sociedade. Concedendo a esses indivíduos um status social que seria o reflexo das posições de poder exercidas por cada gênero. Podendo haver, inclusive, segundo as crenças da época, uma ascensão hierárquica de um sexo inferior (feminino) rumo à sua contraparte superior (masculino):

O modelo do sexo único seria de um mundo onde pelo menos dois gêneros correspondem a apenas um sexo, onde as fronteiras entre masculino e feminino são de grau e não de espécie, e onde os órgãos

⁹⁵ Ibidem, p. 26.

reprodutivos são apenas um sinal entre muitos do lugar do corpo em uma ordem cósmica e cultural que transcende a biologia⁹⁶.

Para Thomas Laqueur essa construção social perdurou por muito tempo até que foi aos poucos, mas não por completo, suplantada pelo modelo de dois sexos o qual se estende como hegemônico até os dias de hoje. O modelo de dois sexos acabou por se transformar em um campo de separação irreconciliável que colocava em lados opostos homens e mulheres a partir de uma separação baseada em suas características anatômicas. Tais caracteres seriam justificativas suficiente para se construir um padrão normativo de sexualidade, aqui apoiado pela própria ideia de capacidade de reprodução. A heterossexualidade tornaria-se uma norma primordial cuja perpetuação seria necessária para a manutenção da sociedade. Novamente, as sexualidades discordantes eram relegadas a um papel secundário senão aberrante, já que, segundo essa visão, não poderiam garantir a ordem e a padronização da sociedade:

Quando, por várias razões, a ordem transcendental preexistente ou os costumes de tempos imemoriais tornaram-se cada vez menos uma justificativa plausível para as relações sociais, o campo de batalha do gênero mudou para a natureza, para o sexo biológico. A anatomia sexual distinta era citada para apoiar ou negar todas as formas de reivindicações em uma variedade de contextos sociais, econômicos, políticos, culturais e eróticos.⁹⁷

Seguindo a trilha de formulações em torno da sexualidade humana, seria possível trazer para o debate uma enorme gama de autores os quais tratam do tema por meio dos mais diversos ângulos. Contudo, alguns se destacam para a análise proposta nesta pesquisa, e um desses autores é Michel Foucault. O autor francês, em um de seus vários textos de análise da sexualidade, aborda o tema pelo viés da narrativa excludente. Ao separar (ou apagar) vivências fora da norma comportamental esperada pela sociedade, muitas nações relegaram a essas pessoas um espaço à margem da historicidade. E essa ideia de indivíduos "anormais" é tratada por Foucault em texto que apresenta uma genealogia dessa classificação das pessoas fora da norma como sujeitos perigosos. O autor descreve a metodologia utilizada pela medicina psiquiátrica em favor de uma

⁹⁶ LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 41.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 192.

caracterização de tais pessoas como criminosas inatas, algo como uma predestinação ao ato fora das leis. A descrição "das condutas criminosas ou paracriminosas" que remontariam a um histórico iniciado na "infância" serve unicamente "para passá-lo da condição de réu ao estatuto de condenado"⁹⁸. Essa utilização das ciências médicas com fins de estigmatização de sujeitos é também aplicada no que diz respeito à sexualidade, os desviantes têm seus temores, condutas e vivências carimbados por conceitos de distúrbio, inadequação e perversão. Dessa forma, a narrativa de inadequação ao que seria natural – heterossexualidade compulsória – ganha contornos científicos, tornando sua contestação ainda mais inviável.

A predominância da ideia de heterossexualidade compulsória como algo inato ao ser humano esteve presente até recentemente, inclusive, no meio acadêmico. Richard Miskolci aponta que a teoria *queer* causou estranhamento quando de sua aparição em textos sociológicos porque, "ao menos até a década de 1990, as ciências sociais tratavam a ordem social como sinônimo de heterossexualidade". Algo que atravessava todos os estudos sociológicos da sexualidade, incluindo até mesmo as vivências destoantes da norma: "o pressuposto heterossexista do pensamento sociológico era patente até nas investigações sobre sexualidades não-hegemônicas"⁹⁹. E com relação à hierarquia criada entre homossexuais em comparação a heterossexuais, Miskolci utiliza-se dos estudos de Jacques Derrida para compreender a raiz de uma tal comparação. A partir do teórico francês, o autor entende que "a heterossexualidade precisa da homossexualidade para sua própria definição, de forma que um homem homofóbico pode-se definir apenas em oposição àquilo que ele não é: um homem gay"¹⁰⁰:

O estudo da heteronormatividade como aparato do poder e força normalizadora característica da ordem social do presente foi (e algumas vezes ainda o é) confundido como a descrição das normas contra as quais lutariam sujeitos socialmente classificados como anormais, pervertidos, sexualmente desviantes, em suma, termos sintetizados pela palavra *queer* na língua inglesa. No entanto, os

⁹⁸ FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 27.

⁹⁹ MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Revista Sociologias** - Dossiê Gênero, família e globalização, Porto Alegre, ano 11, n. 21, pp. 150-182, jan/jun. 2009, p. 151.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 153.

principais teóricos *queer* demonstraram que tais sujeitos freqüentemente também estão enredados na heteronormatividade¹⁰¹.

A julgar por essas conclusões, mesmo em estudos de perspectiva LGBTQIA+ é utilizada como base estrutural a normatização heterossexista. A vivência construída de modo a receber características que a classificariam como inata/inerente à vivência humana ainda é a régua a partir da qual os sujeitos devem comparar sua identidade. A natureza seria heterossexual e mesmo as vivências desviantes seriam exatamente isso – desviantes – uma vez que o viver seria regido pela heteronormatividade. A partir dessa premissa ainda que se queira incluir outras possibilidades, os sujeitos receberiam uma oportunidade de adaptação de sua sexualidade à norma. O homossexual poderia receber seus direitos civis, sua presença seria tolerada em certos círculos sociais - desde que adaptado o máximo possível à heteronormatividade, aqui vista como essência da natureza humana. Dessa maneira, não é de se estranhar algo similar aplicado ao julgamento da nudez no caso das artes. Isso se verifica em muitos questionamentos direcionados a esses trabalhos, abordando o porquê de o corpo de certos artistas não estarem cobertos de alguma maneira ou não terem pensado em uma solução "mais adequada" – Por que não usar uma lycra "tom de pele" sobre o corpo? Por que não colocar uma "mulher" ao invés de uma "trans"? Por que não se apresentar em local fechado e com restrição de idade?

Em terras brasileiras não foi diferente de outras regiões ocidentais, e para localizar alguma resposta para o aparecimento dessa tendência Miskolci volta a tempos não tão longínquos de nossa história. O autor indica que essa construção de um ideal de população teve no Brasil um período exemplar no fim do século 19. Naquele momento, afirma, a elite brasileira preocupava-se em embranquecer a população, principalmente com o incentivo à imigração de povos europeus para o país, e com a normatização e hegemonia do modelo heterossexual de reprodução. Assim, a elite brasileira criava a "[...] demanda por medidas moralizantes e disciplinadoras voltadas para um progressivo embranquecimento da população"¹⁰². Nessa empreitada, o homem cis branco de descendência europeia e heterossexual recebe a função principal de reprodução do modelo

¹⁰¹ Ibidem, p. 157.

¹⁰² MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação**: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX. São Paulo, Annablume/FAPESP, 2012, p. 50.

almejado, ganhando destaque na hierarquia social; e seu papel na geração da vida por meio do sexo era sua principal característica. Assim, Miskolci analisa, por meio de "uma perspectiva sociológica e histórica [...] questões tão complexas quanto ignoradas entre o desejo da nação de nossa elite e seus temores"¹⁰³. O autor "aciona uma metodologia sociológica mais atenta aos componentes sensíveis e emocionais que fazem parte de toda experiência histórica, em especial reconhecíveis em fenômenos como os pânicos morais e sexuais"¹⁰⁴.

Já como forma de demonstrar a força de todo esse aparato da elite em conjunção com o estado a fim de garantir uma progressão da sociedade rumo a uma sexualidade considerada superior, nesse caso a heterossexualidade, Miskolci analisa a obra "O bom crioulo". O referido trabalho literário, segundo o sociólogo, representaria as relações de poder que deveriam ser evitadas, ao enxergar na possibilidade de ascensão e até humanização dos negros em relação aos brancos um problema a ser combatido. A obra seria uma possibilidade de demonstração da degeneração dos brancos, e da degradação da masculinidade considerada importante para a cultura e o aprimoramento do povo brasileiro, exemplificada numa relação interracial e homoerótica. Dessa maneira o romance de Adolfo Caminha seria "[...] um retrato do passado, uma denúncia de seu legado como empecilho ao futuro do Brasil"¹⁰⁵.

E buscando a questão em debatedores geograficamente mais próximos, merecem destaque as pesquisas dos historiadores Clara Eliana Cuevas e Fernando Botton. Em se tratando do trabalho de Cuevas, o foco da análise está em um caso exemplar de perseguição a homens homossexuais. Fato ocorrido no Paraguai do século 20. Naquele país, segundo a autora, o processo de heterossexualização da sociedade era latente: "[...] a patologização da homossexualidade já consta nos periódicos nos anos 1950 de modo a dialogar com o anseio de modernização em curso [no Paraguai]"¹⁰⁶. Tendo por "ideal de homem nacional", assim como no caso brasileiro, um sujeito heterossexual, viril

¹⁰³ Ibidem, p. 65.

¹⁰⁴ Ibidem, p. 56.

¹⁰⁵ Ibidem, p. 119.

¹⁰⁶ CUEVAS, Clara Eliana. *Corpos abjetos e amores malditos: homossexualidade, anonimato e violência institucional na ditadura stronista em Assunção, 1959*. 2015. 170 f. **Dissertação** (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/3nSpjFE>>. Acesso em: 22 out. 2021. p. 21.

e nacionalista: “ideal este que não permitirá a existência de outras formas de masculinidade e sexualidade”¹⁰⁷.

O caso tratado por Cuevas, o assassinato de Bernardo Aranda, é um episódio exemplar do tipo de política de segurança pública aplicada para garantir esse ideal de nação. Aranda foi um homossexual enrustido cuja morte foi considerada como resultado de um crime passional cometido por seu amante. A partir desse acontecimento, a polícia local passou a usar de pretexto a necessidade de encontrar o assassino para realizar uma fiscalização moral da população da capital paraguaia. Ação que passou a outros âmbitos como a mídia impressa da época: “as notas publicadas a respeito do caso Bernardo Aranda vão dar lugar a diversas publicações a respeito da construção do amoram homossexual, dentro da lógica da heterossexualidade como normal e natural”¹⁰⁸. Com o uso de “listas de supostos homossexuais” a mídia da época passou a se focar “na construção pública dos chamados ‘degenerados’, além de convocar a sociedade para que esta se mobilizasse no ‘saneamento moral’” da população¹⁰⁹; num formato de perseguição muito parecido com o dos dias de hoje. Em que os medos da sociedade e os problemas políticos e estruturais do capitalismo são pintados como consequências do afrouxamento de costumes tradicionais – inventados – da sociedade.

Não obstante o uso do aparato público e midiático para constranger a população homossexual da época, havia resistência. Em análise de carta enviada ao periódico El País por um leitor, Cuevas encontra a fala de um cidadão paraguaio homossexual e de discurso conservador. O autor da carta aponta para o que considera ser a hipocrisia de um jornal que se dedica à caça aos homossexuais enquanto “outros casos de crimes e escândalos públicos eram publicadas nos jornais”¹¹⁰. A resposta do jornal seria a publicação da carta e de uma réplica que apontava para um dualismo do tipo “nós” contra “eles”; afirmando que os editores buscavam realizar um “saneamento moral” da sociedade. A tréplica do movimento, segundo a autora ao ecoar diversos pensadores da América Latina, e que atravessa em partes até os dias de hoje é

¹⁰⁷ Ibidem.

¹⁰⁸ Ibidem, p. 57.

¹⁰⁹ Ibidem, p. 59-60.

¹¹⁰ Ibidem, p. 120.

uma resposta conservadora, tanto quanto a carta enviada ao El País. Numa separação entre homossexuais “perversos” e homossexuais “honrados”, defendiam-se temas como adoção e casamento entre pessoas do mesmo gênero. Criando assim “códigos de condutas homossexuais”¹¹¹. Dessa preocupação em normatizar o comportamento homossexual percebe-se uma tendência do norte global: a de concretizar uma abertura para os direitos humanos que não ferisse as regras de mercado do sistema capitalista.

Partindo para a contribuição encontrada no texto de Fernando Bagiotto Botton, percebe-se uma análise dessa construção da masculinidade padrão a partir de imagens produzidas na virada do século 19 para o 20 em Curitiba. Para isso, o autor utilizou-se de imagens do extinto estúdio da família Volk, pioneiros na produção de fotografias comerciais na capital paranaense. Para justificar o uso dos retratos analisados, Botton destacou a importância desses artefatos imagéticos como forma de descrever questões subjetivas ou objetivas de uma pessoa, seja seu status social, político ou suas capacidades intelectuais. No caso dos homens, estes “desde pequenos [...] recebem suas posições sociais e de gênero a partir de sua imagem”¹¹². E é a partir de algumas fotografias de crianças que Botton apresenta a construção de “meninos” com uma “atribuição bastante adulta” alçados ao status de “homens, como adultos em miniatura”. Imagens estruturadas de modo a criar ou encaixar os garotos dentro de estereótipos de masculinidade, com caracteres desejáveis pela família e pela sociedade¹¹³. Nesse ponto encontra-se uma interseção com as pesquisas já citadas de Jonathan Katz e sua visão a partir da qual algo que precisa ser aprendido, e nesse caso retratado, não pode ser inato. O ideal de masculinidade projetado sobre essas crianças seria uma tentativa de impor um modo de vida de aparências que será orgulho da família caso seja seguido. O empenho e o dinheiro gasto nessas produções fotográficas da infância – a indústria fotográfica era ainda muito incipiente naquela época e poucas pessoas eram capazes de

¹¹¹ Ibidem, p. 132.

¹¹² BOTTON, Fernando Bagiotto. Como a imagem de um homem produz uma imagem do homem? In: _____. O homem da imagem e a imagem do homem: a construção da subjetividade masculina por meio dos retratos e periódicos de Curitiba na virada do século XIX para o XX. 2013. 177 f. **Dissertação** (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), 2013. pp. 59-98. Disponível em: <<https://bit.ly/3yV1cwI>>. Acesso em: 13 out. 2021. p. 82

¹¹³ Ibidem, p. 83-84.

comprar um equipamento fotográfico – demonstram que há um investimento na formação da masculinidade desses meninos. Botton entende que “já portadores de toda carga simbólica e social, essas crianças recebem grandes possibilidades de tornarem-se aquilo em que são retratadas”¹¹⁴.

A partir da análise dessas pesquisas foi possível vislumbrar a existência de uma problemática gerada em torno do corpo masculino sem roupas e sem uma postura que o associe ao que se considera adequado para os homens. Isso porque, muitas vezes, os padrões sociais são impostos com o auxílio da produção da imagem almejada pelos pais e pela sociedade que os cerca. Dessa maneira, o nu masculino, em conjunto com uma postura que quebre os estereótipos de gênero, seria perigoso – haja vista que tais caracteres de vestimenta/postura e de outros acessórios que carregam consigo a validação do gênero que se almeja impor àquele corpo fotografado estão ausentes. Assim, percebe-se que a polêmica criada pela sociedade está centrada nesse nu masculino e não tanto na identidade de pessoas LGBTQIA+.

1.2 A ARTE COMO QUESTIONADORA DE PADRÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Por que os estudos da configuração da sexualidade tomam forma na produção de alguns artistas? O tema do corpo, como explicita Afonso Medeiros, “está na ordem do dia” tornando-se “o objeto mais representado na história da imagem”¹¹⁵. Porém nem sempre essa representação da expressão do indivíduo recebeu apoio das instituições do campo da arte. Por muito tempo a representação do indivíduo esteve exclusivamente ligada ao pensamento conservador, usada de forma a reforçar estereótipos de sexualidade e de gênero. A própria ideia de arte como expressão do indivíduo é algo novo na produção artística, remontando, talvez, a meados do século 20. Tendo os questionamentos a respeito desses padrões de gênero e sexualidade e seu ideal de essencialidade sido criticados apenas em período ainda mais recente da história da arte. O autor levanta um ponto a respeito dessa visualidade do corpo que é

¹¹⁴ Ibidem.

¹¹⁵ MEDEIROS, Afonso (org.). O imaginário do corpo entre o erótico e o obsceno – fronteiras líquidas da pornografia. In: _____. **O imaginário do corpo entre o erótico e o obsceno – fronteiras líquidas da pornografia**. Goiânia: Funape, 2008. p. 27.

relevante para a presente pesquisa, o da diferença entre a ideia de erótico e obsceno. Ambos os conceitos receberam ao longo do tempo diversas caracterizações em que o último é tornado abjeto e o primeiro tem mais propensão a ser aceito ou admirado¹¹⁶; faz-se importante frisar que a recepção do erótico não é unânime e depende do lugar e da forma como é apresentado.

Os olhos, nesse caso, atuam como ferramenta de análise, pois a visão é responsável por auferir o juízo de valor a respeito desses conceitos, que são criações culturais. Tornando o corpo um protagonista que “oscila” entre ser “sujeito, e ao mesmo tempo, objeto”¹¹⁷. Pode-se tomar essa afirmação como um indicativo de que parte daquela criminalização/estigmatização do corpo de Maikon K foi materializada por meio da visão de uma parte do público, predisposto a entender a nudez do performer a partir da chave da obscenidade; compreendida como algo inferior. E essa elaboração de categorias para separar comportamentos aceitáveis e aqueles considerados inferiores é recorrente na história.

Jorge Leite Júnior apresenta um apanhado das situações históricas em que o nu e seus derivativos sexuais foram objeto de análise da sociedade. A intenção do autor é apontar para supostas diferenças criadas em torno da classificação que se faz daquilo que pode ser considerado erótico e daquilo que pode ser considerado pornográfico. Uma diferenciação que tem maior relação com as separações de classe na sociedade capitalista do que com uma moral inata ao ser humano. Sendo a origem da palavra pornografia uma referência aos “escritos sobre prostitutas” e o termo erotismo derivado de “um adjetivo de Eros”, Leite Júnior busca nas raízes da cultura humana a separação conceitual que essas classificações receberam:

Os dois termos pretendem descrever um conjunto de sensações, sentimentos, ideias e atitudes relacionadas principalmente à temática sexual e suas figurações, mas, entre eles, existe uma enorme diferença implícita. A concepção de uma representação da sexualidade “pornográfica” e uma “erótica” visa uma separação sutil, porém persistente no imaginário ocidental [...] A própria origem dos termos demonstra esta diferenciação. A pornografia é comumente considerada como aquilo que transforma o sexo em produto de consumo, está ligada ao mundo da prostituição e visa a excitação dos apetites mais “desregrados” e “imorais”. Evoca um conceito mais

¹¹⁶ Ibidem, p. 29.

¹¹⁷ Ibidem, pp. 30-31.

carnal, sensorial, comercial e explícito. “Erotismo”, em contrapartida, é algo tendendo ao sublime, espiritualizado, delicado, sentimental e sugestivo. Como o próprio nome vem de um deus, não de “mulheres da vida”, o tipo de paixão que sugere lembra a sutileza, a tensão sexual implícita mas não abertamente exibida.¹¹⁸

Para embasar seu argumento na tentativa de atenuar essa classificação de diferenças entre pornográfico e erótico, o autor apresenta momentos da história em que o elemento social se sobrepõe a qualquer tentativa racional de compreensão da sexualidade humana. Um dos exemplos trazidos é o do sadismo, cuja relação entre dor e prazer foi classificada por franceses do século 19 como algo “que revolta a natureza”¹¹⁹. E essa ideia de separar aquilo que seria aceitável socialmente como algo que respeitasse as leis e normas consideradas naturais e o seu oposto como abominável é um pensamento ainda presente.

Para Leite Jr. a busca por “legitimidade das representações e práticas sexuais” é parte de uma “luta simbólica” que se dá no campo dos discursos¹²⁰. Esse embate cria dois polos opostos nos quais se localizam de um lado as práticas entendidas como moralmente aceitáveis e do outro as suas contrapartes imorais e consideradas, portanto, abomináveis. E nesse ponto, o antropólogo indica a existência de um elitismo em que, por exemplo, o erotismo da pornografia seria destinado às “massas” tornando esse entretenimento repleto de perigos. Isso porque há por parte da elite social um receio com relação aos produtos voltados para a cultura de massa¹²¹. Assim, acentuando diferenças entre os dois conceitos, tornando-as excessivas, o pornográfico seria associado com a pobreza econômica, com o subdesenvolvimento intelectual, enquanto o erotismo seria o exemplar de superioridade intelectual e econômica.

Outro dos exemplos trazidos pelo autor, para demonstrar a forma como o corpo e suas visualidades são regidos por políticas de controle cultural que separam o gesto superior e o comportamento vulgar, é o do sorriso. Remontando ao período de ascensão da burguesia, a maneira de alguém expressar sua alegria com uma situação poderia ser visto como elegante, em sorrisos mais

¹¹⁸ LEITE Jr, Jorge. **Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia "bizarra" como entretenimento**, São Paulo, Annablume / Fapesp, 2006, p. 31-32.

¹¹⁹ Ibidem, p. 238.

¹²⁰ Ibidem, p. 34.

¹²¹ Ibidem, p. 38.

contidos, ou como uma “deformidade” no caso de risadas mais efusivas¹²². Os comportamentos desse tipo, associados às classes pobres e pessoas desviantes da norma, deveriam ser evitados a todo custo. Essa lógica aos poucos foi se aplicando a diversas áreas do comportamento humano em sociedade, aprisionando as possibilidades de exploração sexual livre, com exceção para os momentos em que essas expressões representassem possibilidade de “capitalização”¹²³.

Essa exploração de entretenimento erótico permitiu, como aponta Carlos Gonçalves Terra, que trabalhos inacessíveis em décadas ou séculos anteriores se tornassem “acessíveis a todos”. Em sua análise, o autor aponta que, apesar dessa difusão, apresenta-se na sociedade contemporânea uma “dificuldade em delimitar e classificar o que é arte de conteúdo erótico”¹²⁴. A indistinção se daria por conta da forma como a sociedade interpreta conteúdos artísticos de cunho erótico como sendo sinônimo de pornografia; com sentido de depreciação. Demonstrando, por meio de um apanhado histórico de práticas e possíveis usos de objetos eróticos, que esse entendimento variou ao longo do tempo e de acordo com a cultura em que esses aparatos e conteúdos estavam inseridos. Em diversas dessas sociedades do passado as ideias modernas de erotismo, pornografia, sexualidade, não possuíam limites definidos ou problematizados. Um dos exemplos oferecidos por Gonçalves Terra é o da “literatura erótica [que] nem sempre foi desprestigiada. Sequer havia a condenação de seus autores ao anonimato e de suas obras a uma divulgação clandestina”. Quem produzia esse tipo de material o fazia “às claras e seus leitores se divertiam com ela sem falsa vergonha”¹²⁵. Assim como ocorreu com a criação de distintas orientações sexuais, o pensamento que confunde, com o intuito de segregar e desmerecer, pornografia e arte erótica tem raízes recentes e de cunho moralista.

E de que forma essas concepções em torno do corpo e de sua expressão de gênero, de sexualidade e de desejo se interpõem entre o público e a obra? A influência do entendimento cultural do corpo, na ideia binária de sexo e gênero

¹²² Ibidem, p. 191.

¹²³ Ibidem, p. 139.

¹²⁴ TERRA, Carlos Gonçalves. Erotismo em Objetos: Para Ver, Ler, Usar e Pensar. In: Congresso do CBHA, XXXVIII., 2018, Santa Catarina. **Anais...** Florianópolis: Comitê Brasileiro de História da Arte - CBHA, 2018. p. 788.

¹²⁵ Ibidem, p. 796.

como dois elementos separados, irá ditar o entendimento do corpo usado em diversas áreas de conhecimento. São construções que acabam por influenciar o desenvolvimento e entendimento da imagem do corpo em produções artísticas. E isso se torna evidente no caso de artistas contemporâneos em cuja produção o corpo é colocado como ou o principal elemento ou um dos elementos principais da obra, como acontece em muitos trabalhos de arte corporal. As maneiras como o corpo é disposto nessas apresentações acabam, por vezes, indo de encontro a esses conceitos de masculinidade, de feminilidade e de heterossexualidade fabricados por nossa sociedade. Problematizando aspectos do comportamento historicamente entendidos como essenciais para a manutenção do *status quo*, cuja cultura dominante, conforme dito anteriormente, associa o gênero com o sexo biológico. Essa percepção pode se dar quando ocorre a interlocução entre obra e público, podendo acontecer, inclusive, em situações quando não há, por parte do artista, a intenção de problematizar tais questões.

Em partes, isso explicaria o que aconteceu com o trabalho DNA de DAN em 15 de julho de 2017, durante uma apresentação em frente ao Museu Nacional de Brasília¹²⁶. O ano de 2017 nascia como uma nova página na história brasileira, era o ano subsequente ao processo de *impeachment* e deposição da presidenta Dilma Rousseff¹²⁷. Fato histórico a partir do qual diversas políticas públicas e até as próprias instituições democráticas burguesas passaram a ser questionadas, num afã por parte das classes dominantes de buscar “uma nova hegemonia” de “reprodução dos interesses capitalistas”¹²⁸. Marcelo Braz aponta que parte dessa estratégia passaria por uma “cruzada conservadora e reacionária” cujo alvo seriam “os avanços sociais no campo das ‘minorias’” com intuito “de promover um retrocesso cultural e ideológico no país”¹²⁹. Um exemplo dessa orientação político-social é o Estatuto da Família, em cujo texto foi formulada uma tentativa

¹²⁶ REZENDE, Humberto. Artista é preso durante apresentação que integra o Palco Giratório, do Sesc. **Correio Braziliense**, Brasília, 16 jun. 2017b. Disponível em: <<https://bit.ly/39E4mGX>>. Acesso em: 30 out. 2019. Sem pág.

¹²⁷ BRAZ, Marcelo. O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 128, pág. 85-103, jan./abr. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2luOL0Z>>. Acesso em: 20 jul. 2019. Pág. 88.

¹²⁸ Ibidem, p. 94.

¹²⁹ Ibidem, p. 95.

de restringir alguns dos direitos da comunidade de pessoas LGBTQIA+ conquistados nas últimas décadas¹³⁰.

Um viés conservador estava, e perdura neste início dos anos 2020, ganhando certa relevância na opinião pública. Discurso que é alimentado por meio dos mais diversos canais de comunicação, das tradicionais revistas e jornais impressos, passando pelas emissoras de rádio e televisão, chegando às páginas de internet. O fato não é novo, já se divisava esse horizonte quando o governo petista determinou o fim de programas políticos que pretendiam atender às demandas de comunidades vulneráveis, como a comunidade de pessoas LGBTQIA+. Um exemplo foi a desistência, por parte do governo federal em 2011, de distribuir o material denominado Kit de Combate e Prevenção à Homofobia, projeto que ficou conhecido por seus opositores como *Kit Gay*¹³¹. Tratava-se de um programa didático que buscava reduzir o *bullying* homofóbico na educação básica e pública brasileira¹³². A atuação desses grupos conservadores, muitas vezes coordenados por líderes religiosos, se direcionava para diversas áreas da sociedade onde fosse vislumbrado algum progresso social que pudesse caracterizar uma ameaça aos costumes estabelecidos. Onde quer que houvesse avanços nas políticas públicas em favor de minorias ou movimentos sociais progressistas ali estariam presentes os defensores do conservadorismo da sociedade. Num tipo de atuação que recebeu e ainda recebe apoio de “representantes dos poderes Legislativo, Executivo, Judiciário, escola, família e religião” e que “sentem-se confortáveis em manter suas posições em nome de ‘valores tradicionais’”¹³³. Entre esses agentes de poder, desde o princípio incluiu-se Jair Bolsonaro, à época deputado federal e atualmente presidente da república. E toda essa agitação conservadora acabou também por afetar diversas das políticas públicas voltadas para as artes e a cultura.

¹³⁰ Ibidem, p. 98.

¹³¹ OLIVEIRA JÚNIOR, Isaias Batista de; MAIO, Eliane Rose. “Não vai ser permitido a nenhum órgão do governo fazer propaganda de opções sexuais”: o discurso inaugural no “desagendamento” do kit gay do MEC. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 15, n. 01, p. 125-152, jan./mar. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/313Rofw>>. Acesso em: 18 jul. 2019. pp. 140-141.

¹³² Ibidem, pp. 132-133.

¹³³ Ibidem, p. 137.

O discurso conservador acabou por alcançar trabalhos como o de Maikon K, que já havia sido apresentado em outras ocasiões anteriores sem qualquer problema, e que se tornou alvo de violência policial e de campanhas de desinformação. Os conservadores, incentivados principalmente pelo Movimento Brasil Livre (MBL), viam no corpo nu masculino, ou nos corpos dissidentes, presentes nesses trabalhos, uma tentativa de aliciar crianças e “transformá-las em homossexuais”¹³⁴. Numa tentativa de desmoralizar os trabalhos e transformar os performers em criminosos, tudo por meio de um “pânico moral” baseado em informações distorcidas a respeito da real intenção desses artistas¹³⁵. O nu foi tirado de contexto, despossuído de seu caráter estético e descrito como ato obsceno, de atentado ao pudor. O resultado da propagação dessa perspectiva foi a interrupção de apresentações de DNA de DAN pela polícia em duas ocasiões. A primeira ocorreu durante a apresentação da performance em Brasília, no Distrito Federal, quando Maikon K estava em turnê pelo país por meio do projeto “Palco Giratório” do Sesc¹³⁶. Na ocasião, o trabalho foi apresentado, com as devidas autorizações, em frente ao Museu Nacional. O segundo episódio ocorreu na cidade de Londrina, no interior do Paraná, durante o Festival Internacional de Dança da cidade ainda em 2017. No caso de Brasília, o artista relata que a abordagem da polícia militar foi desmedida, provocando danos em todo o material utilizado na instalação. O performer afirma ter sido agredido e jogado na traseira de um camburão, junto a um estepe¹³⁷. A violência da abordagem e sua repercussão negativa levou o governador do estado a pedir desculpas oficiais ao artista. Além disso, um grupo de pessoas apresentou-se sem roupas, uma semana depois, com coordenação do próprio artista, no mesmo local onde havia ocorrido a performance como forma de protestar contra o ocorrido¹³⁸. No episódio de Londrina, o público que estava no lago Igapó, onde

¹³⁴ BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3CfMpOW>> . Acesso em: 11 jul. 2019. Sem pág.

¹³⁵ Ibidem, sem pág.

¹³⁶ PRADO, Miguel Arcanjo. Artista respeitado, Maikon K é preso por ficar nu em performance. **Universo Online (UOL)**, São Paulo, 16 jul. 2017. Blogosfera. Disponível em: <<https://bit.ly/2Gxo8q0>>. Acesso em: 25 jun. 2019. Sem pág.

¹³⁷ Ibidem, sem pág.

¹³⁸ Ibidem, sem pág.

foi apresentada a performance, protegeu o artista dos agentes públicos, ajudando o performer a sair do local¹³⁹.

Stiles compreende essa atuação de artistas de performance como Maikon K como uma forma não convencional de se desafiarem e como resultado tratarem e apresentarem seu corpo ao público, vislumbrando e demonstrando experiências culturais, políticas e sociais¹⁴⁰. Isso pode incluir demonstrações ou externalizações da subjetividade e da sexualidade desse corpo que é atravessado por desejos. Causando no público uma dificuldade de entender o caráter ao mesmo tempo real e mimético da apresentação, e que difere da maneira como o artista conduz a sua vida fora daquele ambiente estético¹⁴¹. Pois a arte se torna um espaço de experimentação para esse corpo e seus caracteres mais subjetivos que não são comumente acessados no dia a dia. Essa dimensão entre espectadores, espaços públicos e o conceito de performance recebe um aporte político. Isso porque numa certa cronologia da história desse formato artístico houve um primeiro momento em que os trabalhos com nudez se atinham a espaços fechados. A começar pelos *happenings*, os quais podem ser considerados como precursores das performances, ocorreu uma primeira mudança na visualidade do corpo nas artes. Essa transformação ganhou ênfase nas performances – muitas se abrindo à nudez e ao espaço público – e a representação do corpo em sua literalidade seria o motor para questionamentos profundos a respeito de certos estereótipos associados ao corpo em sociedade. Isso porque, segundo Henri-Pierre Jeudy, “quando se fala do corpo como objeto de arte” nos vem à mente uma imagem de algo transcendental. Numa alusão à ideia de corpo como algo belo e “atemporal”, como se a existência do corpo só fosse possível em estado de perfeição¹⁴². O autor discute essa percepção como uma “idealização de beleza” buscada por muitas pessoas as quais se satisfazem no consumo de produtos criados como forma de alcançar esse ideal corpóreo¹⁴³.

E é na arte que Jeudy enxerga a possibilidade de se repensar o corpo para além das idealizações. Nesse ponto a performance atuaria como um dos

¹³⁹ JORNAL TAROBÁ Segunda Edição – Londrina. Op. cit.

¹⁴⁰ STILES, Kristine. Op. cit. p. 91.

¹⁴¹ Ibidem.

¹⁴² JEUDY, Henri-Pierre. **O Corpo como Objeto de Arte**. Tradução: Tereza Lourenço. São Paulo: Estação Liberdade Ltda, 2002. p. 17.

¹⁴³ Ibidem, p. 18.

muitos possíveis canalizadores de novas percepções do corpo, trazendo à tona toda a multiplicidade da vivência humana. As sensações, os aprendizados, a memória, toda essa gama de ações e sentimentos “interferem” na percepção que se tem do corpo¹⁴⁴. Tornando assim, simultaneamente, em vetor e canal de interpretação da própria experiência. Permitindo, por meio da arte, uma abertura ao debate a respeito das múltiplas possibilidades tolhidas do cotidiano acelerado em que se vive. Jeudy espera que, por meio da arte, “o corpo seja tomado como origem das origens”, envolto em seus mistérios, aberto ao “discurso”, usado como “arma do idealismo estético”¹⁴⁵. Dessa forma, a imagem e o próprio corpo são oferecidos ao público na performance em toda a sua fragilidade e potência sensorial¹⁴⁶.

Esse caráter político e artístico/estético de apresentação do corpo em sua multiplicidade é utilizado em outros âmbitos e usos do espaço público. Um exemplo são manifestações como a Marcha das Vadias. Nesses eventos de caráter reivindicativo ocorrem diversas ações corporais que buscam colocar em debate a posição subalterna reservada às vivências femininas. As ações seriam realizadas a partir de uma mescla entre ato político e performance, esta última defendida por Kelly Yara De Souza Mendonça em sua dissertação¹⁴⁷. Para realizar sua análise, a socióloga utilizou registros fotográficos tanto de acervo pessoal quanto de outras imagens extraídas de fontes disponíveis na internet. Em defesa de sua metodologia, Mendonça afirma que “a fotografia é ferramenta que potencializa o discurso sobre essas imagens”. Entendendo “o registro fotográfico da Marcha das Vadias” como “oportunidade de perceber nuances, gestos e expressões desse corpo de natureza imagética”, agregando, dessa maneira, “sentido à performance”¹⁴⁸. Assim como é feito em muitos trabalhos artísticos de performance dentro ou no entorno de espaços culturais, as ações realizadas em eventos como o da Marcha das Vadias colocam o corpo em

¹⁴⁴ Ibidem, p. 20.

¹⁴⁵ Ibidem, p. 76.

¹⁴⁶ Ibidem, p. 80.

¹⁴⁷ MENDONÇA, Kelly Yara De Souza. Imagem e performance: arquivo e repertório. In: _____. **Repertórios de transgressão: narrativas visuais e performance política na marcha das vadias.** 2017. 164 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/39x7oQR>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

¹⁴⁸ Ibidem, p. 100.

evidência¹⁴⁹. Buscando trazer para o espaço público o debate a respeito da imagem desse corpo, e nesse caso específico da marcha, questionando o tratamento diferenciado dados aos corpos de acordo com sua expressão/identidade de gênero.

As questões expostas na manifestação, conforme a análise de Mendonça, atuam no sentido de resistir por meio do questionamento, da exposição de corpos que fogem ao padrão daquilo que é esperado quando o imagético feminino é colocado em posição de objeto/fetice do olhar masculino:

A performance presente na Marcha das Vadias gera imagens que procuram confrontar as “imagens do feminino” construídas ao longo do tempo e divulgadas massivamente no cotidiano, propondo uma estética transgressora. As imagens captadas sugerem posturas, gestos, atitudes, reações, que desnaturalizam e provocam uma reorganização sobre o que é ser mulher Vadia, livre, comportando o aspecto ritual de reiteração¹⁵⁰.

Dessa forma, o evento se aproxima daquilo que é comum na arte de performance, tocando em feridas da sociedade que precisam ser discutidas. Para a autora, “nesse contexto, a resistência é apresentada também como ato estético e cultural ao propor e criar imagens que impactam e convidam à reflexão”¹⁵¹. Esse convite apresentado ao olhar de quem observa a Marcha das Vadias ou aqueles que mantém contato por meio de registros visuais das ações apresentadas durante o evento poderia ser tomado como uma afronta. E desse embate pode surgir o medo da mudança, de possíveis efeitos colaterais, muitas vezes criado ou incentivado por falta de informações precisas a respeito dos sistemas econômico e político em que vivemos. É dessa vulnerabilidade que muitos discursos conservadores se alimentam, associando mazelas das sociedades modernas com uma certa ideia de degradação dos costumes. Cristalizando os costumes como se fossem algo natural e irremediável. Diversas propostas de debate se tornam, assim, um perigo à vivência de quem se

¹⁴⁹ Não pretendo estabelecer ou negar uma diferenciação entre a performance realizada num âmbito considerado como artístico (dentro de museus, teatros, espaços culturais, como parte de um evento, festival ou mostra) e aquelas realizadas fora ou sem associação com esses espaços institucionais da cultura e da arte.

¹⁵⁰ Ibidem, p. 105.

¹⁵¹ Ibidem.

acostumou e se atém às regras estabelecidas em sociedades de tempos anteriores. Esse medo impede que se possa discutir quais dessas regras tradicionais inventadas podem ser alteradas para que se possa adequar o formato da sociedade às necessidades de cada época.

A tarefa de debater e transformar a sociedade pode ser incentivada ou levada à prática por diversas áreas de conhecimento; entre elas as artes. Em suas mais variadas linguagens, a produção artística atravessa questões de seu contexto as quais são consideradas relevantes por seus produtores. No caso de Maikon K a visualidade e a dança estão muito presentes em seu trabalho. No caso da dança e do uso do corpo como motores de debate parece haver uma conjunção capaz de questionar certos preceitos que uma parcela do público possui a respeito do corpo.

Adança pode desempenhar papel relevante nesse debate. Para Judith Lynne Hanna essa arte pode ser considerada um “ato social” tendo como uma de suas maiores contribuições para a sociedade “o contínuo surgimento da cultura”¹⁵². Isso porque, entre outras coisas, “através da dança o indivíduo pode disciplinar os movimentos cotidianos, instintivos e culturalmente modelados do corpo”. Muitas vezes fazendo “[...] o difícil parecer simples”¹⁵³. Ao fervilhar o campo social com algumas de suas produções, a dança pode suscitar mudanças de comportamento ou refletir alterações já existentes numa cultura, mas que são relegadas à margem do aceitável. Um exemplo deste último caso é apresentado por Hanna quando esta cita o ocorrido em terras estadunidenses com os homens que dançavam profissionalmente na segunda metade do século 20. Repetidas vezes a mídia daquele país os retratava como atletas e não como artistas, colocando ênfase nas cifras salariais recebidas pelos mais aclamados¹⁵⁴. Em pleno século 21 o que parece incomodar já não é mais o fato de um homem estar utilizando da dança para mesclar em seu trabalho, mas a sua maneira de trabalhar. Abertamente homossexual e sem receio de se colocar nu em espaço público, K não se justificou o suficiente como gostariam alguns.

¹⁵² HANNA, Judith Lynne. **Dança, Sexo e Gênero**: signos de identidade, dominação e desejo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 14.

¹⁵³ Ibidem, p. 29.

¹⁵⁴ Ibidem, pp. 214-217.

Para outra pesquisadora relevante para os estudos da dança, Jussara Sobreira Setenta, existe relação dialógica estabelecida entre a política e a atuação dos corpos na performance/dança. Não só dialogam como, para a autora, esses corpos estariam “[...] implicados e comprometidos com as relações que estabelecem com o ambiente”¹⁵⁵. Essa relação se dá no próprio movimento volátil do corpo, quando de sua passagem de um estado a outro, criando novas formas intercambiáveis com seu contexto, com o público. São ações carregadas de “[...] provisoriidade, transformação, inquietude, permeabilidade, investigação e reflexão crítica”¹⁵⁶. Quando essa confluência experimental ocorre em trabalhos contemporâneos, tal qual acontece em DNA de DAN, o intercâmbio com o público pode ser intenso. E uma tal comunicação nem sempre recebe uma réplica disposta a avançar com o debate. Principalmente no caso de apresentação em espaço público aberto, que é capaz de alcançar espectadores não acostumados com esse tipo de trabalho. Nesses ambientes, a novidade desse corpo não padronizado e indagador pode não ser recebida com bons olhos¹⁵⁷.

Assim pode-se entender a motivação das denúncias que levaram à prisão de Maikon K durante sua apresentação de DNA de DAN. Quando uma parcela do público, seja os que foram assistir a performance ao vivo ou aqueles que tiveram contato com o trabalho por meio de registros disponibilizados na internet, percebe um corpo nu e ignora o espaço estético em que ele está inserido. A denúncia por parte do público e a atuação violenta da polícia, ao destruir os elementos físicos da apresentação, corrobora essa falta de compreensão do ambiente estético em que se inseria aquele trabalho artístico. E esse tipo de abordagem aconteceu também com diversas outras exposições e espetáculos daquele ano de 2017 em que o nu, e principalmente o corpo não normativo, era apresentado, ou representado, sem censura.

¹⁵⁵ SETENTA, Jussara Sobreira. **O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 12.

¹⁵⁶ Ibidem, p. 27.

¹⁵⁷ Frente a essas possibilidades do movimento e do corpo trazidas pela dança em conjunção com a política, seria necessário um aprofundamento teórico que fugiria do tema central desta pesquisa que é o da arte de performance.

1.3 AS ARTES E OS MORALISTAS

O ano de 2013 foi marcado por diversas manifestações populares de cunho político, com passeatas que chegaram a reunir dezenas de milhares de pessoas; ocorriam “manifestações [que] transformavam o Brasil num país rejuvenescido, concomitantemente cansado e dividido em partes desiguais”¹⁵⁸. Seria o indicativo de mudanças nas estruturas sociais e políticas? Seria um momento histórico em que a população exigiria mudanças capazes de transformar o sistema econômico? E como ficaria a arte a partir daquele momento? Em sua pesquisa de mestrado, Andreia Moreira Pires tenta responder à última questão. A produtora artística e professora vivenciou aquele período de insurreição popular em meio à apresentação de uma de suas peças, “VAGABUNDOS”, na Universidade Federal do Ceará (UFC)¹⁵⁹. E foi dois anos depois de encerradas as manifestações populares bem como as apresentações inaugurais de sua peça, durante a Bienal Internacional de Dança do Ceará, que a artista precisou lidar com uma ação judicial movida contra seu espetáculo.

Aqui, pode-se questionar o uso de uma peça de teatro para exemplificar o tema central desta pesquisa relacionando-a com uma performance; que poderia ser pensada como pertencente ao domínio das artes visuais. A performance enquanto linguagem é uma forma híbrida que pode interseccionar todas as linguagens das artes. Essa definição é vista por Jorge Glusberg como presente inclusive no que o autor entende como “registro da pré-história da performance”. O traço do hibridismo encontrado nessa linguagem é apontado pelo autor em trabalhos como o de Diaghilev, que “[...] transforma o balé numa síntese de dança, música e artes visuais (cenografia e figurinos), valorizando cada linguagem enquanto unidade e enquanto conjunto”¹⁶⁰. As ações acontecem no tempo e, por vezes, abrem-se ao público ao colocar artista e espectadores dentro do mesmo movimento. DNA de DAN e VAGABUNDOS trazem o sentido de participação de maneira similar, os corpos dispostos frente ao público apresentam novas visualidades, numa interação poética que não demanda ação, mas compreensão. Nesse ponto, ambos os trabalhos passaram

¹⁵⁸ PIRES, Andreia Moreira. Op. cit. p. 17.

¹⁵⁹ Ibidem, p. 18.

¹⁶⁰ GLUSBERG, Jorge. **A arte de performance**. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 16.

por uma mescla citada por Glusberg que é comum às performances, que diz respeito à capacidade de concretizar “comunicação e participação”¹⁶¹. O corpo em ambas é “[...] matéria moldada pelo mundo externo, pelos padrões sociais e culturais [...]”¹⁶². Essa matéria é comum a artistas e público, traço que amplia a comunicação e estabelece a possibilidade de o artista, ao problematizar questões que envolvem a vivência de seu corpo, atuar como espelho da vivência de quem o observa. A capacidade de confrontar “[...] a contradição entre o homem e sua imagem espetacular [...]” é percebida tanto no trabalho de Maikon K quanto na criação de Andreia Pires¹⁶³. E sem querer afirmar que DNA de DAN seja uma peça de teatro ou que VAGABUNDOS seja uma performance, percebem-se traços comuns aos trabalhos. São características capazes de coloca-los em pé de igualdade com o potencial transformador e de busca por problematização de limites, traços de caracterização da linguagem de performance.

Retomando o exemplo de VAGABUNDOS e sua trajetória durante o período posterior às manifestações de junho de 2013. O trabalho, cuja temática envolvia questões relativas ao corpo, compunha-se num conjunto de ações que pretendiam “retirar a roupa do Estado, torná-lo nu diante de todos”¹⁶⁴. VAGABUNDOS foi acusado de não ser arte. e um processo foi aberto por uma espectadora que entendia a peça como algo anunciado como arte, mas que não apresentava qualquer traço daquilo que a autora da ação entendia como artístico¹⁶⁵. O processo não foi aceito pela justiça, mas a atitude em si era um retrato do que viria a ser uma certa perseguição à arte que atravessou os anos 2010; trata-se de um discurso moralista calcado numa ode a um passado entendido pelos moralistas como glorioso – a menção a esse sentimento seria utilizada no discurso de diversos políticos eleitos e de outros tantos aspirantes a cargos eletivos interessados no voto dos moralistas. E analisando a descrição da peça por parte de sua autora é possível identificar elementos que ajudam a entender a motivação da espectadora: “em VAGABUNDOS, questionamos os modelos padrões oferecidos como únicos, tendo em vista que há muitos modos

¹⁶¹ Ibidem, p. 85.

¹⁶² Ibidem, p. 56.

¹⁶³ Ibidem, p. 94.

¹⁶⁴ PIRES, Andreia Moreira. Op cit. p. 22.

¹⁶⁵ Ibidem, p. 44-45.

de viver, e trabalhamos numa contaminação incessante por exhibir a vida com seus rasgos e desobediências”¹⁶⁶.

Os corpos que dançavam em VAGABUNDOS são vistos por essa espectadora como afastados do que ela considerava como o padrão ideal para um trabalho artístico. Como pode ser percebido na Figura 2, as atrizes e os atores estão dispostos de maneira diferente do que seria um espetáculo de dança de moldes clássicos. E mesmo não possuindo nudez é perceptível um discurso, por parte da espectadora, de controle do corpo e de sua exposição; além de identificar algo de imoral em seu comportamento. As atrizes e os atores possuem vestuários desalinhados e não há preocupação aparente com essa “falta de compostura”, há corpos portando apenas roupas íntimas e que em suas mãos carregam alimentos. Eles dispõem de configurações do corpo, de comportamentos assemelhados com o que se presencia no dia a dia das grandes cidades, seja no âmbito público ou privado. Seria o contrário do esperado por um público acostumado à arte produzida a partir de preceitos clássicos de beleza. A disposição desses corpos confronta os padrões comportamentais esperados pela sociedade, incluindo corpos masculinos vestidos com roupas consideradas femininas.



FIGURA 2 – Atrizes e atores durante apresentação do espetáculo VAGABUNDOS na Bienal Internacional de Dança do Ceará, em Fortaleza, 2014¹⁶⁷.

¹⁶⁶ Ibidem, p. 30.

¹⁶⁷ Ibidem, p. 43.

Reações desse tipo tornam-se exemplos da incompreensão de certas premissas adotadas pelos produtores de arte contemporânea no país; parece haver um problema na interlocução entre a obra e o público não especializado. Acontece que nos trabalhos atuais, como já apontava Agnaldo Farias ao analisar a arte dos anos 1990, ocorre uma oposição “ao projeto de uma linguagem universal”¹⁶⁸. São apresentações artísticas que trabalham em diversas bases, seja na criação de uma crítica à própria conceituação da arte e seu campo de atuação até a criação de uma mescla de técnicas tradicionais¹⁶⁹. Essa introdução de novos formatos e ressignificações de padrões tem o potencial de criar um distanciamento do público, demandando um maior conhecimento da história da própria arte para possibilitar uma interpretação dos trabalhos.

Esses questionamentos surgem em torno da ideia de um certo derrotismo como se a arte do passado fosse um eldorado perdido, um paraíso impossível de ser reencontrado. Nessa linha de argumentação, a arte teria sido substituída por algo muito aquém do que antes se entendia por artístico. E para compreender qual foi a ruptura na arte contemporânea brasileira que causou essa sensação talvez seja na voz de Frederico Moraes que pode haver uma resposta¹⁷⁰. O crítico entende que artista não é mais uma nomenclatura para identificar um indivíduo “que realiza obras dadas à contemplação, mas o que propõe situações – que devem ser vividas, experimentadas”¹⁷¹. Obviamente não se trata de haverem sido banidas do mercado da arte as obras produzidas com técnicas tradicionais. É só realizar uma breve visita a um museu ou galeria de arte e será possível encontrar pinturas e esculturas naturalistas, além de outros objetos artísticos de idealização igualmente clássica. Contudo, o apontamento do autor refere-se a um novo modelo de visualidade da arte em que a ação e o corpo passaram a ser matéria para trabalhos de interação com o mundo em tempo real. Nesses casos, perde-se a durabilidade do trabalho, mas ganha-se em expansão, em vivência, em acontecimento¹⁷². Sejam os corpos vestidos de maneira maltrapilha em VAGABUNDOS ou o corpo-serpente em DNA de DAN,

¹⁶⁸ FARIAS, Agnaldo. **Arte brasileira hoje**. São Paulo: Publifolha, 2002. p. 18.

¹⁶⁹ Ibidem, pp. 18-19.

¹⁷⁰ MORAIS, Frederico. Contra a arte afluenta: o corpo é o motor da “obra”. In: BASBAUM, Ricardo (org). **Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001. p. 169.

¹⁷¹ Ibidem.

¹⁷² Ibidem.

as possibilidades de construção do ser, de manipulação da realidade parecem deslumbrar e amedrontar uma parcela do público.

Com a aproximação entre vida e arte surgem desafios ao espectador, pois não é suficiente observar um objeto incluído em uma exposição, por vezes é preciso confrontar uma ação. Como indica Michael Archer é necessário realizar um esforço de associação do que a obra sendo apresentada pode significar para a pessoa que a contempla¹⁷³. E essas novas possibilidades da arte podem causar certa angústia – não é mais possível ter certeza do que caracteriza uma obra como artística e essa incompreensão pode restringi-la ao entendimento de especialistas da área. As técnicas contemporâneas possibilitaram múltiplas significações em que se torna complicado identificar seu intuito, e, além disso, os materiais utilizados nessas obras são os mais diversificados. O que inclui o corpo bem como outros elementos humanos tal como a voz e os movimentos¹⁷⁴. E esses “materiais” são distintos daqueles empregados em obras de arte clássicas, como tinta a óleo, mármore, molduras, telas. O corpo não desfruta “do privilégio de ser imediatamente reconhecido como material da arte”¹⁷⁵. E é nesse ponto que certa incompreensão e conseqüente desinteresse pela arte contemporânea se manifesta em uma parcela do público. São pessoas que mostram apreço pelos movimentos clássicos de arte. Esses estilos parecem ressoar de maneira mais contundente na sensibilidade desse público, isso talvez porque os estilos de arte do passado foram difundidos ao longo do tempo e passaram a compor o cotidiano dos meios de comunicação de massa. Parte da recepção de DNA de DAN é um exemplo desse tipo de situação. O trabalho suscita opiniões conservadoras, desacreditando seu caráter artístico e caracterizando sua atuação como inadequada para um espaço público.

Em seu entendimento da arte contemporânea, Moraes aponta ainda para outra função do indivíduo artista, a de ser “uma espécie de guerrilheiro” que usa da arte como “emboscada”¹⁷⁶. Numa ação que demanda uma reação do público, entendido como sendo tanto aqueles espectadores da obra quanto os que foram alcançados pelo trabalho mesmo sem querer ou sem ter estado presente ao

¹⁷³ ARCHER, Michael. Op. cit. p. 95.

¹⁷⁴ Ibidem, p. IX.

¹⁷⁵ Ibidem, p. 19.

¹⁷⁶ MORAIS, Frederico. Op. cit. p. 171.

evento. Ação que gerou polarização de opiniões como ocorreu no caso de DNA de DAN, em que ambos os lados, de quem apoia o performer e de quem o condena, defendem seu ponto de vista a respeito do trabalho como correto. E, nesse caso, Maikon K tornou-se “vítima da emboscada tramada pelo espectador” já que os resultados de seu trabalho fogem ao seu controle¹⁷⁷. Abrindo espaço para que agentes conservadores se aproveitassem da situação para capitalizar poder tornando-se representantes desse público que se sentiu atingido por DNA de DAN. Tudo isso aliado a uma corporação policial cujas ações demonstram haver apreço pelo conservadorismo moral, resultando na tentativa de criminalização do trabalho.

De que maneira o público aceitou esses agentes políticos como seus porta-vozes e por que reagiram de forma tão moralista contra um trabalho artístico? Entre outras razões, acontece que a cada vez que a arte, por meio da produção de novos artistas, passa por um processo de renovação – quebra seus próprios limites – parece surgir uma reação no público assemelhada a um sentimento de perda de um certo conhecimento do fazer artístico. E essa sensação de amputação do saber já consolidado a respeito da arte não ocorre somente com o senso comum, mas atinge até mesmo as mentes mais especializadas na área¹⁷⁸. Culminando em um movimento contrário a qualquer mudança drástica naquilo que se entende por criação artística até então. Assim, não é de se espantar que frente a um trabalho de nu em espaço público aberto as pessoas tenham se sentido ultrajadas com algo que entenderam estar muito afastado do que “realmente” deveria ser a arte. E para um público que, acima de tudo, se acostumou, como diz Moraes, a um corpo nunca presente, em que a voz é transmitida pelo telefone, a imagem pelo vídeo, para esse público as relações são e devem continuar sendo cada vez mais abstratas¹⁷⁹. E na contramão desse movimento, trabalhos como DNA de DAN impõem “o corpo contra a máquina”, propondo ao público uma retomada de seu próprio corpo, questionando suas próprias relações com o mundo¹⁸⁰.

Alguns agentes de discurso conservador aproveitaram-se desse

¹⁷⁷ Ibidem.

¹⁷⁸ Ibidem, p. 174.

¹⁷⁹ Ibidem, p. 177.

¹⁸⁰ Ibidem, p. 178.

distanciamento – ou ruídos de interlocução – que ocorre entre uma parcela do público diante de obras de arte contemporânea. Esses agentes de poder tentaram assumir o papel de representantes do público, invocando para si a tarefa de limpar a sociedade desses trabalhos imorais. Para isso esses atores sociais contaram com uma ainda insipiente educação pública, voltada mais para o ensino tecnicista do que a formação crítica. Note-se como exemplo a recente determinação do governo estadual do Paraná de reduzir a carga horária de disciplinas voltadas ao senso artístico e crítico, substituindo-as por educação financeira¹⁸¹. Ao retirar o conteúdo da arte desincentiva-se nos alunos de escolas públicas o desenvolvimento de “criatividade e sensibilidade”, conforme apontam diversos educadores¹⁸². Qual seria o intuito de substituir aulas de arte por aulas de educação financeira? O que temem esses agentes de poder? Pode-se dizer que, no mínimo, temem perder tanto a espectadora indignada com a obra VAGABUNDOS quanto o público, que se viu diante de um dilema moral; receosos ao saberem de um performer homossexual que usou seu corpo nu em espaço público para expressar sua sensibilidade por meio da arte. Um público que, assustado, depositou sua confiança em políticos conservadores e defensores do fim de toda essa “imoralidade” que se apoderou da arte e consequentemente da sociedade.

1.4 EPISÓDIOS EXEMPLARES DE 2017: OUTROS CORPOS POLÍTICOS

Para agregar alguns exemplos que possibilitem entender melhor o cenário em que se inseriam os acontecimentos em torno da polêmica criada contra Maikon K, foram agrupados outros casos de perseguição ocorridos naquele mesmo ano de 2017. São trabalhos os quais possuíam as questões de gênero e/ou sexualidade tangenciando ou a sua construção ou o entendimento de seu conteúdo por parte do público. E outro ponto a se considerar na escolha desses exemplos foi a judicialização dos trabalhos a partir de campanhas de

¹⁸¹ FRAGÃO, Luisa. Ratinho Jr. reduz número de aulas de sociologia, filosofia e artes em escolas públicas. **Revista Fórum**, São Paulo, 23 dez. 2020. Brasil. Disponível em: <<http://bit.ly/3sc7Nxb>>. Acesso em: 5 jan. 2021.

¹⁸² MAROS, Angieli. Redução de Humanas no currículo escolar afeta liberdade crítica dos estudantes. **Jornal Plural**, Curitiba, 12 jan. 2021. Vizinhança. Disponível em: <<http://bit.ly/35EgDdf>>. Acesso em: 12 jan. 2021. Sem pág.

difamação originadas na internet por agentes de poder de discurso conservador. Para aumentar a aproximação com o episódio de K busquei selecionar artistas abertamente associados com a comunidade de pessoas LGBTQIA+. A partir desses critérios, selecionei três outros episódios de 2017 em que adeptos de um discurso conservador de extrema-direita no espectro político tentaram criar uma aura de crime em torno dessas produções.

Da mesma maneira como ocorreu no episódio da tentativa de estigmatização do trabalho DNA de DAN, a performance La Bête também enfrentou uma perseguição política. A aproximação entre essas obras contribuiu para pensar os corpos dissidentes usados como matéria de trabalhos artísticos contemporâneos. Em ambas as produções, durante apresentações em 2017, ocorreram tentativas de associação dos artistas com atos criminosos por conta do uso da nudez. Os parâmetros legais utilizados pelos detratores foram o da lei que tipifica o atentado ao pudor, no caso do trabalho DNA de DAN e o da pedofilia, no caso de La Bête. No primeiro, que culminou na condução do artista Maikon K à delegacia, a tentativa de associação com ato criminoso se deu pelo fato do curitibano apresentar-se nu em espaço público aberto¹⁸³. No segundo, que culminou com uma queixa crime contra Schwartz, a tentativa de criminalização se deu pela difusão na internet de imagens de uma criança tocando os pés do artista que se apresentava nu dentro das instalações do MAM-SP¹⁸⁴. Em ambas as situações foram utilizadas fotografias e filmagens fora de contexto e informações incompletas ou distorcidas a respeito das pretensões dos artistas.

Sobre uma superfície de cor amadeirada, Wagner Schwartz está em pé e sem roupas. O artista caminha até uma réplica de uma das esculturas móveis da série Bichos da artista Lygia Clark, produzidas originalmente nos anos 1960. Agacha-se próximo ao objeto e, após realizar algumas interações com a estrutura, deita-se de barriga para cima, transformando-se simbolicamente em uma escultura móvel, tal qual os objetos de Clark. Seu corpo, deitado e estático, representa um convite implícito para que o público interaja com o artista. Depois de algum tempo, os espectadores presentes no espaço caminham até Schwartz

¹⁸³ PRADO, Miguel Arcanjo. Op. cit.

¹⁸⁴ CASTRO, Rosana de. Op. cit. p. 2851.

e começam a manipulá-lo; alguns, inclusive, chegam a interagir com a pose criada por meio da manipulação desse corpo, como pode ser visto na Figura 3.



FIGURA 3 – Fotografia da apresentação da obra *La Bête* no Palais de Tokyo, Paris/França. Benoit Capronnier, 2017¹⁸⁵.

A polêmica envolvendo a performance de Schwartz se deu em setembro de 2017, durante uma apresentação no Museu de Arte Moderna (MAM), na capital paulista. Durante a apresentação algumas pessoas do público gravaram com câmera de celular o momento durante o qual uma criança, acompanhada de sua mãe, tocava os pés do artista¹⁸⁶. Esses vídeos foram difundidos por grupos políticos conservadores que colocaram as imagens fora de seu contexto original e, assim, motivaram uma onda de ataques contra Schwartz.

Com relação a essa tática de campanha difamatória, Márcia Tiburi (2019) afirma que se trata de manipulação de fatos apoiada em argumentos conservadores cuja finalidade é aumentar o capital midiático de certos grupos políticos de extrema-direita¹⁸⁷. Diversos dos integrantes de um desses grupos, o Movimento Brasil Livre, usaram desse capital midiático para se elegerem

¹⁸⁵ TIBURI, Márcia. Op. cit, sem pág.

¹⁸⁶ A maior parte dos registros dessa performance disponibilizados na internet, principalmente aqueles que se tornaram mais populares, foram produzidos por pessoas do público e não por jornalistas ou profissionais das instituições por onde passou o trabalho.

¹⁸⁷ Ibidem.

deputados em 2018¹⁸⁸. O foco das campanhas movidas por esses grupos centrava-se no âmbito da exposição do corpo masculino sem roupas. Utilizando informações distorcidas que, conforme elabora Tiburi, transformam a arte em algo perigoso aos olhos do público não especializado¹⁸⁹. É o perigo do corpo dissidente das normas sociais.

Outro exemplo desse tipo de perseguição naquele ano ocorreu quando a justiça foi acionada para conter as apresentações da peça *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu* em diversas cidades do país. A obra é de autoria da escocesa Jo Clifford – uma mulher trans – e recebeu adaptação ao português pela diretora brasileira Natalia Mallo¹⁹⁰. Na peça, que representa o mito cristão do segundo retorno do messias daquela religião, Jesus é representado por Renata Carvalho. A atriz, que, assim como a autora do texto original, é uma mulher trans, teve sua escolha para o papel entendida como uma tentativa de ridicularizar a religião cristã e seus símbolos¹⁹¹. Ou seja, até para o corpo de uma figura sacra são estabelecidos padrões de gênero. E mesmo a simples menção de que uma pessoa trans poderia assumir essa personificação pode ser entendido pelos moralistas como uma afronta. Isso porque, como aponta Elton Siqueira, muito da crítica ao trabalho se deu por pessoas que não o presenciaram: “saliente-se que a maioria das pessoas que criticam a peça jamais assistiu a ela”¹⁹². Tal fato parece ser recorrente nos anos 2010, dada a facilidade da difusão de imagens fotográficas e vídeos por meio de *smartphones*. Assim, muitos dos trabalhos de arte produzidos nesse período foram mais acessados por meio de seus registros do que por um público que tenha presenciado os espetáculos ou exposições.

Renata Carvalho está de frente a uma mesa sobre a qual estão dispostas velas, flores, um copo de borda dourada, uma jarra de metal, e um guaraná da

¹⁸⁸ Para Gohn (2017, p. 46-47), a atuação dos integrantes do MBL “situa-se no campo contraditório de ideias que misturam o liberal e o neoconservadorismo” colocando-se “contra vários direitos sociais e culturais modernos”. E essa atuação de difusão dos seus ideais se enquadra naquilo que Castells (2017, p. 247) entende como um tipo de “política da mídia”, pois a própria existência do grupo naquele momento não poderia ser separada de sua presença midiática, principalmente na internet.

¹⁸⁹ TIBURI, Márcia. Op. cit. sem pág.

¹⁹⁰ SIQUEIRA, Elton Bruno Soares. O evangelho segundo Jesus, rainha do céu: uma recepção ruidosa. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO, 4., 2019, Recife. **Anais...** Campina Grande/PE: Realize editora, 2019. p. 1.

¹⁹¹ Ibidem, p. 1-2.

¹⁹² Ibidem.

marca “Jesus”. O fato de uma indústria ter transformado um nome importante do cristianismo em objeto consumível e descartável parece ser menos escandaloso que uma pessoa trans representar esse mesmo ícone. Uma atriz que com sua interpretação humaniza a figura mitológica em questão. Na Figura 4, Renata Carvalho reparte um pão, cena que faz referência direta a uma das passagens bíblicas a respeito dos milagres performados por Jesus. Em João capítulo 6, versículo 11, o messias do cristianismo alimenta seus discípulos e algumas milhares de pessoas com um pão, que é repartido e multiplicado¹⁹³. E nessa imagem percebe-se como o detalhamento da cena é reproduzido de forma respeitosa. Não se identificam tentativas de diminuir a importância do mito representado ou de vilipendiar seus símbolos.



FIGURA 4 – Renata Carvalho em cena da peça O evangelho segundo Jesus, rainha do céu¹⁹⁴.

O fato de que o trabalho não buscava tripudiar a sacralidade das ações representadas é perceptível também ao se analisar alguns dos comentários

¹⁹³ A referência de capítulo e versículo baseia-se na edição King James Atualizada cuja versão em português é publicada pela editora Abba Press.

¹⁹⁴ UFSC. Espetáculo ‘O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu’ emociona e inspira o público. **Notícias da UFSC**, 01 nov. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3q5TkRr>>. Acesso em: 02 jan. 2020. Sem pág.

presentes na notícia publicada no site da Universidade Federal de Santa Catarina. Os comentadores afirmam ter testemunhado diversas expressões de emoção por parte do público presente durante o espetáculo¹⁹⁵. E é nessa mesma publicação que se encontra uma pista para se entender o que motivou a perseguição judicial contra o trabalho. Relata-se que a atriz, ao fim da apresentação, chama ao palco todas as pessoas trans presentes na plateia. Naquele momento, ela agradece verbalmente a vinda desse público e conclui sua fala com uma constatação referente ao corpo trans: “estar viva é um ato político”¹⁹⁶. Ou seja, mesmo quando um corpo trans está em performance ou atuação artística e tratando seja de temas formais da arte ou que não se pretendam engajados, ainda assim esse corpo e sua atuação são vistos como políticos.

Por fim, a exposição Queermuseu, com curadoria de Gaudêncio Fidelis, foi cancelada após um mês em cartaz no Santander Cultural, em Porto Alegre, em razão de campanhas que associavam os trabalhos com pedofilia e outros crimes¹⁹⁷. Porém, a mostra recebeu críticas também oriundas de grupos e artistas LGBTQIA+. Com relação a esses questionamentos, a exposição foi criticada por sua abordagem, considerada superficial, do conceito político estabelecido em torno do termo “*queer*”. A respeito dessa apropriação do tema por parte dos organizadores da exposição, Tiago Sant’Ana relata que “[...] Queermuseu parece nem mesmo se referir a ‘*queer*’ [pois a] apropriação do termo [...] não é acompanhada de uma reflexão crítica e histórica sobre o que ele significava articuladamente”¹⁹⁸. A história do movimento que esse termo abarca tem relação com a estigmatização sofrida por pessoas transexuais e/ou homossexuais que conviviam com o HIV ou desenvolviam a AIDS entre os anos 1980 e 1990, que muitos denominavam de “câncer gay”. Após conquistar alguns direitos civis, o movimento homossexual e lésbico da época foi visto pelo mercado “como um potente público consumidor”; visão comercial assemelhada à captura da

¹⁹⁵ Ibidem, sem pág.

¹⁹⁶ Ibidem, sem pág.

¹⁹⁷ MENDONÇA, Heloísa. Queermuseu: O dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo. **El País Brasil**, São Paulo, 13 set. 2017. Cultura. Disponível em: <<http://bit.ly/35uUSfR>>. Acesso em: 15 nov. 2020. Sem pág.

¹⁹⁸ SANT’ANA, Tiago. “Queermuseu”: A apropriação que acabou em censura. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 18 set. 2017. Diversidade. Disponível: <<https://bit.ly/3lryVAG>>. Acesso em: 16 out. 2021. Sem pág.

bandeira do arco-íris, entre outros símbolos/causas do movimento LGBTQIA+, em favor de campanhas publicitárias empresariais dos dias de hoje. Levando essas pessoas a se submeterem a regras de sociabilidade em troca de “migalhas de uma suposta cidadania”, o que demandava submissão a um modelo heterocis-normativo¹⁹⁹. E, como forma de oposição a esse reformismo do discurso conservador, as pessoas da comunidade que não se adequavam a essa atitude “integracionista” manifestaram sua indignação, revelando as armadilhas desse modelo. Eram indivíduos que viviam sua sexualidade ou seu gênero sem sentir a necessidade de estabelecer definições rígidas para o seu comportamento. Por meio de “ativismos *queer*” apostavam que seria “preciso entender as diferentes subjetividades para construir políticas que [pudessem] atender suas necessidades”. Isso porque o modelo integracionista expunha “uma supremacia da identidade gay branca frente a outras diferentes marcas de gênero e sexualidade”²⁰⁰.

A ação do *queer* nas artes trouxe produções com elementos que suscitavam “o nojo, o grotesco, o incomum como uma maneira de torcer a sacralização e os sistemas representacionais da arte”. Dessa maneira, a primeira crítica de Queermuseu vem de sua associação “com um banco privado interessado exclusivamente em lucro”²⁰¹. Isso porque desde sua raiz o movimento *queer* problematiza a relação comercial que se interpõe entre as vivências dissidentes de gênero e sexualidade e a criação de meios que possibilitem a existência desses corpos sem controlá-los. E na contramão disso, uma instituição bancária precisa que seu público tenha características delimitáveis para que possam se enquadrar em seus planos de ação, seja de marketing ou de *design* dos seus produtos. O que de certa maneira explica a falta de apoio da instituição financeira quando da reação desfavorável do público em relação a alguns dos quadros e esculturas expostas.

Outro ponto criticado foi o da ausência de representatividade LGBTQIA+. Como explica Sant’Ana a respeito das pessoas convidadas a expor: “a maioria

¹⁹⁹ Ibidem, sem pág.

²⁰⁰ Ibidem, sem pág.

²⁰¹ Ibidem, sem pág.

das pessoas artistas sequer são LGBT ou, se são, muitas estão emaranhadas nos próprios sistemas da arte e do capital”²⁰².

O problema foi agravado pela repercussão na mídia. Os canais de comunicação noticiavam a polêmica pelo caminho da crítica à censura a artistas consagrados na história da arte, e sem relação com a temática *queer*, que estavam representados em Queermuseu, como Portinari e Volpi. A questão em torno das motivações LGBTQIA+fóbicas do discurso que condenou a exposição, na maioria das vezes, ou ficou em segundo plano ou foi ignorada. Por fim, segundo Sant’Ana, faltou a Queermuseu “‘estranhar o museu’ [ao invés de] ‘musealizar’ em um cubo branco e sem tensões as asperezas insurgentes *queer*”. E essa domesticação do tema fez com que houvessem protestos na abertura da exposição. Manifestantes espalharam panfletos com dizeres como: “LGBT? *Queer*? Para quem? Vernissage para o sistema de arte enquanto 500 mulheres são agredidas por hora no Brasil [...]”²⁰³.

A manifestação contrária à superficialidade dessa abordagem, protagonizada pelo coletivo Rasgo, foi também mote de análise de Ricardo Ayres. Para o autor a intervenção serviu como “materialização de uma série de reflexões a respeito da distância que a exposição tinha em relação aos indivíduos e grupos que ela dizia representar”²⁰⁴. Ressalvando que o caráter crítico à exposição não corroborou as campanhas conservadoras cuja atuação influenciou em seu encerramento antecipado. Queermuseu precisava manter-se aberta durante o período previsto exatamente para que o debate em torno das possibilidades de se abordar o *queer* pudesse ser aberto. O acesso do público tanto às obras quanto à crítica a sua abordagem poderia facilitar o entendimento, expondo as lacunas em relação a questões como epidemia de HIV e estigmatização da comunidade LGBTQIA+. “Para entender a fragilidade [da mostra]”, pontua Ayres, seria preciso compreender a complexidade do tema e do seu contexto, pois “a recusa [do movimento *queer*] pela assimilação correspondeu à demarcação da diferença, do habitar a borda em relação ao

²⁰² Ibidem, sem pág.

²⁰³ Ibidem, sem pág.

²⁰⁴ AYRES, Ricardo. A intervenção performática do coletivo Rasgo na abertura da exposição Queermuseu: uma ação contra a abordagem frágil da diferença. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL CONTRA O CÂNONE: ARTE, FEMINISMO(S) E ATIVISMOS SÉCULOS XVIII A XXI, 12, 2019, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul – Bienal 12, 2019, p. 298.

centro das discursividades hegemônicas”²⁰⁵. Essa abordagem paradoxal do tema por parte da curadoria da exposição, complementa o autor, destaca-se inclusive com “os textos do catálogo, a maioria assinados pelo curador” que apresentam “uma visão rasa e frágil [...]” com relação aos aspectos mais disruptivos do *queer*.

Seguindo à polêmica moralista em torno da exposição, foram os trabalhos que mais se aproximavam de aspectos da temática proposta que causaram revolta. Queermuseu abarcava trabalhos de 85 artistas, e havia algumas obras que tratavam da “temática LGBT, questões de gênero e de diversidade sexual” como era o caso de *Travesti de lambada e deusa das águas*, da artista cearense Bia Leite, produzida em 2013²⁰⁶. Novamente, o grupo MBL teve participação ativa na campanha difamatória com argumentações baseadas em ideais de uma moralidade conservadora²⁰⁷.

A obra exposta de Bia Leite (Figura 5), que faz parte da série *Criança Viada*, representa dois corpos infantis os quais possuem representação ambígua de sua identidade de gênero. A criança do lado direito está com penteado que pode ser considerado masculino, mas com pose de mãos na cintura que pode ser visto como feminino. Já no corpo do lado esquerdo da imagem percebe-se um rosto quase gêmeo ao do outro, inclusive com corte de cabelo curto, porém ornado com uma chuquinha e usando algo que se assemelha a um vestido. A mistura de caracteres de ambos os gêneros faz parte do que a artista entende como um comportamento “não heteronormativo”, e essa representação levou parte do público a enxergar “apologia à pedofilia” no trabalho²⁰⁸. Em entrevista ao portal UOL, Leite considera que o elemento de maior distúrbio para os detratores da obra foi a constatação de que pessoas LGBTQIA+ “possuem infância”²⁰⁹. A artista reflete ainda que seu trabalho, ao contrário da ideia de difundir a prática de abuso a vulneráveis, objetiva propagar o respeito a essas vivências infantis que não se enquadram na heteronormatividade²¹⁰.

²⁰⁵ Ibidem.

²⁰⁶ MENDONÇA, Heloísa. Op. cit. sem pág.

²⁰⁷ HONORATO, Cayo; KUNSCH, Graziela. Antes que isso também seja proibido. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 11, n. 1, jan.-jun. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3p2pLjl>>. Acesso em: 10 jan. 2021. p. 11.

²⁰⁸ DIAS, Tiago. “Nós, LGBT, já fomos crianças e isso incomoda”, diz artista acusada de incitar pedofilia”. **Universo Online (UOL)**, São Paulo, 12 set. 2017. Entretenimento. Disponível em: <<https://bit.ly/2LaCYbv>>. Acesso em: 15 nov. 2020. Sem pág.

²⁰⁹ Ibidem, sem pág.

²¹⁰ Ibidem, sem pág.



FIGURA 5 – Fotografia da Obra Travesti de lambada e deusa das águas²¹¹.

E, assim como ocorreu com outros trabalhos cuja construção tangenciou questões de gênero e sexualidade naquele ano de 2017, houve a difusão de informações distorcidas a respeito de algumas obras presentes na exposição. Fato que se deu por meio da fomentação de uma polêmica, como indicam Marilena Inácio de Souza e Roberto Leiser Baronas:

Foi por meio das mídias que os discursos favoráveis e contrários à exposição foram levados ao conhecimento da população brasileira. Foi nesse espaço também que o debate se tornou mais acirrado e as diversas opiniões se deram a ler e a ouvir. No plano dos discursos, que circulam no espaço público, encontra-se uma disseminação incessante da fala polêmica²¹².

Os autores reforçam que o discurso a respeito “do gênero e da diversidade sexual”, visto como do âmbito privado em tempos passados e trazido ao espaço público por movimentos sociais, ganha potência na fomentação da polêmica²¹³. Assim como ocorreu com Jesus, rainha do céu, a exposição foi acusada de

²¹¹ Ibidem.

²¹² SOUZA, Marilena Inácio de; BARONAS, Roberto Leiser. Queermuseu – Cartografias da diferença na arte brasileira: breve discussão sobre polêmica e gestão da memória discursiva. **Discurso & Sociedad**, Santiago/Chile, v. 12, n. 3, p. 508-520, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/39orikI>>. Acesso em: 5 jan. 2021. p. 510.

²¹³ Ibidem, p. 511.

promover crime de intolerância religiosa por conter obras em que símbolos religiosos estariam sendo deturpados. Dessa forma pode-se entender que trabalhar com a construção de identidades do corpo, seja no âmbito do gênero ou da sexualidade, em consonância com símbolos religiosos é visto como heresia por uma parcela da sociedade. Ou seja, a visualidade e o comportamento do corpo são julgados a partir de padrões estabelecidos por uma moral religiosa e determinante de preceitos a respeito do que constituem as suas possibilidades de expressão de gênero. Os autores apontam que houve também manifestação por parte daqueles favoráveis à mostra os quais entendiam o seu fechamento antecipado como um ato de censura por parte da instituição financiadora da exposição²¹⁴. Isso demonstra que, mesmo que abordados de forma superficial, alguns dos temas de sexualidade/gênero tratados em Queermuseu foram capazes de suscitar uma reação temerosa da parte dos moralistas e de apoio daqueles que, mesmo críticos, entendiam o direito de sua permanência.

1.5 PERSEGUIÇÃO DA ARTE PRODUZIDA POR ARTISTAS LGBTQIA+

Como explicado anteriormente, para cada gênero criaram-se padrões de comportamento específicos. Desde o movimento do corpo, a forma de andar e até o tom da voz, passando por um conjunto de regras tácitas que indicam o que seria certo ou errado na relação desses corpos com o papel que exercem na sociedade. Para Judith Butler a vivência dos indivíduos depende do quanto seriam capazes de se adaptar às regras de gênero impostas pela sociedade²¹⁵. Como se estivessem em constante avaliação, as pessoas precisam provar que se enquadram nesses padrões para serem aceitas em diversos círculos sociais. E isso se mostra mais relevante nas comunidades com maior influência religiosa. Alguns exemplos são os trabalhos relatados no subcapítulo 1.2 em que as interpretações de livros sagrados para o cristianismo, por parte de pessoas não normatizadas, foram vistas como heresia. Conforme indica Butler, nesses casos

²¹⁴ Ibidem, p. 512.

²¹⁵ BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2018. p. 59.

ocorre uma desumanização desses corpos, a tal ponto que uma das respostas para correção de tais comportamentos é a violência²¹⁶. E sendo a polícia uma das principais instituições de controle, os detratores tentam enquadrar essas condutas como crimes, o que os permitiria acionar os agentes de segurança pública. Aqui se encaixa uma parte do entendimento da criminalização de corpos como o de Maikon K durante sua apresentação em DNA de DAN.

A construção discursiva da sociedade entende as características comportamentais como sendo de cunho essencialista para os gêneros, dividindo-os binariamente entre masculino e feminino. Algo parecido com o que é feito a respeito de etnias e outros traços físicos e culturais. A sociedade coloca qualquer corpo que não se encaixe minimamente nesses padrões segregacionistas como sendo inferior ou desprezível²¹⁷. Dessa forma, a argumentação de que essas condutas estão fora dos padrões morais e consequentemente estejam também fora das leis torna-se mais viável.

Contudo, faz-se importante distinguir outras duas noções, além da criminalização, presentes em todo esse processo de desumanização dos corpos dissidentes: estigmatização e judicialização. Essas duas conceituações podem facilmente se confundir quando problematizadas em meio à perseguição sofrida por Maikon K e outros artistas brasileiros atualmente. Pode-se começar essa análise por um estudo recente de Conrado H. Mendes, tendo por base o caso da realidade brasileira dos últimos anos. O autor discute as demandas democráticas a respeito da capacidade de controle por parte da população sobre seu governo. Essa estruturação política e institucional permitiria “assegurar o autogoverno e a proteção das liberdades”²¹⁸.

A estratégia de Bolsonaro e de outros agentes seria de desestabilizar a opinião pública a seu favor por meio de narrativas de ataque contra seus opositores, aqui incluídos diversos grupos de militância social. A democracia também é desacreditada por esses agentes, vista como permissiva a ideologias que poderiam destruir a sociedade tradicional. Assim, conforme indica Mendes, usando de certos receios da população e colocando seus opositores como

²¹⁶ Ibidem, p. 45.

²¹⁷ Ibidem, p. 14.

²¹⁸ MENDES, Conrado Hübner. A política do pânico e circo. In: ABRANCHES, Sérgio et. al. **Democracia em risco?** 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 231.

responsáveis por tais mazelas, esses agentes fazem crescer em seus seguidores “medo e raiva contra esse inimigo”²¹⁹. E o autor descreve como a fala de um presidente ou um candidato a cargo eletivo ou mesmo um representante da justiça pode influenciar o pensamento da população. Isso porque as pessoas confiam no conhecimento intelectual dessas figuras, até para que não haja a necessidade constante de se reafirmar noções básicas de cidadania e convivência em sociedade:

Nenhuma frase pesa tanto quanto aquelas pronunciadas por chefes do Poder Executivo ou candidatos. Como autoridade mais alta de toda uma máquina pública, a demonstração de compromisso com o respeito à lei influencia o comportamento de seus subordinados e de toda a sociedade. Sinais emitidos por um presidente, governador ou prefeito, portanto, não são inofensivos. Sociólogos do direito demonstram a óbvia correlação entre os “sinais e as leis”. A liderança da cúpula estatal e das instituições de justiça faz muita diferença para que a lei seja levada a sério.²²⁰

Dentre as falas de agentes políticos promulgadas nos últimos anos estavam, “por ocasião de exposições de arte, a denúncia de ‘sensualização precoce de crianças’ e o ‘crime hediondo da pedofilia’”²²¹. Essa tática criou a ilusão de uma justiça a ser colocada nas mãos daqueles que se sentiam acuados pelos avanços sociais, ou culturais, ocorridos nas últimas décadas no campo dos costumes. Assim, por exemplo, estudantes se tornaram “vigias” prontos para se defender de professores que abordassem temas espinhosos em sala de aula, pais assumindo o papel de “juízes” e a “esfera pública” tornando-se um “tribunal popular”²²². O mesmo pode ser dito do campo da arte, em que alguns espectadores se colocaram na posição de vigilantes da moral, em que os pais, mesmo quando não tiveram os filhos “expostos” aos trabalhos, sentiam que poderiam sancionar as obras e seus criadores a partir de seus princípios pessoais. As opiniões, nesse cenário, estão alçadas ao patamar de leis. Por fim, os agentes políticos ou mesmo aqueles com pretensões de angariar votos para as eleições seguintes, assumiram o papel de executores dessas leis tácitas. Ao criar um inimigo para ser alvo da insatisfação popular com os rumos da política

²¹⁹ Ibidem, p. 232.

²²⁰ Ibidem, p. 233.

²²¹ Ibidem, p. 232.

²²² Ibidem.

no país esses atores clamavam para si a tarefa de executar ações simples e que prometiam ser extremamente eficientes contra toda a ebulição social existente. Essas táticas de criar paranoia e apresentar soluções fáceis para problemas complexos “prestam notável serviço eleitoral a políticos que exploram o pânico, e seguem com grande capacidade de reprodução”²²³.

Esse viés de judicialização precisa de um passo a mais, segundo Mendes, em direção a uma servilidade do próprio aparato de justiça institucional que corrobore ações mais enérgicas e autoritárias por parte do executivo federal:

Regimes autoritários não abrem mão da servilidade judicial. Seja pela cooptação de uma magistratura venal, seja pela exclusão de dissidentes e supressão da independência, um Poder Judiciário domesticado presta serviços indispensáveis ao autoritarismo. Juízes dóceis ajudam a coordenar ações e emprestam uma estampa de legalidade à violência. São parceiros no projeto de ataque às liberdades²²⁴.

Assim, o projeto bolsonarista somente poderá manter sua narrativa – de que existem inimigos da população os quais devem ser destruídos em nome de uma salvação econômica e moral – se conseguir aparelhar o judiciário. Não por acaso acumulam-se os ataques, desde sua vitória nas eleições de 2018, contra a atual formação do STF. Isso porque sem o apoio do judiciário o autoritarismo do presidente não conseguiria se manter frente às interpretações da lei que o contradizem e jogam por terra a maioria das tentativas de judicializar seus opositores. A população e instituições como a polícia militar precisariam desse apoio para manter o clima de perseguição contra artistas, professores e jornalistas.

Já do ponto de vista da estigmatização, ao aplicar rótulos como pedófilo e aliciador de crianças, seja para fins sexuais expressos ou de “conversão” para a homossexualidade cria-se uma identificação unilateral. A pessoa, e no caso do estudo apresentado nesta dissertação, o artista, perde todas as características profissionais e humanas que possui para ser reduzido a esse estigma. Assim, esse processo atua no sentido de impedir que ocorra uma “desidentificação” entre o corpo de pessoas LGBTQIA+ e sua identificação no imaginário popular que o atrela à perversão sexual. O conceito de “desidentificador” foi extraído da

²²³ Ibidem, p. 236.

²²⁴ Ibidem, p. 238.

teoria de Erving Goffman que entende ocorrer nesse processo uma ruptura entre o estigma e o comportamento social²²⁵. Impedir a possibilidade desses sujeitos de atuarem no campo da arte com liberdade e de igual para igual com outros atores sociais seria uma forma de preservar o estigma que os envolve. Retirada a aura de promiscuidade e degradação moral em tudo que envolve a atuação de pessoas LGBTQIA+ poderia se tornar impraticável sua criminalização e judicialização.

O discurso conservador, dessa maneira, precisa reforçar o estigma, pois só assim conseguiria manter o sujeito “inabilitado para a aceitação social”²²⁶. Uma vez tornado pária o indivíduo ou uma classe de indivíduos torna-se alvo de campanhas de difamação que o colocam numa posição inferiorizada. Causando, assim, “uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real”²²⁷. A pessoa se torna a alteridade indesejada, sua representação não deve ser almejada, sua própria existência se torna um perigo para as novas gerações. Não à toa essa tática foi muito utilizada tanto para negar ao corpo LGBTQIA+ sua dignidade quanto até mesmo para permitir a apresentação de novas masculinidades possíveis.

Isso porque, na divisão social de comportamentos dos gêneros inventada ao longo dos últimos séculos não há espaço para abranger todas as vivências possíveis. No caso masculino, as principais exigências atreladas aos indivíduos desse gênero que assim o são designados logo após seu nascimento são macheza e virilidade. Por isso, um corpo masculino que apresente caracteres comportamentais entendidos como femininos, ou não desejáveis ao que se entende por masculino, torna-se motivo de escândalo. Nossa sociedade ainda tem por base a ideia de que os comportamentos possuem identidade atrelada ao gênero indicado no nascimento. Contudo, a resistência a esse discurso abriu espaço para uma crítica desse modelo surgida a partir dos estudos de gênero e de sexualidade. Apresentando como alternativa a perspectiva de que os gêneros são geridos a partir de uma construção social e cultural. Ideia que contrapõe qualquer conceituação de um gênero adquirido no

²²⁵ GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar. 1978. p. 40.

²²⁶ Ibidem, p. 4.

²²⁷ Ibidem, p. 6.

nascimento, sendo esse o ponto central de alguns dos estudos de Judith Butler²²⁸. A autora reforça que essa noção de gênero pensado exclusivamente a partir de seus caracteres biológicos “é produzida precisamente pelas práticas reguladoras que geram identidades coerentes por via de uma matriz de normas de gênero coerentes”²²⁹. Essa construção social atingiria em cheio o conceito de desejo que passa a produzir “oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e ‘fêmea’”²³⁰. E para conseguir reverter esses padrões estabelecidos, e dar mais liberdade ao indivíduo para desenvolver uma identidade corporal, tanto a cultura quanto a arte podem exercer um papel importante. Um exemplo dessa atuação seria o caso de pluralizar os padrões atribuídos ao comportamento masculino, cuja exposição, quando sensual, apresenta corpos preparados para demonstrações de força e dominação. Portanto, promover uma apresentação cultural do nu masculino de forma sensualizada e/ou mais sensível, com menos demonstração de hipertrofia muscular, pode atuar como vetor de problematização desses padrões de gênero. Isso porque as práticas da masculinidade como prova de força e dominação surgem como resultado do que é apreendido por esses indivíduos a partir do seu entorno social²³¹.

A mudança desse comportamento padrão poderia ser canalizada pela sensibilidade dos artistas da contemporaneidade que, como indica Giorgio Agamben, apoiando-se em Nietzsche, seriam pessoas capazes “de perceber e apreender o seu tempo”²³². E seria essa capacidade de alguns artistas que os colocaria em posição de analisar e expor uma sociedade que mesmo sem se dar conta está abandonando as velhas regras de determinação dos gêneros. Supõe-se que essa capacidade de captar as transformações de seu tempo ocorra a partir de uma certa habilidade desses artistas em manter distanciamento da realidade em que estão inseridos. Atitude que permite vislumbrar algo inerente

²²⁸ BUTLER, Judith. Op. cit. 2003.

²²⁹ Ibidem, p. 38.

²³⁰ Ibidem, p. 38.

²³¹ MARTÍN, Sara. Los estúdios de la masculinidade: una nueva mirada al hombre a partir del feminismo. In: TORRAS, Meri. **Cuerpo e Identidad**, Barcelona/ES: Edicions UAB, 2007.

²³² AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: _____. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009. p. 59.

ao tecido social que aqueles adaptados a seu tempo não conseguem perceber²³³. Pois não se trata de enxergar o que está visível e sim aquilo que está escondido, que Agamben entende como o que está escuro na percepção de quem vive o seu tempo. A partir de um conceito da neurofisiologia, esse autor indica que o escuro não é a “simples ausência da luz”, mas que se trata de uma neutralização das luzes da época com o intuito de “descobrir as suas trevas”²³⁴. Assim, os trabalhos de artistas contemporâneos colocariam em evidência aquilo que os adaptados à realidade vigente não querem enxergar ou aceitar/mudar. No caso da performance, o que ocorre quando um artista apresenta um corpo dissidente dessas regras sociais é a confrontação de aspectos dessas regras que se mostram inadequados para identificar aquele sujeito. Por isso trabalhos como DNA de DAN podem ser vistos como uma resposta ao seu tempo, ou como um alerta.

Em geral, a maneira como o corpo tem sido trabalhado na arte, principalmente na performance, pode ser vista como uma possibilidade para que vivências dissidentes possam se expressar. Isso ocorre porque, segundo Gregory Battcock, “na arte corporal e de performance a figura do artista é ferramenta para a arte. É a própria arte”²³⁵. E para Battcock, esse caminho que levou os artistas a utilizarem o corpo como arte partiu da retomada de ritos ancestrais, que antecederiam a própria consciência do homem com relação à arte. Trata-se da consciência de si mesmo, sendo essa “autoconsciência”, para o autor, um “pecado original”²³⁶. E para complementar o sentido do que compõe o cerne da arte de performance, Renato Cohen descreve que essa técnica artística depende também da ação. Para Cohen, “a performance é antes de tudo uma expressão cênica”, ou seja, não basta apenas a exibição é preciso haver uma ação do *performer*²³⁷. Essa ideia é corroborada por Roselee Goldberg que, por meio de um panorama histórico de trabalhos de arte de performance, sintetiza as principais características dessa linguagem criativa. A autora entende a performance como um espaço que possibilita aos artistas provocarem, por

²³³ Ibidem

²³⁴ Ibidem, p.63

²³⁵ BATTCKOCK, Gregory. A arte corporal. In: GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. Trad. Renato Cohen. São Paulo: Perspectiva, 2007, p.145.

²³⁶ Ibidem, p. 143.

²³⁷ COHEN, Renato. Op. cit. p. 28

meio da ação e de uma junção de corpo e mente, uma série de instabilidades possíveis²³⁸. Essa ideia de ação em conjunto com o uso do corpo como matéria da arte pode auxiliar no entendimento do espanto de uma parcela do público que se sentiu incomodado frente às performances de Maikon K e Wagner Schwartz. Esses corpos nus, e que performam o desenlace de certas amarras comportamentais, podem ter levado o público a refletir a respeito de seu próprio corpo. Fazendo-os perceber a maneira como estão subjugados a diversas regras sociais.

A reação de uma parcela do público mostrou que haviam pessoas provavelmente temerosas por estarem diante daquele corpo masculino nu e desinibido em pleno espaço público. Transformada em caso de polícia, a obra de Maikon K foi utilizada por alguns agentes políticos de discurso conservador como forma de se venderem ao público como defensores da moral e dos bons costumes.

Um exemplo é o que aconteceu no caso da prisão do artista em Londrina. Naquela cidade o performer chegou a ser abordado pela polícia e a posterior condução do caso foi acompanhada de perto por políticos locais. Contudo, a audiência não permitiu que durante a abordagem o artista fosse levado preso e o protegeu até que os policiais se retirassem do local. No lugar do performer, os policiais foram acompanhados até a delegacia pelos coordenadores do Festival de Dança de Londrina²³⁹. O caso rendeu diversas notícias em portais de mídia da região, além de outras formas jurídicas de repercussão. Um político local tentou levar os responsáveis pela obra e pela curadoria do Festival para a CPI dos maus-tratos. Os investigadores da referida CPI já haviam realizado arguição com diversos artistas e responsáveis por espetáculos de arte antes. Isso porque durante diversas ocasiões em 2017 foram levantadas suspeitas a respeito da idoneidade de algumas obras ou exposições. A justificativa para as investigações seriam ou a nudez ou a forma de abordagem de questões de feminismo, identidade de gênero ou orientações sexuais não normativas. Entre esses casos, estão três dos trabalhos já citados nesta pesquisa cujos

²³⁸ GOLDBERG. RoseLee. **A arte da performance**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

²³⁹ JORNAL TAROBÁ Segunda Edição – Londrina. Op. cit.

responsáveis foram questionados em interrogatórios guiados pelos senadores responsáveis por conduzir o processo parlamentar²⁴⁰.

A reação desse público pode ser correlacionada com o que Danto (2014) nos apresenta da capacidade da arte de perturbar o ambiente em que está inserida. Pois ao colocar o corpo nu em espaço público aberto, Maikon K apagou “uma fronteira entre imitação e realidade”, causando uma perturbação no ambiente²⁴¹. Essa perturbação é o que os agentes políticos londrinenses usaram como pretexto para desenvolver, entre outras coisas, uma tese de obsceno subjetivo. O intuito aparente dessa tática seria o de tentar remover o aspecto artístico do trabalho e estigmatizá-lo como um ato criminoso. Ainda que tenha havido a campanha posterior ao trabalho para marcá-lo como subversivo, os méritos de levantar o debate cabem à obra e seu criador. A polêmica começou por parte do público e só foi exponenciada pelos agentes políticos a posteriori, quando estes perceberam seu potencial. Assim, a apresentação de Maikon K levou para o espaço público o corpo do artista despido de roupas, mas revestido por um caráter estético que, aos olhos de uma parte do público, tornava-se invisível frente ao estigma de criminoso ou perverso. O corpo do artista, em nu frontal, passou a ser percebido como elemento de perturbação do espaço público. Aquele corpo nu foi associado com atos obscenos e com outros crimes, principalmente com a pedofilia. O trabalho parece ter conseguido confundir real e estético, tornando ambígua nossa relação com o corpo e o espaço público. Ao atrair para si uma perseguição política, a obra demonstra a potência da presença do corpo na arte e sua capacidade de chacoalhar as estruturas do público. Sejam essas estruturas psíquicas ou biológicas, o público se viu questionando a relação corpo e espaço, performado fora dos padrões rígidos da sociedade, como algo perturbador.

A afronta às normas deu-se, entre outras coisas, na visualidade desse corpo percebido como não belo por sua forma esguia e fraca, características contrárias ao que se espera de um corpo masculino. O artista contorcia-se nu em um espaço público. Suas ações fizeram com que outros corpos se sentissem

²⁴⁰ HONORATO, Cayo; KUNSCH, Graziela. Op. cit. p. 10.

²⁴¹ DANTO, Arthur. Arte e perturbação [1985]. In: _____. **O descredenciamento filosófico da arte**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, pp. 155-170.

invadidos por um corpo que distorce a percepção do normal, do correto, do que se deve tentar ser. Maikon K apresentou uma serpente venenosa, portadora de um veneno disturbacional. Sua atuação oferecia antídoto para aqueles acostumados com padrões de normalidade – cuja existência serve para garantir privilégios a certos grupos em detrimento de outros. E a opinião pública foi incentivada por agentes estatais a rechaçar a existência desses corpos com vivências dissidentes.

Diversos desses políticos e também muitos empresários têm colocado seus interesses particulares acima de qualquer moralidade e bem-estar comum e isso tem trazido consequências para o exercício da arte. Dessa arte que prova sua potência ao fazer o público questionar sua realidade, ao causar distúrbios no tecido social, levar a população a questionar a relação com seu corpo e com o corpo do outro. E não de um outro qualquer, mas de uma alteridade que foge aos padrões de normalidade estabelecidos pela sociedade. Buscando, ainda que indiretamente, incentivar esse público a questionar esses padrões e desconstruir a imagem do corpo transmitida por diversas instituições da sociedade.

2. DNA DE DAN: UM PERCURSO POÉTICO

Neste capítulo pretendo buscar a compreensão da obra DNA de DAN a partir de uma análise de seu nascimento como trabalho corporal, seu desenvolvimento como performance e seu posterior percurso. E tudo começou quando Kysy Amarante Fischer assistiu a uma apresentação da performance Guilhotina, de autoria e atuação de K, no anfiteatro 100 da Universidade Federal do Paraná, campus Reitoria, em 2007, em Curitiba²⁴². Foi durante essa apresentação que a pesquisadora presenciou uma cena marcante para si. Trata-se do momento em que o artista, numa atitude simbólica de confronto com certas estruturas da sociedade, quebra e engole o líquido de um ovo cru. Fischer diz ter sentido naquele momento que gostaria de atingir o mesmo patamar de trabalho de Maikon K, incentivando a si mesma a “treinar” seu corpo²⁴³. E é numa encruzilhada entre pensar o corpo e os mecanismos de treino da mente por parte do ambiente acadêmico que se encontra a essência de Guilhotina.

Maikon K entende esse trabalho como “uma resposta à academia”, cujo ambiente proporciona aos seus hóspedes diversos problemas como “escolioses” e “bocejos”, gerando como resposta inconsciente do indivíduo “uma revolta do corpo”²⁴⁴. Ao analisar a Figura 6 é possível compreender o porquê desse trabalho remeter Fischer a uma necessidade de treino do corpo. Na fotografia em questão torna-se evidente um trabalho de exploração e exaustão do corpo do performer. No que parece ser uma alusão ao ato de suicídio por enforcamento, o performer se utiliza da própria vestimenta para conectar seu pescoço ao espaço em que se insere. Ele traja roupas sociais, muito requeridas pelo mercado de trabalho e por isso muito incentivadas em diversos cursos de graduação, desde a Administração ao Direito. Até mesmo em minha vivência acadêmica anterior à área das Artes, no campo da computação, pude presenciar a tendência, por parte de professores, a incentivar os alunos a usarem roupas sociais desconfortáveis, mas que diziam ser capazes de impressionar recrutadores. Em sua construção indicial ao público, Maikon K apresenta seu

²⁴² FISCHER, Kysy Amarante. Op. cit. p. 100.

²⁴³ FISCHER, Kysy Amarante. Op. cit. p. 101.

²⁴⁴ GUILHOTINA: musical xamânico-terrorista para uma sala de aula, 2007. Disponível em: <<https://maikonk.com/pt-br/guilhotina>>. Acesso em: 28 jan. 2021. Sem pág.

corpo dentro de uma sala de aula de uma grande universidade federal. Quadros-negros atrás de si, giz em seu rosto, paredes de tons claros, o ambiente, assim como o corpo, torna-se sujeito e objeto da performance.



FIGURA 6 – Maikon K durante apresentação da performance Guilhotina em Curitiba, 2007²⁴⁵.

A linha de pesquisa poética iniciada com seu curso de Ciências Sociais, durante o qual Maikon K pensou a antropologia do corpo no teatro e na construção do xamanismo, explicita-se em Guilhotina. O corpo é matéria a ser moldada por instituições acadêmicas, sua ligação com qualquer ancestralidade é cortada em favor de uma educação considerada mais racional e menos intuitiva. Nesse corte da guilhotina que, como explicita Henrique Saidel, “é arma de destruição individual” cuja “lâmina separa o corpo da cabeça”²⁴⁶. O indivíduo é incentivado a professar uma ideologia racionalizada que privilegia a lógica em detrimento do conhecimento desenvolvido pelo corpo como interface entre a subjetividade de cada pessoa e o meio em que se está inserido. Num jogo irônico entrelaçando a transcendência dos rituais de fundo xamânico e as complexas

²⁴⁵ Ibidem, sem pág.

²⁴⁶ Ibidem, sem pág.

referências acadêmicas textuais, Saidel celebra a força dessa dramaturgia. Apontando para “a construção (e manutenção) corporal” de um sujeito “enraizado no presente”, com um trabalho capaz de costurar “os textos, músicas e manifestos ao universo do teatro”²⁴⁷. Assim, Maikon K posiciona o corpo buscando seus limites, numa busca por expansão das barreiras; seu corpo não é apenas a mensagem da apresentação, é a própria apresentação materializada na agonia de um sujeito que, naquele momento, problematiza sua experiência no meio acadêmico.

Kisy Amarante Fischer relata ter sentido a necessidade, a partir de sua percepção de Guilhotina, de treinar seu corpo para conseguir interpretar algo que pudesse ser considerado um tipo de ritual²⁴⁸. Fischer e Maikon K se conheceram pessoalmente durante uma oficina corporal realizada por alunos da Faculdade de Artes do Paraná (atualmente UNESPAR – Campus de Curitiba II) ainda em 2007²⁴⁹. E foi a partir desse e de outros contatos pessoais que surgiu o convite por parte do artista Maikon K para Kisy Amarante Fischer atuar como preparadora corporal e orientadora de movimento da performance DNA de DAN²⁵⁰. Fischer já possuía uma pesquisa cujas ideias norteadoras eram o conceito de “cultivo de si”, desenvolvido por Michel Foucault, e a ideia de “exercícios espirituais”, desenvolvido por Pierre Hadot e os ideais do Butoh, arte corporal nascida no Japão durante a segunda metade do Século XX. Desenvolveu-se uma parceria que reuniria elementos espiritualistas ancestrais e seculares, objetivando “levar a plateia a criar relação com o invisível”²⁵¹. Talvez o que não era perceptível ainda pelos artistas fosse o quanto sua busca por um corpo transcendente poderia ser usada como material para campanhas de difamação. Pessoas capazes de enxergar em seu trabalho uma oportunidade de criar inimigos imaginários na opinião pública e usar desse antagonismo para ganhar poder político e midiático. De qualquer forma, eles não teriam como prever esses desenvolvimentos posteriores.

²⁴⁷ Ibidem, sem pág.

²⁴⁸ FISCHER, Kisy Amarante. Op. cit. p.102.

²⁴⁹ Ibidem, p.87.

²⁵⁰ Ibidem, p. 103.

²⁵¹ Ibidem, p. 106.

Durante a elaboração da obra em 2013, os dois buscaram a espiritualidade e “as coisas invisíveis na dança” por meio do corpo, gerando uma intensa rotina de exercícios focados nas possibilidades do movimento corporal²⁵². E, além dessa parte prática da pesquisa, eles pensaram em como inserir o corpo numa instalação visual em que as pessoas poderiam estar imersas. O artista Fernando Rosenbaum foi o escolhido por Maikon K para elaborar uma bolha gigante em que o performer e, muitas vezes, o próprio público estariam inseridos²⁵³. Rosenbaum, que é formado em Gravura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, apresentaria, naquele mesmo ano, uma coletânea das suas produções. A exposição, incluída na mostra “Fatias de Memória”, ocorreu no *hall* térreo da Biblioteca Pública do Paraná entre 31 de julho e 15 de agosto²⁵⁴. O trabalho do artista trazia um ponto de vista a respeito do “espaço urbano por meio de registros fotográficos e da produção posterior de uma série de serigrafias”, despertando o interesse de Maikon K por colocar seu trabalho corporal envolto pela bolha criada por Rosenbaum²⁵⁵.

Assim, K e Fischer buscaram no corpo, e em cada um de seus detalhes, as possibilidades de mistério, de transmutação da serpente, de vivências dissidentes, de exploração do espaço-tempo – pensando, principalmente, a criação de um outro tempo que não o das máquinas da atualidade. O resultado dessas pesquisas foi criando um roteiro. Construindo elementos seja do corpo da cobra ou de movimentos livres por fim chegaram a uma das peças centrais da performance: a imobilidade²⁵⁶. Estado de espírito que Fischer diz ter trazido de sua experiência como “modelo vivo para desenho”; foi durante essa vivência que a artista aprendeu a suportar os limites do corpo e resistir à dor. Os exercícios da imobilidade levaram Maikon K a testar a não reação, esquecendo o frio, a confusão de pensamentos, o amortecimento da carne, os sons do lugar, atingindo outro estado de consciência²⁵⁷. Esse aspecto do trabalho passou então a ser, conforme palavras do artista, parte fundamental de sua obra: “o meu

²⁵² Ibidem, pp. 106-107.

²⁵³ Ibidem, p. 108.

²⁵⁴ BPP e Sesc promovem exposição de Fernando Rosenbaum. 31 jul. 2013. Disponível em <<https://bit.ly/3juhuD7>>. Acesso em: 01 fev. 2021. Sem pág.

²⁵⁵ Ibidem, sem pág.

²⁵⁶ FISCHER, Kysy Amarante. Op. cit. p.115.

²⁵⁷ Ibidem, p. 117.

trabalho é estar no meu corpo ali; a mente não ir para outro lugar”²⁵⁸. Seria uma jornada interior exposta ao público por meio de uma movimentação corporal iniciada por seu contraponto, a imobilidade. O exercício, relata, estendia o tempo e gerava uma “dissolução entre o espaço ‘interno’ e ‘externo’ do corpo” chegando a confundir “ser” e “ambiente”²⁵⁹. Uma vez construída a movimentação corporal, que da imobilidade partiria a uma gama de ações de preenchimento do espaço agora unificado à consciência do performer, a artista preocupou-se com a cobertura desse corpo²⁶⁰.

E com relação aos elementos de figurino a serem utilizados nessa dança-instalação, o artista afirma que não foi possível chegar a uma roupa ideal para a performance e que por isso foi criada uma fina cobertura para a pele²⁶¹. Para essa criação específica os artistas recorreram a um material criado pela estilista Faetusa Tezelli. Trata-se de um líquido gelatinoso aplicado sobre o corpo inteiro do artista logo ao início da apresentação. Com o passar das horas, o material vai secando e fazendo com que o performer precise respirar mais devagar, pois caso ele acelere sua respiração essa película seca muito rápido e se quebra antes do tempo ideal. A ação realizada ao final da secagem, quando o artista se movimenta e vai se livrando da película intencionalmente, remete à troca de pele tão comum às cobras em geral²⁶². Essa aplicação era o primeiro exercício de resistência do performer, pois a etapa levava em torno de uma hora e meia e demandava que Maikon K permanecesse imóvel durante esse tempo²⁶³. O tempo e a presença eram percebidos pelos artistas como essenciais para a pesquisa do corpo e de seus movimentos.

O gel criado por Tezelli serviu como metáfora para a transformação/transfiguração do corpo, num tipo de pesquisa que se alinha à sua produção artística. A artista é reconhecida por discutir o espaço urbano e conectar elementos da natureza e da jardinagem, em confluência com a vida na periferia

²⁵⁸ CASA Redonda. DNA de DAN | Maikon K | 8 Performers | Terra Comunal - Marina Abramovic + MAI, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2Yy4rbu>>. Acesso em: 20 mai. 2019. Vídeo.

²⁵⁹ FISCHER, Kysy Amarante. Op. cit. p.121.

²⁶⁰ Ibidem.

²⁶¹ CASA Redonda, 2015. Op. Cit. sem pág

²⁶² FISCHER, Kysy Amarante. Op. cit. p.121.

²⁶³ Ibidem.

das grandes cidades²⁶⁴. Maikon K e Kysy Amarante parecem ter buscado parcerias para seu projeto cruzando estudos que vão da ocupação do espaço interno ao corpo até a expansão de sua existência em comunidade. E foi com essa configuração que o trabalho chegou ao gramado do Museu Oscar Niemeyer, onde foi apresentado doze vezes de 03 a 15 de dezembro de 2013²⁶⁵. A instalação ganhava forma no espaço público aberto, sem paredes ou palcos, formando um duo entre performer e cidade. Em anúncio da época encontra-se um pouco do que foi possível perceber da trajetória criativa de formação da obra. Maikon K afirma: “A intenção é oferecer uma experiência sensorial. Minha busca é por ativar no meu corpo e no das outras pessoas sensações que normalmente não são experimentadas na vida cotidiana, propiciando a conexão com diferentes estados de presença”²⁶⁶.

É a partir dessa estreia que DNA de DAN ganha uma nova camada estética, a interface com o público, seja referindo-se às pessoas que assistiam à performance ou aos espectadores não intencionais ou de ocasião. Quem se aproximava encontrava um homem despido e sem “nenhum pelo sobre o corpo, cada milímetro de pele colado a uma casca fina e transparente”. Ao chegar mais próximo, entrar na bolha, o público “era engolido pelo organismo sintético”²⁶⁷. Em sua pesquisa, Fischer descreve uma dessas primeiras apresentações a partir de sua experiência como espectadora. Num tom pessoal, a artista descreve a capacidade do corpo em DNA de DAN de levar a audiência a outra experiência corpórea, afundada numa mescla de referenciais de memória, de presença e de premonições de morte.

Retomando a trajetória de Fischer como preparadora corporal de K, a artista afirma que, além das experiências de criação com o corpo descritas anteriormente, foi preciso trazer uma bagagem teórica para seu trabalho. E para compreender mais desse aspecto racional eu abordo no subcapítulo 2.1 a forma

²⁶⁴ SANTIAGO, Debora Maria. Aproximações entre arte, educação e agroecologia em projetos artísticos. **Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais – Art & Sensorium**, Curitiba, n. 1, v. 4, pp. 27-39, jun. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3cZQsCk>>. Acesso em: 08 dez. 2020.

²⁶⁵ IDANÇA – DNA de DAN, de Maikon K, estreia em Curitiba, 02 dez. 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/3qctI26>>. Acesso em: 29 jan. 2021. Sem pág.

²⁶⁶ Ibidem, sem pág.

²⁶⁷ FISCHER, Kysy Amarante. Op. cit. p.126.

como o aprendizado em Butoh e a pesquisa da antropologia do corpo xamânico aparecem no relato de ambos os artistas. Na sequência, passando à trajetória da obra no subcapítulo 2.2, traçarei o percurso do trabalho por diversas regiões do Brasil, principalmente por meio do projeto “Palco Giratório” do SESC. A análise será realizada considerando desde sua divulgação até o impacto do trabalho gerado em cada nova temporada. E a partir de diversos registros gerados dessas apresentações, seja antes ou depois das polêmicas de 2017, os subcapítulos 2.3 e 2.4 são dedicados a analisar tanto os registros fotográficos quanto audiovisuais da performance.

2.1 O CORPO EM PROCESSO: ALGUMAS DAS BÚSSOLAS TEÓRICAS E SUBJETIVAS QUE PERPASSAM A CRIAÇÃO DA OBRA DNA DE DAN

A construção da partitura corporal de DNA de DAN, de acordo com os relatos pesquisados, apoiou-se sobre dois eixos teóricos principais. De um lado estariam os estudos do Butoh trazidos por Kysy Amarante Fischer e de outro os estudos da ancestralidade do corpo por meio do xamanismo e do teatro por parte de Maikon K. A começar pelos estudos de Fischer, é importante entender o contato que a artista teve com a técnica do Butoh quando de sua participação como espectadora da palestra “O corpo diferente no mundo da dança”. Na ocasião, a futura preparadora corporal de Maikon K assistiu à imagem de uma das apresentações do artista japonês Kazuo Ohno²⁶⁸, momento em que diz ter ficado intrigada com o trabalho corporal daquela figura²⁶⁹. A admiração se tornou pesquisa e Fischer levou sua proposta de estudo do Butoh para a instituição Casa Hoffman em Curitiba. A artista se candidatou a “uma residência de pesquisa em dança” com projeto “intitulado O corpo morto no Butoh”²⁷⁰. Naquele espaço, sua escolha do tema do Butoh foi questionada e criticada, uma vez que a artista é brasileira e a essa técnica japonesa supostamente havido morrido

²⁶⁸ O artista Kazuo Ohno se tornou conhecido no Brasil a partir de 1986 quando veio se apresentar na América Latina, mais especificamente no Brasil e na Argentina, gerando a popularização em nosso continente de “uma versão melodramática do butô”. (GREINER, 2013, p. 2)

²⁶⁹ FISCHER, Kysy Amarante. Op. cit. p.32.

²⁷⁰ Ibidem.

“junto com seus fundadores”²⁷¹. Opondo-se a essa perspectiva, a artista questionou tal presunção de morte do Butoh.

Com base no conceito foucaultiano de discurso como criador de realidades, Fischer demonstrou que o fato de ainda haver produção de pesquisas, inclusive em território brasileiro, girando em torno dos conceitos do Butoh, o faz uma técnica artística ainda viva e pulsante²⁷². Assim, seus estudos seguiram por uma linha “de busca do que pode ser o Butoh”, pensado a partir de sua própria vivência como pessoa latino-americana de classe média e que atingiu a idade adulta no século 21²⁷³. A pesquisadora tentou não sucumbir ao peso do tema da morte do Butoh, como arte japonesa restrita a um contexto de espaço-tempo regional específico, e conseguiu chegar a um resultado pessoal e relevante para si.

Fischer concluiu seus estudos de contato com as técnicas de Butoh por meio dos ensinamentos do artista Tadashi Endo, tendo desenvolvido uma peculiar interpretação dessa técnica artística. Numa visão que coloca o corpo do Butoh como realizador de uma interface com o nada, com o indizível, com o pós-vida²⁷⁴. E essa interpretação do que pode vir a ser o Butoh, do que pode ser entendido como uma contradança do corpo ao servir como ferramenta para atingir outros estados de consciência, aproxima-se dos objetivos de DNA de DAN. Isso porque, como relatado anteriormente, Maikon K buscava por meio de sua performance levar o público a ter contato com o invisível. Esse estado misterioso da consciência parece estar intimamente ligado com a interpretação do Butoh trazida por Fischer: “Nossa busca por essas coisas invisíveis na dança se dava no corpo e através dele. Por isso, o Butoh poderia se comunicar com a nossa prática”²⁷⁵.

Durante as práticas que antecederam as primeiras apresentações ao público, a pesquisadora indica ter trabalhado o Butoh de forma a aplicar no movimento empregado por K uma camada de imprevisibilidade. O treinamento do corpo e também da mente deveria se desvencilhar de roteiros rígidos. Para

²⁷¹ Ibidem, p. 33.

²⁷² Ibidem, p. 35.

²⁷³ Ibidem, p. 43.

²⁷⁴ Ibidem, p. 50.

²⁷⁵ Ibidem, p. 106.

tanto, e como forma de exemplificar sua aplicação desse saber, Fischer relata ter usado o texto “O ovo e a galinha”, de Clarice Lispector, como motor de reflexão. Criava-se uma aura de mistério, de algo a ser revelado mesmo que nunca pudesse ser acessado:

Era importante instaurar um não-saber, porque o Butoh, para mim, estava neste lugar daquilo que não se sabe e a escrita de Clarisse ronda as atribuições dadas à existência do ovo, nossa função em relação a ele, constrói verdades, as destrói e, por fim, não revela o mistério do ovo²⁷⁶.

O ponto de convergência dos interesses teóricos de ambos parece ter se dado nessa busca por um mistério, paradoxalmente acessível e ao mesmo tempo inacessível ao corpo ou à mente. Uma vez que Fischer relata não encontrar em Maikon K a mesma intensidade de interesse pelo Butoh como ela demonstrava ter, a ideia de construir essa órbita em torno dos mistérios e da indefinição do corpo os unia. Até porque, para o artista curitibano, se o que estavam criando seria ou não Butoh não era “uma questão para ele”²⁷⁷.

E agora pretendo discorrer a respeito das crenças de Maikon K que serviram de guia para sua jornada na construção dessa obra, e tudo começa pela ideia de ancestralidade. Em entrevista a Ulisses Carrilho, o artista curitibano informa a origem do nome de seu trabalho e a relação que essa escolha tem com seu entendimento da espiritualidade. Assim, Maikon K indica que a palavra Dan, no idioma lorubá, significa a serpente ancestral, e que para o xamanismo a serpente é um animal que representa poder e conhecimento²⁷⁸. E essa etimologia da escolha do termo passa pela estrutura gráfica com a qual uma molécula de DNA é representada, e que o performer associa com a forma sinuosa de uma serpente. O artista explica que sua pesquisa não é exclusiva da espiritualidade e de seus símbolos, pois intersecciona a sabedoria ancestral e a ciência²⁷⁹. Reverberando, assim, um assunto encontrado em seu trabalho de

²⁷⁶ Ibidem, p. 109.

²⁷⁷ Ibidem, p. 110.

²⁷⁸ CARRILHO, Ulisses. The ancestral body: an interview with artist maikon k. **Marina Abramovic Institute**, 24 mar. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/30bTuvt>>. Acesso em: 25 mai. 2020. Sem pág.

²⁷⁹ Ibidem, sem pág.

conclusão do curso de Ciências Sociais na UFPR. Nele, o então graduando analisa a capacidade de o “verdadeiro teatro”, assim como ocorre no xamanismo, “desmoronar o mundo como o conhecemos, e revelar um outro mundo [...] que somos nós mesmos”. Passando a associar a origem e o destino tanto da arte quanto da ciência a um mesmo foco, que seria o “vazio”, a ponto de ambas as áreas de conhecimento dissolverem-se no corpo²⁸⁰. Assim, Maikon K, descrevendo uma indução lógica, conecta a sabedoria ancestral do xamanismo com a origem e o destino tanto da arte quanto da ciência, tendo o corpo como principal veículo de transformação.

A ação do corpo ao “quebrar” a pele artificial que o performer carrega durante a apresentação é vista por ele como simbolismo espiritual. Maikon entende o movimento e essa quebra do gel que cobre sua pele como formas de criar uma conexão com sua ancestralidade²⁸¹. Esse tema da possível conexão entre público e artista é recorrente no discurso do performer curitibano. E ainda que sua menção aparente ser de ordem espiritual ou metafísica, foi encontrada uma imagem, a única, que demonstra ter havido interação de um espectador de forma física. Na Figura 7, Maikon K está com o corpo quase todo descoberto da pele artificial, desse látex caseiro já seco e despedaçado. Ao centro dessa composição está um abraço e ao redor dessa ação tão humana encontram-se os pedaços da pele já descartada. É como se ao quebrar essa barreira tão fina entre seu corpo e o ambiente o artista houvesse incentivado o contato físico. Na imagem é possível vê-lo de costas, com o corpo posicionado nesse abraço do espectador que parece querer consolá-lo. O rosto do performer está colado ao dessa pessoa anônima, em aparente fragilidade, porém quando se observa a posição da perna esquerda e do braço direito é como se o corpo estivesse pronto para se afastar a qualquer instante. O contato humano em toda a sua complexidade parece se descrever nesse ato: duas pessoas estão dentro de uma bolha compartilhada, uma está desnuda, acabara de trocar de pele e abre espaço para uma outra que a segura para si.

²⁸⁰ KEMPINSKI, Maikon. Op. cit. p. 42.

²⁸¹ CARRILHO, Ulisses. Op. cit. sem pág.



FIGURA 7 – Espectador abraça Maikon K durante apresentação da performance DNA de DAN²⁸².

A característica imaterial da conexão, aquela que vai além do toque físico, ganha contornos mais nítidos quando se analisa a maneira como Maikon K percebe a sua participação na exposição Terra Comunal. Em seu relato, o artista descreve a impressão que Marina Abramovic teve após assistir a sua performance pela primeira vez, ressaltando o elemento da presença²⁸³. A potência de sua ação se daria pelo trabalho com energias que perpassam o corpo, usado como transmissor, atuando num tipo de interlocução metafórica entre os espectadores e o artista. Inclusive, em seu feedback com relação ao trabalho, Abramovic indicou que K removesse dois elementos pensados inicialmente como parte da instalação. Os elementos seriam a iluminação e os sons que eram utilizados dentro da bolha criada por Rosenbaum²⁸⁴. A alteração serviria para enfatizar as relações possíveis que, conforme o artista relata a partir de testemunhos do público, ocorreram muito mais com o olhar, a respiração e

²⁸² DINIZ, Roni. DNA de DAN - Maikon K. Disponível em: <<https://bit.ly/38a9lzl>>. Acesso em: 20 jan. 2021. Sem pág.

²⁸³ CARRILHO, Ulisses. Op. cit. sem pág.

²⁸⁴ Ibidem, sem pág.

os movimentos corporais. A ideia seria de ampliar as possibilidades de o público conectar-se à performance por meio de seus símbolos espirituais/subjetivos tais como a serpente e o invisível. Som e iluminação, segundo o feedback recebido, poderiam gerar ruídos nessa interação.

2.2 O CORPO EM TRAJETO: O PERCURSO DE APRESENTAÇÕES DA OBRA DNA DE DAN POR MEIO DO PROJETO “PALCO GIRATÓRIO”

O projeto Palco Giratório foi criado pelo SESC (Serviço Social do Comércio), em 1998, com o intuito de viabilizar a promoção e circulação de espetáculos artísticos que se enquadrem nas diversas linguagens abrangidas pelas artes cênicas²⁸⁵. E contando com “a maior rede de teatros em gestão privada do país” o SESC possibilitou à obra DNA de DAN ser apresentada em praticamente todas as regiões geográficas brasileiras²⁸⁶. Com esse incentivo, a obra e seus criadores receberam a oportunidade de levar a experiência proposta na performance para fora do Paraná.

Na Figura 8 é possível visualizar a imagem do performer dentro do espaço construído por Fernando Rosenbaum cuja estrutura se fecha sobre seu corpo. Foi com essa imagem misteriosa e publicada juntamente com diversas palavras chaves, tais como “movimento”, “expansão”, “ações”, “ambiente”, “meditações”, “artificiais”, que a instituição divulgou a temporada de 2017 da performance em suas redes sociais. O anúncio incluía uma descrição do trabalho com ênfase para sua característica de “rito de passagem do corpo” e “construção de uma outra pele”. Quanto aos comentários negativos que aparecem na coluna do lado direito da imagem seu teor será abordado com mais detalhes, juntamente com outros levantamentos de repercussão das notícias a respeito da prisão do artista, em análise apresentada no capítulo três desta dissertação.

²⁸⁵ MARQUES, Michel Luis. Panorama Palco Giratório: um olhar catarinense. 95 f. **Trabalho de Graduação** (Licenciatura em Educação Artística – Habilitação em Artes Cênicas) – Departamento de Artes Cênicas, Universidade Estadual de Santa Catarina/UEDESC, Florianópolis, 2009. p. 18.

²⁸⁶ Ibidem, p. 23.



FIGURA 8 – Captura de tela de imagem publicitária da temporada 2017 da apresentação da obra DNA de DAN por meio do projeto “Palco Giratório” do SESC²⁸⁷.

Para a temporada 2017, os organizadores reuniram 34 profissionais da instituição, oriundos de todas as regiões do país, a fim de estabelecer a programação do projeto naquele ano. Foram pensados alguns eixos principais como guias para a seleção dos trabalhos, destacando a “diversidade” como “aspecto chave do projeto”, entendida como sinônimo de multiculturalidade, e a importância dada às “questões conceituais específicas do campo das artes cênicas”²⁸⁸. Na apresentação escrita do catálogo de 2017 já é possível perceber uma preocupação, por parte dos organizadores, com o cenário político-social brasileiro daquele momento. Por isso, em seu lema, o texto asseverava: “a importância das artes cênicas num tempo de incertezas”²⁸⁹. Ao apontar a arte como arma de resistência, o discurso de apresentação da mostra dava ao corpo

²⁸⁷ A página de divulgação da temporada 2017 não está mais disponível, restando apenas os registros de publicidade em postagens de canais do SESC na internet.

²⁸⁸ CURADORIA Palco Giratório 2017. Afirmar a importância das artes cênicas num tempo de incertezas é o principal motor do projeto em 2017. In: SESC. Catálogo Palco Giratório: circuito nacional 2017. Rio de Janeiro/RJ: Serviço Social do Comércio – Departamento Nacional, 2017. p. 14.

²⁸⁹ Ibidem.

em DNA de DAN, mesmo a sua revelia, uma carga política inesperada durante aquela temporada. Exalta-se o trabalho de Maikon K por sua capacidade de estar “nas fronteiras entre performance e dança, teatro e ritual” além de colocar o corpo nos “limites entre humano e não humano”²⁹⁰. Ou, como ainda poderia ser questionado: seria esse sujeito ritual tão humano que assusta aqueles do público cuja sensibilidade o capitalismo dessubjetivou?

No catálogo é apresentada uma descrição do trabalho de Maikon K como sendo uma obra corporal transcendente, algo que ecoa a própria identificação do artista com relação a práticas corporais na arte e suas interconexões com o xamanismo:

DNA de DAN é uma dança-instalação de Maikon K. Num primeiro momento, o performer mantém-se imóvel enquanto uma substância seca sobre o seu corpo. Após essa fase da experiência, ele se moverá. A ação acontece dentro de um ambiente inflável criado pelo artista Fernando Rosenbaum – o público poderá entrar nesse espaço e lá permanecer. Dan é a serpente ancestral africana, que dá origem a todas as formas. A partir desse arquétipo, Maikon K cria seu rito de passagem pelo corpo. A construção de outra pele, o ambiente artificial e a relação com o público são dispositivos para esta performance em que o corpo do artista passa por sucessivas transformações²⁹¹.

Apesar da ênfase dada aqui ao percurso do trabalho no ano de 2017, esse não foi o primeiro ano em que a obra de Maikon K circulou com o apoio de instituições de fomento à cultura. Isso porque, já em 2014, DNA de DAN foi contemplada com outro Prêmio Klauss Vianna, este destinado à circulação em 4 capitais brasileiras. Para essas apresentações não foi possível encontrar fontes que as descrevessem, imagino que tenha sido durante essas oportunidades que Maikon K resolveu incluir em sua instalação os elementos sonoros e de iluminação, presentes no interior da bolha. Na sequência, em 2015, o trabalho foi selecionado para uma exposição realizada no SESC Pompeia, na cidade de São Paulo. O fato de DNA de DAN haver sido selecionada para essa exposição demonstra que o contato com o SESC começou antes da circulação da obra por meio do projeto Palco Giratório.

²⁹⁰ MAIKON K: espetáculo DNA de DAN. In: SESC. Catálogo Palco Giratório: circuito nacional 2017. Rio de Janeiro/RJ: Serviço Social do Comércio – Departamento Nacional, 2017. p. 57.

²⁹¹ Ibidem.

A exposição celebrou a carreira artística de Marina Abramovic, cuja trajetória foi marcada por performances que exploraram a “natureza do corpo” por meio de situações limites²⁹². Dentre as atrações do evento foi realizada uma subexposição dedicada a oito performances contemporâneas brasileiras selecionadas pela própria artista com auxílio de Lynsey Peisinger e Paula Garcia. Nessa lista estava presente o trabalho de Maikon K, classificado como obra de longa duração. Esse subevento da exposição foi denominado Oito Performances e, além do performer curitibano, contou ainda com Ayrson Heráclito, Fernando Ribeiro, Grupo EmpreZa, Marco Paulo Rolla, Maurício Ianês, Paula Garcia e Rubiane Maia²⁹³.

Como explicativo para o agrupamento desses trabalhos em termos de similaridade, demonstrando algo que tenho percebido a respeito de DNA de DAN, está a “capacidade de efetuar mudanças no performer e no público”²⁹⁴. O que uma parcela da audiência do trabalho entenderia, em anos futuros, como algo assustador, como um corpo indecente, foi entendido pelas curadoras como ferramenta de transformação. Capaz de atuar alterando tanto o próprio estado de consciência do performer quanto questionando a percepção que o público poderia ter de um corpo masculino sem roupas. Corpo que resiste à imposição de normas de comportamento engessadas, e cuja potência acontece na relação que se estabelece do performer com o espaço e o público. A criação desse vínculo se dá naquilo que David Lapoujade entende como “a potência do corpo”. Capaz de canalizar o mais forte poder da existência por meio de sua agonia, potência medida por “sua exposição ao sofrimento e às feridas”²⁹⁵. Como quem enfrenta e tenta entender seus machucados, esse corpo se coloca diante do público buscando o diálogo. Ao compartilhar suas dores sem pedir licença, ele expõe as dores do outro, as feridas não fechadas que são cobertas por desculpas, escondidas da sociedade para não atraírem atenção. O público pode ser levado a esse compartilhamento como quem observa um espelho incomodo;

²⁹² MIRANDA, Danilo Santos. Presenças. In: SESC Pompeia. Catálogo Terra Comunal: Marina Abramovic + MAI. São Paulo: Serviço Social do Comércio – Regional SP, 2015. Sem pág.

²⁹³ OITO PERFORMANCES. In: SESC Pompeia. Catálogo Terra Comunal: Marina Abramovic + MAI. São Paulo: Serviço Social do Comércio – Regional SP, 2015. Sem pág.

²⁹⁴ Ibidem, sem pág.

²⁹⁵ LAPOUJADE, David. O corpo que não aguenta mais. In: LINS, Daniel & GADELHA, Sylvio. **Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo**. Rio de Janeiro, Fortaleza: Relume Dumará, SECULT-CE, 2002. p. 88.

uma parte de si refletida sem seu consentimento. O reflexo daquilo que Lapoujade entende como análogo aos personagens de Samuel Beckett, que possuem corpos em exaustão:

Mesmo nas situações cada vez mais elementares, que exigem cada vez menos esforço, o corpo não aguenta mais. Tudo se passa como se ele não pudesse mais agir, não pudesse mais responder ao ato da forma, como se o agente não tivesse mais controle sobre ele. Os corpos não se formam mais, mas cedem progressivamente a toda sorte de deformações. Eles não conseguem mais ficar em pé nem ser atléticos²⁹⁶.

Para Lapoujade, aquilo a que se refere como a exaustão do corpo, que o faz estar em seu limite, diz respeito a pressões externas, oriundas da sociedade; porém infringidas ou absorvidas por nós mesmos. O corpo “[...] não aguenta mais aquilo a que o submetemos do exterior, formas que o agem do exterior. Essas formas são, evidentemente, as do adestramento e da disciplina”²⁹⁷. Entre as pressões exercidas sobre o corpo estariam a heteronormatividade, os padrões publicitários de beleza, comportamentos tradicionais. Muitas dessas “formas passam para dentro, se impõem ao dentro desde que se cria um agente para agir”. Dessa maneira, “a relação muda de natureza; ela deixa de questionar a resistência do corpo no adestramento e o transforma em assujeitamento”²⁹⁸. Assim, a resposta do corpo, e nesse caso, do sujeito-espectador frente a proposições artísticas que apresentem resistência a esse modelo comportamental rígido poderia ser de abertura ou de revolta. Com certeza haveria espaço para a neutralidade, mas as reações ocasionadas por DNA em 2017 de ambos os lados parecem demonstrar respostas extremas. A ocorrência dessas reações poderia ser típica ou resultado de uma conjunção de fatores os quais se mostraram preponderantes na última década para manter os ânimos do público tão exaltados.

O caso específico de DNA de DAN traz ainda outra questão importante: o posicionamento do corpo homossexual. Um artista que declara sua orientação e que a vive abertamente pode trazer mais pânico para quem acredita na degeneração moral da sociedade como resultado desse comportamento. Não

²⁹⁶ Ibidem, p. 82.

²⁹⁷ Ibidem, p. 83.

²⁹⁸ Ibidem, p. 84.

que tenha sido intenção de Maikon K gerar temor a seu corpo ou a sua vivência, sequer o artista trouxe questões de sua biografia ao trabalho. Mas o questionamento que esse corpo apresenta ao público, e sua posterior repercussão, parece ter causado essa mescla biográfica entre estética e vida do artista. A análise que farei mais adiante no capítulo 3 das respostas recebidas às campanhas de difamação contra o trabalho na internet, mostra haver a tentativa de associar a nudez e a homossexualidade do artista. A associação parecer ter o intuito de reduzir o potencial artístico da obra. Numa hierarquização que tem a heterossexualidade como superior a essa vivência dissidente da sexualidade, numa chave moral que remete ao que foi explanado no capítulo 1.

Assim, posicionar seu corpo como centro do trabalho, e colocá-lo sem roupas ou personagens, é resistir e questionar essa hierarquização. Algo que é discutido por Javier Saéz e Sejo Carrascosa, cujo estudo aponta para a necessidade de se repensar essas posições sociais tomadas a partir dos papéis sexuais. Os homossexuais, assim como as mulheres, assumiriam na organização social o “lugar passivo” ao qual se dá pouca importância e cujo desprezo é incentivado. Na outra ponta estariam os indivíduos sexualmente “ativos”, independente da orientação sexual: “[...] valora-se de forma completamente diferente quem adota o papel ativo”²⁹⁹. Levantar o debate em torno dessa conceituação social baseada na sexualidade e sua inadequação para diversos grupos pode ser um caminho para aumentar o respeito a todas as vivências. E para isso é utilizada a analogia ao ânus e sua funcionalidade fisiológica de “abrir-se” como metáfora para a possibilidade de se rearranjar as normas por meio do expurgo daquilo que não nos serve mais³⁰⁰.

O indivíduo homossexual/passivo, ou visto como tal, ao colocar seu corpo em evidência e não aceitar a posição social imposta pelo seu entorno torna-se uma ferramenta para a abertura desse debate – o homossexual ativo, principalmente se ostentar comportamento heteronormativo, geralmente é percebido na mesma escala do homem heterossexual. Segundo Saez e Carrascosa o prazer que se obtém pelo sexo anal, que é a principal forma de prazer do passivo, desafia as “marcas de gênero”. Esse papel sexual causa

²⁹⁹ SAÉZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu**: políticas anais. Trad. Rafael Leopoldo. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2016. p. 22.

³⁰⁰ Ibidem, p. 47.

confusão nas regras estabelecidas: “o binarismo sexual e o mito da cópula heterossexual-reprodutiva não podem operar nesse lugar do anal, que desafia sua lógica e os coloca em dúvida”³⁰¹. E a definição dos papéis, entendem, precisa ser desafiada também a partir dos saberes científicos, pois não parte apenas do senso comum a criação das regras aceitáveis ao convívio em sociedade. Para Saez e Carrascosa “a ciência, a antropologia, a medicina, a psicanálise, a sociologia, a imprensa, todos querem saber [...] das minorias sexuais”³⁰². No sentido de indagar essas vidas de maneira a tentar adequá-las às normas; como um tipo de higienização dos comportamentos, aceitando-os desde que se sujeitem minimamente a um padrão heteronormativo de conduta. E a partir do pensamento de Paco Vidarte, constroem outra possibilidade de resposta a essas pesquisas:

A ética anal de Paco vai negar tudo isso. Acabou-se o diálogo e o informe. Porque as condições deste saber vêm manipuladas de antemão, porque as condições do diálogo são manipuláveis, partem de um desequilíbrio de poder, de quem tem o poder para escrever sobre as nossas vidas, coisificar-nos, classificar-nos, documentar-nos, converter-nos em objeto. Esse contexto homofóbico e machista já está prescrito de antemão, por isso não temos que cair no jogo: não responder, não pedir nada, não dizer nada. Somente ser um buraco negro³⁰³.

Trata-se da necessidade de retirar desses corpos o controle ou a tentativa de enquadrá-los, ainda que permitindo sua existência, de alguma maneira de volta aos padrões normativos tradicionais. E selecionar DNA de DAN e outras performances que trabalham nessa chave da resistência do corpo pode ter sido um sinal de certa lucidez por parte da curadoria da exposição em perceber a emergência dessas questões trazidas por corpos e vivências dissidentes.

A importância dada a essas oito performances é reforçada quando se analisa a expografia do evento. Na Figura 9, está representado esse esquema utilizado para separar as áreas do espaço, e os locais reservados às performances brasileiras se destacam pelas grandes proporções quando comparados às outras subseções. Na imagem, as áreas em que Maikon K e

³⁰¹ Ibidem, p. 31.

³⁰² Ibidem, p. 77.

³⁰³ Ibidem.

outros artistas expuseram seus trabalhos, considerados de longa duração³⁰⁴, estão marcadas com o número “7”. A reserva de espaços dedicados às performances demonstra uma preocupação em colocá-las em pontos de passagem, provavelmente com grande circulação de pessoas. Principalmente os pontos próximos às áreas 01 a 05 em que foram posicionados os registros dos mais importantes trabalhos artísticos desenvolvidos por Marina Abramovic. DNA de DAN foi apresentada dentro do galpão, que possui dimensões superlativas, demonstrando uma vez mais que o espaço amplo é um importante elemento desse trabalho.

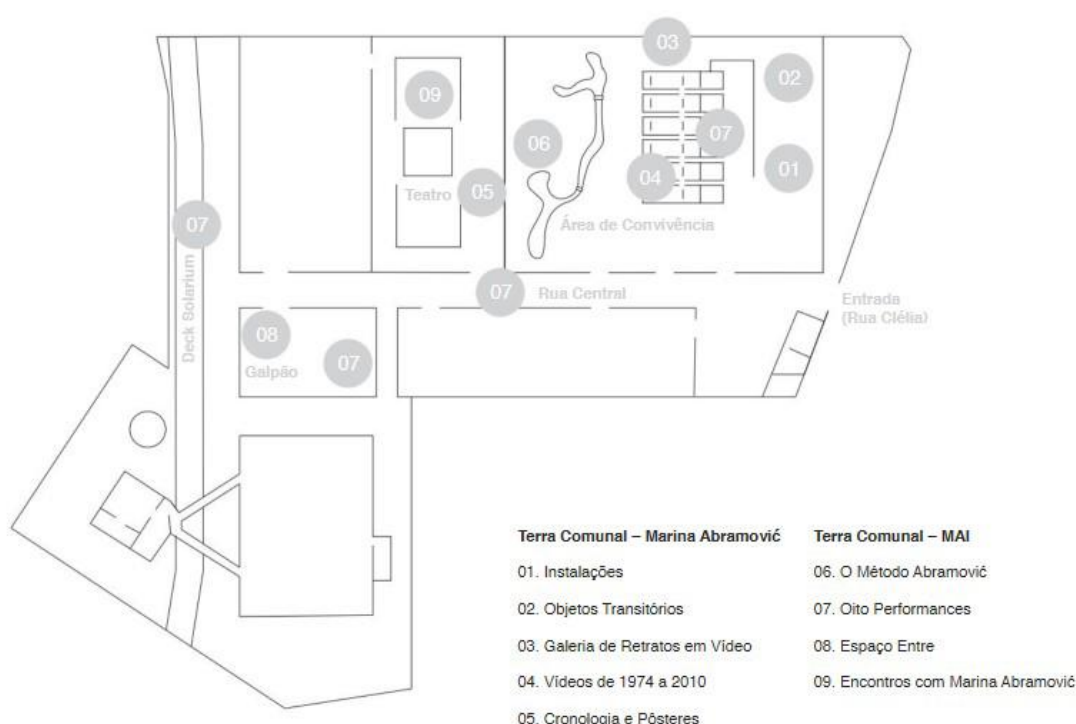


FIGURA 9 – Planta expográfica dos eventos “Terra Comunal: Marina Abramovic + MAI” e “Terra Comunal: Marina Abramovic – Marina Abramovic”, SESC Pompeia, São Paulo/SP, 2015³⁰⁵.

Voltando à análise do período em que DNA de DAN circulou como integrante da temporada do Palco Giratório de 2017, que foi a 12ª edição do evento, busquei entender o trajeto de apresentações realizados naquele ano. O primeiro registro encontrado foi o da passagem do trabalho por Porto Alegre/RS,

³⁰⁴ As performances foram divididas entre aquelas que precisavam de um espaço próprio e que poderiam se estender por um longo período e aquelas pensadas para servirem de intervenção rápida e sem horário previamente definido ou local fixo.

³⁰⁵ Ibidem.

apresentado no Teatro Renascença em maio³⁰⁶. O texto de divulgação, dessa que foi uma apresentação anterior aos casos de criminalização de Maikon K, descrevia o trabalho como “curioso” e cuja promessa era levar o público a uma “experiência de imersão”³⁰⁷. Essa tentativa de anunciar a obra como algo exótico, e ao mesmo tempo descontraído, vai sofrer um revés a partir da prisão do performer, contudo eu só aprofundarei essa dicotomia surgida entre o antes e o depois da prisão no terceiro capítulo. Avançando para o mês de julho, DNA de DAN foi apresentada na cidade de Porto Velho, no estado de Rondônia, dentro do campus da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) naquela cidade³⁰⁸. A chamada para a apresentação da performance centrava-se no simbolismo do arquétipo da serpente e na importância do ritual do corpo e sua conexão com o público³⁰⁹. Seguindo com o percurso, e pulando o evento de Brasília, chega-se a agosto, quando o trabalho havia passado por Florianópolis, em apresentação no CEART (Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC). O tom mais descontraído na forma como a mídia se referia ao trabalho mudou para algo mais sisudo e aprofundado. Na ocasião o artista e pesquisador Anderson do Carmo assistiu à apresentação e descreveu o trabalho como “vida e morte”, entendeu que as ações performadas iam da “miudeza do ovo” à “imensidão do mar”³¹⁰.

Carmo descreve suas impressões, apontando para uma percepção de dualidade entre veneno e antídoto, em referência à metáfora da pele de serpente que é descamada e mastigada por Maikon K durante seu movimento corporal. O respirar e o estar presente dentro da bolha, junto ao artista, são vistos pelo pesquisador como uma forma de compartilhar a experiência, transportando público e artista para outra dimensão do existir³¹¹. O nu é questionado por Carmo que destaca o fato de a nudez não ser tão explícita assim “em uma segunda mirada”; seu relato é concluído com uma referência à criminalização do trabalho

³⁰⁶ SESC/RS. Performance “DNA de DAN” está entre os destaques da semana no Festival Palco Giratório. Porto Alegre, 15 mai. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/304O7yr>>. Acesso em: 05 jul. 2020. Sem pág.

³⁰⁷ Ibidem, sem pág.

³⁰⁸ AGENDA Porto Velho. Palco Giratório 20 Anos – DNA de DAN. Porto Velho, 12 jul. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/303ysPK>>. Acesso em: 05 mai. 2020. Sem pág.

³⁰⁹ Ibidem, sem pág.

³¹⁰ CARMO, Anderson do. Op. cit. 2017.

³¹¹ Ibidem, sem pág.

em sua apresentação em Brasília³¹². Porém, esta parte será mais aprofundada no terceiro capítulo, que utilizo para focar minha análise nas notícias veiculadas após o acontecimento na capital federal.

2.3 O CORPO EM REGISTROS: ANÁLISE DE ACERVO FOTOGRÁFICO DE DNA DE DAN

A preparação do trabalho começava pela aplicação do líquido criado por Faetusa Tezelli. O gel era espalhado sobre toda a pele de Maikon K, ação realizada antes de qualquer interação com o público. Na Figura 10, Kysy Amarante Fischer espalha com os dedos essa substância que os artistas denominaram de Látex caseiro; pela imagem é possível perceber que o produto possui certo grau de viscosidade e brilho. E como forma de auxiliar na fixação do material, o corpo de Maikon K era depilado, do cabelo às sobrancelhas, peito, braços, gerando uma estranheza ao olhar.



FIGURA 10 – Registro do momento em que Kysy Amarante Fischer aplica o Látex caseiro sobre todo o corpo de Maikon K³¹³.

³¹² Ibidem, sem pág.

³¹³ FISCHER, Kysy Amarante. Op. cit. p.122.

Esse não é visualmente um corpo padronizado, e essa “pele artificial” acrescenta distorções à sua forma. Essa visualidade do corpo pode atrair a atenção quando exposta em lugares fora de espaços considerados artísticos. Na Figura 10, ainda que Fischer não forneça essa informação, é perceptível que se trata de um momento de descontração. Provavelmente a ação se deu durante o período de refinamento do trabalho, em 2013, dentro da propriedade do artista que fica na cidade de Quatro Barras, região metropolitana de Curitiba.

Na Figura 11 é possível identificar o local da imagem como sendo o ambiente em que será realizada uma das apresentações de DNA de DAN no galpão do SESC Pompeia. A fotografia retrata o momento em que Faetusa Tezelli produz a mesma ação que vemos Fischer realizar na Figura 10, ela aplica o látex caseiro sobre todo o corpo do performer. Porém, desta vez, é perceptível a concentração de ambos os artistas ao lidar com esse corpo carregado de estranheza visual. A imagem também nos permite perceber a dimensão da bolha criada por Fernando Rosenbaum e que é a casa temporária desse corpo (ou seria sua extensão?) Tamanho suficiente para acolher também o público que pode ser visto acomodando-se dentro desse envoltório plástico.



FIGURA 11 – Registro do momento em que Faetusa Tezelli aplica o Látex caseiro sobre todo o corpo de Maikon K antes de sua apresentação no SESC Pompeia, São Paulo, 2015³¹⁴.

³¹⁴ CARRILHO, Ulisses. Op. cit. sem pág.

É no interior dessa estrutura artificial, que remete Maikon K a imaginar estruturas orgânicas como “um útero, uma placenta, uma água viva” bem como lembrá-lo de que se trata de um objeto sintético, é nesse espaço que o performer trabalha seu corpo, sua respiração³¹⁵. Na Figura 12, percebe-se a estrutura a partir da perspectiva de quem a estivesse observando do lado de fora, vislumbrando esse corpo por meio de um filtro de opacidade.



FIGURA 12 – Maikon K durante apresentação da performance DNA de DAN no Memorial Minas Gerais Vale, 2016³¹⁶.

Um corpo agora paralisado, meditativo, coberto por algo transparente, um tipo de deformante visual. Nessa imagem também é possível perceber as dimensões dessa estrutura. Tais medidas podem ser identificadas quando se coloca em proporção ao tamanho das pessoas que aparecem ao seu redor. A bolha demanda ou um espaço fechado com pé direito relativamente alto ou um espaço aberto.

O artista mantém-se nessa posição de imobilidade e passa a respirar de forma controlada. Essa estaticidade se estende até que Maikon K sinta que todo

³¹⁵ Ibidem, sem pág, tradução minha.

³¹⁶ FOCO in Cena. DNA de DAN: Maikon K / Performance no Memorial. Disponível em: <<https://bit.ly/30clDTt>>. Acesso em: 15 jan. 2021. Sem pág.

o látex tenha secado e criado uma camada rígida sobre seu corpo, formando uma segunda pele simbólica. Na Figura 13 é possível ter uma ideia do momento em que o líquido já está seco e intacto, durante período anterior às movimentações corporais. Toda a superfície desse corpo ganha uma textura reflexiva, com dobras e amassados que se assemelham aqueles formados por materiais plásticos, como o da bolha que o cerca.



FIGURA 13 – Detalhe da pele de Maikon K durante apresentação da performance DNA de DAN³¹⁷.

³¹⁷ CARRILHO, Ulisses. Op. cit. sem pág.

Já nas Figuras 14 e 15 pode-se notar a pele artificial se despedaçando após a movimentação corporal do performer. No momento retratado, a substância pode ser vista em dois estágios: no primeiro, que cobre o tórax, o produto está enrugado e ao mesmo tempo colado ao corpo, como no momento pós imobilidade, porém de forma frágil e superficial; no segundo, nas áreas do pescoço, no entorno dos lábios e nas pernas é possível visualizar sua quebra e desprendimento do corpo.



FIGURA 14 – Detalhe da movimentação de Maikon K durante apresentação da performance DNA de DAN³¹⁸.

A Figura 15 apresenta uma fase em que o despedaçamento do produto que cobre o corpo está mais evidente. Conforme a quebra da “pele” avança, o artista passa a mastigar o material; porém não é possível determinar se ele engoliu os pedaços que colocou na boca. Maikon K continua sua movimentação de maneira a avançar com o desprendimento total desse revestimento que antes cobria o seu corpo.

³¹⁸ Ibidem, sem pág.



FIGURA 15 – Detalhe da movimentação de Maikon K durante apresentação da performance DNA de DAN³¹⁹.

A Figura 16 apresenta imagem do momento em que o artista intensifica os movimentos e, ao se contorcer, faz o revestimento se desprender por completo de sua pele, passando a se partir em muitos pedaços.



FIGURA 16 – Detalhe de ação de Maikon K durante apresentação da performance DNA de DAN³²⁰.

³¹⁹ Ibidem, sem pág.

³²⁰ Ibidem, sem pág.

A ação e seu consequente resultado visual tornam inegável a comparação com o processo de troca de pele que é comum a diversas espécies de cobras e serpentes. O despedaçar da pele a ser abandonada bem como o mastigar a pele antiga parecem ser alguns dos detalhes que diferenciam a ação do performer em comparação com a dos referidos répteis.

Outro detalhe perceptível por meio do registro visual da Figura 17 é um certo auxílio que o performer realiza com as mãos. Pela imagem é possível determinar a existência de situações em que foi preciso o uso dos membros para desprender parte do látex acumulado sobre a pele.



FIGURA 17 – Detalhe de ação de Maikon K durante apresentação da performance DNA de DAN³²¹.

Já na Figura 18 fica evidenciada a ação de levar os pedaços à boca com auxílio dos dedos. Isso demonstra que os movimentos não eram entregues ao acaso, havia um controle consciente da movimentação do corpo e um certo roteiro de suas ações.

³²¹ Ibidem, sem pág.



FIGURA 18 – Detalhe de ação de Maikon K durante apresentação da performance DNA de DAN³²².

Um dos registros que apresentam os momentos finais da performance é o da Figura 19, que traz a imagem da bolha de Rosenbaum completamente desinflada e caída sobre o corpo de Maikon K.



FIGURA 19 – Detalhe de Maikon K durante momento em que a bolha plástica se esvazia³²³.

³²² Ibidem, sem pág.

³²³ FUNARTE. 'DNA de DAN' estreia dia 3 em Curitiba, levando experiência de imersão e exploração dos sentidos à plateia. Disponível em: <<https://bit.ly/3bfo1yS>>. Acesso: 05 ago. 2020. Sem pág.

A instalação que antes abrigava artista e público com espaço para movimentações, vai aos poucos se fechando sobre o corpo-comunicação do artista. E analisando a Figura 20, pode-se perceber que o público não era obrigado a sair da bolha quando de sua perda de estrutura.



FIGURA 20 – Detalhe de Maikon K e público durante momento em que a bolha plástica se esvazia ³²⁴.

Nessa segunda imagem são vistos vários corpos, além do performer, ainda presentes no interior da estrutura durante seu processo de esvaziamento. A postura desses espectadores, ainda mantendo-se em pé, faz com que aparentem atuar como colunas de sustentação desse envoltório plástico. É uma das poucas interações diretas da instalação com o público registrada em imagens, ação que antes ocorria de forma mais subjetiva, por meio do olhar, da troca de ar dentro da bolha. Nesse momento da performance a interlocução subjetiva entre obra e público se materializa no toque do plástico sobre as peles.

³²⁴ LUCCHESI, Sofia. Corpos em dupla pulsão: No último final de semana, o Tremal! Festival de Teatro trouxe à Camaragibe e Recife 'DNA de Dan', performance de Maikon K. censurada no ano passado. Recife, 04 jun. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/30dERbd>>. Acesso em: 05 ago. 2020. Sem pág.

2.4 O CORPO EM REGISTROS: ANÁLISE DOS REGISTROS AUDIOVISUAIS DE DNA DE DAN

Durante o período em que apresentava DNA de DAN no Memorial Minas Gerais Vale em janeiro de 2017, Maikon K concedeu uma entrevista aos profissionais da instituição. A equipe do memorial transformou o vídeo contendo o relato documental da performance em uma colagem que mescla a fala do artista com imagens de sua apresentação. O performer descreve um pouco da trajetória de apresentações de seu trabalho e aproveita para explicar o conceito por trás do título e das ações apresentadas em DNA de DAN³²⁵. Segundo K, o nome resultou do entrelaçamento entre o significado do termo DAN, referindo-se à serpente, e o conceito visual da molécula de DNA humano³²⁶. A entrevista se desenvolve de maneira didática, com o aparente intuito de criar uma sinopse do trabalho, uma maneira de narrar seu desenvolvimento para quem estivesse interessada ou interessado em assistir à obra. Maikon K aproveitou para dar crédito aos artistas que compuseram os elementos físicos de seu trabalho, e também para expor as relações entre a bolha e a proximidade do público. Ressaltou a analogia que se estabelece entre o Látex e a mudança de pele da serpente; em sua descrição, K reforça o caráter simbólico de quebra dessa “pele” e da ação de engolir algumas das partes desse produto. Por fim, o xamanismo é lembrado como um meio de busca por um “corpo que não é cotidiano” e cujo acesso se deu a partir de “práticas de som, de movimento”³²⁷.

Um “corpo não cotidiano”, colocado em um “ambiente imersivo”, ou a busca por uma vivência fora de certas normatividades impostas ao indivíduo. São movimentos corporais que remetem ao corpo da serpente livrando-se da pele. Maikon K se desloca dentro da bolha após um longo período de imobilidade, e no minuto 1, segundo 36 do vídeo (Figura 21), é perceptível um leve movimento de sua mão. A partir desse ponto, o artista aparece em flashes que o apresentam explorando com seu corpo os planos baixo, médio e alto, contorcendo-se de forma a ir ocupando o espaço central da bolha.

³²⁵ MEMORIAL Minas Gerais Vale. Performance DNA de DAN. Belo Horizonte, 12 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sXJXglsTl2I>>. Acesso em: 21 mai. 2020. Vídeo.

³²⁶ Ibidem.

³²⁷ Ibidem.



FIGURA 21 – Maikon K durante apresentação no Memorial Minas Gerais Vale. Belo Horizonte, 2017³²⁸.

Na Figura 22, momento 1'45" do vídeo, o performer aparece agachado, mãos para a frente, olhar cabisbaixo, realizando micromovimentos com suas extremidades. É como se tocasse ou reagisse a algo invisível.



FIGURA 22 – Maikon K durante apresentação no Memorial Minas Gerais Vale. Belo Horizonte, 2017³²⁹.

³²⁸ Ibidem.

³²⁹ Ibidem.

Alguns instantes depois, o corpo do artista aparece rastejando pelo chão da bolha (Figura 23). Seguido de um movimento corporal assemelhado ao de uma serpente – apesar da semelhança, é perceptível que a intenção não é a de imitar de forma verossimilhante esse animal. Os movimentos podem ser roteirizados, mas o resultado visual traz detalhes que seguramente não podem ser repetidos de forma exata em todas as apresentações.



FIGURA 23 – Maikon K durante apresentação no Memorial Minas Gerais Vale. Belo Horizonte, 2017³³⁰.

Outro registro audiovisual produzido para anunciar o trabalho de Maikon K foi um *teaser* da apresentação do trabalho que ocorreria como parte da Mostra Internacional de São Paulo, edição 2018 (MiTsp). Trata-se de uma nova entrevista com o performer a respeito de DNA de DAN. Em suas explicações, Maikon K descreve a importância de seu corpo para a performance. Enfatizando que “seu trabalho é estar no seu corpo”, sem permitir que sua mente fuja para outros lugares³³¹; problema comum a nossa sociedade acelerada e ansiosa. E para esse exercício de concentração o artista explica que a relação se dá de dentro para fora ao afirmar que precisa abrir “o seu corpo para perceber o ambiente com o corpo inteiro”³³². A conexão parece ser pensada no trabalho como uma quebra de fronteiras entre externo e interno, entre público e artista, entre a visualidade concreta e a subjetividade – referindo-se muito

³³⁰ Ibidem.

³³¹ MITSP. DNA de DAN - Maikon K. São Paulo, 22 fev. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/37Zqplc>>. Acesso em: 20 ago. 2020. Vídeo.

³³² Ibidem.

provavelmente aquilo que se esconde por trás da respiração, do olhar, do movimento. E em relação ao esforço físico demandado por seu trabalho, o controle da respiração é entendido como primordial para garantir a função da pele de látex. Isso porque Maikon K afirma que precisa respirar com pouca intensidade para não romper prematuramente o gel que cobre sua pele, podendo chegar a ficar entre duas e três horas com baixo fluxo de respiração.

Enquanto o artista descreve – em *voice over* – sua preocupação a respeito de como conseguir fazer com que o público entre em sua frequência, a imagem de uma interação entre o performer e uma pessoa do público é apresentada. Maikon K aparece sentado em uma posição quase como um *lotus*, nitidamente mimetizando a postura da espectadora que está a sua frente. Essa configuração corporal meditativa vai ao encontro do que é descrito pelo artista, mostrando que a tentativa de conexão se dava durante a própria apresentação. O trabalho, afirma, desenvolvia-se como uma experiência laboratorial para buscar possíveis meios de comunicação sensorial entre público e arte. Maikon K chega a denominar essa interlocução com o público como “uma comunicação animal”³³³. E outro aspecto apresentado nas imagens do vídeo diz respeito à forma como o público que optava por não se abrigar dentro da bolha possuía uma visão opaca das ações performadas. Nas Figuras 24 e 25 é possível constatar, assim como foi descrito no subcapítulo 2.3, que diversas pessoas optavam por ficar nessa “área externa”.



FIGURA 24 – Imagem da performance DNA de DAN no vídeo institucional do MiTsp. São Paulo, 2018³³⁴.

³³³ Ibidem.

³³⁴ Ibidem.

Para esse público, apesar da transparência do plástico, havia um ruído em sua observação dos acontecimentos interiores à bolha. As luzes se refletiam sobre a superfície desse casulo, o performer aparecia quase como uma silhueta branca e as emendas e amassados do plástico formavam relevos aparentes.



FIGURA 25 – Imagem da performance DNA de DAN no vídeo institucional do MITsp. São Paulo, 2018³³⁵.

Ao apresentar a temporada de DNA de DAN em Rondônia o SESC daquele estado criou um vídeo curto que, diferente de outras produções institucionais, usou imagens da performance sem narração em *voice over*³³⁶. Assim, não são apresentadas informações novas a respeito do trabalho, e as informações verbais são fornecidas como letreiros e trazem dados mais objetivos como dia da exibição, nome do artista, nome da obra. E com relação às imagens apresentadas percebe-se um enfoque na movimentação do corpo, que é o conteúdo central do trabalho. Utilizando cenas inusitadas dessa movimentação. Na Figura 26 vê-se o corpo de Maikon K contorcendo-se próximo ao chão, em movimento que trabalha diversos músculos do rosto. O artista se equilibra com a palma das mãos virada para o chão. O corpo se contorce e se aproxima ainda mais do chão (Figura 27); é como se estivesse dançando com o espaço que o

³³⁵ Ibidem.

³³⁶ SESC Rondônia. Palco Giratório 2017 – DNA de DAN. Porto Velho, 6 jul. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3sO1Hm0>>. Acesso em: 20 ago. 2020. Vídeo.

cerca. Em alto contraste por se tratar de uma imagem em preto e branco e por haver focos de luz sobre o performer, o corpo torna-se mais evidente contra um fundo escuro. Por fim, as pernas aparecem na Figura 28 como se desafiassem o andar, numa posição de contraponto ao equilíbrio do corpo. Essa movimentação parece querer encontrar uma existência outra; trata-se de um corpo presente, mas pouco cotidiano.



FIGURA 26 – Imagem da performance DNA de DAN apresentada em vídeo institucional do SESC Rondônia. Belo Horizonte, 2017³³⁷.



FIGURA 27 – Imagem da performance DNA de DAN apresentada em vídeo institucional do SESC Rondônia. Belo Horizonte, 2017³³⁸.

³³⁷ Ibidem.

³³⁸ Ibidem.



FIGURA 28 – Imagem da performance DNA de DAN apresentada em vídeo institucional do SESC Rondônia. Belo Horizonte, 2017³³⁹.

A construção da visualidade do corpo em DNA de DAN, cuja pesquisa teve o imaterial da existência como objeto, convida os espectadores a se transportarem junto com o performer para outras possibilidades de ser. Contudo, o artista procurou evitar que a experiência fosse transcendente, inalcançável, e para isso buscou limites dentro das barreiras do próprio viver. A espiritualidade representada por Maikon K materializa-se dentro do contexto do espaço, da presença, do compartilhamento, tratando de questões metafísicas como os temas da vida e da morte, sem nunca abandonar a experiência física do corpo. Percebe-se uma espiritualidade a ser vivenciada no agora e não reservada para um “mundo além” ou de uma mítica existência no pós-morte. A conexão com esse invisível preconizado pelo artista está ao alcance da respiração.

³³⁹ Ibidem.

3. A RECEPÇÃO DA OBRA DNA DE DAN E OS DEBATES DERIVADOS DA POLÊMICA GERADA EM TORNO DO TRABALHO

O ano de 2017 continuou agitado para Maikon K, e a perseguição política contra DNA de DAN foi contraposta por manifestações favoráveis ao seu trabalho. Um desses acontecimentos se deu ao final da edição daquele ano do Festival Internacional de Dança de Londrina em que houve a leitura de um texto-protesto contra a censura às artes. E a chamada para a apresentação desse manifesto foi divulgada, inclusive, nas redes oficiais do Festival de Dança de Londrina. Em sua página oficial no Facebook, a equipe de comunicação do evento informou que o espetáculo de encerramento do festival transformar-se-ia em “ato simbólico”³⁴⁰. Tendo o intuito de mostrar “à marolinha conservadora – que quer nos transformar em máquinas, controlando desejos e diferenças – que Londrina é e sempre foi uma cidade com vocação artística e proposições de vanguarda”³⁴¹.

O assessor de imprensa do festival e também representante do corpo curatorial, Renato Forin Jr., ficou responsável pela leitura do texto que abordava, principalmente, a questão da luta pela manutenção de direitos sociais³⁴². A carta, redigida pelos organizadores do festival, trazia questionamentos a respeito do conceito de obsceno e da relação entre os denunciadores de Maikon K e de um possível interesse político-eleitoreiro dessas pessoas. Apontando para evidências de uma relação entre o discurso desses agentes e o seu desejo de causar controvérsia cujos argumentos citariam determinados valores que seriam seguidos antigamente e que teriam passado a ser “deturpados” nos tempos atuais. O texto levantava ainda a dúvida se não estariam todos os organizadores e participantes do festival sendo usados como “massa de manobra de interesses escusos”. Essa leitura pública se deu em 15 de outubro de 2017, antecedendo o espetáculo da cantora e bailarina Fanta Konatê e da Troupe Djembedon no espaço da Concha Acústica de Londrina³⁴³. O protesto, ou manifesto contra a

³⁴⁰ FESTIVAL DE DANÇA DE LONDRINA. Hoje, 16 horas, concha acústica. Londrina, 14 out. 2017. **Facebook**: usuário dancalondrina. Disponível em: <<https://bit.ly/33T4i6T>>. Acesso em: 15 fev. 2020. Sem pág.

³⁴¹ Ibidem, sem pág.

³⁴² TAINE, Laís. Festival Termina com Show e Manifesto. **Folha de Londrina**, Londrina, 16 out. 2017. Folha 2. Disponível em: <<https://bit.ly/3EYOgg9>>. Acesso em: 15 fev. 2020. Sem pág.

³⁴³ Ibidem, sem pág.

censura, foi composto com termos que buscaram descrever o que se podia concluir das recorrentes ações de perseguição à arte naquele ano: “[...] para que saibamos que a arte deste tempo revela mais sobre quem vê do que sobre quem faz”³⁴⁴. E outro grupo a divulgar o evento foi o da ONG Alia, que tem foco em militância de questões que afetam os direitos da comunidade de pessoas LGBTQIA+³⁴⁵. Demonstrando assim, que a temática da perseguição à arte com abordagem dos corpos dissidentes é muito cara a essa comunidade.

Outra ação realizada foi uma “festa-manifesto” organizada pelo grupo Coletivo Mobiliza Londrina. O evento aconteceu em 11 de novembro de 2017 na Vila Cultural Cemitério de Automóveis em Londrina³⁴⁶. O nome do evento trazia uma explícita alusão à exposição de “Arte Degenerada” promovida pelo governo nazista de Hitler na Alemanha em 1937 que possuía o intuito de desmoralizar os então proeminentes artistas modernos europeus. Porém, ao contrário dos objetivos dos nazistas alemães, a ideia do coletivo londrinense, em parceria com a ONG Alia, era a de “inverter a lógica nazifascista” e celebrar artistas locais cuja produção combinasse arte e política progressista³⁴⁷. Apontando assim para uma aproximação entre os ataques à cultura no Brasil em 2017 e os mecanismos de repressão do regime nazifascista contra a cultura mais progressista de sua época. Na Figura 29 está o cartaz da mostra com mais detalhes técnicos do evento, incluindo o nome dos participantes e um fato curioso, o apoio da Prefeitura de Londrina. Curioso porque, como será visto adiante, foi do poder público municipal, mas não especificamente da prefeitura de Londrina, que partiram muitas das críticas à apresentação de DNA de DAN. Isso demonstra que nem todo o aparato público estava voltado para os ideais essencialistas de alguns dos agentes de poder da região. O ataque ao trabalho de Maikon K, inclusive, é citado como um dos fatores de motivação para a realização do evento³⁴⁸.

³⁴⁴ DANÇA BRASIL. Festival de Londrina. **Dança Brasil**, São Paulo, sem data. Notícias. Disponível em: <<http://dancabrasil.com.br/festival-de-londrina>>. Acesso em: 15 fev. 2019. Sem pág.

³⁴⁵ LONDRINA NA RESISTÊNCIA ao fascismo! Ato em defesa da arte e da liberdade de expressão agora na Concha Acústica. **Grupo Alia**, Londrina, 15 out. 2017. Disponível em: <<https://fb.watch/8kPRqhk7hb/>>. Acesso em: 15 fev. 2020. Sem pág.

³⁴⁶ FESTIVAL DA ARTE DEGENERADA acontece em Londrina neste sábado, 11/11. **Grupo Alia**, Londrina, 09 nov. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/39leNtv>>. Acesso em: 15 fev. 2020. Sem pág.

³⁴⁷ Ibidem, sem pág.

³⁴⁸ Ibidem, sem pág.



FIGURA 29 – Imagem de divulgação do Festival da Arte Degenerada que foi apresentado no cemitério de automóveis de Londrina, novembro de 2017.

Além da tentativa de interrupção da performance DNA de DAN no Lago Igapó em Londrina, a notícia de divulgação do evento listava outros ataques direcionados aos setores de cultura e educação, entre outros: “o cancelamento do repasse de verbas de R\$ 1,72 milhão do PROMIC (Programa Municipal de Incentivo à Cultura) pela prefeitura no ano de 2017”; “diversos processos a professores por suposta ‘doutrinação ideológica’”; e “ataques por parte de membros do legislativo aos trabalhadores grevistas, a grupos LGBT, negros e pobres”³⁴⁹.

E com relação ao espetáculo, após a perseguição sofrida em Brasília, no mês de julho, houve o retorno das apresentações de DNA de DAN. Maikon K não se intimidou e em agosto, com uma nova estrutura plástica criada para a bolha, retomou sua agenda do palco giratório. A nova apresentação se deu em

³⁴⁹ Ibidem, sem pág.

São Paulo, no SESC Belenzinho, nos dias 12 e 13 de agosto³⁵⁰. O retorno gerou interesse de jornalistas da área da cultura, resultando em maior disponibilidade de informações que traziam questionamentos relacionados à perseguição sofrida pelo trabalho. Em entrevista à época para Leandro Nunes, Maikon descreveu seu descontentamento. Para o artista, a quem a criação "faz parte de uma pesquisa sobre o xamanismo", o foco de interesse a respeito do trabalho se tornou avesso às suas intenções: "o nu [em DNA de DAN] nem é uma discussão. É só um recurso para mostrar que estou despido de qualquer cultura. Não há conotação sexual"³⁵¹. Em sua resposta com relação à abordagem comenta que já havia sido questionado pela polícia durante algumas apresentações anteriores. Porém o modo truculento com que a PM do Distrito Federal interrompeu seu trabalho foi inédito. Maikon aborda que nas ocasiões anteriores, ao serem apresentados com os documentos de liberação do trabalho e receberem detalhes da obra e do projeto do SESC, a polícia havia se retirado e permitido a continuidade da apresentação³⁵². Na conclusão de sua notícia, o jornalista ainda discorre do retorno da performance à Brasília.

E esse retorno aconteceu já em setembro daquele mesmo ano por conta de um convite dos curadores do Festival Cena Contemporânea³⁵³. Maikon Reencenou DNA de DAN e de quebra ainda realizou outra performance - assim nasceu a obra "Fotona". Esse novo trabalho ocorreu no dia 02 de setembro de 2017, às 09 da manhã e às 17 horas, no Museu da República, sendo precedido por um debate "sobre nudez artística"³⁵⁴. Maikon, que recebeu ameaças para não voltar à Brasília, relatou suas intenções com a ação: "falar um pouco sobre tudo o que eu passei [no dia da detenção] e o que aquela situação me mostrou"³⁵⁵. No trabalho fotográfico o artista curitibano, em parceria com Kazuo Okubo, colocou 150 pessoas nuas nos arredores do Museu Nacional na cidade

³⁵⁰ NUNES, Leandro. Detido em Brasília, Maikon Kempinski chega em SP com 'DNA de DAN'. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 11 ago. 2017. Estadão Cultura, Teatro e Dança. Disponível em: <<https://bit.ly/3927WL4>>. Acesso em: 15 fev. 2020. Sem pág.

³⁵¹ Ibidem, sem pág.

³⁵² Ibidem, sem pág.

³⁵³ FORTES, Luana. Censura | Autocensura: moralismo contra a arte. **Revista Select**, 21 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.select.art.br/censura-moralismo-contra-arte/>>. Acesso em 18 mai. 2020. Sem pág.

³⁵⁴ GARONCE, Luiza. Artista detido pela polícia durante performance de nu artístico volta ao DF. **G1 DF**, Brasília, 26 jul. 2017. Disponível em: <<https://glo.bo/3ureA7n>>. Acesso em: 20 abr. 2020. Sem pág.

³⁵⁵ Ibidem, sem pág.

de Brasília para realizar uma série de registros fotográficos desses corpos reunidos e aglomerados³⁵⁶. A obra, que pode ser vista em detalhes na Figura 30, consistiu em fotografias as quais apresentavam em sua composição principal pessoas sem roupas e deitadas ao ar livre. Na imagem, os corpos ocuparam a rampa de acesso, num posicionamento que dá a ilusão de ascensão, ao museu; o espaço onde foi realizado o ensaio é parte do Complexo Cultural da República João Herculino. Esse é o mesmo local em que a apresentação do artista curitibano sofreu a intervenção da polícia do Distrito Federal.



FIGURA 30 – Imagem da fotografia/performance Fotona apresentada em frente ao Museu Nacional de Brasília. Distrito Federal, setembro de 2017³⁵⁷.

Na Figura 31, é possível ainda analisar outra composição realizada para o registro do fotógrafo Kazuo Okubo. Neste ângulo, e com os corpos dispostos de maneira circular, a impressão é que o edifício do Museu Nacional expeliu essas pessoas por meio de sua rampa. Ação que pode ser consequência daquela retratada na Figura 30, em que se dá a ilusão de uma certa descida desses corpos como se tentassem deslizar para fora do museu. Maikon K classifica a ação como uma “resposta à censura de artistas no Brasil em

³⁵⁶ FORTES, Luana. Op. cit. sem pág.

³⁵⁷ Ibidem, sem pág.

2017”³⁵⁸. Porém, mesmo que a referida ação pareça demonstrar um avanço com relação ao moralismo que foi combustível para a perseguição ao trabalho de Maikon K, diversos acontecimentos posteriores apontavam para um horizonte não muito promissor. Um dos sintomas do que se tornou uma onda de desinvestimento da arte e da cultura, apenas para citar o caso do Festival Cena Contemporânea, foi a perda, a partir de 2019, do patrocínio do Fundo de Apoio à Cultura³⁵⁹. Coincidentemente aquele foi o primeiro ano de mandato do atual governador do Distrito Federal Ibaneis Rocha cuja plataforma política esteve e continua alinhada à atual plataforma política do executivo federal.



FIGURA 31 – Imagem da fotografia/performance Fotona apresentada em frente ao Museu Nacional de Brasília. Distrito Federal, setembro de 2017³⁶⁰.

Detalhe que denota uma mudança conservadora no cenário cultural naquele momento pode ser encontrado na página oficial do festival cena

³⁵⁸ Ibidem, sem pág.

³⁵⁹ GARONCE, Luiza. Cena Contemporânea chega à 20ª edição em Brasília sem patrocínio do FAC. **G1 Distrito Federal**, Brasília, 20 ago. 2019. Disponível em: <<https://glo.bo/34pAdwj>>. Acesso em 15 fev. 2020. Sem pág.

³⁶⁰ FOTONA. Disponível em: <<https://maikonk.com/pt-br/fotona>>. Acesso em 15 fev. 2020. Sem pág.

contemporânea em que foi anunciada a apresentação de Fotona. No site havia uma indicação de idade: “Não recomendado para menores de 18 anos”³⁶¹. Essa questão em torno da possível inadequação dos trabalhos a um público menor de idade esteve presente em diversos dos outros casos de perseguição à arte em 2017. E dois casos merecem destaque: a exposição “Faça Você Mesmo Sua Capela Sistina”, de Pedro Moraleida, realizada em outubro daquele ano no Palácio das Artes, em Belo Horizonte; e a exposição “Histórias da Sexualidade”, com curadoria de Adriano Pedrosa, Lilia Schwarcz, Pablo León de la Barra e Camila Bechelany, realizada pelo Museu de Arte de São Paulo. Em ambos os casos pessoas menores de 18 anos foram proibidas de visitar os espaços e ter contato com os trabalhos selecionados pelas referidas mostras³⁶². Nesse ponto, percebe-se que curadores e diretores de centros culturais passaram a ter receio de arcar com as consequências negativas das polêmicas geradas em torno de trabalhos que abordavam questões de gênero e sexualidade. Mensagens com ameaças de morte, inclusive, se tornaram frequentes para artistas e curadores envolvidos nas exposições alvo de grupos conservadores.

A necessidade de assegurar a continuidade de seu trabalho fez com que diversos agentes culturais tomassem medidas cautelares como essa de proibição do acesso aos trabalhos por parte de menores de idade, mesmo quando estivessem acompanhados de seus responsáveis legais. Reverberando até em mostras regionais e dos mais diversos recortes temáticos. Sendo uma delas a 32ª Mostra Afro-brasileira Palmares, realizada no ano de 2017 em Londrina, posteriormente ao ocorrido durante apresentação de DNA de DAN no Lago Igapó³⁶³. E como resposta a essas atitudes o Ministério Público Federal divulgou, à época, uma nota técnica determinando “que a classificação etária em exposições de arte é meramente indicativa”³⁶⁴. Portanto, era descabida a medida de restrição do acesso às obras por parte de menores de idade, caso esses fossem acompanhados dos pais ou outros responsáveis. Percebemos, assim, que a reconciliação da arte de Maikon K com o espaço público onde havia sido

³⁶¹ GARONCE, Luiza, 2019. Op. cit. sem pág.

³⁶² FORTES, Luana. Op. cit. sem pág.

³⁶³ 32 MOSTRA. In: NOGUEIRA, Vagner. **Revista História e Acervo da Mostra Afro Brasileira Palmares**, Londrina, v. 1, n. 1, p. 45, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3mxgrV1>>. Acesso em: 15 mai. 2021. Sem pág.

³⁶⁴ Ibidem, sem pág.

apresentada originalmente a obra DNA de DAN apresentava cicatrizes. Isso porque permanecia no ar um receio em relação às possíveis retaliações que uma parcela da nossa sociedade poderia operar contra o artista e seu trabalho.

A perseguição à arte se intensificaria na área do legislativo a partir da conclusão da CPI dos Maus Tratos, cuja atuação foi vista por diversos parlamentares como pouca efetiva no combate à pedofilia. Gerando críticas por parte de vários políticos contra o então presidente da comissão, Magno Malta, que foi acusado de utilizar a investigação “como palco eleitoral para benefício próprio”³⁶⁵. E a influência do relatório final da comissão reverteu-se em textos como o da Lei Estadual Paulista 16.793/2018 em que se institui “classificação indicativa para as exposições e mostras culturais e de artes visuais no Estado de São Paulo, baseado no Projeto de Lei – PL 922/2017 do Deputado Celso Nascimento”³⁶⁶. Essa movimentação em favor de uma promulgação de políticas públicas que coibissem a nudez em trabalhos artísticos levou a algumas reações da mídia jornalística que analiso na sequência. Houve, por exemplo, a publicação de relatos, colhidos com pessoas abordadas em espaços públicos, que respondiam à seguinte questão: “o que você pensa sobre a censura nas artes”³⁶⁷. Foram quatro entrevistados, sendo duas pessoas apresentando críticas à censura e duas com inclinação para que se imponham limites à produção artística. As opiniões críticas defendiam o combate ao cerceamento da liberdade criativa, comparando o cenário atual com o período de repressão da Ditadura Militar iniciada em 1964³⁶⁸.

Nas duas outras opiniões, com palavras que demonstravam receio em assumir uma defesa explícita da censura, a argumentação ficou na defensiva. Numa das falas, a entrevistada, uma pedagoga, se declarou favorável ao nu em ambiente fechado, mas disse que como evangélica acreditava que a nudez

³⁶⁵ NOBREGA, Ana Carolina M. C. Uma análise do discurso pudico contra a performance La Bête de Wagner Schwartz: A arte na era da pós-censura, da pós-verdade e da *fake news*. **Trabalho de Conclusão de Curso** – Licenciatura em Artes Visuais, UNESPAR – Campus I – Escola de Música e Belas Artes do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3kxogQU>>. Acesso em: 29 ago. 2021. pág. 69.

³⁶⁶ Ibidem, pág. 70.

³⁶⁷ ENQUETE – o que você pensa sobre a censura nas artes? **Folha de Londrina**, Londrina, 16 out. 2017. Folha 2. Disponível em: <<https://bit.ly/3m8gl0f>>. Acesso em: 15 fev. 2020. Sem pág.

³⁶⁸ Ibidem, sem pág.

estaria sendo utilizada “para o mal”³⁶⁹. E na fala do outro entrevistado, que é capelão, apareceram conceitos usados de forma opinativa. Ele afirmava estarmos na “pós-modernidade” e que, portanto, nos enganamos ao pensar “que o que acontece lá fora [referindo-se provavelmente aos países do Norte Global] já serve aqui”. O entrevistado passa para a defesa da “liberdade”, enfatizando que esse conceito não deve ser confundido com “libertinagem”. Concluindo que apesar de não concordar com todas as leis brasileiras ele acreditava na existência de um modismo na sociedade relacionado a questões de gênero e sexualidade, fato que estaria “provocando a família brasileira”³⁷⁰. Nota-se que há certos conceitos extraídos do pânico moral, abordado por Renan Quinalha, que guiam essa argumentação mais favorável à censura. São termos que dizem respeito a uma certa “ameaça à família”, receio de uma certa “libertinagem” e uma retórica de degradação da fé religiosa.

Passando ao ano de 2018, essa temática reaparece, em 7 de janeiro, como tema da redação da segunda fase do vestibular da FUVEST (Fundação Universitária para o Vestibular da USP), trazendo como uma das referências para o tema o fechamento da exposição “Queermuseu”³⁷¹. No exercício, os mais de vinte mil candidatos participantes dessa fase precisavam discorrer a respeito da liberdade artística e se deveriam ser impostos ou não limites para a arte e para os artistas. E a notícia publicada a respeito desse fato na Folha de Londrina acrescentou a polêmica em torno da apresentação de DNA de DAN em 2017 no Festival de Dança da cidade como um exemplo de censura artística na região³⁷². A reportagem ainda trazia o relato de dois participantes do referido vestibular que expuseram sua opinião a respeito do tema da redação da FUVEST. No primeiro relato foi apresentada uma defesa condicional da liberdade artística, condicional porque ao mesmo tempo em que o estudante entendia a necessidade de não cercear a arte ele defendia que os artistas deveriam respeitar a legislação. No segundo relato há uma defesa mais objetiva da liberdade artística, em que o estudante entende que se não houver liberdade

³⁶⁹ Ibidem, sem pág.

³⁷⁰ Ibidem, sem pág.

³⁷¹ MENGUE, Priscila. Limites para a arte é tema da redação da Fuvest. **Folha de Londrina**, Londrina, 07 jan. 2018. Folha Geral. Disponível em: <<https://bit.ly/3CZwAZG>>. Acesso em: 15 fev. 2020. Sem pág.

³⁷² Ibidem, sem pág.

para o criar artístico a arte “não é, é só uma coisa bonita [sic]”, numa nítida referência ao conceito clássico de arte como algo belo/simétrico/proporcional³⁷³.

Ainda naquele ano, a tentativa de estabelecer uma censura com base na classificação etária de trabalhos artísticos não foi capaz de silenciar a obra de Maikon K. O artista teve ainda a oportunidade, em 2018, de responder a esses ataques participando de mais dois eventos importantes para a cena artística naquele ano. Trata-se do Festival de Curitiba e do MITsp (Mostra Internacional de Teatro de São Paulo). No caso do Festival de Curitiba, Maikon K foi convidado pelos curadores do evento a criar, juntamente com Wagner Schwartz, Renata de Carvalho e Elisabete Finger, um espetáculo que, em suas próprias palavras, foi resultado da “ressaca de 2017, de 2018 e do que virá pela frente”³⁷⁴. Sua fala ressoa até os dias de hoje, em 2022, em que a cultura nacional continua impactada por um governo autoritário e que lida com as crises hídrica, energética, climática, econômica, política e sanitária de maneira errática³⁷⁵. A ressaca citada por Maikon K, com o texto de Domínio Público, que estreou no Teatro da Reitoria da UFPR em 29 de março de 2018, pode ser observada pelo público que durante a apresentação notou um palco cercado por seguranças, algo incomum para esse tipo de apresentação³⁷⁶.

Sem tocar diretamente no assunto das perseguições políticas que cada um dos artistas sofreu no ano anterior, o texto da peça centrou-se na história do

³⁷³ Ibidem, sem pág.

³⁷⁴ K, MAIKON. Um copo de bÍlis. **Revista Continente**, Curitiba, 15 mai. 2018. Depoimento. Disponível em: <<https://bit.ly/3mXvPug>>. Acesso em: 22 jan. 2020. Sem pág.

³⁷⁵ Os problemas de gestão do governo Bolsonaro foram amplamente noticiados e analisados por jornalistas brasileiros e estrangeiros:

GADELHA, Álvaro. Governo deveria ter agido em 2020 contra crise hídrica, diz especialista. **CNN Brasil**, São Paulo, 16 out. 2021. Business. Disponível em: <<https://bit.ly/3QyIRNk>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

ESTADÃO CONTEÚDO. Governo Bolsonaro foi “negligente” sobre impacto de ações para enfrentar crise hídrica, aponta TCU. **InfoMoney**, São Paulo, 13 jan. 2022. Gestão. Disponível em: <<https://bit.ly/3xEKmqA>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

REDAÇÃO RBA. Crise ambiental provocada por Bolsonaro ameaça enfraquecer economia do país. **Rede Brasil Atual**, São Paulo, 01 ago. 2021. Ambiente. Disponível em: <<https://bit.ly/3y4Qz9X>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

LIMA, Bianca; GERBELLI, Luiz Guilherme. Como a crise institucional provocada por Bolsonaro impacta a economia. **G1 DF**, Brasília, 17 ago. 2021. Economia. Disponível em: <<http://glo.bo/3O6Thkz>>. Acesso em: 16 abr. 2022.

³⁷⁶ STEUERNAGEL, Marcos. “Domínio Público: Performing the Brazilian Conservative Turn”. **Latin America Theatre Review** – Center of Latin American Studies, University of Kansas. v. 52, n. 2, abr./jun., 2019. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/731096>>. Acesso em: 05 abr. 2020. p. 129.

quadro Mona Lisa, explanando como essa obra da arte renascentista se transformou num dos objetos mais valiosos do mundo³⁷⁷. O espetáculo se distanciou da estética das obras que sofreram perseguição em vários aspectos, pois não havia nudez, nem havia dança ou interpretação, e tudo transcorria em clima de aula de história da arte. Um a um os artistas se revezavam para apresentar histórias a respeito do percurso da obra de Leonardo da Vinci. Percorrendo desde a criação do quadro Mona Lisa até o seu roubo no início do século XX e chegando a recentes medidas de segurança que o deixaram fisicamente mais distante do público.

Wagner Schwartz foi o primeiro a aparecer no palco e sua fala questionava as narrativas e os rótulos que cercaram a obra de da Vinci, principalmente com relação às edições que buscavam impor significados externos ao trabalho. E essa busca da sociedade por classificar a natureza de Monalisa foi explorada na sequência por Renata Carvalho, para quem a indefinição de gênero suscitada por muitas narrativas a respeito da pessoa representada no quadro demonstrava o julgo que nossa sociedade impõe aos corpos e suas identidades. Numa constante tentativa de encerrar as possibilidades de gênero dentro de um padrão binário. E o roteiro da peça continuou com a participação de Maikon K, que apresentou uma lista de ataques perpetrados contra o quadro, que causaram o reforço da proteção em torno do quadro. O curitibano apresenta uma descrição dos aparatos de segurança que compõem o entorno da obra nos dias de hoje³⁷⁸. K discorreu sobre a potência da arte e os diversos sentimentos que uma obra pode suscitar no público. Por fim, Elisabete Finger elenca os mitos narrativos a respeito de detalhes da obra que se popularizam ao longo da história. Desde a ideia de uma relação amorosa entre Da Vinci e a pessoa retratada no quadro até a suposição de que esse romance houvesse frutificado com o nascimento de um filho de ambos. A vida pessoal da mulher representada sofre grande escrutínio do público. Numa analogia com a experiência da própria Finger em todo o desenvolvimento em torno da polêmica com a participação dela e de sua filha durante apresentação de Schwartz.

³⁷⁷ Ibidem, p. 131.

³⁷⁸ Ibidem, p. 140.

O texto, no formato peça-palestra, enfatiza o deslocamento que ocorreu em relação ao sentido original e histórico do quadro *Monalisa*. A obra em questão, a partir das polêmicas geradas a respeito de sua origem ou da intenção do artista ou na mistura do trabalho com a vida pessoal de Da Vinci, passou a ganhar outra dimensão. Criaram-se fatos inexistentes ou de pouca credibilidade, e que na maioria das épocas em que surgiram eram de difícil contrargumentação uma vez que era impossível acessar o criador ou o circuito de produção da época. E essa separação entre o sentido original do trabalho e a criação a posteriori de significados para os seus detalhes, sejam materiais ou imateriais, se assemelha ao que ocorreu com trabalhos como o de Maikon K. Isso porque DNA de DAN, a partir do público que acessou seus registros e/ou as notícias a respeito da polêmica gerada em torno de algumas de suas apresentações, passou a interpretar o trabalho por meio de informações retiradas de contexto. A ideia de que a nudez era o tema central da obra, de que questionamentos a respeito de sexualidade e erotismo permeavam toda sua construção, ou de que a apresentação buscava aliciar crianças e adolescentes, eram conjecturas que não se constituíam em questões relevantes para a composição da obra. No caso do aliciamento de crianças e adolescentes, essa informação se mostrou completamente inverídica e parte de um contexto discursivo que buscava criminalizar o trabalho.

DNA de DAN se tornou mote para temas de costumes e exemplo de uma ideia de degradação da sociedade. A arte, dentro desse contexto, seria uma das armas entendidas como parte de um plano maior o qual seria arquitetado para realizar a desestruturação das ideias de pátria, família tradicional e cristianismo. E mesmo os seus detalhes, como a nudez e o uso de espaços públicos em algumas ocasiões, foram vistos como provas cabais dessa teoria levantada por agentes públicos de discurso conservador. Por fim, o trabalho, assim como aconteceu com a *Monalisa*, acaba, muitas vezes, sendo lembrado ou debatido por questões que não o concernem. Com essa transformação de sentido, a obra se torna outra coisa, que não arte ou estudo do movimento ou do corpo, passa a ter um simbolismo estrangeiro, colocado sobre o trabalho sem que haja um debate aprofundado a respeito de suas características estéticas.

Retornando à participação do artista curitibano no espetáculo, Ruy Filho enxerga uma possível analogia entre a bolha que envolve Maikon K em seu trabalho DNA de DAN e o aparato de segurança que envolve o quadro. Trata-se do “invólucro” que hoje em dia segrega, com uma camada de “vidro à prova de bala”, o quadro Mona Lisa “da realidade” que o cerca³⁷⁹. Na Figura 32 é possível observar o artista em cena de Domínio Público, vestindo-se de forma sóbria com roupas sociais. Maikon K está compenetrado num posicionamento de corpo que nos remete a uma conferência. Ele olha para a frente, para o local do público, com semblante de quem tenta abrir um diálogo com desconhecidos – que talvez esperassem um ato de rebeldia do corpo.



FIGURA 32 – Imagem da peça “Domínio Público” apresentada no Teatro da Reitoria da UFPR, em março de 2018, Curitiba, PR.³⁸⁰.

³⁷⁹ Ibidem, pp. 280-281.

³⁸⁰ FILHO, Ruy. Especial: Domínio Público. **Revista Antro Positivo**, 22 dez. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3P1s8Ai>>. Acesso em: 1 jul. 2022. pp. 282-283.

Domínio público foi uma obra de resposta, em que os artistas não se deixaram envergar pelas críticas e ações anteriores de representantes de esferas do poder, que buscaram distorcer a proposição de seus trabalhos. Ao indicar pedofilia por conta da nudez masculina e/ou da proximidade de uma criança, ao apontar intolerância religiosa por preconceito contra um corpo de gênero não hegemônico, os opositores criaram diversas narrativas falsas com o intuito de autopromoção e visibilidade. Contudo, mesmo que, conforme indica Marcos Steuernagel, o público tenha esperado mais ousadia corporal dos performers, o formato do trabalho pode ter apresentado o desafio que era mais importante àquela plateia: o de levar as pessoas a refletirem não apenas a respeito do tipo de informação que compartilhamos em nosso dia a dia, mas também na maneira como “pensamos o que pensamos”³⁸¹. E em termos de efetividade da proposta o trabalho funcionou a partir de seu caráter de “investigação sobre como a arte é instituída por sistemas, mecanismos e interesses não próprios e muitas vezes não calculados que colocam em xeque a eficácia de suas justificativas”³⁸².

E ainda em 2018, Maikon K voltou a apresentar DNA de DAN como convidado por parte da equipe curatorial do MITsp (Mostra Internacional de Teatro de São Paulo), em duas oportunidades. Uma no Sesc Ipiranga em 9 de março às 21h e outra no dia 10 de março às 18h na Galeria Vermelho, ambas em São Paulo capital³⁸³. As apresentações fizeram parte de uma edição “experimental” da submostra MITbr, com curadoria de Christine Greiner, Felipe de Assis e Welington Andrade³⁸⁴. Esse novo eixo da MITsp trouxe o trabalho de Maikon K em paralelo a diversos projetos produzidos no Brasil e que tiveram destaque na cena nacional em anos recentes³⁸⁵. Em ambos os casos não houve nenhuma intervenção conservadora com foco no impedimento da ocorrência do trabalho.

Em 2019, outra notícia fez menção ao trabalho de Maikon K, e de outros artistas que tiveram seus projetos censurados depois de sofrerem repressão de

³⁸¹ STEUERNAGEL, Marcos. Op. cit. p. 145. Tradução minha.

³⁸² Ibidem, p. 281.

³⁸³ MITSP. DNA de DAN. Op. cit. sem pág.

³⁸⁴ MITSP 2018. Apresentação. São Paulo. Disponível em: <<https://bit.ly/3HEfVOT>>. Acesso em: 08 mai. 2020. Sem pág.

³⁸⁵ Ibidem.

discursos conservadores, principalmente no meio virtual, que questionavam suas apresentações. Um texto publicado no portal IG lembrou estes casos em decorrência de um caso de censura institucional ocorrido no Rio de Janeiro. O então prefeito da capital fluminense, Marcelo Crivella, em setembro daquele ano, determinou que fossem retirados de circulação na Bienal do Rio todos os exemplares da HQ “Vingadores – A Cruzada das Crianças”, com argumento de Allan Heinberg e desenho gráfico de Jim Cheung³⁸⁶. O próprio conceito de censura parece ser usado de forma mais contundente pela publicação, de forma a dirimir qualquer dúvida quanto ao caráter autoritário dessas ações. Assim, DNA de DAN foi colocada junto à mostra de charges políticos “Independência em Risco”, além de outros trabalhos perseguidos em 2017, já citados nesta pesquisa.

A justificativa para o ataque à HQ foi o “perigo” que o produto representaria para as crianças, pois segundo o entendimento do hoje ex-prefeito do Rio a obra continha “conteúdo sexual para menores”. O conteúdo era composto por alguns diálogos e imagens românticas e de contato físico entre personagens de mesmo gênero, especificamente entre Wiccano e Hulkling, como pode ser visto na Figura 33.



FIGURA 33 – Imagem de detalhe da versão original em inglês da HQ “Vingadores – A Cruzada das Crianças”, Bienal do Rio, Rio de Janeiro, 2019.³⁸⁷.

³⁸⁶ IG. Cinco vezes que o Brasil flertou com a censura nas artes nos últimos anos. **IG**, 12 set. 2019. Gente. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZTtc4B>>. Acesso em: 15 fev. 2020. Sem pág.

³⁸⁷ HEINBERG, Allan; CHEUNG, Jim. Avengers: The Children's Crusade – Volume 01. E.U.A.: Editora Marvel, 2012. p. 20.

O trabalho foi usado pelo político com a mesma tática de agentes conservadores em anos anteriores, que consistia em criar uma narrativa de perigo para a infância, e conseqüentemente de destruição do conceito de “família de bem” e ameaça à fé cristã. Porém, neste caso, o discurso que outrora funcionara de maneira favorável ao conservadorismo não surtiu o mesmo efeito. A polêmica gerada em torno da ação do prefeito foi vista como desproporcional e despropositada, colocando uma parcela significativa do público contra Crivella³⁸⁸.

Para quem possa pensar que a interrupção das apresentações de DAN de DAN após o MITsp 2018 tenha sido por receio de reapresentar o trabalho, há que se ponderar outras questões apresentadas pelo artista. Maikon K residiu em Berlim/ Alemanha entre meados de 2020 e de 2021, desde que passou a receber uma bolsa de apoio da instituição Martin Roth Initiative³⁸⁹ por meio da Akademie der Künste. Durante esse período o artista concedeu uma entrevista ao professor e pesquisador Anderson Bogéa em agosto de 2021³⁹⁰. Na ocasião, a partir de um questionamento oriundo de um espectador da *live*, K lembrou os casos de censura os quais causaram interrupção de sua performance em 2017. E especificamente com relação à possibilidade de voltar a apresentar DNA de DAN, o performer informou que apenas não voltou a realizar o trabalho porque percebeu que seu sentido mudou perante o público. Para Maikon, o contexto brasileiro nos últimos três anos fez com que não valesse a pena o esforço de “ter de lidar com coisas que não estão relacionadas ao trabalho”, tendo que “responder” a uma demanda conservadora a respeito de nudez e obscenidade³⁹¹.

Esse retorno do artista no período pós-polêmicas, e aqui nem mesmo se abordaram trabalhos como “Enquanto Somos Humanos” de 2019 ou “The Planet is Round” de 2021, pode ser pensado como mais uma resposta tanto sua quanto

³⁸⁸ Ibidem, sem pág.

³⁸⁹ A bolsa de apoio da Martin Roth Initiative é um programa de fornecimento de suporte financeiro/material para artistas que sofreram ou sofrem censura ou perseguição em seu país de origem, muitos, inclusive, impedidos de produzir e apresentar seus trabalhos artísticos devido a legislações nacionais que restringem a liberdade artística em seu território.

³⁹⁰ BOGÉA, Anderson. NÓS: Cultura, Arte, Filosofia #12 - Maikon K - Performance como perversão. **Kotter TV**. Disponível em: <<https://bit.ly/3hodsFH>>. Acesso em: 19 ago. 2021. Vídeo.

³⁹¹ Ibidem.

de dirigentes e organizadores das instituições de arte. Pois era de se esperar que a perseguição vivenciada em 2017, que forçou uma certa cautela por parte de algumas instituições culturais brasileiras, arrefecesse os ânimos de artistas, curadores, pesquisadores, acadêmicos nos meses posteriores. E o que ocorreu foi o contrário, um retorno, uma resistência a se calar, uma atuação tão ativa quanto antes, ainda que readequada a certas classificações indicativas. Restrições que soam ingênuas em tempos de acesso ao pornô na palma da mão e em quantidade que cresce exponencialmente a cada dia³⁹². Com celulares à disposição para todas as idades e quase sem controle parental, as restrições impostas a exposições e outros trabalhos de arte assumem caráter demagógico.

E além da resposta dos artistas que se viram desafiados pelo discurso moralista difundido no ano de 2017, faz-se importante debruçar-se sobre dois outros aspectos dessa convulsão em torno de trabalhos como DNA de DAN. É importante analisar tanto a resposta do público quanto a reação dos artistas a toda essa polêmica criada para estigmatizar a presença dos corpos e vivências não hegemônicos na arte contemporânea. Para isso, como o enfoque desta pesquisa está centrado no artista Maikon K e sua obra DNA de DAN, e porque o espaço não permite uma análise de extensão ilimitada, nada mais coerente que analisar esses fatos a partir do referido artista e sua obra. Para tanto, nos próximos subcapítulos, 3.1, 3.2 e 3.3 abordarei notícias que reverberaram os acontecimentos de Brasília e Londrina e as reações do público da internet e dos agentes institucionais a esses fatos. Por fim, no subcapítulo 3.4, serão analisadas as respostas que Maikon K deu aos seus ameaçadores, muitas vezes anônimos, que tentaram desestabilizar tanto sua vida pessoal quanto sua atuação profissional.

3.1. A RECEPÇÃO NA MÍDIA DAS ABORDAGENS POLICIAIS CONTRA APRESENTAÇÕES DA PERFORMANCE DNA DE DAN

³⁹² O crescimento da produção e da comercialização de materiais pornográficos distribuídos pela internet fez com que o mercado desse tipo de filmografia ultrapassasse o consumo de streaming de grandes produtoras *mainstream* e não pornográficas como Netflix, CNN e Amazon Prime. JORNAL DE BRASÍLIA. Indústria do entretenimento adulto cresce na Pandemia e ultrapassa sites como CNN, Netflix e Amazon. **Jornal de Brasília**, Brasília, 11 fev. 2022. Notícias. Disponível em: <<https://bit.ly/3HBJNeS>>. Acesso em: 14 jun. 2022.

As notícias a respeito do ocorrido com o artista Maikon K durante cada uma das abordagens policiais se espalharam pelos principais portais de informação da internet. Tendo diversas dessas postagens gerado grande volume de comentários do público que as acessava. Porém, antes de passar à análise dessas respostas do público que acessou as notícias, sinto a necessidade de expor os resultados de minha pesquisa com relação ao que foi noticiado a respeito da polêmica criada em torno de DNA de DAN. E a primeira tarefa foi filtrar os resultados, isso porque o número de sites hoje em dia no Brasil pode atingir a casa dos milhões, principalmente se forem levados em consideração os blogues pessoais e os sites instantâneos feitos a partir de ferramentas automáticas. Assim, e como forma de recortar o volume de dados para análise, foram consideradas, com algumas exceções, somente as notícias veiculadas em portais de informação de jornalismo profissional.

Para iniciar a busca por reportagens ou postagens a respeito dos casos de perseguição ao artista foi utilizado o nome “DNA de DAN”. Busquei o termo junto ao nome da cidade onde ocorreu cada intervenção, Londrina ou Brasília, na ferramenta Google – o uso das aspas se dá como forma de garantir que sejam retornados resultados em que a frase apareça de forma completa. Essa tática visa evitar que resultados não relacionados ao assunto, como notícias ou postagens a respeito de estudos de DNA, por exemplo, apareçam mesclados ao tema que se procura. E a partir dessa pesquisa, começando pela cidade de Londrina, foram retornados mais de quinhentos resultados, o que demandou um esforço de filtragem. Com destaque para o portal do jornal Folha de Londrina, sendo o que mais noticiou o evento e seus desdobramentos. Nessa primeira etapa, eu busquei organizar cronologicamente os resultados, começando pelo momento que eu denomino de pré-acontecimento, passando ao ocorrido e terminando com os desdobramentos do episódio.

Na fase do pré-acontecimento, um detalhe chamou a atenção, trata-se de um destaque que foi dado para o fato de que DNA de DAN era uma das atrações do Festival de Dança de Londrina. Não que o trabalho não merecesse a menção nas notícias de divulgação do festival, mas em diversas dessas publicações o destaque não se referia somente à qualidade do trabalho, mas também ao fato de DNA de DAN ter sido interrompida alguns meses antes pela polícia militar em

Brasília. A começar com o texto no catálogo oficial do evento, também utilizado em diversos anúncios do festival, em que a performance de Maikon K é descrita da seguinte maneira:

No campo da *performance art*, o Festival inclui em sua programação “DNA de DAN”, do respeitado artista curitibano Maikon K. Após aguardar por três horas para que uma substância gelatinosa seque e descame sobre o seu corpo, remetendo à troca de pele, ele inicia uma dança ritual que remete a Dan – a serpente ancestral cultuada em várias culturas milenares –, bem como aos processos de metamorfose e transformação. A entrada no espaço da performance é permitida somente a pessoas acima de 16 anos. “DNA de DAN” integrou a mostra “Terra Comunal” a convite de Marina Abramovic e provocou grande discussão em Brasília, no mês de julho, quando Maikon K foi interrompido pela polícia e preso durante a performance³⁹³.

Percebe-se um cuidado em deixar explícito na descrição que há uma classificação etária para poder assistir ao trabalho. Algo que no decorrer da apresentação do catálogo não acontece com a descrição de sinopse de nenhuma outra obra a ser apresentada no evento a não ser na ficha técnica ao longo de cada publicação. Ainda assim, é nítido o uso do fato de DNA de DAN ter causado “grande discussão em Brasília” como um chamariz de público para o espetáculo³⁹⁴. Reiterando aquilo que Maikon K descreveu em sua entrevista para a Kotter TV de que seu trabalho passou a ser analisado a partir de questões que ele não aborda explicitamente, alterando o sentido que planejara para sua proposição³⁹⁵.

Além disso, duas outras partes do texto apontam para uma relação ainda mais abrangente a respeito do clima de perseguição à arte em que o festival estava inserido. Na primeira referência ao tema, a reportagem aponta para o mote do festival como um evento que propõe a “revolução da alegria”, sentimento que seria uma “resposta às questões contemporâneas”. E por questões contemporâneas são destacadas as “posições extremistas, intimidações à liberdade de expressão e confusões entre o campo real e simbólico”³⁹⁶. Essa

³⁹³ APD ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE DANÇA DE LONDRINA E REGIÃO NORTE DO PARANÁ. Catálogo do 15º Festival de Dança de Londrina, 2017. Londrina: APD, 2017. p. 5.

³⁹⁴ *Ibidem*.

³⁹⁵ BOGÉA, Anderson. Op. cit. sem pág.

³⁹⁶ APD ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE DANÇA. Op. cit. p. 2.

última afirmação assemelhando-se ao tipo de confusão semântica que ocorreu com a recepção de parte do público à apresentação de DNA de DAN em Brasília. E o texto volta a afirmar esse posicionamento quando trata da obra “Luis Antonio – Gabriela” que “serve como mote para a discussão sobre a questão de gênero, tão em voga diante da guerra entre direitos conquistados e a onda conservadora atual”³⁹⁷. Percebe-se, assim, como a curadoria do festival estava consciente dos desafios que rondavam a liberdade artística no Brasil daquele ano - especialmente para trabalhos que abordassem questões de gênero e sexualidade.

E cabe aqui ressaltar uma estratégia similar àquela ocorrida na ocasião do fechamento da exposição queermuseu. Trata-se da necessidade de apontar para um norte de validação do trabalho como forma de ressaltar sua importância e assim pontuar ainda mais a controversa atitude contra o trabalho. Ao citar a seleção de DNA de DAN para compor exposição que recebeu curadoria de Marina Abramovic, os canais de mídia tentam destacar a injustiça com a obra. Porém, diferente do que ocorreu com queermuseu, em que a presença de trabalhos de artistas canônicos como Portinari só revelava a inadequação da proposta com o tema base de sua existência, a validação de Abramovic a respeito da relevância de DNA de DAN acentuava a potência dessa performance. Mas o que quero pontuar com essa notação é o fato de que tais validações são usadas como uma forma de garantia de que se trata de trabalho que merece ser defendido. E resta a pergunta: não seria o trabalho suficientemente bom para ser defendido por suas qualidades ou seu valor se dava apenas por conta de sua aprovação por parte de Abramovic?

A nota foi republicada parcial ou integralmente em diversos outros veículos de comunicação regionais pela internet, como o Alma Londrina, o site da própria Prefeitura da cidade, Londrina Convention Bureau, Londrina Tur, G1/RPC Norte e Noroeste do Paraná, TN (Tribuna do Norte) online, entre outros³⁹⁸. E em alguns desses portais uma imagem de Maikon K durante

³⁹⁷ Ibidem, p. 4.

³⁹⁸ ALMA. Festival de Dança começa sábado. **Alma**, Londrina, 05 out. 2017. Jornalismo Cultural. Disponível em: <<https://bit.ly/3zV0QD3>>. Acesso em 15 fev. 2020.
“REVOLUÇÃO DA ALEGRIA” é o tema do Festival de Dança 2017. Prefeitura, Londrina, 04 out. 2017. Cidadão. Disponível em: <<https://bit.ly/3D1mlyx>>. Acesso em 15 fev. 2020.

apresentação de DNA de DAN era usada como ilustração do festival, quem lesse esses textos sem conhecer o histórico recente do trabalho poderia imaginar que essa dança-instalação seria um dos carros-chefes do evento. Porém, o único que se pode afirmar é que o trabalho foi levado ao Festival por meio de seleção direta da curadoria. Informação que se confirma ao ser analisado o anúncio de selecionados por inscrição em edital daquele ano. No referido documento não constava qualquer referência ao nome de DNA de DAN, ou de Maikon K, porém informava-se que aos selecionados por edital juntar-se-iam “companhias convidadas”³⁹⁹.

De modo geral, não foram encontradas muitas reportagens anunciando o festival e entre os canais de mídia digital que o noticiaram havia uma predominância de sites ou de Londrina ou da região norte do Paraná. Até mesmo canais de comunicação predominantes na capital do estado pareceram não demonstrar interesse por eventos do interior, circunstância curiosa uma vez que esses veículos costumam anunciar agendas culturais do eixo Rio-São Paulo. Obviamente é preciso se atentar ao fato que muitos canais de notícia da internet não mantêm seu conteúdo por tempo indeterminado. Exemplo disso foram as notícias textuais e vídeos do canal de televisão Tarobá que apagou diversos conteúdos depois de 2019. Possuo vários desses materiais por ter salvado os conteúdos antes de 2020, de modo que pude voltar às entrevistas e declarações mesmo não estando mais disponibilizados na internet. Uma possível explicação é que o apagamento de conteúdos ou anúncios do festival depois de um ou dois anos de veiculação seria resultado dessa cultura de liberação de espaço de armazenamento nos portais da internet.

UM FESTIVAL EM ASCENÇÃO meteórica. **Londrina Convention Bureau**, Londrina, 03 out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2XMBPnt>>. Acesso 15 fev. 2020.

LONDRINA TUR. 'REVOLUÇÃO DA ALEGRIA' é o tema do Festival de Dança 2017. **Londrina Tur**, Londrina, 05 out. 2017. Cultura. Disponível em: <<https://bit.ly/39SEtDX>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

G1 PR. Festival de dança de Londrina começa neste sábado; veja a programação. **G1 PR**, Londrina, 06 out. 2017. Disponível em: <<https://glo.bo/3ATtq9j>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

TN ONLINE. FESTIVAL DE DANÇA DE LONDRINA começa sábado; confira a programação. **Tribuna do Norte Online**, Londrina, 06 out. 2017. Cotidiano. Disponível em: <<https://bit.ly/3AxTqqu>>. Acesso em: 21 fev. 2020.

³⁹⁹ FESTIVAL ANUNCIA SELECIONADOS da edição 2017. **Festival de Dança de Londrina**, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3A6bHKK>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

Como seria de se esperar, o canal oficial do Festival de Dança de Londrina no Facebook não somente anunciou a apresentação de DNA de DAN como também criou certa expectativa com imagens de seus bastidores. Começando pela estruturação dos elementos que compõem o espetáculo, a equipe de comunicação do festival mostrou o momento de inflar a bolha dentro da qual Maikon K se posicionaria.

Na Figura 34 é apresentada a postagem divulgada no Facebook oficial do evento, nela pode-se observar toda a estrutura plástica da bolha a ser estendida e preparada para sofrer o processo de inflar. Num espaço da cidade que é repleto de natureza, seja pelo Lago Igapó um pouco adiante do palco ou a floresta do parque no canto esquerdo da imagem. Ambas as paisagens complementadas por um relance panorâmico do *skyline* de Londrina no canto direito, junção de resquício de floresta, cidade verticalizada e água represada.

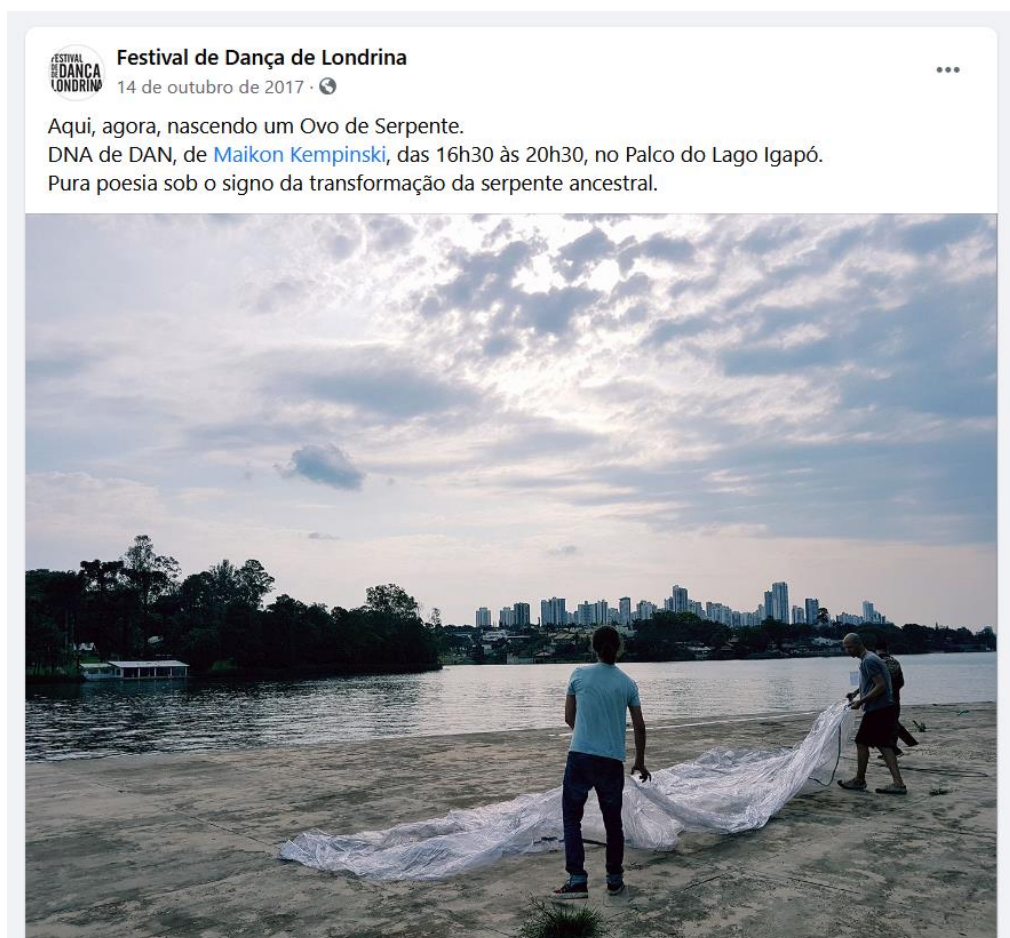


FIGURA 34 – Captura de tela de postagem a respeito da preparação dos elementos da performance DNA de DAN no Parque Igapó 1, em outubro de 2017, Londrina, PR.⁴⁰⁰

⁴⁰⁰ Ibidem, sem pág.

No texto que acompanhava a publicação, a equipe de comunicação denomina esse aparato como um “ovo de serpente”, referência nítida ao sincretismo artístico-espiritual do processo criativo de Maikon K quando da elaboração de DNA de DAN. E ao final do texto complementa-se essa interpretação por parte dos organizadores do festival ao afirmarem que se trata de um “signo da transformação da serpente ancestral”⁴⁰¹.

Em outra publicação realizada algum tempo depois, a equipe de comunicação do festival tenta desmentir boatos a respeito de um suposto cancelamento da apresentação de Maikon K⁴⁰². E como talvez uma forma de provar que o espetáculo não havia sido postergado ou cancelado, ou talvez para atrair mais público, uma nova postagem foi incluída no Facebook do festival registrando uma imagem da primeira hora da apresentação.

Na Figura 35 está a captura de tela da comunicação que traz uma fotografia de Maikon dentro da bolha, imóvel, num palco em que a iluminação artificial é restrita.



FIGURA 35 – Captura de tela de postagem com fotografia da primeira hora de apresentação da performance DNA de DAN no Parque Igapó 1, em outubro de 2017, Londrina, PR.⁴⁰³

⁴⁰¹ FESTIVAL DE DANÇA DE LONDRINA. Aqui, agora, nascendo um Ovo de Serpente. Londrina, 14 out. 2017. Facebook: usuário dancalondrina. Disponível em: <<https://bit.ly/3174oa1>>. Acesso em: 15 fev. 2020. Sem pág.

⁴⁰² FESTIVAL DE DANÇA DE LONDRINA. Primeira hora de “DNA de DAN”. Londrina, 14 out. 2017. Facebook: usuário dancalondrina. Disponível em: <<https://bit.ly/3mBggjL>>. Acesso em: 15 fev. 2020. Sem pág.

⁴⁰³ Ibidem, sem pág.

O texto da postagem apresenta uma estimativa de horário para o início do momento em que Maikon passaria a desenhar em seu corpo os movimentos que removeriam sua pele artificial. A equipe do festival parecia estar segura de que é esse o momento a partir do qual o público poderá interagir (e aqui nota-se que há uma certa ideia pré-concebida de interação como sendo aquela da proximidade e toque entre artista e público)⁴⁰⁴. Isso contrasta com o que foi possível apreender do processo de criação de DNA de DAN, demonstrando que há outras expectativas de interação para além da possibilidade do toque e da proximidade de corpos. Refiro-me aqui às possibilidades de conexão por meios subjetivos como a respiração e espirituais como a troca de energias, além da visualidade. Esta última característica parece, haja vista a repercussão do caso, ter sido capaz de mover diversas pessoas a se indignar, a sentir repulsa, ou se identificar com o trabalho. Alcançando inclusive aquelas que não tiveram proximidade ou contato direto com a obra e seus elementos.

Por fim, a equipe de comunicação incluiu uma nova postagem para concluir sua cobertura do evento, trata-se da imagem presente na Figura 36.



FIGURA 36 – Captura de tela de postagem com fotografia da fase final de apresentação da performance DNA de DAN no Parque Igapó 1, em outubro de 2017, Londrina, PR.⁴⁰⁵

⁴⁰⁴ Ibidem, sem pág.

⁴⁰⁵ Ibidem, sem pág.

Na Figura 36 é possível visualizar a bolha completamente inflada, uma parcela do público sentado nas bordas internas, e tudo cercado por uma imagem de encontro visual entre o palco e a água do Lago. O palco, ao contrário do que apresenta a fotografia na Figura 35, estava totalmente iluminado, ao ponto de estourar a exposição da foto no exato ponto da superfície plástica e reflexiva da bolha. O texto da postagem retratava a cena em tom lírico: “onde a terra e a água se encontram, a dança ancestral se revela”⁴⁰⁶. A opção foi a de não citar no texto jornalístico qualquer comentário a respeito da abordagem policial. Seja porque a abordagem ainda não houvesse ocorrido seja porque a equipe não sentiu a necessidade de registrar e divulgar esse fato naquele momento.

O interesse dos veículos regionais de mídia no festival se intensificou depois do ocorrido, refiro-me aqui à polêmica a respeito da apresentação de DNA de DAN no espaço do parque no entorno do Lago Igapó em Londrina, conhecido como Igapó 1. A começar por um fato relativo à abordagem policial que descrevi em detalhes no capítulo 1, em que diferentemente do episódio em Brasília, a polícia militar paranaense foi dissuadida a aceitar que o artista concluísse seu trabalho antes que pudessem levá-lo para a delegacia. Segundo a organizadora do evento em entrevista à Folha de Londrina, Danieli Pereira, foi o público, de aproximadamente 150 pessoas, quem solicitou aos policiais que permitissem a conclusão do espetáculo antes de realizar qualquer intervenção⁴⁰⁷.

E de acordo com os organizadores, e com representantes da polícia militar de Londrina, o público impediu, ao fim da apresentação, que Maikon K fosse conduzido para averiguação. Em seu lugar foram levados os organizadores do evento que foram ouvidos pelo delegado de plantão⁴⁰⁸. E apesar de a abordagem policial ter se dado de forma pacífica, os organizadores precisaram assinar um registro de termo circunstanciado (TC) na polícia civil. Na figura 37 está uma fotografia do momento de abordagem ao evento por parte da polícia em que Danieli Pereira, de camiseta preta no centro da imagem, busca dialogar com os agentes de segurança pública. É possível perceber que os espectadores atrás

⁴⁰⁶ Ibidem, sem pág.

⁴⁰⁷ WILTEMBURG, Luís Fernando. Artista nu é ameaçado de prisão. **Folha de Londrina**, Londrina/PR, 15 out. 2017. Redação Bonde. Disponível em: <<https://bit.ly/3mi94Bq>>. Acesso em: 15 fev. 2020. Sem pág.

⁴⁰⁸ Ibidem, sem pág.

de Pereira estão posicionados em semicírculo como se buscassem proteger o artista.



FIGURA 37 – Fotografia de registro da abordagem da PM/PR durante apresentação da obra DNA de DAN, em outubro de 2017, Londrina, PR.⁴⁰⁹.

Chama a atenção na fala dos organizadores do evento a ênfase em aspectos do controle de acesso ao trabalho. Em diversas notícias, Danieli Pereira ressalta que havia classificação indicativa de 16 anos para interação com o artista no que denominavam de quarto ato da performance. Esse seria o momento final da apresentação em que é permitida a interação do público com Maikon K dentro da bolha. Além disso, Pereira afirmava que pessoas da organização do evento estavam posicionadas a quinze metros do público como maneira de informar aos passantes de que havia naquele espaço uma performance artística com nudez. Nota-se uma tentativa dos organizadores do festival em proteger o performer de novos ataques. Talvez por conta do ocorrido em Brasília alguns meses antes, eles tenham se adiantado a futuros questionamentos e preparado ações de mitigação de possíveis críticas. Para

⁴⁰⁹ Ibidem, sem pág.

melhor entendimento do teor da nota da organização, incluo a seguir o texto completo:

O Festival de Dança de Londrina manifesta-se a respeito da polêmica envolvendo a performance "DNA de DAN", do artista Maikon K, na programação de sua 15ª edição. O evento esclarece que o performer permanecia ao longo de três horas imóvel, com o corpo recoberto por uma "segunda pele", um espesso gel que se solidificava e embranquecia, dentro de uma bolha translúcida com sete metros de comprimento. O que se via neste tempo era uma silhueta humana ou uma imagem que lembrava um boneco. A organização do evento destaca ainda que todos os cuidados para a preservação do artista, do público e dos passantes – inclusive dos que não queriam ter acesso à apresentação - foram tomados: o evento portava as liberações para utilização do espaço e enquadrava-se nas diretrizes da Lei do Artista de Rua; o palco do Lago (que mede 40x25 metros), no centro do qual estava a bolha, foi interditado por seguranças para pessoas não-autorizadas; a produção ficou disposta em ambos os lados da via pública, a uma distância aproximada de 15 metros à direita e à esquerda, para informar os transeuntes sobre o conteúdo da apresentação, oferecendo a possibilidade de rotas alternativas; observou-se rigorosamente a classificação indicativa (acima de 16 anos) para os que manifestaram interesse em adentrar a bolha no momento da dança-ritual (que acontece na última hora da performance). Esta informação da classificação também estava amplamente divulgada em todos os materiais gráficos e de divulgação do evento. O conteúdo artístico e as profundas significações envolvidas em "DNA de DAN" colocam a nudez em um plano secundário. O espetáculo de Maikon K foi concebido para espaços públicos e circula pelo país há 4 anos, inclusive em locais como praças e pontos turísticos. Ele já integrou projetos como o Prêmio Klauss Vianna, do Governo Federal, e o Palco Giratório do SESC, além de ter sido escolhida por Marina Abramovic para integrar sua exposição "Terra Comunal"⁴¹⁰.

As notícias subsequentes se dividiram entre os que deram voz para o artista e os organizadores do evento ou para os detratores da arte de Maikon K. O jornal Folha de Londrina buscou por diversas vezes ouvir os organizadores do evento ao mesmo tempo em que buscava respostas oficiais dos representantes da Polícia Militar. Outros portais de notícia que seguiram essa tendência foram o Bonde News (e outras páginas que republicaram seu conteúdo, como o Portal da Cidade de Umuarama, a CATVE do Portal Terra), a Vice Brasil e a RPC (Rede

⁴¹⁰ VICE BRASIL. Público impede prisão de artista abordado por PMs em festival artístico no Paraná. **Vice Brasil**, São Paulo, 24 out. 2017. Notícias. Disponível em: <<https://bit.ly/3HohYWq>>. Acesso em: 15 fev. 2020. Sem pág.

Paranaense de Comunicação)⁴¹¹. Já um outro veículo de notícias, de caráter mais independente, o Alma Londrina, que em sua página é descrito como uma Rádio Web, priorizou a versão do artista e essa atitude sofreu retaliação. Na página do Alma no Facebook foi incluída uma reportagem a respeito do ocorrido com Maikon K ilustrada com fotos da performance. O texto foi denunciado por desrespeitar as regras de conduta do site e, conforme relatos dos administradores, o sistema apresentou mensagens ameaçando excluir a página do jornal caso a postagem não fosse removida. As mensagens incluíam referências a denúncias enviadas contra o perfil pessoal dos organizadores da página⁴¹². Os editores do Alma responderam com a retirada da matéria, mas em seu lugar incluíram uma nota de repúdio, cujo parágrafo inicial pode ser visto na Figura 38.



FIGURA 38 – Captura de tela de postagem da Alma Rádio Web em que seus organizadores denunciavam perseguição em sua página oficial no Facebook, em outubro de 2017, Londrina, PR.⁴¹³

⁴¹¹ WILTEMBURG, Luís Fernando. Espetáculo com homem nu quase termina com artista na delegacia. **Bonde News**, Londrina, 15 out. 2017. Polícia. Disponível em: <<https://bit.ly/3hOnhno>>. Acesso em: 18 fev. 2019. Sem pág.

RPC Londrina. PM é chamada durante performance com nu artístico no Festival de Dança de Londrina. **Norte e Noroeste RPC/G1 Paraná**, Londrina, 16 out. 2017. Disponível em: <<https://glo.bo/39IXoXf>>. Acesso em: 22 abr. 2020. Sem pág.

⁴¹² ALMA LONDRINA. Não vamos nos calar! Facebook, 15 out. 2017, usuário: @AlmaLondrina Disponível em: <<https://bit.ly/3ObeqKD>>. Acesso em: 15 abr. 2021. Sem pág.

⁴¹³ Ibidem, sem pág.

Em seu desabafo, os autores da nota citaram ter havido coordenação das denúncias, pois compreendem que a ameaça de remoção da página só teria sido cogitada pelo algoritmo do Facebook após envio de grande volume de solicitações. Denotando, assim, a possível existência de uma rede organizada que atuaria em conjunto para levar o algoritmo da rede social a entender a página como ameaçadora.

O texto da publicação denota censura tanto na atitude dos denunciadores quanto na dos responsáveis pela administração da rede social que acataram as denúncias. E esse parecer é seguido de uma discussão nos comentários, que foi da defesa da arte e de sua capacidade de mover o público até as profecias bíblicas. O apoio à arte veio, entre outros, por comentário da artista curitibana Nena Inoue, que defende o posicionamento do portal Alma e exalta a potência da arte⁴¹⁴. Seu comentário foi ainda seguido por outros usuários que apontam para a capacidade de choque da arte, de combate a uma certa defesa do conceito que denominam, e consideram restritivo, de “família de bem”⁴¹⁵. Termo utilizado para caracterizar aqueles que não respondem ou pautam suas vidas nos parâmetros implícitos do conceito de heteronormatividade esperado das famílias. Ainda houve espaço nos comentários para a crítica à falta de entendimento da arte por parte do público, que, segundo os comentaristas, seria resultante de uma educação falha ou limitada. Muitos dos apoiadores do protesto da Rádio Alma concordaram com o viés de censura da ação e ainda descreveram o ocorrido como sintoma de uma onda de fascismo e totalitarismo que estaria se apoderando da sociedade brasileira⁴¹⁶.

Já a defesa da censura em nome da religião estava alinhada com diversas das bravatas ditas por políticos conservadores que usaram das polêmicas de 2017 como palanque para seu discurso eleitoral. Além disso, houve a recorrente crítica à nudez por essa não ser entendida como um elemento passível de utilização na arte; ou que esse tipo de apresentação devesse ocorrer exclusivamente em espaço reservado e sinalizado. Existiu quem contra-

⁴¹⁴ Nena Inoue é atriz, diretora e produtora cultural, já esteve envolvida em mais de 80 espetáculos no Paraná, dos quais podem-se destacar Noite na Taverna, Mistérios de Curitiba y O Vampiro e a Polaquinha e Para Não Morrer. Este último rendeu a artista o Prêmio Shell 2019 de Melhor Atriz e um Troféu Gralha Azul em 2017.

⁴¹⁵ Ibidem, sem pág.

⁴¹⁶ Ibidem, sem pág.

argumentasse os conservadores com dados das notícias do evento que apontavam para a existência de classificação indicativa de 16 anos. Classificação cuja publicidade foi feita por cartazes no entorno de acesso ao local e por pessoas da organização que estavam a postos para avisar os passantes⁴¹⁷.

Assim, analisando essa argumentação conservadora nos comentários, é possível identificar que aquilo que a organização da edição de 2017 do Festival de Dança de Londrina determinou, em seu texto-protesto, como massa de manobra, parece se aplicar mais aos fiéis religiosos do que ao público e organizadores do evento. Muitos desses defensores de uma fé cristã contemporânea parecem propensos a reagir por meio de um discurso moralizante. Por fim, alguns comentários associavam a nudez masculina presente em DNA de DAN como um ato de apologia à pedofilia e até mesmo à zoofilia⁴¹⁸. Nota-se uma tendência a entender a nudez masculina como ato sexual em si, ou mesmo como apologia dos crimes citados aqui. Com discursos que perpetuam o ódio ao diferente, àqueles que buscam mudanças na sociedade, e com desejos de morte e violência, de silenciamento de vozes discordantes – a argumentação daqueles que são contrários a este tipo de performance, em vários momentos desse debate nos comentários, se resume a isso.

Continuando a análise das notícias do ocorrido, nota-se que os portais Banda B, Revista Fórum e o site da ONG Alia enfocaram a versão dos organizadores do festival⁴¹⁹

No caso do que foi noticiado pela ONG Alia (organização focada na luta pelos direitos de pessoas convivendo com HIV da região de Londrina) a ação policial de Brasília foi comparada aos atos de repressão do período da ditadura militar brasileira e no caso de Londrina foi denotada uma vitória do público⁴²⁰. Essa constatação veio, inclusive, com um registro (Figura 39, centro da imagem

⁴¹⁷ Ibidem, sem pág.

⁴¹⁸ Ibidem, sem pág.

⁴¹⁹ ESPETÁCULO COM ARTISTA NU termina na delegacia em Londrina. **Banda B**, Curitiba, 16 out. 2017. Cidades. Disponível em: <<https://bit.ly/3nWnSqW>>. Acesso em: 21 fev. 2020. Sem pág.

⁴²⁰ ALIA. DNA de DAN no Festival de Dança de Londrina: grupo de extrema-direita tentou censurar performance e não conseguiu. **Site da Associação Londrinense Interdisciplinar de AIDS**, Londrina, 20 out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3tUaOmW>>. Acesso em: 12 fev. 2020. Sem pág.

ao fundo) em que é possível vislumbrar o público andando de mãos dadas formando um cordão humano. Atitude descrita como protetiva para a saída de Maikon K do local. Além disso, a versão da abordagem pacífica da polícia é colocada sob suspeição de ser em verdade uma reação ao público que não permitiu ações mais ostensivas por parte das forças de segurança pública.



FIGURA 39 – Fotografia de registro do momento de dispersão do público após conclusão da performance DNA de DAN no Lago Igapó em Londrina, outubro de 2017⁴²¹.

O texto contém informações obtidas com representantes da polícia militar que afirmam ter recebido diversos pedidos de averiguação de ato obsceno no palco flutuante do anfiteatro do Lago Igapó. Destacando que “foi constatado [conforme interpretação dos representantes da Alia] que a denúncia era parte de um movimento organizado, com braços de interesse político”⁴²². Apesar de não apresentar provas dessa declaração, é possível identificar indícios dessa movimentação de fundo político denunciada pela reportagem quando se percebe o entrelaçamento entre os principais detratores da performance de Maikon K.

⁴²¹ Ibidem, sem pág.

⁴²² Ibidem, sem pág.

Isso se constata seja nas ligações diretas e indiretas entre o então vereador Filipe Barros, a aspirante à vereadora Jéssicão (que trato no subcapítulo 3.2) e o jornalista Paulo Briguet, ou na comparação com outras ações de perseguição e estigmatização ocorridas naquele ano e que receberam apoio de organizações como o MBL. E sem citar o nome de Filipe Barros, o texto descreve a chegada dos organizadores à delegacia onde já se encontrava “um vereador local ultraconservador” quem “fazia vídeos sensacionalistas condenando a performance e pressionava para a prisão do artista”⁴²³. As tentativas de Barros, segue o texto, foram frustradas pela ação do público que protegeu Maikon K no Lago Igapó, impedindo, assim, a “criminalização da arte e da nudez artística”⁴²⁴. Por fim, o texto conclui sua argumentação com uma referência à destituição de Dilma Roussef, que é visto pela equipe do Alia como um “golpe parlamentar”. Fato a partir do qual, discorre, os ataques a minorias teriam se intensificado, sendo uma de suas consequências a perseguição aos artistas dissidentes, aqui incluído Maikon K. Ataques que a publicação apresenta como uma arma de distração utilizada para desviar o foco das reformas neoliberais sendo levadas a cabo, provavelmente referindo-se às reformas trabalhista e da previdência apresentadas em 2017, desde o impeachment de Roussef⁴²⁵. No âmbito local, a notícia aponta para indícios de fraude na eleição dos conselheiros de cultura da cidade, conselho do qual fazia parte à época Paulo Briguet. O referido jornalista escreveu um protesto contra o pedido de aumento de verba destinado à cultura, tecendo comentários negativos a respeito da obra DNA de DAN e defendendo a posse de conselheiros de cultura com discurso conservador que foram barrados por irregularidades. O texto de Briguet será debatido com maior atenção mais adiante neste subcapítulo.

Passando à notícia publicada no portal da Revista Fórum, que, juntamente com a Vice Brasil, foi um dos poucos veículos de mídia de alcance nacional a publicar algo a respeito do acontecido em Londrina⁴²⁶. Em seu teor, dando mais ênfase ao depoimento dos organizadores do festival, não foram trazidas

⁴²³ Ibidem, sem pág.

⁴²⁴ Ibidem, sem pág.

⁴²⁵ Ibidem, sem pág.

⁴²⁶ LONGO, Ivan. PM é chamada para interromper performance com nu artístico no Paraná. **Revista Fórum**, 16 out. 2017. Brasil. Disponível em: <<https://bit.ly/3ECyAIT>>. Acesso em: 22 fev. 2020. Sem pág.

informações distintas de outros portais de mesmo teor. Sua única e principal diferença para outras reportagens foi o de colocar a polêmica abordagem policial e seus desdobramentos como parte de uma "escalada moralista de grupos de direita contra a liberdade artística"⁴²⁷. Verbalizando assim a conexão que se percebe entre a polêmica criada em torno de DNA de DAN e outras perseguições a artistas LGBTQIA+ que ocorreram em 2017. Fato descrito também no texto protesto apresentado pelos organizadores do Festival de Londrina daquele ano.

Outros portais de notícia abriram mais espaço para a retórica dos conservadores cujo discurso condenava o trabalho de Maikon K. A começar pelo portal Maringá Post, vinculado à rede Jovem Pan, mas que, apesar dessa ligação, tentava passar a ideia de que se tratava de um veículo independente. Essa suposta ligação com a rede Jovem Pan se mostrava factível quando da primeira visita ao portal em 2020, pois como pode ser visto na Figura 40 havia inclusive um link direto para a página da rede.



FIGURA 40 – Captura de tela do cabeçalho da página Maringá Post com enlace para o portal da rádio Jovem Pan. Maringá, 2020⁴²⁸.

Hoje, esse enlace entre os dois canais de mídia saiu da página principal de Maringá Post (Figura 41).



FIGURA 41 – Captura de tela do cabeçalho da página Maringá Post já sem o enlace para o portal da rádio Jovem Pan. Maringá, 2021⁴²⁹.

⁴²⁷ Ibidem, sem pág.

⁴²⁸ MARINGÁ POST. Página Inicial. Disponível em: <<https://maringapost.com.br/>>. Acesso em 15 fev. 2020. Sem pág.

⁴²⁹ Ibidem, sem pág.

Detalhe que se torna relevante ao se perceber que vários dos detratores de DNA de DAN possuíam alguma filiação aos ideais que se tornariam o plano de governo bolsonarista. Alinhamento ideológico que guiou o crescimento da rede Jovem Pan, permitindo sua entrada no mercado de canais de televisão a cabo com enfoque em jornalismo⁴³⁰.

O texto publicado em Maringá Post tem conteúdo desfavorável ao trabalho de Maikon K. E isso pode ser percebido primeiramente com a ênfase dada para a ação de Barros, quem "afirmou que irá exigir explicações da Secretaria de Cultura"⁴³¹. Além disso, foi feita a alegação de que a apresentação "terminou em confusão", sendo que em diversas outras declarações, tanto de canais de mídia quanto de pessoas que estiveram presentes no evento, como a coordenadora do festival, o relato é de uma atuação branda por parte da polícia. Outra informação distorcida, e que vem replicada a partir de outra mídia que apresenta conteúdo desfavorável à performance diz respeito à proteção concedida ao artista por parte do público presente no Lago Igapó. O autor do texto dá a entender que Maikon K fugiu da polícia escondendo-se entre os presentes. Porém, o que se entende a partir do que foi dito pelos organizadores do evento é que o público protegeu o artista ao realizar um cordão de isolamento improvisado com seus corpos. Ação cujo intuito seria o de permitir a conclusão do trabalho. Além disso, é feito um juízo de gosto ao se declarar que "mais informações sobre o artista e outras performances *polêmicas* podem ser vistas aqui [neste ponto, na notícia original, há um hiperlink para a página de facebook de Maikon K][grifo meu]"⁴³². A declaração de que o *performer* possui outros trabalhos polêmicos denota que o autor do texto analisou sua página e por meio de registros de outras performances de Maikon K entendeu que a perseguição deveria ser também direcionada a outros trabalhos. E essa é a única explicação plausível para o fato de o jornalista haver informado o caminho para se chegar à página pessoal do artista, ação que não foi feita em nenhuma outra publicação,

⁴³⁰ NEXO JORNAL. Jovem Pan anuncia canal na TV e quer ser 'Fox News brasileira'. **Nexo Jornal**, 14 out. 2021. Extra. Disponível em: <<https://bit.ly/3ldvpZd>>. Acesso em: 21 dez. 2021. Sem pág.

⁴³¹ MARINGÁ POST. Artista fica nu em performance no Lago Igapó em Londrina e quase acaba preso. **Maringá Post**, Maringá, 15 out. 2017. Light. Disponível em: <<https://bit.ly/3hLXo7A>>. Acesso em 19 fev. 2019. Sem pág.

⁴³² Ibidem, sem pág.

e destacar ao leitor que há outras obras consideradas polêmicas em seu perfil. Provavelmente para incentivar que o público entrasse na página de Maikon K para criticá-lo.

E como último detalhe, foi adicionada uma imagem de ilustração do texto, não encontrada em nenhuma outra publicação, de crianças que apareciam próximas às instalações da obra DNA de DAN. A imagem que ilustra a notícia está disposta na Figura 42 e nela pode-se ver uma mulher adulta passando de bicicleta em primeiro plano e transportando duas crianças. Já a figura de Maikon K apresentando-se dentro da bolha surge quase sem nitidez, como uma silhueta, um pequeno borrão iluminado, no último plano da imagem. A fotografia somente complementa o texto caso se considere a versão dos agentes políticos envolvidos na denúncia de Maikon K. A saber, a de que crianças poderiam ser “expostas” ao trabalho, ou melhor, nas palavras desses atores sociais, "corrompidas" pela performance. Sem essa interpretação torna-se indecifrável a motivação para essa fotografia haver sido escolhida para ilustrar a apresentação de DNA de DAN em Londrina.



FIGURA 42 – Fotografia de parte do público presente no palco do Lago Igapó quando da apresentação de DNA de DAN em Londrina, outubro de 2017⁴³³.

⁴³³ Ibidem, sem pág.

O Portal na internet da Rádio Paiquerê também publicou notícias com conteúdo similar ao do site Maringá Post. Em uma das notícias, o autor do texto cita que houve "centenas de denúncias" contra Maikon K recebidas pela Polícia Militar, informação que não se verifica em nenhuma outra publicação sobre o acontecido⁴³⁴. Além disso, a ênfase recai nas informações e no ponto de vista do então vereador de Londrina Filipe Barros, descrevendo um caráter criminoso do trabalho. E a versão de que Maikon havia tentado se esconder da polícia é frisada como verdadeira, ignorando a versão dos coordenadores do festival⁴³⁵. A narrativa a respeito de o artista ter se escondido dos policiais volta a aparecer em outra matéria com teor mais ameno. Nessa outra notícia são incluídos áudios com explicações de Danieli Pereira. E mesmo com a fala da principal coordenadora do evento, incluindo sua descrição de uma abordagem policial não intrusiva e a atuação dos coordenadores para impedir que o artista fosse levado à delegacia, ainda assim a reportagem enfatiza a versão da fuga de Maikon K⁴³⁶. É notória a tentativa, nos textos do portal, de rotular o espetáculo como uma ação criminosa ou colocar em dúvida as intenções artísticas do performer com sua apresentação.

Por fim, outro canal de notícias na internet a relatar o acontecimento de forma mais favorável à versão de Barros foi o TN Online de Apucarana (formato digital do jornal Tribuna do Norte). Apesar de não se posicionar de maneira incisiva contra Maikon K, como os outros exemplos citados nos parágrafos anteriores, a notícia ateu-se mais ao discurso conservador que gerou a polêmica em torno da apresentação. E com enfoque na visão do ex-vereador de Londrina, o texto apresenta destaque para a representação criminal apresentada contra Maikon K, destacando a fala de Barros a respeito de sua indignação contra a Secretaria Municipal de Cultura. E em meio aos noticiários que demonstravam concordância com a perseguição sofrida por Maikon K, há um caso emblemático. O Portal do grupo Tarobá publicou duas notícias analisando

⁴³⁴ PAIQUERÊ. Performance de homem nu no Igapó termina com tentativa de prisão. **Portal Paiquerê 91.7**, Londrina, 15 out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3lGKrxh>>. Acesso em: 19 abr. 2020. Sem pág.

⁴³⁵ Ibidem, sem pág.

⁴³⁶ ALMEIDA, Neto. Vereador pede explicações após performance de homem nu no Igapó. **Portal Paiquerê 91.7**, Londrina. Jornalismo. Disponível em: <<https://bit.ly/3Afuxjf>>. Acesso em: 20 abr. 2020. Sem pág.

o acontecimento. No primeiro caso trata-se de notícia televisiva apresentada em canal aberto e posteriormente publicada no YouTube. O teor da reportagem aparenta realizar uma síntese entre a opinião de Barros e a da coordenadora do evento. Porém ao apresentar um profissional do direito com visão conservadora a notícia pende para o entendimento do ato como criminoso ou, no mínimo, impróprio para o local onde foi apresentado. Essa análise demanda mais aprofundamento e por isso eu a abordarei no próximo subcapítulo.

Já a segunda reportagem, publicada no portal Tarobá News, mostrou-se mais inclinada a expor ambos os lados da história. O jornalista Fernando Brevilheri descreve uma reação negativa que recebeu em resposta a uma publicação postada nas redes sociais do Taroba News a respeito da abordagem recebida pela apresentação de DNA de DAN⁴³⁷. O texto recebeu “mais de 400 comentários, 500 curtidas e 100 compartilhamentos”⁴³⁸. Esse engajamento, continua o jornalista, resultou em polêmica e divisão de opiniões. Do ponto de vista pessoal, Brevilheri ressalta que foi atacado por haver descrito Maikon K como ator. Ataque que, continua o jornalista, teria demonstrado o quanto “a intolerância está chegando a tal ponto” que será necessário “nomear personagens das reportagens”⁴³⁹. Essa percepção do ódio em comentários na internet é atribuída, ainda segundo Brevilheri, a uma exclusividade brasileira. O autor parece acreditar que a aproximação dos recortes de gênero, raça, crenças religiosas e partidarismo político é uma exclusividade da cultura brasileira⁴⁴⁰. Porém, a cultura e a arte contemporâneas possuem exemplos de trabalhos e ações, sejam artísticas ou sociais, que colocam em dúvida essa declaração. A mescla entre política e arte/cultura está presente em diversas nações, em maior ou menor grau (deve-se levar em consideração a existência de legislações nacionais que impedem a liberdade de expressão política e artística em alguns países).

Ainda em sua argumentação, o jornalista entende a crítica da perseguição à Maikon K como fruto de uma “elite cultural brasileira” que realizaria sua análise

⁴³⁷ BREVILHERI, Fernando. Polêmica do artista nu repercute nas redes sociais. **Tarobá News**, Londrina, 16 out. 2017. Blogs. Disponível em: <<https://bit.ly/3ASZUAn>>. Acesso em: 15 fev. 2020. Sem pág.

⁴³⁸ Ibidem, sem pág.

⁴³⁹ Ibidem, sem pág.

⁴⁴⁰ Ibidem, sem pág.

"partindo do próprio umbigo como se a cultura fosse apenas para quem tem dinheiro"⁴⁴¹. Essa opinião não reflete dados da realidade, haja vista que o apoio ao bolsonarismo, por exemplo, possui mais força entre aqueles indivíduos pertencentes a uma elite econômica⁴⁴². Além dessa constatação, a afirmação de Brevilheri promove uma generalização ao dar a entender que a elite cultural é sinônimo de elite financeira. E o autor do texto, para defender que Maikon não seja criticado por seu trabalho, compara a performance a uma atuação, tal qual atores de televisão quando interpretam "traficantes"⁴⁴³. Brevilheri parece entender que Maikon K estaria interpretando um bandido, compactuando assim com a ideia de que a performance representa um ato obsceno, mesmo que apenas como atuação. O autor do texto ignora o fato de Maikon K não estar representando e sim trabalhando o próprio corpo, a própria vivência. E como conselho, Brevilheri indica que o artista deveria ter seguido o bom senso "diante de tanta polêmica do MAM e outros" e ter feito sua apresentação em local fechado⁴⁴⁴. Ou o jornalista não acredita na arte como possível ferramenta de ruptura da realidade ou a entende como puro entretenimento.

Além das notícias breves, foram encontradas também publicações mais extensas e de caráter ensaísta. Em sua maioria publicadas no jornal Folha de Londrina, e em data posterior ao dia da abordagem policial que quase interrompeu o trabalho, havia textos tanto de defesa quanto de crítica à apresentação de DNA de DAN. Começando pela organizadora e uma das principais curadoras do evento, Danieli Pereira, que escreveu um artigo de opinião para o jornal Folha de Londrina. Em seu texto, a produtora reforça que o Festival havia seguido todas as ações necessárias para mitigar qualquer entendimento de que a obra promovia atos obscenos⁴⁴⁵. Esses cuidados demonstram o quão atípico era aquele momento e o quão apreensivos estavam todos os atuantes das instituições de arte em relação às possíveis retaliações que precisariam enfrentar. A curadora não se ateu a defender o direito de

⁴⁴¹ Ibidem, sem pág.

⁴⁴² FRAGA, Plínio. Apoio da elite explica taxa de votação em Bolsonaro, mostra pesquisa. **Revista Época**, São Paulo, 21 ago. 2018. Política, sem pág. Disponível em: <<https://glo.bo/35BcklJ>>. Acesso em: 15 fev. 2020. Sem pág.

⁴⁴³ BREVILHERI, Fernando. Op. cit. sem pág.

⁴⁴⁴ Ibidem, BREVILHERI, sem pág.

⁴⁴⁵ PEREIRA, Danieli. A olho nu. **Folha de Londrina**, Londrina, 21 out. 2017. Folha Opinião. Disponível em: <<https://bit.ly/3kq10y2>>. Acesso em: 20 mai. 2020. Sem pág.

apresentação de Maikon K, demonstrando apreço também pela capacidade disruptiva que DNA de DAN carregava.

Em sua descrição visual da instalação que acompanhava o corpo de Maikon K, Pereira enfatizou as características mais marcantes dessa imagem, segundo sua própria fruição, e tentando descrever a possível percepção do público:

Quem esteve no palco do Lago Igapó viu uma silhueta humana paralisada, dentro de uma bolha translúcida, a metros de distância, compondo o cenário com a natureza e a cidade ao fundo. Muitos pensaram que fosse um boneco. Outros se questionavam se seria um homem ou uma mulher. Maikon manteve-se por três horas absolutamente parado, com o corpo recoberto por uma substância que se solidifica (uma segunda pele), no interior do ovo inflável que tem sete metros de uma ponta a outra⁴⁴⁶.

Conclusões como “pensaram que fosse um boneco” ou “se questionavam se seria um homem ou uma mulher” sugerem uma interpretação subjetiva da obra por parte da equipe curatorial⁴⁴⁷. Essa pode ter sido a motivação para trazer DNA de DAN à edição do festival de Londrina daquele ano. Numa demonstração de que mesmo indiretamente o trabalho de Maikon K levava parte de sua audiência a confundir e/ou descolar os gêneros do corpo – ação questionada por grupos conservadores indignados contra o que denominam de “ideologia de gênero” e as possibilidades de mudança que a dissociação entre corpo e gênero pode trazer para a ideia de que gênero é algo natural/biológico.

A ideia de ato obsceno, descreve a curadora, teria sido gerada pelo “susto”, sentimento que entende ser da própria natureza da arte suscitar, frente a um corpo indecifrável - a autora do texto não descarta por completo a possibilidade de oportunismo eleitoral dessa denúncia⁴⁴⁸. A performance teria trazido o elemento da surpresa, que seria motivada por aquela figura humana que não se permitia descrições simples ou aligeiradas. Ato obsceno, complementa Pereira com um exemplo sem citar detalhes ou fonte, está mais relacionado ao caso de uma mulher assediada em pleno ônibus municipal

⁴⁴⁶ Ibidem, sem pág.

⁴⁴⁷ Ibidem, sem pág.

⁴⁴⁸ Ibidem, sem pág.

durante um horário de grande movimento da cidade na mesma semana em que Maikon K teve seu trabalho ameaçado. A autora cita não perceber nesses casos o mesmo “alarde” daqueles que denunciavam uma obscenidade criminosa em DNA de DAN. E, por fim, além de outras menções, Pereira ainda exalta a ação do público que protegeu o artista de uma possível abordagem mais exaltada por parte da polícia, ato que a autora do texto denomina como “manifestação pacífica em defesa da liberdade de expressão”⁴⁴⁹. Defesa que a curadora também atribui a uma parcela da população londrinense que se mostra favorável à cultura (num sentido que assemelha a palavra à ideia de tradição artística).

Ao mesmo tempo, no jornal Folha de Londrina, foi concedido espaço para a publicação de um texto redigido pelos conselheiros municipais de cultura, encabeçados por Paulo Briguet. Juntamente com o então vereador Filipe Barros, Briguet foi, e ainda é, um dos apoiadores de ações do ideólogo de extrema-direita, recentemente falecido, Olavo de Carvalho. Sua atuação junto a Barros nessa empreitada foi uma das bases para o financiamento de uma rede de selos editoriais que buscaram suprir um mercado de desinformação que se avolumou na última década⁴⁵⁰. Tudo impulsionado por influenciadores de extrema-direita que mantêm sites, canais de Youtube, páginas em diversas redes sociais. Nesses canais divulgam informações assemelhadas, muitas vezes, a teorias da conspiração. Muitos desses influenciadores, como Sara Winter (pseudônimo de Sara Geromini), Allan dos Santos (criador do site Terça Livre) e Bernardo Pires Küster, são investigados por envolvimento em ações antidemocráticas⁴⁵¹. É dessa vertente que surge a base para a argumentação do jornalista Paulo Briguet.

Em seu texto, Briguet afirma que “a cultura londrinense não é propriedade de um pequeno grupo militante”. E a partir dessa premissa, ele que é apoiador de um lucrativo grupo militante de extrema-direita, e se autodenomina “artista da sobrevivência”, reivindica maior participação dos conservadores na política

⁴⁴⁹ Ibidem, sem pág.

⁴⁵⁰ SAYURI, Juliana. Livros, canivetes e anjos: A lucrativa máquina de vendas que financia Olavo de Carvalho e outras dezenas de figuras da extrema direita. **The Intercept Brasil**, 28 ago. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3qOFF3b>>. Acesso em: 9 out. 2021. Sem pág.

⁴⁵¹ Ibidem, sem pág.

cultural da cidade⁴⁵². E comparando o fascismo de Mussolini ao requerimento de verba por parte de produtores culturais da região, Briguet pede o desinvestimento público da cultura local. Justificando seu posicionamento, Briguet aponta para o número de desempregados no país, sem citar que nessas estatísticas estão incluídos os trabalhadores da cultura, e defende o direcionamento dos recursos para sanar esse problema. Sua argumentação passa então a criticar DNA de DAN, citando a questão da nudez: “não somos contra a nudez na arte (na verdadeira arte)”. Ao tratar o trabalho de Maikon K como um ato criminoso (o que a justiça negaria alguns anos depois), o jornalista elabora uma dicotomia: “parece-nos no mínimo contraditório exigir o adicional de R\$ 1,7 milhão no orçamento [do PROMIC] de 2018 e ao mesmo tempo sair em defesa do lamentável espetáculo ‘O DNA de DAN’[sic]”. O conselheiro de cultura citou a inadimplência da prefeitura da cidade para complementar sua opinião pelo desinvestimento do setor cultural. E tem se tornado comum nos últimos anos o posicionamento de agentes políticos que recomendam a desestruturação do órgão ou área para a qual foram designados⁴⁵³.

E dentre os sites não jornalísticos, e de baixa repercussão, que buscaram vincular DNA de DAN a algo indefensável está o texto do advogado Cesar Augusto Cavazzola Junior. O profissional escreveu para o site Locus, que tem enfoque em notícias da cidade de Passo Fundo, estado do Rio Grande do Sul. O texto – que possui afirmações como “nudez em público não é arte, é crime!” – , tenta usar de referências descontextualizadas da Constituição para defender

⁴⁵² BRIGUET, Paulo; CORREA, Ricardo Cezar Ceridorio; FUKUSHIMA, Luiza Dib Palma Pimenta; GARCIA, Marise; GAYA, Solange; JÚNIOR, Lucílio de Held; KRETSCH, Marcella Cardoso; NASCIMENTO, João Ricardo de Souza; SILVA, Eliane de Oliveira; SOARES, Douglas Roberto. Manifesto em defesa da cultura londrinense. **Folha de Londrina**, Londrina, 26 out. 2017. Folha Geral. Disponível em: <<https://bit.ly/3ma1Le8>>. Acesso em: 15 fev. 2020. Sem pág.

⁴⁵³ Alguns exemplos de cargos ocupados por pessoas que apoiam o desinvestimento do setor para o qual foram designadas:

AGÊNCIA SENADO. Para debatedores, Fundação Palmares passa por desmonte e é usada para prática de racismo. **Senado Notícias**, Brasília, 02 set. 2021. Comissões, sem pág. Disponível em: <<https://bit.ly/3HKK1yX>>. Acesso em: 21 out. 2021.

BASTOS, Sophia Pires; NETO, Almir Megali; TEÓFILO, João. Desmonte da educação: o anti-intelectualismo no governo Bolsonaro. **Centro de Estudos Sobre Justiça de Transição**, Belo Horizonte, 9 mai. 2019. CJT/UFMG, sem pág. Disponível em: <<https://bit.ly/3t3WhXf>>. Acesso em: 21 out. 2021.

PANTOLFI, Sérgio. O desmonte da política ambiental no Brasil liderada por Ricardo Salles. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 20 mai. 2021. Sem pág. Disponível em: <<https://bit.ly/3mZHDfN>>. Acesso em: 21 out. 2021.

que artistas como Maikon K deveriam ser presos⁴⁵⁴. Sua argumentação apontava que “de uns tempos pra cá [referindo-se aos anos entre 2016 e 2017]” a nudez em trabalhos artísticos teria se transformado em uma “febre”⁴⁵⁵. Afirmação passível de ser refutada se for levado em conta o tempo até aquele momento de existência de trabalhos como DNA de DAN, Macaquinhos, Batucada e La Bête; com esses exemplos é possível questionar essa percepção do autor do texto. Aquele foi um período durante o qual uma parcela de políticos e aspirantes a cargos eletivos conseguiram alavancar audiência para seu discurso anti-nudez⁴⁵⁶. E Cavazzola Junior parecia querer participar dessa perseguição contra artistas do corpo cujos trabalhos não possuíam figurinos.

Assim como em outras reclamações do trabalho, ocorre a tentativa de associar nudez com ato sexual, ato obsceno, isso porque o advogado atrela a indicação etária fornecida pela organização do festival com se tratasse de um aviso sobre sexo explícito. Para Cavazzola Junior, indicar que “quem não quiser assistir, basta que desvie do local” tem o mesmo peso “que um casal fazer sexo na praia e dizer 'basta não olhar”⁴⁵⁷. E em seu juízo da arte contemporânea, o profissional do direito conclui sua argumentação com uma afirmação descontextualizada: “a arte, antes conhecida por cultivar o belo, tem se tornado objeto de verdadeiro desprezo pelos seus parâmetros atuais”⁴⁵⁸. Analisando a forma como descreve seu entendimento de arte e de seus elementos constitutivos, é de se imaginar que para o autor desse texto o culto ao belo deva ter se mantido até 2016 quando começou a febre de trabalhos artísticos com nudez na história da arte. É perceptível como o texto cria um paradoxo entre o culto ao belo e a nudez, como sendo características excludentes.

⁴⁵⁴ JUNIOR, Cesar Augusto Cavazzola. Não seja enganado: nudez em público não é arte, é crime! *Locus*, Passo Fundo, 16 out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3COFFoj>>. Acesso em 15 fev. 2020.

⁴⁵⁵ BRIGUET, Paulo et al. Op. cit. sem pág.

⁴⁵⁶ Além dos agentes políticos citados anteriormente nesta pesquisa, poderiam ser enumeradas diversas outras personalidades que aproveitaram o momento para promover suas aspirações políticas, manifestando-se contra a nudez na arte contemporânea. Como exemplo, pode-se citar o caso do atual Deputado Federal Alexandre Frota, que “usou diversas vezes a rede social para falar sobre o tema” e do Ex-Prefeito de São Paulo João Dória, que “fez um vídeo se manifestando contra a exposição [de Wagner Schwartz no MAM/SP]”.

G1. Artistas e políticos se manifestam após performance com nu no MAM. *G1 SP*, São Paulo, 02 out. 2017. Pop e Arte. Disponível em: <<http://glo.bo/39Q78Nw>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

⁴⁵⁷ Ibidem, sem pág.

⁴⁵⁸ Ibidem, sem pág.

Passando à busca pela trajetória de DNA de DAN em Brasília, dois detalhes chamam a atenção, o primeiro se refere à quase completa ausência de notícias, postagens que anunciassem a realização do evento. A segunda é a penetração da notícia da prisão em uma gama de portais e sites de abrangência nacional. São veículos importantes e de grande capacidade financeira como O Globo, O Estado de São Paulo, Isto É, Folha de São Paulo, Correio Brasiliense, UOL, Metrôpoles, Jornal Hoje em Dia, dentre outros. Inclusive, até mesmo a reapresentação da performance ganhou maior inserção nos meios de comunicação do que a apresentação em si ou a sua perseguição posterior em Londrina. A ida de DNA de DAN ao Cena Contemporânea ganhou destaque até em revistas de variedades, como a Revista Roteiro Brasília, um ano depois, na qual o trabalho foi classificado como "arte engajada"⁴⁵⁹. Ou seja, até sofrer perseguição em centros urbanos mais valorizados, em contraposição a polêmicas ocorridas em regiões de menor destaque cultural, garante maior visibilidade a um artista.

Essa visibilidade foi analisada na Revista Trema, cuja edição de março de 2018 trouxe um estudo a respeito do que sua equipe editorial acredita ser comprovadamente uma onda de censura contra artistas brasileiros em território nacional. Começando com uma alusão ao parecer do TJ/SP que entendeu haver "agressão à cultura" no episódio da perseguição à peça "Jesus, Rainha do Céu" a publicação traz uma entrevista com Maikon K⁴⁶⁰. Nota-se a prevalência do caso ocorrido em Brasília ao se ler a introdução da reportagem. Nesse parágrafo inaugural não há menção da perseguição sofrida pelo artista em Londrina⁴⁶¹. Quem lê a apresentação do ocorrido, em pleno 2018, sem se aprofundar em uma pesquisa de outras fontes, pode imaginar o caso do Distrito Federal como a única polêmica envolvendo a obra DNA de DAN. Mas para não se pensar que seja um fato isolado, em minha pesquisa das fontes encontrei diversas outras publicações posteriores ao ocorrido em Londrina nas quais se dava o mesmo apagamento do caso paranaense. Alguns exemplos são: a sinopse da peça

⁴⁵⁹ LEÃO, Lúcia. Teatro engajado. **Revista Roteiro Brasília**, Brasília, ago. 2018, Que Espetáculo, Ano XVII, n. 280. p. 24.

⁴⁶⁰ MINDÊLO, Olívia. O ódio, essa punheta coletiva. **Trema! Revista de Teatro**, Recife, mar. 2018. Entrevista, p. 8-13.

⁴⁶¹ Ibidem, p. 8.

“Domínio Público” no portal Acha Brasília em 2018⁴⁶²; a inclusão do fato numa retrospectiva de 2017 cuja listagem incluiu, além da perseguição a artistas, ataques contra “terreiros de matriz africana”; a tentativa de volta da chamada “cura gay”; hostilização da filósofa Judith Butler em São Paulo; diversos casos de racismo; entre outros episódios de intolerância⁴⁶³.

No caso das notícias surgidas logo após a prisão do performer, um dos grandes veículos de mídia a reportar o acontecido, o jornal O Globo, publicou texto marcado por uma mescla de falas tanto do artista quanto da polícia⁴⁶⁴. Quando o destaque é o ponto de vista de Maikon K, o texto apresenta o desabafo publicado nas redes sociais do performer, com ênfase para sua indignação por não ter podido terminar sua apresentação. Fala inserida numa descrição da trajetória de DNA de DAN, marcada por uma passagem tranquila em cidades como "Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e Campina Grande"⁴⁶⁵. Além disso, o autor do texto ainda reconhece o papel de Maikon "como um dos mais importantes performers do país", destacando sua participação no Terra Comunal em 2015. E ainda descrevendo o desabafo do artista curitibano, destaca o trecho do relato no qual o incidente ganha significação simbólica como "sintoma do grande cadáver que fede há tempos por aqui"⁴⁶⁶. Comentário cuja referência política reflete à manifestação popular, daquele momento, em prol de um retorno à ditadura militar e em favor de uma guinada para políticas públicas mais conservadoras do ponto de vista dos costumes.

Ao concluir a análise do percurso do trabalho, o texto aponta para o fato de que DNA de DAN teve sua última apresentação em Brasília, que se daria no dia seguinte à prisão, cancelada. Num desfecho descritivo pontuado pelo despreparo policial em que o recurso do diálogo foi completamente ignorado. Tanto o artista quanto os produtores, continua o texto, foram tratados com

⁴⁶² ACHA, Renato. Cena Contemporânea divulga programação completa. **Acha Brasília**, Brasília, 26 jul. 2018. Espetáculos, sem pág. Disponível em: <<https://bit.ly/3Jn62ov>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

⁴⁶³ MAGGIO, Sérgio. 10 episódios que jogaram o Brasil de 2017 na Idade das Trevas. **Metrópoles**, São Paulo, 22 dez. 2017. **Tipo-assim**, sem pág. Disponível em: <<https://bit.ly/3sGrpKP>>. Acesso em 15 fev. 2020.

⁴⁶⁴ O GLOBO. Performer tem sua obra interrompida e é detido pela PM de Brasília. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 jul. 2017. Cultura, sem pág. Disponível em: <<https://glo.bo/3JLTloi>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

⁴⁶⁵ Ibidem, sem pág.

⁴⁶⁶ Ibidem, sem pág.

indiferença, nenhuma explicação era válida ou considerada relevante pelos agentes de segurança pública⁴⁶⁷. Esse tom de revolta com a ação policial pode também ser percebido em notícia do portal Correio Brasiliense em que é dada ênfase às apresentações anteriores. Foram espaços públicos em que o artista pode concluir seu trabalho sem interrupções⁴⁶⁸. Representantes da polícia do Distrito Federal, por meio de nota reproduzida parcialmente na matéria, justificaram a prisão do “elemento nu” por conta de não terem recebido “nenhuma documentação/autorização do museu tampouco da Administração de Brasília”⁴⁶⁹. E fazendo contraponto ao parecer da polícia, uma vez que Maikon K preferiu não se pronunciar, o jornalista embasou o outro lado do debate citando comentários encontrados na internet. Foram inseridos pequenos textos de reprovação da resposta policial às denúncias recebidas contra o artista curitibano. Um desses protestos indicava uma nítida alusão à ditadura militar brasileira nas ações autoritárias da polícia e o outro comentário apontava a injustiça de prender o performer enquanto tantos outros problemas de segurança pública eram ignorados pela corporação⁴⁷⁰.

O mesmo jornalista do Correio Braziliense noticiou a repercussão do episódio após o artista receber uma ligação, no domingo, 16 de julho de 2017, tanto do então governador quanto do então secretário de Cultura do Distrito Federal. A ênfase foi agora para a fala de Maikon K e seu desejo de retornar à cidade para concluir sua apresentação: “se minha arte é bem-vinda, então eu quero voltar e fazer minha arte naquele lugar”⁴⁷¹. Retorno visto como uma necessária “reparação” pela truculência vivenciada. Até aquele momento, ainda sem ter recebido o convite do Festival Cena Contemporânea, o performer relatou estar em contato com o SESC para realizar esse regresso⁴⁷². O paranaense afirmou que analisava a possibilidade de entrar com ação na justiça para questionar a abordagem policial que considerou desproporcional ao caso. Sua fala é destacada ainda em relação à descrição do acontecimento em si. Maikon discorre sobre a abordagem, relata que o gel usado como cobertura sobre sua

⁴⁶⁷ Ibidem, sem pág.

⁴⁶⁸ REZENDE, Humberto, 2017b. Op. cit. sem pág.

⁴⁶⁹ Ibidem, sem pág.

⁴⁷⁰ Ibidem, sem pág.

⁴⁷¹ REZENDE, Humberto, 2017a. Op. cit. sem pág.

⁴⁷² Ibidem, sem pág.

pele ainda não havia se secado por completo e que seus pensamentos, naquele momento, estavam tranquilos⁴⁷³. O performer imaginava que seria como em abordagens em espaços públicos anteriores, alguém explicaria o trabalho à polícia e essa se retiraria. A explicação, relembra, não foi feita pelo representante do SESC, e as tentativas de dialogar com os agentes de segurança, assim como dito em outras reportagens, foram ignoradas. O diferencial dessa notícia esteve em apresentar um detalhe da arrogância policial nessa negativa: “eles diziam que o Sesc, que o museu não mandavam nada [sic]. Que quem mandava era o código penal e que isso vai acabar”⁴⁷⁴. Policiais alçados por conta própria à posição de juízes, tanto do gosto quanto da sociedade, em atitudes que demonstravam possuir motivação política.

Esse diálogo com o SESC, segundo o artista em resposta a um jornalista da Revista Cult, foi promissor. Os representantes da instituição se prontificaram a auxiliar Maikon K com todos os custos envolvidos em sua possível reapresentação. Desde os valores com advogados para sua defesa até a reconstrução da estrutura da bolha⁴⁷⁵. Com isso, o performer mostrava-se animado, reafirmando a importância de seu retorno e enxergando nesse acontecimento uma possibilidade de impedir um recrudescimento da violência contra a liberdade artística⁴⁷⁶. O artista pontuou também a possibilidade de ocorrer receio e conseqüentemente autocensura por parte de outros artistas no momento de apresentarem projetos para editais. Ponto ainda mais sensível quando se trata de trabalhos que possuem nudez como elemento acessório ou central. Para Maikon K, essa convulsão seria sintoma de “um retrocesso conservador” que tem por alvo a cultura e arte brasileiras, acarretando vulnerabilidade e insegurança aos artistas⁴⁷⁷.

O estado da bolha usada durante a performance foi retratado em diversos registros fotográficos que mostravam sua superfície danificada após a abordagem policial. Esse resultado da ação não foi citado na nota oficial da

⁴⁷³ Ibidem, sem pág.

⁴⁷⁴ Ibidem, sem pág.

⁴⁷⁵ D'ANGELO, Helô. Detido por atentado ao pudor, artista vai voltar a Brasília para repetir performance. **Revista Cult**, São Paulo, 19 jul. 2017. Notícias, sem pág. Disponível em: <<https://bit.ly/3HOMJUD>>. acesso em: 15 fev. 2020.

⁴⁷⁶ Ibidem, sem pág.

⁴⁷⁷ Ibidem, sem pág.

PM/DF disposta na reportagem do Correio Braziliense. A chave de braço que o artista afirma ter sofrido, a obrigatoriedade de vestir sua roupa sem direito a remover o gel que cobria seu corpo, tudo foi ignorado pelos representantes da polícia. Em nota, a assessoria de comunicação da corporação informou que os agentes de segurança não agiram de forma violenta e apenas detiveram o artista porque não lhes foi apresentado nenhum documento de autorização. Os agentes atuaram de forma similar a um juiz, e interpretaram a lei a sua maneira: “esse tipo de apresentação é proibida para menores de idade em razão da classificação etária a que deve ser submetida”⁴⁷⁸. Afirmção desmentida em diversos pareceres emitidos posteriormente, alguns dos quais são analisados a seguir, no subcapítulo 3.2 desta pesquisa. O texto da polícia enfatiza a defesa das crianças cujas famílias passeavam entre os monumentos e atrações turísticas nas redondezas do Museu Nacional da República. E como resposta a esse comunicado, o texto apresenta outra nota, do Sesc, em que é indicada a necessidade de retirar de um indivíduo, nesse caso o policial, o poder de decidir por conta própria quais eventos são ou não permitidos ao público:

A proibição da performance em Brasília, os prejuízos materiais à obra e a detenção do artista constituem uma arbitrariedade que coloca em risco não apenas a liberdade de expressão, assegurada pela Constituição Brasileira e por documentos internacionais dos quais o Brasil é signatário, mas interfere nos direitos culturais do público. Não vivemos mais em uma época em que um policial militar pode definir isoladamente a realização ou não de um evento⁴⁷⁹.

Tanto a versão apresentada pela corporação policial do Distrito Federal quanto a nota de repúdio emitida pelos representantes do Sesc foram colocadas em questão em matéria do portal Nexo. Para essa tarefa de análise do acontecimento e seus desdobramentos o canal de mídia entrevistou Maíra Zapater, doutora em estudos de Direitos Humanos, e Roberto Dias, professor de Direito Constitucional da Fundação Getúlio Vargas e da PUC – São Paulo⁴⁸⁰.

⁴⁷⁸ REZENDE, Humberto, 2017a. Op. cit. sem pág.

⁴⁷⁹ Ibidem, sem pág.

⁴⁸⁰ LIMA, Juliana Domingos de. O caso do artista preso por ‘ato obsceno’ e os limites da liberdade artística. **Nexo Jornal**, São Paulo, 17 jul. 2017. Expresso, sem pág. Disponível em: <<https://bit.ly/3HM4rs4>>. Acesso em 15 fev. 2020.

Ambos, ao serem questionados a respeito do teor da constituição no tocante à liberdade artística e de expressão, concordaram com a existência de limites para o pleno exercício desse direito. São barreiras subjetivas relacionadas ao “direito de terceiros”, impedimento que, por exemplo, repudia atos violentos ou até mesmo discursos de ódio capazes de colocar a vida de outras pessoas em risco⁴⁸¹. Dias, em sua resposta, cita o caso do diretor de teatro Gerald Thomas, julgado pelo Supremo Tribunal Federal. O dramaturgo foi acusado de ato obsceno por haver abaixado suas calças e simulado, de costas para o público, um ato masturbatório peniano após ser vaiado ao final da peça “Tristão e Isolda”. A apresentação ocorreu no Teatro Municipal da cidade do Rio de Janeiro em 2003. Segundo o professor “a questão chegou ao STF, que paralisou a ação em um julgamento, por empate de 2 a 2, em que prevaleceu a ideia da liberdade de expressão”⁴⁸². Dias acredita haver similaridade entre os dois acontecimentos (de Thomas no Rio e do artista curitibano em Brasília), apesar de Maikon K ter um trabalho em que o nu possuía justificativa artística mais autêntica. Assim, o acadêmico enxerga justificáveis as críticas contra o argumento de que a nudez em DNA de DAN constituía um ato obsceno e, por isso, extrapolava a liberdade artística. Inclusive, “sob pena de caracterizar uma forma de censura”⁴⁸³.

Passando à tipificação dos crimes que Maikon foi acusado de cometer, “ato obsceno” e “atentado ao pudor”, a pesquisadora cita que se trata de especificações legais muito arcaicas, remanescentes da ditadura do Estado Novo, e de interpretação subjetiva. E, apesar de se abster de juízo relativo a possíveis abusos cometidos contra o performer – Zapater declara não ter assistido à performance e apenas se informado do ocorrido por fontes textuais – indica haver brechas para abusos. Isso porque muitas vezes ao invés de ser aplicada para a prática de atos obscenos, a lei é entendida como desculpa para impedir a nudez em público, como em casos de prisão de mulheres amamentando ou praticando *topless* em praias e parques. Dessa maneira, lança uma pergunta fundamental com relação ao possível caráter criminoso de DNA de DAN: “qual é o direito de terceiro que está sendo ferido aí?”. E seguindo a mesma lógica, Dias é ainda mais incisivo: “se a pessoa está nua em uma

⁴⁸¹ Ibidem, sem pág.

⁴⁸² Ibidem, sem pág.

⁴⁸³ Ibidem, sem pág.

performance artística, não caracteriza esse tipo de ato, por causa do contexto”⁴⁸⁴.

Uma vez estabelecida a precariedade das leis de “atentado ao pudor” e “ato obsceno”, a entrevistadora questiona as pessoas entrevistadas se pode-se garantir que houve abuso por parte da polícia ao dar voz de prisão ao curitibano. Zapater é cautelosa em sua resposta e afirma ser ilegal a prisão pois: “não vejo uma conduta pornográfica, agressiva, ali”. Entendendo haver um fundo moralista na decisão dos policiais e afirmando que “toda prisão ilegal parte de uma ação abusiva da autoridade”, a pesquisadora acredita existir, “em tese, abuso da polícia militar”⁴⁸⁵. Novamente, Dias é mais incisivo em sua resposta, indicando abuso na ação policial, que pode ser caracterizada como censura à liberdade de “livre manifestação artística”⁴⁸⁶. Por fim, frente à questão da possível seqüela desse ato na reincidência de ações violentas contra a livre manifestação artística, Zapater acredita ter sido aberta uma brecha. Para a pesquisadora o “uso excessivo do direito penal” pode causar, algo já muito presente em nossa sociedade, a “violação de direitos individuais”. Dias, ao contrário, acredita na disposição das instituições do judiciário em privilegiar o direito à “liberdade artística”⁴⁸⁷. Porém, e como forma de justificar seu posicionamento, o professor indicou o episódio como um fato isolado. Essa explicação se contrapõe à quantidade de ocorrências de perseguição similares à perpetrada contra Maikon K que ocorreram naquele mesmo ano de 2017, algumas abordadas nesta pesquisa. A não ser que se possa imaginar a excepcionalidade dessa tendência a reprimir a liberdade artística como um período atípico da história da arte brasileira recente. E o fato da obra DNA de DAN ter sido apresentada em anos anteriores sem qualquer dificuldade pode servir de apoio a essa interpretação. Portanto, essa ideia de algo passageiro, com tendências a se dissolver nos avanços humanos da sociedade, pode se mostrar uma previsão com chances de estar correta.

Outro espaço na internet a reportar o acontecimento foi o portal de blogues da UNICAMP. Num texto sem autoria, a visualidade em DNA de DAN é

⁴⁸⁴ Ibidem, sem pág.

⁴⁸⁵ Ibidem, sem pág.

⁴⁸⁶ Ibidem, sem pág.

⁴⁸⁷ Ibidem, sem pág.

comparada a “um filme de ficção científica”. Dadas suas características (bolha plástica gigante, corpo coberto por uma substância não identificável, casca que se desprende do corpo) típicas de filmes de alienígenas⁴⁸⁸. Essa comparação espirituosa é acompanhada de uma análise da questão principal que gira em torno da prisão de Maikon K: “não é raro que artistas sejam vítimas de ações arbitrárias ou até mesmo sejam perseguidos por instituições que representam o poder estabelecido”⁴⁸⁹. Nesse momento pós-acontecimento, nota-se um pessimismo apoderado daqueles cuja pesquisa ou produção orbita o campo da arte. A destituição de Dilma Rousseff em 2016, outros ataques à liberdade de expressão na arte em 2017, e a proximidade da eleição de 2018, trouxeram a possibilidade de uma onda conservadora chegar ao executivo federal. Todo esse cenário parece exponenciar uma desesperança que perpassa muitas das notícias, artigos e textos analisados. É o caso do texto da UNICAMP, em que apontando para características evidentes de autoritarismo na prisão do performer curitibano, descreve as consequências desse ato. Ao sair da “esfera do gosto e da apreciação” passa-se à interdição, podendo tornar o autoritarismo uma política oficial e de sequelas irreversíveis no curto prazo. O texto realiza um breve passeio por alguns acontecimentos da história da arte no ocidente. Retratando a maneira como a sociedade da Grécia Antiga, bem como os artistas do Renascimento e do Expressionismo, representavam e debatiam questões do corpo. Os argumentos demonstram o quanto o corpo e, muitas vezes, sua nudez tornaram-se foco de diversos movimentos artísticos e/ou culturais.

O texto apresenta desde a visão da antiguidade clássica quanto à beleza do corpo, passando pelo corpo como conhecimento nos estudos renascentistas, até chegar na contemporaneidade e nos desafios de enfrentar uma sociedade que deseja controlar politicamente os corpos⁴⁹⁰. Neste ponto, o texto localiza DNA de DAN entre os trabalhos capazes, por exemplo, de colocar

o espectador diante de questões como estas: o que significa ter um corpo, num ambiente dominado pela artificialidade? É possível o ser

⁴⁸⁸ UNICAMP. Quem tem medo de artista? **Unicamp**, Campinas, 27 ago. 2017. Blogs, sem pág. Disponível em: <<https://bit.ly/3JpIDD2>>. acesso em: 15 fev. 2020.

⁴⁸⁹ Ibidem, sem pág.

⁴⁹⁰ Ibidem, sem pág.

humano libertar-se da “casca” de cultura tecnocientífica que o “recobre”, para viver num corpo livre?⁴⁹¹

Assim, quem escreve o texto justifica sua crítica contra a associação feita entre a nudez e o conceito de ato obsceno. Nem por isso colocando-se contra a análise crítica da arte. Ao contrário, entende que, independentemente da capacidade criativa e potência de um trabalho, toda a produção artística deve ser incentivada, como forma de ser submetida ao debate⁴⁹². Essa atitude de recorrer à história da arte, e mais especificamente à história da nudez na arte, também é utilizada pela Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa (SECEC) do Distrito Federal. Em sua manifestação pública, representantes da secretaria começam por defender o conceito de arte como expressão, materializada por meio dos objetos de arte criados pelos seres humanos⁴⁹³.

A repercussão chegou também a outros profissionais da arte e da cultura no Distrito Federal e em diversos outros estados. Nota-se que a resposta ao acontecimento em Brasília gerou uma repercussão ampla e variada, do ponto de vista midiático, principalmente quando comparada com os efeitos colaterais da perseguição em Londrina. Contando com uma gama maior de meios de comunicação abordando o assunto, além de notícias, tanto televisivas quanto digitais, o fato chegou a canais de streaming, portais de revistas, entre outros, gerando diversos debates e análises. Entre essas abordagens está a já citada entrevista com o performer Marcelo Gabriel. O artista, assim como em textos de diversos veículos, associa o ocorrido com o “obscurantismo” característico da ditadura militar brasileira iniciada em 1964⁴⁹⁴. Associando ainda o acontecido a outros períodos de repressão autoritária vivenciados ou perpetrados pelos povos europeus, como a Idade Média e a cristianização dos povos indígenas brasileiros. E rebatendo a ideia de choque por conta da nudez, Gabriel dizia entender que o nu não causa mais tanto espanto e utiliza o sucesso de Marina Abramovic nos tempos contemporâneos como validação de seu ponto de vista.

⁴⁹¹ Ibidem, sem pág.

⁴⁹² Ibidem, sem pág.

⁴⁹³ SECEC. Manifestação Pública do Conselho de Cultura do Distrito Federal sobre a nudez na arte. **Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa**, Brasília, 05 jul. 2018. Arte, sem pág. Disponível em: <<https://bit.ly/3sAbnC1>>. Acesso em 15 fev. 2020.

⁴⁹⁴ CASTRO, Rodrigo. Op. cit. vídeo.

Para o artista parece haver outras razões, seja de más intenções ou de cunhos psicológico e social. Até possíveis dificuldades em lidar com temas de gênero e sexualidade explicariam melhor a polêmica gerada em torno de DNA de DAN naqueles meses⁴⁹⁵.

O tema da ignorância no entendimento da arte também foi abordado por artista e entrevistador; ambos dialogaram a respeito da necessidade de fomentar a cultura e a arte em dois eixos principais: escola e política⁴⁹⁶. O incentivo às crianças e adolescentes de frequentar ambientes com produção/exposição artística, entendem, poderia melhorar a visão dessas pessoas com relação à arte quando fossem adultas. As políticas públicas de fomento, continuam, poderiam pavimentar um caminho de maior produção, disponibilidade e acesso aos aparatos da cultura e da produção criativa⁴⁹⁷. Durante o debate eles não chegaram a descrever em maiores detalhes como poderiam ser desenvolvidas as ações que permitiriam que essa intervenção nas políticas públicas e na educação se tornassem realidade. Além-se, contudo, a refletir a necessidade de incentivo escolar para visitas a museus e ateliês, além da elaboração de leis de incentivo para a produção artística e formação de público. Relembrando a precariedade atual vivida por artistas, produtores e tantos outros profissionais da arte, entendendo que "se o país não respeita os artistas, ele não se respeita"⁴⁹⁸. E esse respeito perdido materializa-se na atitude do policial, criticado por entrevistador e entrevistado, cuja atitude, entendem, precisa receber sanções, até para impedir a cômoda sensação de impunidade. O texto avança para uma fala de Maikon K em que o artista agradece por todo o apoio recebido; a polêmica não gerou apenas ataques, mas também o sentimento de indignação em profissionais do campo da arte. E em seu desabafo, o artista, em momento anterior ao convite recebido do Festival Cena Contemporânea, destaca a necessidade de reparação. A oportunidade de retornar ao mesmo espaço em Brasília onde ocorreu a sua prisão e a rerepresentar DNA de DAN, afirma, seria ideal⁴⁹⁹. Marcelo Gabriel demonstra, em sua fala, apoio ao posicionamento do

⁴⁹⁵ Ibidem, vídeo.

⁴⁹⁶ Ibidem, vídeo.

⁴⁹⁷ Ibidem, vídeo.

⁴⁹⁸ Ibidem, vídeo.

⁴⁹⁹ Ibidem, vídeo.

artista curitibano, e finaliza sua participação afirmando que a obra precisava ser concluída, tanto em favor de Maikon quanto do público.

A ação policial em Brasília foi analisada também, e de forma breve, pelo artista e produtor cultural Ricardo Pipo que entende a ação como resultado de uma “carência de movimentação cultural” gerando “estranheza com a arte que busca inovar e provocar o olhar”⁵⁰⁰. Resultado, segundo o produtor, de um desinteresse do poder público local por manter espaços culturais os quais definham por falta de apoio e cujo consequente fechamento impede a população de entender “o que está acontecendo no mundo”⁵⁰¹. Atitude, complementa o produtor, que retroalimenta uma cadeia de desinteresse por qualquer apresentação mais desafiadora ao olhar, à sensibilidade.

A reação da mídia, e até um embate entre os canais de comunicação mais afeitos às mudanças e os mais conservadores, refletiu um momento social e político em que duas visões de mundo se contrapuseram. De um lado, aceitar a pluralidade de ideias, conviver com pessoas cujos ideais de vida e princípios não se alinham aos seus, e do outro, negar o direito a outras vivências ou mesmo se negar a experimentar outras possibilidades de ser. Repetindo um recorrente embate de ideias que de tempos em tempos se impõem em nossa sociedade. E nesse turbilhão se envolveu a arte. Aqui representada pelo caso exemplar de DNA de DAN e por outros trabalhos igualmente perseguidos. Nesse cenário, a mídia, principalmente aquela disponível pela internet, foi uma ferramenta tanto de apoio ao artista, de difusão dos debates que seu trabalho foi capaz de gerar quanto de difusora de nomes e ideais conservadores. Mesmo que de forma inconsciente, alguns desses veículos podem ter amplificado certos discursos retrógrados. Por outro lado, a obra DNA de DAN e seu criador se fortaleceram, revertendo muito da sua condição de alvo para mote de diversos debates. Discussões que, inclusive, mobilizaram decisões judiciais e expuseram contradições dos movimentos conservadores atuais. Um desses casos foi a perseguição movida a partir de 2017 pelo então vereador de Londrina, Filipe

⁵⁰⁰ GARONCE, Luiza. Vitrine cultural do DF, Jogo de Cena apresenta 7 atrações nesta quarta. **G1 DF**, Brasília, 19 jul. 2017. Disponível em: <<https://glo.bo/3uvptFk>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

⁵⁰¹ Ibidem, sem pág.

Barros, além de outras figuras políticas da região, cuja trajetória descreverei no próximo subcapítulo.

3.2 ANÁLISE DA PERSEGUIÇÃO A MAIKON K

As abordagens policiais realizadas durante as apresentações da obra DNA de DAN em 2017 tiveram desdobramentos nos poderes judiciário e legislativo. Com ações, projetos e campanhas movidas tanto por políticos eleitos quanto por aspirantes a cargos eletivos. Diversos desses agentes chegaram a requisitar rigor na aplicação da lei para o artista e agiram na tentativa de impedir que a nudez masculina fosse entendida como elemento da arte. Para isso, neste subcapítulo serão analisados os discursos oficiais de autoridades a respeito do entendimento do caso e de uma tentativa de imputar criminalidade na interpretação das ações do artista.

No episódio de Londrina, essa empreitada foi liderada quase que exclusivamente por um político que atualmente se tornou defensor do governo Bolsonaro. Trata-se do então vereador de Londrina, e hoje deputado federal do Paraná, Filipe Barros. E ainda que não seja possível afirmar que a perseguição sofrida por Maikon se caracterizasse como censura institucionalizada – para haver censura institucional precisaria existir uma legislação que aplicasse proibições de cunho ideológico às artes – o episódio de perseguição ao trabalho de DNA de DAN por parte de Barros é o mais próximo de uma censura que se poderia chegar sem realmente explicitar essa atitude em leis. O deputado atuou com celeridade para tentar de alguma maneira penalizar Maikon K por sua apresentação em Londrina. Levou três dias para encaminhar, por meio de ofício emitido por seu gabinete e com papel timbrado da Câmara Municipal de Londrina, um pedido de análise do caso por parte do líder religioso e então Senador Magno Malta. Em seu pedido, Barros enfatizou a perturbação que entende haver ocorrido no espaço público por conta da apresentação de DNA de DAN no Lago Igapó. Acrescentando à reclamação o relato de um “pai de família” que afirmou em vídeo ter cancelado o passeio com os filhos no parque

Igapó por conta da performance⁵⁰². A reclamação seria, segundo descrito no ofício, uma postagem em rede social em que o referido pai se apresentava consternado. Aqui se percebe o quanto agentes conservadores como Barros se aproveitaram da consolidação do uso das redes sociais na última década e promoveram essas ferramentas de entretenimento a um status similar ao dos canais oficiais de ouvidoria do Estado.

A descrição do ocorrido seguiu com expressões como “grande polêmica”, “evidências”, “gravidade que tal situação acarreta”⁵⁰³. Porém, o texto de Barros não citou qual seria a lei que o espetáculo estaria infringindo e nem mesmo declarou explicitamente que o ato poderia ser enquadrado como algum tipo de infração. Mesmo assim, Barros pediu a Malta que convocasse os envolvidos na apresentação e na curadoria do Festival de Dança de Londrina para prestarem esclarecimentos. Nota-se uma constante referência a termos como família, crianças, adolescentes, cidadãos, uma gama de palavras que apontam para uma ameaça ao *status quo* da sociedade. E para demonstrar quão heroica foi sua atitude e o quanto ela estava alinhada aos anseios da sociedade, Barros embasou o seu pedido com alguns trechos de notícias publicadas em sites de periódicos locais, como a Folha de Londrina e o portal Bonde. Nos dois trechos escolhidos eram enfatizadas as informações relativas ao chamamento da polícia por parte de pessoas presentes no Lago Igapó durante a apresentação⁵⁰⁴. Interessante notar que o fato do público ter protegido o artista para que ele não fosse levado pelos policiais, que inclusive é narrado em uma das notícias incluídas no ofício, é ignorado pelo texto principal. Parece que para o então vereador somente interessava a opinião do público que se alinhasse aos seus princípios ideológicos. Além disso, Barros incluiu em seu documento dois comentários recebidos pelo jornal responsável pelas notícias.

Os dois comentários se alinhavam ao pensamento conservador que embasava o documento. No primeiro, um engenheiro agrônomo de Cornélio Procópio mostrava-se indignado com uma nota favorável à DNA de DAN que fora escrita pelo professor e sociólogo Pedro Rossi. O engenheiro respondeu ao

⁵⁰² CÂMARA MUNICIPAL DE LONDRINA. Gabinete do vereador Filipe Barros. Ofício 015/2017. Londrina, PR, 2017. Sem pág.

⁵⁰³ Ibidem.

⁵⁰⁴ Ibidem.

texto do sociólogo, explicitando uma definição do que entendia por arte: “arte é a revelação de talento do criador e de sensibilidade do observador”; concluindo com uma defesa do trabalho escultórico de Rodin como “expressão da arte com talento e de reconhecimento pelos que a viram e verão muito mais ainda”⁵⁰⁵. O engenheiro se alinha ao princípio que associa a habilidade artística à ideia de “talento”, ou seja, que para se fazer arte é preciso nascer com aptidão para técnicas que muitos artistas levam anos e até décadas para aprender. E sua defesa do nu nas esculturas de Rodin em contraposição ao nu de Maikon K em DNA de DAN se fez na tentativa de contra-argumentar o sociólogo. Isso porque em seu texto, “Precisamos falar sobre o ‘homem nu’”, o professor Pedro Vinícius Rossi enumera as diversas vezes em que o público ou agentes conservadores atuaram, na história da arte, para rechaçar obras que consideravam “inadequadas” ou “ameaçadoras”⁵⁰⁶. E para esses casos, Rossi elenca duas razões que se enquadram no mesmo tipo de motivação que levou à polêmica com DNA de DAN: uma noção de belo construída com base em achismos que se mostram descolados da interpretação das formas que a arte assumiu ao longo da história e um moralismo alimentado por discursos oriundos de “políticos charlatões”⁵⁰⁷.

Por fim, o engenheiro conclui seu pensamento adentrando no campo da história, área de conhecimento que, entende, seria a juíza e decretadora da morte dessa “arte de mau gosto de homem nu”⁵⁰⁸. O entrevistado frisa que se trata de um homem nu, o que demonstra que a grande questão por trás de toda essa campanha contra DNA de DAN centra-se no corpo, e não em um corpo qualquer, mas no corpo de um homem cis e abertamente homossexual. O que parece incomodar é essa liberdade de um sujeito de direito que assume uma posição e coloca-se num lugar reservado à contemplação masculina da nudez feminina. O nu masculino parece só poder ser desvelado, na concepção desses atores sociais, como parte de uma técnica escultórica ou pictórica que sirva apenas para demonstrar a habilidade técnica dos artistas; ou do “talento”, como

⁵⁰⁵ Ibidem.

⁵⁰⁶ ROSSI, Pedro Vinícius. Precisamos falar sobre o ‘homem nu’. **Folha de Londrina**, Londrina/PR, 17 out. 2017. Espaço Aberto. Disponível em: <<https://bit.ly/3DsdjMP>>. Acesso em: 15 fev. 2020. Sem pág.

⁵⁰⁷ Ibidem.

⁵⁰⁸ CÂMARA MUNICIPAL DE LONDRINA. Op. cit. sem pág.

dizem. E para completar sua argumentação, Barros incluiu um outro comentário que também tem por alvo o texto de Rossi e conseqüentemente a defesa de DNA de DAN.

A assinatura do comentário é de um escritor. E em seu teor, a reclamação mira na indignação do “pai de família”. Percebe-se que a solidariedade do comentador é unicamente direcionada à defesa dessa figura, excluindo qualquer pessoa diferente desse estereótipo do direito a um *status* social de respeitabilidade. E principalmente por se tratar de um artista cuja vivência não se enquadra nos padrões da família tradicional, como no caso de Maikon K. Para fechar seu comentário, o escritor cita um livro religioso de forma descontextualizada, mas certa: “Pôr uma armadilha no caminho de alguém”. Isso porque DNA de DAN cria uma armadilha contra os que se dizem detentores da verdade sobre o corpo e sobre a vivência das identidades. Construindo uma metáfora a respeito de aceitação e busca.

Nem Maikon K nem os organizadores do Festival de Dança de Londrina de 2017 foram chamados para a CPI dos Maus-Tratos. Tendo a região gerado breve relevância para esses agentes políticos responsáveis pela comissão apenas por conta de polêmicas que ocorreram em escolas da cidade de Cambé naquele mesmo período. O senador Magno Malta chegou a manifestar interesse no caso quando houve repercussão a respeito de alunos de ensino médio que usaram da arte para tratar de temas como aborto e suicídio⁵⁰⁹. Porém, mesmo com as declarações do senador, o foco da CPI se manteve na investigação de artistas e outros agentes culturais de regiões de maior alcance midiático e poderio econômico, como São Paulo e Rio de Janeiro. Outro foco da investigação foi o de trazer para suas audiências públicas políticos aliados como Ricardo Barros⁵¹⁰.

A atuação de Barros parecia focada em apresentar ao público os perigos de DNA de DAN, e para isso o político não se limitou a esse documento,

⁵⁰⁹ BREVILHERI, Fernando. Cambé na CPI dos maus tratos? **Tarobá News**, Londrina, 30 out. 2017. Blogs. Disponível em: <<https://bit.ly/3v2TkWa>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

⁵¹⁰ A agenda de sessões públicas da CPI, incluindo o nome de todos os convidados e convocados pode ser acessada por meio do relatório final da referida comissão de inquérito: SENADO FEDERAL. PARECER (SF) Nº 1, DE 2018. Brasília, 06 dez. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3lrOrme>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

recebendo destaque em alguns meios de comunicação regionais. Em uma dessas reportagens, Barros expõe sua opinião e reforça o fato de o Lago Igapó ser frequentado, principalmente nos fins de semana, por pais que levam suas crianças para passear⁵¹¹. Ainda como forma de defender seu ponto de vista, Barros verbaliza que o problema está no fato de a apresentação haver ocorrido em local público e que “se eles querem, e se eles gostam, de arte onde [sic] as pessoas ficam completamente peladas que eles façam num local fechado”⁵¹². Essa insistência numa suposta defesa da família, e de apontar a nudez como algo perverso e digno de censura, por parte do político é acompanhada de uma insistência do repórter em chamar Maikon K de “o artista nu”⁵¹³. Descaracteriza-se o trabalho de DNA de DAN e tenta-se aumentar o tom de polêmica em torno do ocorrido. A reportagem apresenta como consultor da legislação um único advogado que possui visão muito particular das leis. Visão que se mostrou equivocada quando em 2020 o TJ/PR emitiu parecer a respeito do caso em favor da performance e da liberdade artística, entendendo como desarrazoada a interpretação de que há algum ato obsceno na performance de Maikon K; essa decisão será abordada em detalhes mais à frente neste texto.

Voltando à fala do advogado entrevistado, surgiu a alegação de que o crime cometido pelo artista poderia ser enquadrado como um tipo de “obscenidade subjetiva”⁵¹⁴. Essa opinião, entendida pelo advogado como um conceito, foi utilizada para descrever o que esse profissional do Direito considerava como o tipo de crime cometido por Maikon K ao apresentar sua performance sem roupas em um espaço público aberto. Na concepção desse agente, essa obscenidade subjetiva seria a possibilidade de quem observar o artista sem roupas sentir-se “ofendido quanto à sua dignidade sexual”⁵¹⁵. Assim, o artista estaria sendo criminalizado por possíveis pensamentos lascivos que seu corpo poderia gerar na imaginação de alguns dos passantes. Por fim, o advogado conclui sua argumentação explicitando que “nem todas as pessoas conseguiram distinguir exatamente o que era” – sem explicar se se referia ao

⁵¹¹ JORNAL TAROBÁ Segunda Edição – Londrina. Op. cit. sem pág.

⁵¹² Ibidem, sem pág.

⁵¹³ Ibidem, sem pág.

⁵¹⁴ Ibidem.

⁵¹⁵ Ibidem.

fato de as pessoas não distinguirem um corpo sem roupas ou de que se tratava de uma apresentação artística⁵¹⁶. As falas do advogado foram intercaladas pela edição da reportagem com falas da diretora do Festival de Dança de Londrina cujas explicações demonstram que houve cuidado por parte da organização em demonstrar ao público do local que havia nudez no espetáculo. Nota-se uma tentativa de reduzir o espaço para as explicações dos organizadores do festival na reportagem, isso porque ao calcular o tempo dedicado à representante do Festival (pouco mais de 40 segundos) e aos detratores da ação de Maikon K (mais de um minuto) percebe-se a predominância da acusação.

E essa característica é perceptível quando a visão dos detratores é usada pra rebater a fala da diretora do Festival. Quando Danieli Pereira diz que a performance está “há mais de quatro anos circulando pelo país” sem problemas, o repórter rebate sua fala com um discurso que relembra a prisão de Maikon K em Brasília⁵¹⁷. Quando Pereira explica que a produção do festival tomou todos os cuidados para comunicar aos frequentadores do parque que o trabalho de DNA de DAN tinha indicação de idade a voz do repórter se apoia na fala do advogado e indica: “mesmo com os avisos o ator não poderia se apresentar sem roupas e em espaço público, mesmo em uma bolha e com o corpo coberto de gel”⁵¹⁸.

Tenta-se desmerecer o conhecimento de uma mulher, usando como contraponto a fala de dois homens em posições de poder. Além disso, a forma como se deram as entrevistas traz um ar de informalidade para Danieli Pereira (Figura 45), sentada em um banco desgastado diante do palco do Lago Igapó enquanto os dois homens são apresentados em roupas sociais e em ambiente sofisticado (Figuras 43 e 44).

⁵¹⁶ Ibidem.

⁵¹⁷ Ibidem.

⁵¹⁸ Ibidem, sem pág.



FIGURA 43 – Captura de tela de vídeo de entrevista de Filipe Barros à TV Tarobá em Londrina, outubro de 2017⁵¹⁹.



FIGURA 44 – Captura de tela de vídeo de entrevista de advogado à TV Tarobá em Londrina, outubro de 2017⁵²⁰.

⁵¹⁹ Ibidem, sem pág.

⁵²⁰ Ibidem, sem pág.



FIGURA 45 – Captura de tela de vídeo de entrevista de Danieli Pereira à TV Tarobá em Londrina, outubro de 2017⁵²¹.

Outras reportagens deram voz ao político e sua descrição dos fatos se repetiu quase integralmente, porém de maneira mais informal quando comparada com a entrevista transmitida na televisão. Em sua fala, a utilização de termos como “dinheiro público”, “crianças”, “adolescentes”, “cidadãos de bem”, “peladão”, foi constante. Em entrevista para a rádio Paiquerê, por exemplo, Barros tentou, com o uso desses termos, desmerecer o trabalho de Maikon K como artista. Com uso da palavra “suposto” tanto para se referir ao artista quanto ao seu trabalho, o político tentava reduzir DNA de DAN à nudez e dissociar nudez de arte, entendendo-os como conceitos antagônicos⁵²². Na reportagem é apresentado um vídeo divulgado nas redes sociais do então vereador no qual Barros apresenta-se em frente ao 4º Distrito Policial de Londrina. O político indicava sua intenção de auxiliar algumas pessoas que se sentiram incomodadas com a performance de Maikon K e que estavam na delegacia prestando queixa contra o performer⁵²³. Em sua fala, Barros colocava-se como defensor da moral e protetor de uma sociedade “tradicional”.

⁵²¹ Ibidem, sem pág.

⁵²² ALMEIDA, Neto. Op. cit. sem pág.

⁵²³ Ibidem, sem pág.

Esse método repetiu-se quando da entrega do requerimento para que Maikon K e os representantes do Festival Internacional de Londrina fossem convocados para prestar esclarecimentos à CPI dos maus-tratos. Juntamente com o então senador Magno Malta, Barros registrou em vídeo a sua visita à câmara dos senadores e em tom elogioso entrevistou o outro político. Malta, por sua vez, engrandeceu sua atuação frente à CPI dos maus-tratos e discursou de forma a promover o trabalho daquela comissão como um refinamento da CPI da pedofilia⁵²⁴. E nessa comparação, o então senador tentou associar certos artistas, ele refere-se também à Wagner Schwartz, com atos de pedofilia. Para o político, os artistas fazem parte de “uma classe [pedófila] que ficava enrustida” e que em sua visão teriam naquele período “botado a cara de fora” e feito “uma ação coordenada”⁵²⁵. Essa afirmação se enfraquece quando confrontada por dados estatísticos que apontam para uma predominância de casos de pedofilia perpetrados por familiares das vítimas⁵²⁶. É perceptível que essa tentativa de transformar a arte do corpo, e principalmente àquela criada por artistas LGBTQIA+, como ameaçadora vai ao encontro do anseio dos conservadores. Essa visão, desprovida de nexos com a realidade, foi também encontrada em um site independente que analisarei na sequência.

Na postagem em questão, Dan Pontes – por se tratar de um blogueador amador não é possível ter certeza da autoria – ressalta a atuação de Barros no episódio e republica um vídeo sem identificação que foi filmado durante a apresentação de Maikon K no Lago Igapó⁵²⁷. No vídeo, uma voz feminina descreve a cena em que se veem os elementos principais de DNA de DAN. Na análise dessa pessoa, o trabalho não pode ser chamado de arte e é, inclusive,

⁵²⁴ FILIPE BARROS E MAGNO MALTA no senado. Facebook, Brasília, 20 out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3bzaRMs>>. Acesso em: 15 fev. 2020. Vídeo.

⁵²⁵ Ibidem.

⁵²⁶ CAMPOREZ, Patrik. Ministério dos Direitos Humanos conclui que quase 90% da violência sexual contra crianças acontece no ambiente familiar. **O Globo**, Brasília, 14 mai. 2019. Disponível em: <<http://glo.bo/3HQZ63u>>. Acesso em: 13 mai. 2020. Sem pág.

OLIVEIRA, Kelly. A verdade que não te contam sobre o abuso sexual infantil. **Veja Saúde**, São Paulo, 30 mai. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3OJglWu>>. Acesso em: 13 mai. 2022. Sem pág.

⁵²⁷ Trata-se de uma característica da internet o anonimato, desde perfis em redes sociais, passando por compartilhamentos de mensagens, e chegando em sites criados nas mais diversas plataformas; a autoria de textos, imagens e produtos audiovisuais torna-se difícil de determinar dada a facilidade de se copiar conteúdos e republicá-los.

taxado como criminoso⁵²⁸. E sem muita surpresa, ouve-se na sequência uma afirmação que se alinha a essa profusão de informações sem qualquer embasamento na realidade: “Eu não vou chegar perto porque já soube que tem uns dez seguranças com as fotos de todo mundo do testemunhas de bolsonaro, dos patriotas, então tem uns par de grandão aí com cara de segurança, pronto, esperando a gente [sic]”⁵²⁹. Seja ao imaginar uma ação coordenada de artistas para sexualizar crianças ou uma coordenação de festival contratando seguranças que possuem a foto de eleitores da extrema-direita, essa afirmação tem fundamento em campanhas de desinformação. Trata-se da propaganda realizada por agentes políticos que tentaram capitalizar o voto da população mais conservadora. Criando um mito em torno da arte de pessoas LGBTQIA+, principalmente aquela que trabalha questões do corpo, dos estudos de gênero e da sexualidade, retratando essas pessoas como a própria personificação do mal. E nessa descrição de um embate, esses mesmos agentes se apresentavam como os únicos que poderiam impedir o “avanço do mal”.

Além de Barros, outra pessoa que aderiu a essa onda conservadora e ganhou destaque e votos, elegendo-se vereadora por Londrina em 2020, foi Jéssica Ramos Moreno. Conhecida como “Jéssicão, a Opressora”, a agente publicou mensagens de repúdio à apresentação de Maikon K no Lago Igapó. Na figura 46 está uma captura de tela de postagem da política na rede social Instagram na qual é perceptível o tipo de efeito que se busca alcançar. Com um taco de beisebol em mãos, um esporte tipicamente estadunidense, sobre o qual se lê a palavra “diálogo”, Jéssicão posa para a câmera e na legenda da imagem indica que sua única opção de debate é a violência. A vereadora cita também o caso de Wagner Schwartz ao comentar que sua ameaça se estende às mães que “gostam de obrigar crianças a tocar em peladão”, numa referência indireta à artista Elisabete Finger.

⁵²⁸ PONTES, Dan. Mais um artista peladão na praça em londrina. **Contextuador**, Londrina, 14 out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3EU9rtF>>. Acesso em: 15 fev. 2020. Sem pág.

⁵²⁹ Ibidem, sem pág.



FIGURA 46 – Captura de tela de postagem da vereadora Jessicão em seu perfil pessoal no Instagram, Londrina, 2017⁵³⁰.

Esse discurso se assemelha ao proferido no vídeo publicado no blogue de Dan Pontes: “é por isso que a gente precisa de Bolsonaro nesse povo, pra acabar com a raça dessa gente”. E em ambos os discursos a visão de que é preciso acabar com a arte “dessa gente” e deixar o diálogo de lado em nome de uma violência salvadora é repetida. E no caso da vereadora torna-se ainda mais emblemático o fato de tratar-se de uma mulher abertamente lésbica.

Apesar da oposição ao movimento militante por direitos da população LGBTQIA+, Jessicão se beneficia das conquistas que só foram possíveis por meio da atuação desse público. Na Figura 47 está a captura de tela de postagem em rede social em que a vereadora declara que “não defende a causa LGBT” e complementa ter sido “eleita para defender a direita londrinense, todos que respeitam Deus, Pátria e Família”.

⁵³⁰ VEREADORA JESSICÃO. Aqui o meu DIÁLOGO com artista peladão em praça pública. Londrina, 24 out. 2017. **Instagram**: usuário vereadorajessicao. Disponível em: <<https://bit.ly/3lszUiB>>. Acesso em: 18 abr. 2021. Sem pág.

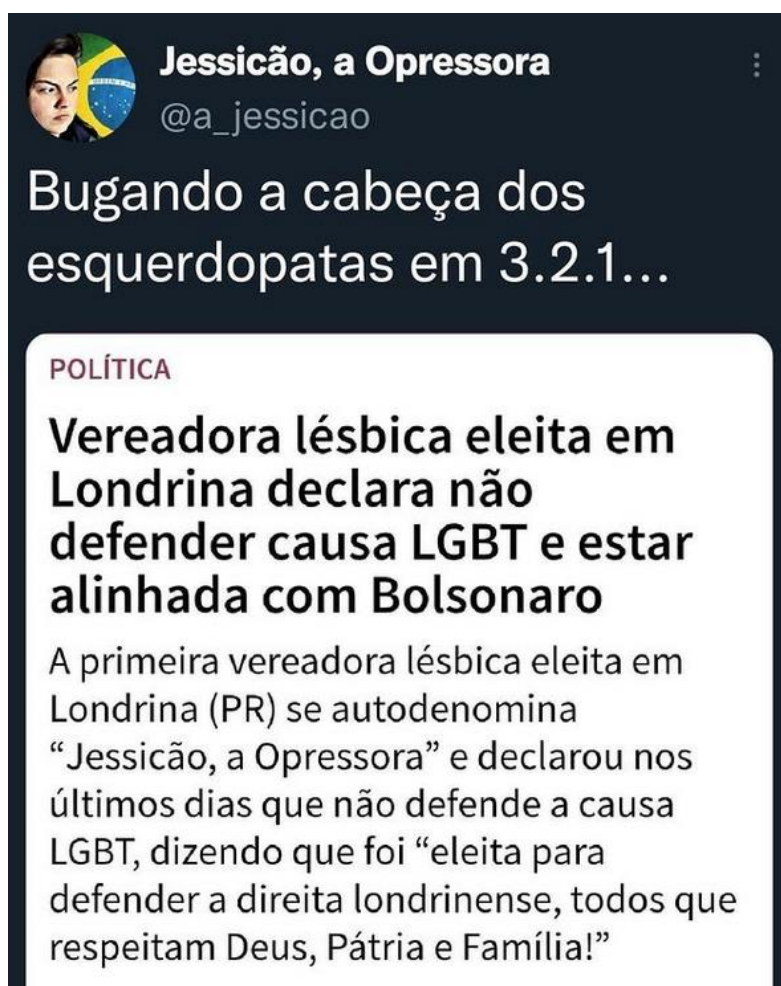


FIGURA 47 - Captura de tela de postagem da vereadora Jessica em seu perfil pessoal no Twitter, Londrina, 2021⁵³¹.

Uma vez mais ocorre o uso desses jargões conservadores, porém dessa vez a construção do discurso denota uma contradição. Sendo Jessica uma mulher abertamente lésbica e respeitadora de deus, pátria e família, ela estaria sim defendendo sua própria causa como pessoa integrante da comunidade LGBTQIA+. Até porque não existem apenas pessoas politicamente de esquerda naquela comunidade.

Por “Causa LGBT” a política está provavelmente se referindo à luta por direitos civis que é empreendida por militantes da comunidade LGBTQIA+ no Brasil desde meados da década de 1970. Uma militância que se desenvolvia desde os anos 1950 e que tomou as ruas em protesto após ocorrerem, entre

⁵³¹ VEREADORA JESSICÃO. Bugando a cabeça dos esquerdopatas em 3.2.1.... Londrina, 2 nov. 2021. **Twitter**: usuário @a_jessicao. Disponível em: <<https://bit.ly/3w9wE96>>. Acesso em: 05 dez. 2021. Sem pág.

outras ações violentas, diversas “ofensivas de repressão cada vez mais constantes em espaços fechados voltados para o entretenimento e a diversão entre homossexuais” por parte de governantes da Ditadura Militar brasileira⁵³². Essa luta por direitos estende-se até os dias de hoje e tem rendido frutos como a decisão do Supremo Tribunal Federal em favor do casamento entre pessoas do mesmo gênero – mais conhecido como casamento entre pessoas do mesmo sexo⁵³³. Direito adquirido à base de mobilização e luta por parte de militantes da “causa LGBT”. Porém, Jessicão se beneficiou desse entendimento do STF ao casar-se em 2018 com sua atual esposa, que é apresentada em postagens de suas redes sociais (Figura 48).

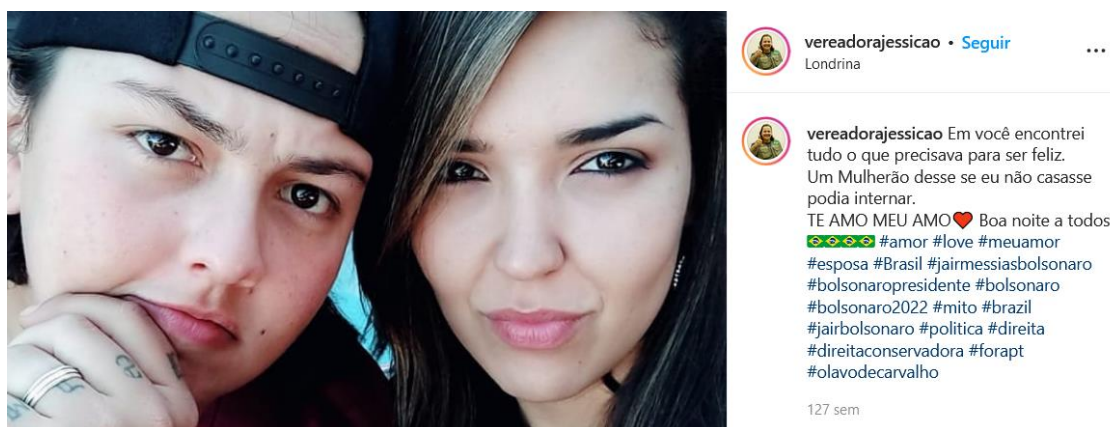


FIGURA 48 - Captura de tela de postagem da vereadora Jessicão em seu perfil pessoal no Instagram, Londrina, 2019⁵³⁴.

⁵³² QUINALHA, Renan Honório. Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988). 2017. 329 f. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3HMslOn>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

⁵³³ Em 2008, o então governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, instou os ministros do STF a interpretarem, conforme a Constituição Federal, os artigos 19, incisos II e V, e 33 do Estatuto dos Servidores Públicos Cíveis do Estado do Rio de Janeiro em favor de servidores que mantinham convivência estável homoafetiva, equiparando seus direitos aqueles concedidos aos servidores que mantinham convivência estável heterossexual. Além disso, foi ajuizada, em 2009, a Ação Direta de Inconstitucionalidade nº. 4.277, por parte do então Procurador-Geral da República com o objetivo de excluir do Código Civil Brasileiro qualquer entendimento que fosse contrário à garantia de direitos para pessoas que mantinham união estável com pessoas do mesmo “sexo” (gênero). Ambas as ações foram julgadas procedentes por unanimidade pelos ministros do STF em 05 de maio de 2011, tendo esse entendimento garantido, desde então, o direito ao casamento por casais formados por pessoas do mesmo gênero.

⁵³⁴ VEREADORA JESSICÃO. Em você encontrei tudo que precisava para ser feliz. Londrina, 25 jul. 2019. Instagram: usuário vereadorajessicao. Disponível em: <<https://bit.ly/3waw6Qf>>. Acesso em: 05 dez. 2021. Sem pág.

Na Figura 49, em outra captura do Instagram oficial da vereadora, percebe-se que o alinhamento dos ideais políticos da extrema-direita londrinense veio se moldando por algum tempo. Na imagem que é uma reprodução de material de campanha das eleições municipais de 2020, a então candidata aparece recebendo um beijo no rosto de Filipe Barros. Declarando sua satisfação com o mandato de deputado federal do parceiro político, Jéssica o nomeia como “o melhor deputado federal do Paraná”. Ao elogiar a atuação de Barros, Jéssica parece agir no sentido de validar uma das facetas percebidas na atuação dos políticos da extrema-direita brasileira. A estratégia desses agentes públicos é criar inimigos baseados em preconceitos enraizados na cultura brasileira e colocarem-se como guardiões de uma população incapaz de se defender dos malfeitores da sociedade. Assim como seus contemporâneos de Londrina, durante a entrevista para Filipe Barros, Magno Malta exalta o seu papel à frente da CPI dos maus tratos descrevendo sua ação como fundamental para a proteção da sociedade brasileira⁵³⁵.



FIGURA 49 - Captura de tela de postagem da vereadora Jéssica em seu perfil pessoal no Instagram, Londrina, 2020⁵³⁶.

⁵³⁵ FILIPE BARROS E MAGNO MALTA. Op. cit. sem pág.

⁵³⁶ VEREADORA JESSICÃO. Há quatro anos atrás.... Londrina, 2 out. 2020. **Instagram**: usuário vereadorajessicao. Disponível em: <<https://bit.ly/3KMZj80>>. Acesso em: 05 dez. 2021. Sem pág.

Para o então senador “nós não tínhamos lei [contra pedofilia], nós avançamos, com a CPI da pedofilia nós escrevemos a lei, criamos leis contra crimes cibernéticos, avançamos, criamos tipos penais, aumentamos pena dos tipos penais existentes”⁵³⁷. Quem lê ou ouve essa afirmação pode pensar que a comissão presidida por Malta, ou mesmo sua atuação pessoal contra a pedofilia, regularizou a legislação brasileira no combate a esse crime. Porém, até os dias de hoje, em pleno 2021, não há uma tipificação do crime de pedofilia no código penal brasileiro. No momento, a única ação nesse sentido é um projeto de lei da deputada Rejane Dias (PT-PI) que busca enquadrar e penalizar “o ato de constranger criança ou adolescente, corromper, exhibir o corpo apenas com roupas íntimas, ou tocar partes do corpo para satisfazer a lascívia”⁵³⁸. Assim, o discurso dos agentes conservadores demonstra ser superficial, tentando fazer enganar quem os ouve; isso porque o discurso desses atores sociais não é acompanhado de ações efetivas contra problemas concretos.

A atuação de Malta presidindo a CPI da pedofilia se mostrou midiática e voltada para capitalizar poder em suas mãos. Um exemplo é o caso do trabalhador Luiz Alves de Lima que foi acusado de pedofilia e usado como propaganda para a atuação de Malta⁵³⁹. Conforme relato da vítima, o ex-senador atuou no episódio como se tivesse poder ilimitado, decretando o destino de Lima que foi preso e sofreu lesões irreparáveis durante o cárcere dentro de um contêiner improvisado. Nesse período, ainda segundo seu relato, o cobrador de ônibus foi submetido a torturas como o ato, por parte dos agentes da carceragem, de apertar seus dentes com alicate até estourarem⁵⁴⁰. Até hoje, Lima move ação contra Malta e busca pela reparação necessária para todos os danos sofridos em sua vida e na rotina de sua família.

E quanto ao ex-senador é sintomático perceber que já àquela altura, da requisição de chamamento de Maikon K para depor à CPI dos maus-tratos, uma

⁵³⁷ Ibidem, sem pág.

⁵³⁸ CÂMARA DOS DEPUTADOS. Projeto define crime de pedofilia no Código Penal: Hoje não há um dispositivo específico para pedofilia no Código Penal. **Site da Câmara dos Deputados**, Brasília, 19 jan. 2021. Disponível: <<https://bit.ly/3OqwW1D>>. Acesso em: 2 abr. 2022.

⁵³⁹ BALLOUSSIER, Anna Virginia. Inocentado, homem torturado na prisão processa Magno Malta por associá-lo a pedofilia. **Folha de São Paulo**, Vitória, 15 nov. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2zLnnWZ>>. Acesso em: 2 abr. 2022.

⁵⁴⁰ Ibidem, sem pág.

parte do público nas redes sociais parecia ter começado a perceber a contradição de seu discurso. Isso porque na postagem na página de Facebook de Barros, mesmo com o político londrinense tecendo elogios à Malta, é perceptível o tom de repreensão em muitos dos comentários. Do total de sessenta e três respostas recebidas pela postagem, trinta e uma possuíam algum tipo de crítica ao ato, por vezes direcionada a ambos e por vezes direcionada a apenas um dos dois políticos. A começar pela percepção de que se trata de assunto de pouca relevância para resolver os problemas do país: “Tanta coisa MUITO IMPORTANTE para ser feita nesse país, e olha o tipo de preocupação desses políticos. Vão caçar trabalho [sic]”⁵⁴¹. Nesse quesito muitos dos comentários apontam para a inutilidade da ação, e seu tom farsesco, como um erro dos dois políticos. Alguns dos comentários direcionados ao paranaense apontam para sua inação em resolver problemas de Londrina: “[...] centenas de mães londrinenses (dentre as quais eu me incluo) preocupadas porque o ano que vem teremos apenas meio período de creche para nossos filhos e esse cara [Barros] se dá o trabalho de ir a Brasília pra isso??? [sic][...]”⁵⁴². Percebe-se, assim, que há pessoas que notam não ser a preocupação ligada ao bem-estar das crianças da cidade ou aos problemas pelos quais passa a população londrinense como a má estruturação das creches públicas da cidade. A atitude do então vereador se assemelhava mais a uma estratégia de marketing para colocá-lo na posição de defensor do conceito de família tradicional. Essa constatação se corrobora pelo teor dos comentários positivos dados em resposta à publicação. São pessoas que enxergam na atitude da dupla um combate à pedofilia e um esforço para defender crianças e adolescentes de modo geral. Esses comentadores defendem que se combatam tanto os avanços nos direitos de pessoas LGBTQIA+ quanto a arte do corpo que se desenvolve a partir de questões que se relacionam, direta ou indiretamente, a temas como as sexualidades e as identidades de gênero dissidentes.

E por ironia aconteceu que na mesma eleição em que se elegeram Jair Bolsonaro para a presidência e Filipe Barros para a câmara federal, Magno Malta

⁵⁴¹ FILIPE BARROS E MAGNO MALTA. Op. cit. sem pág.

⁵⁴² Ibidem.

perdeu para o primeiro senador abertamente homossexual do país⁵⁴³. Fabiano Contarato ficou em primeiro lugar na disputa para as cadeiras do senado pelo estado do Espírito Santo, e em sua atuação na CPI da Covid, alguns anos depois, fez um discurso e uma denúncia em favor dos direitos das pessoas LGBTQIA+. O senador denunciou, por crime de homofobia, o empresário bolsonarista Otávio Fakhoury, por conta de comentários preconceituosos redigidos pelo empresário como forma de tentar ridicularizar a atuação do senador⁵⁴⁴.

Retomando as ações empreendidas por Barros, volta-se ao fato de que sua visita ao Senado foi infrutífera. Nem Maikon K, nem qualquer outra pessoa envolvida na realização do Festival de Dança de Londrina de 2017, foi chamado a depor na CPI dos maus-tratos. E essa falha na tentativa de ganhar os holofotes do país, assim como aconteceu com alguns dos outros casos de censura naquele ano, pode ter sido o que motivou Barros a tomar outro rumo, mais regional: em consonância com sua argumentação a respeito de desperdício de dinheiro público, o então vereador tentou modificar a lei de financiamento cultural da cidade. Denominada de PROMIC (Programa Municipal de Incentivo à Cultura), a Lei Municipal nº 8.984, de 6 de dezembro de 2002, foi criada com o intuito de “propiciar os recursos financeiros necessários à execução da Política Cultural do Município” de Londrina⁵⁴⁵. Para alterar essa lei, Barros formulou o PL 255/2017 a fim de incluir o artigo 22-A cuja redação pretendia garantir que trabalhos artísticos com nudez fossem proibidos a menores de dezoito anos. O controle se daria pela proibição dos trabalhos com nudez em espaço público, tornando os espetáculos de corpo nu restritos a espaços fechados e com controle de entrada. Além disso, o projeto previa também que artistas condenados por “crimes previstos no Código Penal e no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente)” ficariam impedidos de receber financiamento a partir

⁵⁴³ PODER 360. Espírito Santo elege senador homossexual; Magno, aliado de Bolsonaro, perde. **Poder 360**, Brasília, 8 out. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3R2dlH1>>. Acesso em: 14 jan. 2022.

⁵⁴⁴ G1 ES. Contarato: senador que reagiu à homofobia na CPI tem dois filhos e está com marido há 10 anos. **G1 ES**, Vitória, 01 out. 2021. Disponível em: <<http://glo.bo/3OFdmyv>>. Acesso em: 11 jan. 2022.

⁵⁴⁵ LONDRINA. Lei nº 8.984, de 6 de dezembro de 2002. Cria o Fundo Municipal de Cultura e o Programa Municipal de Incentivo à Cultura – Promic e dá outras providências. Art. 2º. Disponível em: <<https://bit.ly/3FgSwAJ>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

do PROMIC⁵⁴⁶. O então vereador parecia estar consciente da possibilidade de seu projeto ser enquadrado como inconstitucional por conta do inciso IX do artigo 5º da Constituição Federal, que veda a censura contra trabalhos artísticos. Em sua declaração, Barros afirma que não está “pedindo nada demais” e complementa que seu projeto não é um tipo de censura, mas apenas uma exigência já prevista no ECA⁵⁴⁷. Contudo, o estatuto não prevê a proibição de trabalhos artísticos com nudez para menores nem restringe o acesso de crianças e adolescentes à imagem da nudez artística. Esse foi também o entendimento da Procuradora Federal dos Direitos do Cidadão/PFDC, Magistrada Deborah Duprat, que lançou a nota técnica nº 11/2017/PFDC/MPF para explicar o conceito de “liberdade de expressão artística em face da proteção de crianças e adolescentes”⁵⁴⁸.

Para a magistrada, “a nudez de uma pessoa adulta, desde que não envolva a prática de nenhum ato público voltado à satisfação da lascívia própria ou alheia (finalidade sexual do ato), não constitui crime no direito brasileiro”. E a autora complementa seu texto referindo-se ao caso dos trabalhos artísticos que envolvam nudez:

Por ser “indicativa”, a classificação etária efetuada pelo Poder Público não possui força vinculante; assim, não cabe ao Estado (nem aos promotores do espetáculo ou diversão) impedir o acesso de crianças ou adolescentes a eventos tidos como “inadequados” à sua faixa etária, especialmente quando estejam elas acompanhadas por seus pais ou responsáveis (Constituição, art. 21, XVI, c.c. o art. 220, § 3º, inciso I e art. 74 do ECA)⁵⁴⁹.

Mesmo com esse entendimento, os vereadores de Londrina que estavam em exercício em 2018 aceitaram a continuação da análise do projeto de Barros⁵⁵⁰. O então vereador, em entrevista ao canal Paiquerê, dizia que seu

⁵⁴⁶ MARCONI, Guilherme; COMELI, Loriane. De olho na nudez, vereador de Londrina quer mudanças no Promic. **Folha de Londrina**, Londrina, 15 out. 2017. Folha Política. Disponível em: <<https://bit.ly/3o9dFaA>>. Acesso em: 15 fev. 2020. Sem pág.

⁵⁴⁷ Ibidem, sem pág.

⁵⁴⁸ PEREIRA, Deborah Macedo Duprat de Britto; SUIAMA, Sérgio Gardenghi. MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL - PROCURADORIA FEDERAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO. NOTA TÉCNICA NO 11/2017/PFDC/MPF: Liberdade de expressão artística em face da proteção de crianças e adolescentes. Brasília: MPF, 2017.

⁵⁴⁹ Ibidem, sem pág.

⁵⁵⁰ ALMEIDA, Neto. Vereadores aceitam pedido sobre projeto de espetáculos com nudez. **Portal Paiquerê 91,7**, Londrina, 07 fev. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3zXRHJV>>. Acesso em 15 fev. 2020. Sem pág.

projeto possuía o intuito de proteger as crianças e os adolescentes. E, mesmo sendo taxativo ao dizer que as crianças e adolescentes precisam ser proibidos de assistir aos espetáculos com nudez, o que contraria a constituição, Barros insistia na retórica de que não se tratava de uma proibição ou um tipo de censura⁵⁵¹. O projeto foi posteriormente aprovado, “por unanimidade”, pela “Comissão de Justiça da Câmara Municipal de Londrina”⁵⁵². E essa aprovação foi promulgada mesmo após o projeto ter recebido “parecer técnico contrário da assessoria jurídica da Câmara”⁵⁵³. O secretário municipal de Cultura, Caio Cesaro, também se manifestou a respeito: “o Ministério da Justiça já estabelece normativa bastante completa com critérios protetivos à infância e adolescência”⁵⁵⁴.

O projeto serviu para enfatizar um discurso conservador e eleitoreiro por parte de Barros e de outros legisladores municipais que entendiam a ação como legítima. Por fim, a inclusão do artigo 22-A no PROMIC foi sancionada ainda em 2018 e, mesmo sem a proibição da presença de menores como plateia de trabalhos com nudez, a atualização da lei municipal foi vista como afronta às leis federais. A alteração da lei do PROMIC foi criticada pela presidenta do Conselho Municipal de Cultura de Londrina, que pontuou que além de não contemplar “os anseios da sociedade como era esperado” o novo artigo colocou a lei municipal “acima das leis federais”⁵⁵⁵.

Apesar de a mudança da legislação ter trazido consequências de restrição à liberdade artística, outro acontecimento trouxe parecer favorável aos artistas. O processo criminal aberto contra Maikon K e sua apresentação de DNA de DAN em Londrina terminou com uma derrota para os políticos conservadores. A representação havia sido aberta em outubro de 2017 e acusava Maikon K de ter praticado ato obsceno com sua performance. Esse processo terminou extinto, em junho de 2020, por decisão de um juiz da 4ª Turma Recursal dos Juizados

⁵⁵¹ Ibidem, sem pág.

⁵⁵² MARCONI, Guilherme. Toda nudez será classificada, prevê projeto. **Folha de Londrina**, Londrina, 23 abr. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/32bQ40g>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

⁵⁵³ Ibidem, sem pág.

⁵⁵⁴ Ibidem, sem pág.

⁵⁵⁵ CARRARO, Bruno. “Lei do nu artístico” é sancionada em Londrina. **CBN Londrina**, Londrina, 11 jul. 2018. Política. Disponível em: <<https://bit.ly/3zrOgeg>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

especiais do Tribunal de Justiça do Paraná – TJ/PR⁵⁵⁶. O juiz Aldemar Sternadt, cujo parecer foi seguido pelos juízes Bruna Greggio e Leo Henrique Furtado, chama os acusadores de arrogantes e hipócritas e entende a ação penal como uma tentativa de censura da liberdade dos que são diferentes daqueles que deram entrada na ação. Uma tentativa nítida de impor uma visão limitada e limitante sobre a liberdade de expressão do outro, seja artística ou social⁵⁵⁷.

A íntegra da decisão foi replicada em diversos sítios na internet que se dedicam à simples propagação ou à análise de decisões jurídicas. Um desses portais, do escritório Vaz Branco e Ferreira, trouxe maiores detalhes da denúncia que havia sido apresentada contra Maikon K⁵⁵⁸. O texto destacava trechos da denúncia que caracterizavam DNA de DAN como um espetáculo cujo teor teria sido pensado por Maikon K com o intuito de ser obsceno. O autor da denúncia buscava, assim, enquadrar o artista

no artigo 234, parágrafo único, II, do Código Penal, segundo o qual incorre na pena de seis meses a dois anos - ou multa - quem 'realiza, em lugar público ou acessível ao público, representação teatral, ou exibição cinematográfica de caráter obsceno, ou qualquer outro espetáculo, que tenha o mesmo caráter'⁵⁵⁹.

Concluindo a primeira parte da postagem com referência a mais um detalhe da denúncia. Trata-se de uma assunção que o autor da queixa teve em relação ao público: "a performance causou o sentimento de desconforto e constrangimento entre os que a presenciaram, 'ofendendo notoriamente o pudor'"⁵⁶⁰. Numa nítida tentativa, por meio da denúncia, de induzir à ideia de inexistência de apoio ao artista por parte do público. E o site, ao dar destaque a trechos como esse, e sem rememorar outros aspectos do caso, como o auxílio do público ao proteger o artista, privilegia a visão do denunciante. Possivelmente induzindo também os seus leitores a acreditar acriticamente na versão de Filipe

⁵⁵⁶ STRUCK, Vitor. Justiça tranca ação penal contra artista. **Folha de Londrina**, Londrina, 26 jun. 2020. Folha 2. Disponível em: <<https://bit.ly/3hPpEX7>>. Acesso em: 15 abr. 2021. Sem pág.

⁵⁵⁷ Ibidem.

⁵⁵⁸ VAZ BRANCO E FERREIRA. TJ-PR tranca ação penal contra performer acusado de ato obsceno. **Vaz Branco e Ferreira**, Rio de Janeiro, 23 jun. 2020. Notícias. Disponível em: <<https://bit.ly/3ufx8rk>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

⁵⁵⁹ Ibidem, sem pág.

⁵⁶⁰ Ibidem, sem pág.

Barros, autor da queixa na justiça. Obviamente há uma diferença marcante na repercussão de uma postagem de um site independente como esse e publicações de portais de notícias de grande audiência.

Outro desses sites com baixa repercussão, em que foi possível encontrar uma matéria dissertativa a respeito da decisão, em contraposição aos que se ativeram a publicizar o conteúdo do parecer, foi o Consultor Jurídico (CONJUR). Em sua publicação, Rafa Santos descreve alguns detalhes relevantes para o caso do ponto de vista jurídico. Inicialmente é explicado que a ação contra Maikon K passou de uma autuação por “ato obsceno” para “espetáculo obsceno”⁵⁶¹. Demonstrando o quanto esse processo se transformou em seu percurso na tentativa de enquadrar o trabalho e a própria lei dentro da narrativa conservadora utilizada para polemizar a obra. E para além do que foi destacado em outras notícias, o texto referencia um trecho da decisão que demonstra o quanto o juiz entendia das intenções da ação como fruto de ignorância e mediocridade:

“O ignorante ou intolerante, diga-se, não é aquele que desconhece algo, mas quem enxerga a sua violência e o seu preconceito como sabedoria. Reconhece-se o ignorante facilmente pois ele tenta destruir o conhecimento que ameaça jogar luz sobre as trevas em que habita. Afinal, como o mofo, a ignorância cresce na escuridão”⁵⁶².

Por fim, seja no sítio oficial ou no Facebook, a publicação recebeu comentários tanto de aprovação quanto de crítica negativa pelo teor do parecer emitido pelo TJ/PR. E analisando as respostas recebidas foi possível notar uma divisão de opiniões contraditórias em torno do tema. No caso dos comentários recebidos no site do CONJUR, há apenas dois comentários, um desfavorável ao trabalho de Maikon K e outro ininteligível. No caso da argumentação contra DNA de DAN a propriedade artística do trabalho é questionada porque a pessoa entende que houve medo por parte do TJ/PR. Pois nas palavras do leitor os juízes, que possuem estabilidade garantida por lei, teriam “medo da poderosa

⁵⁶¹ SANTOS, Rafa. TJ-PR tranca ação penal contra performer acusado de espetáculo obsceno. **CONJUR (Consultor Jurídico)**, São Paulo, 23 jun. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3knrQ9l>>. Acesso em: 5 fev. 2022.

⁵⁶² Ibidem, sem pág.

mídia"⁵⁶³. Esse argumento, ainda que se possa concordar com o poderio dos meios de comunicação na atualidade, é questionável. Qual seria o ganho dos meios de comunicação com uma decisão favorável ao trabalho de Maikon K e qual seria a ameaça prática que esses veículos de comunicação poderiam impor aos juízes?

Nos comentários recebidos na página oficial do Facebook do portal, que passaram de setenta, havia algumas respostas de apreço pela decisão e apoio ao artista e outras de reprovação pelo desfecho da ação judicial⁵⁶⁴. Pouco mais da metade dos comentários traziam defesa da arte de Maikon K e apoiavam a decisão emitida pelos juízes do TJ/PR. Do ponto de vista das pessoas alinhadas ao parecer emitido no trancamento da ação movida contra a obra DNA de DAN, os argumentos tiveram pouca variação. Em sua maioria apontando para o que consideravam ser a hipocrisia dos conservadores que iniciaram o processo contra o artista. Para esses comentadores existiria nesse discurso moralizante de alguns uma tentativa de esconder suas próprias falhas. Afirmando que muitos corruptos usam do discurso conservador como forma de manipular algumas parcelas da população, e que esses indivíduos, em sua vida íntima, não seguem o que pregam⁵⁶⁵. Alguns consideravam fruto de ignorância o ponto de vista dos que criticavam o performer, justificando seu posicionamento, por vezes, com trechos do parecer do juiz Aldemar Sternadt. Conceito esse que foi imediatamente entrelaçado com a crítica ao que consideravam como o *modus operandi* estabelecido por pessoas alinhadas à ideologia de Bolsonaro. Uma mescla, segundo os comentaristas, entre ignorância e oportunismo eleitoral, cujo cerne seria a polêmica transformada em campanha pró-discurso de salvação do país. Alimentando a retórica que aponta para a existência de forças ocultas capazes de guiar, por meio da cultura, da educação e até da ciência, a população rumo a um secularismo anticristão⁵⁶⁶.

Vários dos comentários favoráveis ao trabalho de DNA de DAN se ativeram ao estímulo e parabenização da atuação dos juízes do TJ/PR.

⁵⁶³ Ibidem, sem pág.

⁵⁶⁴ CONJUR. TJ-PR tranca ação penal contra performer acusado de espetáculo obsceno. 23 jun. 2020. **Facebook**: usuário ConsultorJuridico. Disponível em: <<https://bit.ly/3gcqDPH>>. Acesso em: 15 fev. 2021. Sem pág.

⁵⁶⁵ Ibidem, sem pág.

⁵⁶⁶ Ibidem, sem pág.

Elogiando a decisão e demonstrando sua concordância com o texto do parecer emitido por Sternadt a respeito da inexistência de fato criminoso na apresentação de Maikon K⁵⁶⁷. Apresentação que outros comentadores citaram fazendo menção às características artísticas do trabalho. Para essas pessoas não havia inclinação para o erotismo, e em seus textos apontavam para o que acreditavam ser uma dificuldade das pessoas em lidar com a nudez quando esta não fosse apresentada de forma objetificada. Alguns criticavam o fato de ainda existir no código penal leis que consideravam genéricas e que serviriam somente ao conservadorismo como a lei de atentado ao pudor ou ato obsceno⁵⁶⁸. Essa constatação não é desmedida quando se analisa alguns dos casos que levaram os legisladores a redigirem a lei que ficou conhecida como "lei de importunação sexual"⁵⁶⁹. Essa nova legislação precisou ser criada porque leis como a de ato libidinoso, atentado ao pudor, ato obsceno, apesar de terem sido utilizadas contra Maikon K tiveram pouco efeito para casos como os recorrentes crimes de homens que ejaculavam sobre mulheres no transporte público⁵⁷⁰. Isso demonstra uma utilização conveniente dessas leis sem descrições objetivas em favor de agentes conservadores.

Por outro lado, do ponto de vista dos críticos ao parecer emitido pelos juízes do TJ/PR o discurso girou, principalmente, em torno de tentativas de invalidar o trabalho de Maikon K e de acusar os magistrados de tomarem uma decisão com base em ideologia política. Entre os que viram uma inclinação política na decisão havia comentários contra os ideais propagados por partidos mais à esquerda do espectro político⁵⁷¹. Essa visão envolve desde um entendimento de que a esquerda se interessa pelas lutas identitárias – algo que só ocorreu em alguns dos partidos de esquerda e em décadas recentes – até a visão de que a decisão possui traços de ideário marxista. Ideais que denominam de "Marxismo Cultural", dito sem aprofundamento a respeito do que esse

⁵⁶⁷ Ibidem, sem pág.

⁵⁶⁸ Ibidem, sem pág.

⁵⁶⁹ G1 POLÍTICA. Entenda a lei de importunação sexual, que já levou à prisão de foliões no carnaval. **G1 DF**, Brasília, 04 mar. 2019. Disponível em: <<https://glo.bo/3s2Y2BQ>>.

⁵⁷⁰ G1 SP. Homem solto após ejacular em mulher em ônibus é preso de novo ao atacar outra passageira. **G1 SP**, São Paulo, 02 set. 2017. Disponível em: <<https://glo.bo/3AFa7RV>>.

⁵⁷¹ CONJUR. Op. cit. sem pág.

conceito significaria para essas pessoas⁵⁷². Uma retórica utilizando termos conceituais, mas com aparência de xingamento, é o principal mote desses comentários.

Os que tentavam desacreditar DNA de DAN como um trabalho artístico utilizavam uma argumentação centrada na dicotomia entre nudez e arte⁵⁷³. O detalhe interessante de se notar no caso específico desses comentários na página da Conjur no Facebook é uma concordância com o trancamento da ação. Algumas dessas pessoas concordaram que não se tratava de crime, apesar de entenderem não ser um trabalho de arte. Esse condicionamento da aceitação do trabalho também foi citado por alguns que diziam "permitir" a apresentação da performance contanto que sua exibição fosse realizada em espaço fechado e sem a presença de crianças⁵⁷⁴. Abrandamento que contrasta com alguns comentários cujo teor era violento e incluía ameaças de agressão física contra o artista.

Até mesmo o tema do armamentismo, bandeira política de alguns estadistas de direita, principalmente os bolsonaristas, foi abordado como forma de reagir ao que consideram como um sistema judiciário "corrompido" pelos progressistas⁵⁷⁵. Por fim, apareceu outra temática recorrente entre os comentaristas de discurso conservador, a da exaltação de um passado glorioso. Para essa argumentação, dentro do recorte analisado nesta dissertação, sempre são trazidas características comportamentais que não correspondem a nenhum período histórico de nosso país. Uma ideia de fraternidade e união que quando muito só existiu entre grupos de elite privilegiados. E em termos de repercussão desse ato oficial do TJ/PR, a colunista Célia Musilli publicou uma matéria opinativa na Folha de Londrina. Em seu texto, a autora fez um resumo do

⁵⁷² Segundo o Professor João Cezar de Castro Rocha, em seu livro "Guerra cultural e retórica do ódio crônicas de um Brasil pós-político" a expressão "Marxismo Cultural" surgiu nos anos 1990 e consiste no entendimento de que a esquerda desistiu da luta armada em prol de uma abordagem cultural. Nessa nova metodologia, os progressistas tentariam conquistar a população, e assim promulgar seus ideais, por meio da arte e do entretenimento. Tal pensamento foi difundido no Brasil por meio de escritos, videoaulas e posteriormente de discípulos, aqui incluídos diversos políticos bolsonaristas, de Olavo de Carvalho.

ROCHA, João Cezar de Castro. Rumo à Estação Brasília. In: _____. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021. p. 309-355.

⁵⁷³ CONJUR. Op. cit. sem pág.

⁵⁷⁴ Ibidem, sem pág.

⁵⁷⁵ Ibidem, sem pág.

percurso dos acontecimentos começando a partir da polêmica por parte do público, frisando sua interpretação de que os espectadores estavam mais focados no artista do que na nudez – numa argumentação que se mostra um pouco conservadora⁵⁷⁶. Nada impedia que o público se aproximasse do local para ver um artista nu, e isso não seria um impeditivo para assistir à performance ou mesmo fruir o trabalho. E a jornalista continua seu texto descrevendo a ação penal que foi aberta contra Maikon K, autuado por ato obsceno, até o trancamento da ação pelo TJ/PR⁵⁷⁷.

A autora celebrou a decisão da corte e apontou para o fato de que o desconforto, ou oportunismo, daqueles que abriram a ação contra a apresentação de DNA de DAN no parque Igapó 1 não representa a totalidade da população londrinense. Musilli reverberou o que foi decidido pelos juízes a respeito da arrogância daqueles que se colocaram como porta-vozes oficiais da sociedade⁵⁷⁸. E em seu texto, a autora lembrou que o nu na história das artes já é lugar comum. Para além dessa observação, focada especificamente na história das artes, Musilli ainda apontou para uma contradição no tratamento diferenciado dispensado aos meios de comunicação de massa, como a televisão. Referindo-se a programas que exploram, principalmente, a objetificação e erotização do corpo feminino, a jornalista questiona onde estavam os censores de DNA de DAN quando da ocorrência desses casos⁵⁷⁹. Porém, a pergunta da autora poderia ser refeita: “onde estavam esses censores quando ocorreram as apresentações de DNA de DAN de 2013 a 2016?”. Esse é um questionamento intrigante e que talvez aponte para respostas complexas, que parecem se relacionar aos mecanismos que norteiam o funcionamento dos meios de comunicação da atualidade, principalmente das redes sociais⁵⁸⁰.

⁵⁷⁶ MUSILLI, Célia. O 'homem da bolha' deixa uma lição à cidade. **Folha de Londrina**, Londrina, 27 jun. 2020. Colunistas. Disponível em: <<https://bit.ly/39i8zAv>>. Acesso em: 01 mai. 2021. Sem pág.

⁵⁷⁷ Ibidem, sem pág.

⁵⁷⁸ Ibidem, sem pág.

⁵⁷⁹ Ibidem, sem pág.

⁵⁸⁰ O uso político das redes sociais, incluindo a disseminação de notícias falsas, teve consequências que afetaram eleições e expuseram dados pessoais de milhões de usuários, fatos que colocaram os empresários por trás dessas ferramentas no alvo da opinião pública e de diversas autoridades pelo mundo.

BBC BRASIL. Entenda o escândalo de uso político de dados que derrubou valor do Facebook e o colocou na mira de autoridades. **BBC Brasil**, 20 mar. 2018. Disponível em: <<https://bbc.in/2Ai0x9O>>. Acesso em: 8 abr. 2022.

Essas ferramentas de comunicação foram exploradas por empresários conservadores que utilizaram desses meios para criar falsas narrativas contra seus adversários políticos⁵⁸¹. Isso porque os mecanismos de controle dessas redes se mostram frágeis – ou talvez tenham sido moldados para incentivar este tipo de desinformação, gerando aumento de tráfego e potencializando seus lucros – permitindo, assim, que políticos usem dessas plataformas para distorcer informações da forma mais favorável ao seu discurso. E as construções de narrativas falsas criaram engajamento acrítico por parte do público que se sentiu acuado pelo cenário catastrófico construído por políticos que demonstram conhecer os receios da população conservadora. Essa modelagem da realidade para se encaixar num cenário apocalíptico e de aura realista serve não apenas para conquistar votos, mas também para gerar uma cortina de fumaça para escândalos de corrupção. Utilizando não somente a arte como bode expiatório de teorias da conspiração, mas também a saúde, a educação, a segurança e diversos outros aparatos de domínio ou administração parcial do estado.

Essa tática da polêmica em torno da ideia de degradação da família e dos valores tradicionais brasileiros, arraigada em uma ficção que remete a um passado glorioso, é constantemente usada na política atual. Barros ainda hoje se vale dessa ferramenta “desinformativa” para desviar de certos temas de escândalos do governo Bolsonaro em suas redes sociais. Um exemplo é apresentado na Figura 50 que é uma captura de tela de postagem do deputado em que se percebe uma aura de heroísmo aplicada ao político. Barros aparece sério e compenetrado na imagem de detalhe do vídeo, acompanhado de um texto que o descreve como defensor das crianças e do seu conceito de família. Essa estratégia é similar à campanha contra DNA de DAN, tentando levar o público conservador a acreditar que somente esses políticos seriam capazes de defendê-lo. Nesse caso, há outro detalhe: a postagem ocorreu no mesmo período em que surgiram na mídia diversas informações a respeito de agentes políticos do governo Bolsonaro que mantinham contas milionárias em paraísos fiscais. Trata-se do escândalo “*Pandora Papers*” que envolveu o atual ministro

⁵⁸¹ ALESSI, Gil; VIEJO, Manuel. Empresários financiaram disparos em massa pró-Bolsonaro no Whatsapp, diz jornal. **El País Brasil**, São Paulo, 18 jun. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2RkWH6R>>. Acesso em: 3 abr. 2022.

da economia, Paulo Guedes, em uma polêmica a respeito dos limites de atuação política para enriquecimento pessoal⁵⁸².



FIGURA 50 - Captura de tela de postagem do deputado Filipe Barros em seu perfil pessoal no Facebook, Londrina, 2021⁵⁸³.

Essa perseguição contra artistas contemporâneos, e no caso de Maikon K, todo o empenho realizado da parte de Filipe Barros, serviram para angariar lucratividade eleitoral em torno da polemização da arte. E dos medos e traumas de uma parcela da sociedade surgiram debates em forma de comentários nas notícias que repercutiram os episódios relacionados ao artista curitibano.

⁵⁸² PRAZERES, Leandro. Pandora Papers: megavazamento de dados inclui Paulo Guedes e empresários brasileiros. **BBC News Brasil**, Brasília, 3 out. 2021. Disponível em: <<https://bbc.in/3igyooM>>. Acesso em 26 dez. 2021.

⁵⁸³ FILIPE BARROS. Meu projeto propõe dobrar a pena para quem promover apresentação de danças eróticas para crianças em escolas. Londrina, 11 out. 2021. **Facebook**: usuário filipebarrosoficial. Disponível em: <<https://bit.ly/3KMCZLO>>. Acesso em: 05 dez. 2021. Sem pág.

Retornos por vezes superficiais ou mais aprofundados, cujo resultado foi uma mistura de preconceitos e defesas que abordavam temas diversos, mas que de alguma maneira atravessam a arte contemporânea. Toda essa discussão realizada por meio de portais de notícias e redes sociais foi analisada a partir de algumas publicações exemplares cujos resultados exponho no subcapítulo 3.3 a seguir.

3.3 ANÁLISE DA REAÇÃO DO PÚBLICO ÀS NOTÍCIAS DA PRISÃO DE MAIKON K NA INTERNET

As notícias veiculadas na internet a respeito da prisão de Maikon K, tanto da ação truculenta em Brasília quanto da abordagem policial mais amena realizada durante apresentação de DNA de DAN em Londrina geraram muitos comentários, seja nas plataformas de notícia ou nas redes sociais. Essas respostas aos noticiários colocaram em pauta temas como o uso do corpo na arte, a própria ontologia da arte e a nudez em público como ato obsceno. Portanto, acredito ser importante analisar o conteúdo dessas réplicas às informações veiculadas a respeito do ocorrido como forma de compreender um pouco a reação do público aos fatos. Por conta da abrangência da internet, um veículo de transferência de dados cuja capacidade de disseminação e alcance é mundial, é de se imaginar que as notícias tenham alcançado brasileiros em qualquer lugar do planeta onde exista sinal de internet. Dessa forma, pode-se concluir que a maioria dos comentários vieram de pessoas que não tiveram acesso presencial ao espetáculo de Maikon K. O número elevado de comentários na maioria dessas notícias demonstra ter havido interesse por polêmicas em torno de trabalhos artísticos que exploravam ou o corpo nu ou questões de sexualidade e gênero naquele ano. O que gerou uma grande quantidade de casos de perseguição ganhando destaque em 2017, conforme já foi relatado nesta pesquisa. Essa percepção se corrobora ainda por diversos comentários que mencionavam o fato de o trabalho nunca haver ganhado repercussão na mídia antes da perseguição sofrida naquele período.

E para iniciar essa análise foram escolhidos os comentários feitos publicamente a algumas notícias. O número reduzido de publicações midiáticas escolhidas se dá pelo tempo escasso para escrita de uma dissertação e por

haver sido encontrado um número exorbitante de reações a essas notícias, principalmente em redes sociais. Assim, busquei selecionar algumas publicações que pudessem representar um público amplo e algumas notícias de maior interesse regional. E como forma de representar um conteúdo direcionado para um público mais amplo foi escolhida notícia veiculada no portal de notícias UOL, segundo maior portal brasileiro de notícias em número de visitantes em 2017. Tendo sido escolhida especificamente reportagem dedicada à análise da abordagem policial recebida por Maikon K durante apresentação de sua performance⁵⁸⁴. E foi o caso da prisão em Brasília que ganhou maior destaque não somente no UOL, mas em diversos veículos presentes na internet e que possuem enfoque em notícias de abrangência nacional. Já como forma de buscar uma resposta de moradores das duas regiões foram escolhidas notícias em portais que, ainda que possam ser encontrados por qualquer pessoa com acesso à internet, são oriundos de jornais com predomínio de informações regionais. Sendo o Correio Braziliense para o episódio no Distrito Federal e a Folha de Londrina para o episódio paranaense.

Começando pela notícia veiculada no portal UOL, faz-se importante ressaltar que fica evidente que a maioria dos comentaristas não assistiram à performance presencialmente. Isso se constata, no caso específico dessa notícia, seja porque o comentarista explicita que não assistiu ao trabalho ou por conta de detalhes descritos em comentários e que de forma alguma são encontrados em imagens, fotografias ou vídeos da performance, que compõem registros do trabalho. Entre todos os assuntos abordados foram selecionados aqueles que se relacionam com ou o tema da arte, ou o viés político do trabalho de Maikon K ou a criminalização do nu como ato obsceno.

Para analisar esses comentários, dividiu-se cada mensagem por temas, uma vez que cada comentário poderia fazer menção a vários tópicos e até expor dúvidas e não apenas afirmações. Com essa divisão foram constatadas diversas questões que indicam ser a nudez, ainda hoje, um tema controverso. Dos 184 comentários surgiram 58 referências à nudez em público como um ato obsceno, independente se se tratava de um contexto artístico ou não, 4 referências à

⁵⁸⁴ Segundo lista da Amazon divulgada em 2017 o site UOL foi o sexto site mais acessado do país e o segundo portal de notícias com maior número de acessos naquele ano (AGRELA, 2017).

nudez masculina como sinônimo de atuação de um pedófilo e 15 menções à nudez em espaço público aberto como um elemento que não pode ser considerado como um trabalho artístico. Já do ponto de vista das pessoas que indicavam respeito pelo trabalho de Maikon K e do nu artístico como um todo, houve 13 referências que criticavam a atuação da polícia e de seu entendimento de ato obsceno. Ainda entre os apoiadores daquela performance foram contabilizadas 17 menções ao fato de que os agentes públicos tratam de forma desigual o nu masculino e o nu feminino, este último visto como uma forma de objetificação do corpo da mulher.

No caso da objetificação do corpo feminino, a maioria dos comentários citou o carnaval como exemplo de uma atuação policial que nem sempre tem o nu como ato de atentado ao pudor. A nudez feminina objetificada é raramente considerada um ato criminoso e sua presença se faz notar também em canais de comunicação televisivos, em blocos de Carnaval, dentre os quais não há contestação de sua legalidade. Esse fato foi citado como um elemento de hipocrisia por parte das forças policiais e mesmo dos comentaristas que se diziam defensores desses policiais e de sua atuação no caso de Maikon K. A questão da hipocrisia assumiu também a forma do deboche em vários comentários que aludiam ao fato de Brasília ser uma cidade conhecida por casos de corrupção uma vez que todos os principais políticos do executivo federal trabalham neste local. E, portanto, ser incongruente os comentários a respeito do nu nessa cidade como algo criminoso.

Foram recorrentes, dentro da tentativa de estigmatizar o ato performedo por Maikon K, as associações com atitudes criminosas. Além da junção do nu com a ideia de ato obsceno, surgiram também associações destoantes do nu como ação artística. Em um dos comentários, foi citada a pedofilia como razão para se criminalizar e prender o artista, complementado por comentários que corroboram a ideia por se tratar de uma via pública em que há “criancinhas passando e vendo esse doido pelado [sic]”⁵⁸⁵.

Quanto ao caráter político de muitos dos comentários, houve uma reação ao que foi retratado na notícia, em que o jornalista Miguel Arcanjo fez uma

⁵⁸⁵ PRADO, Miguel Arcanjo. Op. cit. sem pág.

analogia do ocorrido com a truculência da censura e da polícia no período da ditadura militar brasileira. Em uma das afirmações o comentarista acusa o jornalista de falta de entendimento nessa comparação por não se dar conta de que “a polícia militar foi acionada por cidadãos que se sentiram ofendidos pela nudez em praça pública, muito diferente do período militar onde ela [a polícia] agia em nome de um governo autoritário”. Esse comentário demonstra como a informação que essas pessoas afirmam como verdade é baseada em senso comum, uma vez que desconhecem que vários dos casos de perseguição policial no período autoritário da ditadura militar brasileira também se originavam de denúncias de cidadãos civis, entendidos à época como “informantes”⁵⁸⁶.

O espaço da apresentação também é utilizado como motivo para a detenção do artista, a maioria dos comentários defende que ações artísticas que envolvam o nu devam ser restritas a espaços fechados. Um dos comentaristas afirmava, em tom de ironia, que a circulação deveria ser exclusivamente de “uma seleta plateia, com desenvolvimento da sensibilidade e dons intelectuais necessários, para apreciar o espetáculo [sic]”⁵⁸⁷. Essa perspectiva é contestada por outros comentaristas que citam o nu feminino em desfiles e festas de carnaval de rua, tipo de nudez que não é contestada e em que frequentemente “várias crianças estão na plateia”⁵⁸⁸. Muitos desses “diálogos” são truncados, ou seja, a conversa não se desenvolve, mesmo quando o primeiro a comentar recebe resposta à sua afirmação em que questionamentos são levantados com respeito aos seus argumentos.

Com relação aos comentários publicados em resposta às notícias veiculadas a respeito da polêmica em Londrina, o teor das mensagens tendia a se assemelhar ao tom da reportagem. Havia textos mais imparciais e também alguns portais que preferiram dar mais espaço para a versão dos fatos a partir da perspectiva do artista e outros que optaram pela versão do acontecimento tendo como base a opinião dos detratores do trabalho. No caso de sítios com opinião desfavorável ao artista predominaram os comentários nessa linha de

⁵⁸⁶ MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. A lógica da suspeição: sobre os aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil. *Rev. bras. Hist.*, São Paulo, v. 17, n. 34, p. 203-220, 1997. Disponível em: <<https://bit.ly/3mije39>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

⁵⁸⁷ PRADO, Miguel Arcanjo. Op. cit. sem pág.

⁵⁸⁸ Ibidem, sem pág.

pensamento. O contrário também se mostrou verdadeiro, havia uma predominância de comentários favoráveis à performance em notícias com viés crítico à ação policial. Sendo uma exceção o caso do texto de Fernando Brevilheri, em que nove dos onze comentários apresentavam ataques à DNA de DAN⁵⁸⁹. Inclusive com opiniões favoráveis à violência contra o artista ou até desejando seu fuzilamento. O texto, apesar de tentar demonstrar moderação, parece ter sido mais atrativo para os conservadores que foram maioria na seção de comentários. Dentre os comentários conservadores havia também aqueles de teor moderado, cuja crítica focou-se em invalidar o trabalho como artístico, apontando a nudez como motivo para restringir seu acesso e taxar o trabalho como exemplo de degradação da arte. Já os dois únicos comentários favoráveis traziam argumentos que classificavam o tratamento dado ao artista como análogo à censura e à falta de bom senso do público.⁵⁹⁰

Passando à notícia veiculada no portal do jornal Correio Braziliense, foram analisados mais de quatrocentos comentários. Organizados de forma a melhorar o entendimento, eu os separei entre temas que permeavam o cerne principal de cada conteúdo. Isso porque enquanto alguns comentários centravam-se em apenas uma temática havia casos em que uma mensagem poderia abranger diversas argumentações ainda que de forma desconexa. Assim, e começando a partir de argumentações favoráveis ao trabalho de Maikon K, encontrei temas amplos como desinformação, conservadorismo, hipocrisia, ensino da arte, nudez em espaço público, interpretação das leis e homofobia.

Dentre as temáticas abordadas direta ou transversalmente, a mais citada nos comentários positivos em relação ao trabalho de Maikon K foi a de acusações de censura com fundo conservador. Nesse pedaço do debate haviam frases mais articuladas e um pouco mais rebuscadas que a média encontrada no todo, tais como “é preciso ser um néscio para coibir algo assim” e “colocaram a mão na consciência, viram que cometeram um erro GRAVE [sic] e vai ser apresentado de novo”⁵⁹¹. Esses comentaristas apontavam sua crítica tanto para

⁵⁸⁹ BREVILHERI, Fernando. Op. cit. sem pág.

⁵⁹⁰ Ibidem, sem pág.

⁵⁹¹ CORREIO BRAZILIENSE. “Se minha arte é bem-vinda, eu quero voltar”. Brasília, 25 jul. 2017. **Facebook**: usuário correiobraziliense. Disponível em: <<https://bit.ly/3vLNWcd>>. Acesso em: 15 fev. 2020. Sem pág.

os que defendiam a abordagem quanto para os agentes que perpetraram o episódio. Indicando que essas atitudes denotavam falta de informação com relação à arte contemporânea e preconceito direcionado aos corpos/vivências que não se encaixam no padrão de vida defendido por essas pessoas. E entendem, que os conservadores agem dessa maneira com o intuito de reprimir qualquer experimentação feita com o corpo ou mesmo com o espaço público. Essa argumentação era seguida de outra que apontava para uma diferente face desse comportamento de pessoas conservadoras entendendo tal mecanismo como uma estratégia de defesa frente a uma sociedade mais aberta ao debate do corpo.

Apontaram ainda para a hipocrisia comprovada em diversos acontecimentos em que a moral professada por religiosos e outros defensores de uma certa tradição era confrontada por suas ações. Um dos casos citados para exemplificar esse pensamento foi o de um evento de sexo explícito ocorrido na cidade de Caldas Novas, estado de Goiás, em que, segundo relatos nos comentários, a polêmica não havia atingido os mesmos níveis de perseguição e ódio destinados à Maikon K. Ao buscar pelo evento na internet, que parecia ser relatado como um acontecimento recente, não encontrei nada. Isso porque inicialmente realizei a pesquisa utilizando sempre o ano de 2017, ou no máximo o de 2016, como referência. E foi somente quando removi o ano dos termos buscados que encontrei alguns resultados, todos apontando para um festival realizado em 2012. Tratava-se do Caldas Country Show, considerado pela mídia como “um dos maiores eventos de música sertaneja do estado”, e durante o qual também foram relatados atos de desacato por parte de alguns frequentadores contra o aparato policial⁵⁹².

Esse evento regional, bem como as festas de carnaval em que a nudez ou o uso de poucas roupas é uma característica marcante, foram usados como argumento para apontar a incoerência de toda a revolta contra o artista. E essa característica contraditória nos argumentos críticos ao trabalho apresentado em DNA de DAN se explicita em algumas frases que apontam para uma diferença

⁵⁹² G1 GO. Imagens de sexo nas ruas de Caldas Novas causam polêmica na internet. **TV Anhanguera**, Goiânia, 19 nov. 2012. Sem pág. Disponível em: <<https://glo.bo/3KqdorR>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

entre o carnaval e o trabalho de K, como a que se segue: “[...] nunca se viu um pau balançando no carnaval. Só peito femininos [sic]”⁵⁹³. Percebe-se que, para o autor da frase que por sua foto de perfil é um homem cis branco, provavelmente heterossexual, a nudez não é problemática desde que seja na função de objetivação do corpo feminino. Uma coisificação do corpo das mulheres cujo intuito é agradar pessoas como o indivíduo do comentário citado.

Assim, um corpo masculino nu, realizando movimentos que não possuem um objetivo declarado, em um espaço de hegemonia do desejo masculino heterossexual, é visto como um elemento criminoso a ser reprimido. A falta de lógica se repete também na defesa de alguns comentaristas que indicam haver ocorrido igual medida de repressão no episódio de Caldas Novas. Argumento refutado por apoiadores de DNA de DAN apontando para um tratamento assimétrico: “[...] foram vetados?! Onde?! Todo mundo vendo – e gravando”⁵⁹⁴. Realmente, o farto material audiovisual e fotográfico encontrado na internet demonstra o quanto os acontecimentos em Caldas Novas foram múltiplos e registrados sem qualquer interrupção da polícia ou dos frequentadores do evento. Havia uma aparente tranquilidade das pessoas que praticavam sexo em meio ao público, sem demonstrar qualquer receio ou constrangimento, é como se soubessem que esse ato de heterossexualidade e macheza não seria condenado. Nas imagens encontradas é possível perceber uma maior extroversão por parte dos homens, em alguns casos até posando para as câmeras. Seus gestos demonstravam dominação sobre o corpo das mulheres com quem praticavam o ato.

O viés de condenação partia daqueles que se apresentavam nos comentários como defensores seja de uma moralização da arte seja da constituição do nu como pornografia ou ato criminoso em si. Porém, essa argumentação era questionada por outros comentadores que apresentavam possíveis soluções para impedir que novas gerações desenvolvessem apreço por esses ideais. E é no campo do ensino da arte na educação básica que indicavam residir a principal argumentação visando frear esses pensamentos conservadores com relação ao corpo e à arte. Alguns comentadores mais

⁵⁹³ CORREIO BRAZILIENSE. Op. cit. sem pág.

⁵⁹⁴ Ibidem, sem pág.

progressistas citaram a necessidade de se discutir mais a arte contemporânea em sala de aula, de levar os alunos a frequentar espaços culturais mediados. Por se tratar de debate um tanto superficial, a forma da mediação, ou mesmo o que essas pessoas entenderiam por mediação, não chega a ser discutido em detalhes. E esse desenvolvimento proposto para a educação, apontado como importante juntamente com a necessidade de melhoria da formação dos educadores, foi apontado como relevante para o desenvolvimento social. Desde de ampliar o entendimento das pessoas com relação à arte e sua história – e diferenciar esta área do conhecimento dos produtos de entretenimento – até ampliar o diálogo em torno de corpos e vivências dissonantes da norma. Outra melhoria apontada por esses debatedores seria a redução da influência que propagadores de desinformação possuem sobre os espectadores de internet.

O conceito de desinformação ganhou destaque nos últimos anos por conta de haverem ocorrido campanhas com esse tipo de estratégia que influenciaram até mesmo eleições presidenciais⁵⁹⁵. E a crítica à sua influência na perseguição à Maikon K foi um ponto central em comentários favoráveis à DNA de DAN. Muitos apontaram até a presença de perfis falsos entre os comentadores – fato levantado pela existência de perfis cujas fotos eram ou de celebridades internacionais ou de personagens de filmes ou séries de animação – e que em sua maioria apenas acusavam o artista curitibano de ser criminoso, além de proferirem diversos xingamentos. Esses perfis tentavam várias vezes apenas silenciar, em tom agressivo, qualquer voz que discordasse de suas opiniões: “não é não. Isso não é arte.”; “merece uma surra igual o [sic] peladão artista.”; “qdo essa esquerdinha chiliquenta vai parar de querer que as pessoas engulam suas ideologias e pensamentos na marra? [sic]”. Porém, acredito ser relevante indicar que isso também aconteceu em sentido contrário, com frases de efeito que tentavam finalizar certos debates iniciados por críticos à DNA de

⁵⁹⁵ AZEVEDO Jr, Aryovaldo de Castro. *Fake news e as eleições brasileiras de 2018: o uso da desinformação como estratégia de comunicação eleitoral*. **Revista Más Poder Local**, v. 44, pp 81-108, mai. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3vTbufo>>. Acesso em 15 fev. 2022.

MARS, Amanda. Como a desinformação influenciou nas eleições presidenciais? – Alguns estudos sugerem que pode não ter sido crucial, outros especialistas destacam que Trump pautou a agenda dos grandes veículos da imprensa. **El País Brasil**, Nova Iorque (E.U.A.), 25 fev. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2JyHmvF>>. Acesso em: 08 mai. 2022.

DAN: “é sério que li isso?”; “De gente ôca [sic] (vazia) eu quero distância”; “fake”⁵⁹⁶.

Outro ponto a ser melhorado, a partir da visão desses comentários apoiadores de Maikon K, seria o da censura ou repressão. Foram mensagens focadas em denunciar a ação policial como resultante de uma velada tentativa de impedir o que entendiam ser um problema de ordem social com relação à nudez. Esse entendimento motivou outros comentários que questionavam qual seria a motivação por trás de tanto ódio pelo corpo sem roupas. A conclusão a que chegaram foi a livre associação entre nudez e sexo como se fossem sinônimos. Outra resolução relacionada é a de que se trataria de insegurança por parte dessas pessoas com relação a seu próprio corpo e sexualidade. Apontando, além disso, para o fato de que a história da arte está repleta de exemplos de trabalhos com ou a representação ou a própria exposição da nudez. E uma vez mais o ensino da arte na educação básica é abordado como solução para resolver esse dilema social com a nudez. Vários desses perfis progressistas defendem que haja maior exposição da nudez às crianças. Ação que é vista como forma mais incisiva de desmistificar o que é “sexual” do que, nas palavras dos comentadores, é “natural”⁵⁹⁷.

É ainda relevante citar que o debate se fez tão acalorado que muitos defensores do trabalho parecem ter esquecido de celebrá-lo. Foram poucos os comentários dedicados a enaltecer DNA de DAN e suas características. Poucos também celebraram o retorno da obra à Brasília, fato entendido como de corroboração da crítica à atuação da polícia, vista como juíza de gosto e de costumes. Dentre essas considerações havia defensores de uma atitude mais indiferente por parte do público conservador, acreditando que se tratava apenas das pessoas não comparecerem ao evento caso este não lhes apetecesse, sem necessidade de escândalos ou perseguições policiais/judiciais.

Por fim, finalizo essa etapa de análise dos comentários favoráveis à apresentação de DNA de DAN com duas temáticas que atravessaram também os comentários desfavoráveis ao artista e seu trabalho. A primeira é a de

⁵⁹⁶ CORREIO BRAZILIENSE. Op. cit. sem pág.

⁵⁹⁷ Ibidem, sem pág.

acusações perpetradas por ambos os lados com relação à interpretação das leis relativas a atentado ao pudor e ato obsceno. Do lado favorável ao artista é unânime a visão de uma inadequação da interpretação dessas leis por parte daqueles que acionam esses mecanismos legais em sua crítica à DNA de DAN. Condenando tais análises como fruto de ignorância com relação a uma cláusula da constituição, além de falta de educação formal: “LIBERDADE DE EXPRESSÃO! A ARTE NÃO PODE SER APRISIONADA [sic] pelo simples fato de uma meia dúzia moralistas [...] Código penal NADA [sic] tem a ver com o espetáculo do artista”⁵⁹⁸. O teor desses comentários seria reverberado no parecer do TJ/PR que analisei no subcapítulo 3.2. Já do outro lado, a defesa relacionada às leis é quase unânime de que os outros é que não interpretam corretamente o código penal. Porém, essa argumentação ignora o preceito de liberdade de expressão e livre manifestação artística previsto na Constituição Federal. Focados no Código Penal, alguns comentaristas se mostram seguros de a apresentação de DNA de DAN em espaço público se tratar ou de “atentado violento ao pudor” ou de “ato obsceno” (artigo 233 do Código Penal) ou “a falta de acompanhamento de menores em espaços proibidos” (artigo 149 do ECA). Há quem vá mais longe e afirme se tratar de um crime contra o direito de ir e vir (artigo 5, inc. XV da Constituição Federal de 88). Isso porque, segundo essas pessoas, ao manter sua apresentação em espaço público Maikon K estaria impossibilitando pessoas que não queiram assistir seu trabalho de transitar livremente pela cidade. Seguindo essa lógica nenhum show, evento esportivo ou festival público poderia acontecer em espaços abertos ou mesmo fechar esses espaços para sua realização, já que muitos eventos precisam inclusive interromper o trânsito de algumas vias. Como solução para essa questão ocorre mais uma quase unanimidade, a de que o trabalho seja realizado exclusivamente em espaço fechado e com proibição da presença de menores de 18 anos. O fato de estarem ou não acompanhados dos pais ou responsáveis parece ser irrelevante para esses comentaristas. Fato que vai de encontro com a interpretação do MP/SP com relação ao uso equivocado da classificação indicativa para proibir a presença de menores de idade em exposições ou apresentações artísticas. E em meio a esses comentários repressivos estavam

⁵⁹⁸ Ibidem, sem pág.

perfis de duas pessoas que aparentavam ser policiais, isso porque na foto de perfil havia a *selfie* de uma pessoa em uniforme policial. Uma dessas pessoas relata em seu comentário que trabalha na corporação em Brasília. Elas declaram apoio à prisão de Maikon K, e afirmam que caso passassem pelo local onde seria realizada a apresentação de DNA de DAN pelo Cena Contemporânea o dariam voz de prisão.

Outro ponto em comum entre comentários de ambas as visões em torno da polêmica é o da homofobia como mecanismo de defesa. Trata-se da mesma tática, quase exclusivamente usada por perfis masculinos, de tentar desmerecer o oponente de discurso com falas que coloquem em “suspeita” a sua masculinidade. Neste caso, realizando uma confusão entre conceitos de sexualidade e de identidade de gênero. A única diferença era o teor chulo dos comentários dos opositores e o fato de que os defensores da obra de K só o faziam quando inicialmente provocados. A homofobia foi pensada como arma de desmoralização do outro, tentando passar a ideia de que a opinião da outra pessoa era inválida ou risível uma vez que sua heterossexualidade (confundida com sua identidade masculina) era colocada em xeque. Essa retórica foi mais evidente entre as argumentações conservadoras contra DNA de DAN. E aqui entra-se nas temáticas geradas pelo lado contrário ao trabalho apresentado pelo artista curitibano, as quais foram maioria dos comentários publicados como resposta à postagem da notícia do Correio Braziliense. Totalizando mais de trezentos comentários negativos.

De todos esses comentários conservadores, setenta traziam apenas xingamentos, ameaças ou formas menos agressivas de deboche. Em comum, todos esses textos não acrescentavam em nada o debate, mas aqui pode-se argumentar que talvez essa seja a tendência em redes sociais e outras ferramentas de internet cujo conteúdo seja voltado para o entretenimento. Porém, duas temáticas verbalizadas foram especialmente preocupantes, sendo uma delas a da misoginia. Assim como no caso da homofobia, alguns perfis masculinos tentaram desmerecer mulheres que defendiam DNA de DAN com termos ou descrições machistas: “vai lavar louça”, “feno pra ela”⁵⁹⁹. Essa

⁵⁹⁹ CORREIO BRAZILIENSE. Op. cit. sem pág.

tranquilidade com que alguns comentadores dispararam essas falas contra as mulheres demonstra o quanto a violência machista está presente entre os conservadores. E a segunda temática é a da ameaça de violência real – mais uma vez majoritariamente protagonizada por perfis masculinos. Sempre em concordância com a ação da polícia e entendendo que uma vez satisfeita a premissa de um crime os agentes de segurança podem atuar de forma a ferir quem quer que seja. Esteja a pessoa em posição de ameaça armada ou não, entendem ser necessária a intervenção física violenta. “Sapeca o cacete nessa múmia.”, “onde cumprir a lei é agir com violência?” – referindo-se à abordagem violenta dos PMs –, “se fizer graça a polícia tem que dar um sacode mesmo! [sic]”, “não era pra prender o cara tinha que meter a taca [sic]”⁶⁰⁰.

Em outras respostas, a mesma régua moral usada para defender a ação da polícia é replicada na interpretação dos comentaristas conservadores com relação ao conceito de arte. A primeira regra estabelecida por muitos desses comentários, algo comum à recepção de outras notícias, é determinar que nudez e arte são irreconciliáveis. E dessa forma estendendo a condenação da arte com nudez em seu repertório para o artista em si, afirmando que por trabalhar com o tema ele não pode receber esse título. Chegando até mesmo a questionar a sanidade mental de Maikon. Inclusive, o perfil do artista no Flickr, em que alguns encontraram diversas imagens de nudez, foi citado como prova da inadequação, não só de DNA de DAN como trabalho artístico como de toda a pesquisa criativa realizada por K.

Em busca pela página de Maikon na rede social somente encontrei a imagem de capa do perfil. Como o Flickr permite imagens com nudez (visíveis apenas às pessoas que possuam conta ativa na ferramenta) é provável que muitas imagens de suas experimentações com o corpo tenham sido postadas. Se em outra rede social, Instagram (Figura 51), que é limitada com relação a imagens explícitas, o curitibano inclui fotografias que remetem a elementos de nudez é provável que em seu Flickr haviam fotografias desse tipo.

⁶⁰⁰ Ibidem, sem pág.



FIGURA 51 – Captura de tela de imagens do Instagram pessoal do artista Maikon K, Curitiba, PR.⁶⁰¹.

A dicotomia entre o corpo nu e a arte, percebida por esses comentadores, expande-se para outros trabalhos de corpo, especificamente aqueles que possuem características escatológicas. Um trabalho em especial é lembrado em diversos comentários, trata-se da obra “Macaquinhos”, ainda que não tratada por seu título. Fato que demonstra a fonte de informações desse público ser provavelmente proveniente da mídia na internet, pois, quando da polêmica gerada em torno de “Macaquinhos” esses canais de informações não a tratavam pelo nome, mas por eufemismos. Isso sem citar notícias falsas que percorreram as redes sociais na época. Na Figura 52 está uma captura de tela com os principais resultados apresentados pelo Google com relação à performance. No título das reportagens é possível perceber a ênfase em palavras ou frases como “sobre cu”, “toques no ânus”, “enfiam dedo no ânus”.

⁶⁰¹ MAIKON K. Curitiba. **Instagram**: usuário maikon__k. Disponível em: <<https://bit.ly/3qeHp6e>>. Acesso em: 18 jan. 2022. Sem pág.



FIGURA 52 – Captura de tela do resultado de busca por informações da peça Macaquinhos na ferramenta Google.⁶⁰².

Assim, declararam alguns: um trabalho não poderia receber o título de artístico caso contivesse elementos capazes de suscitar o choque ou que constrangessem o público. E completavam seu discurso enaltecendo obras de arte do passado, sem exatamente localizar um período, descrevendo que DNA de DAN é apenas a ponta do iceberg de uma degradação da arte em geral. Em muitas falas, inclusive, a degradação da arte seria retrato da própria degradação da sociedade. A ideia de um mundo ideal e existente em algum momento do passado é descrita com nostalgia por aqueles que não aceitam as mudanças, principalmente as focadas na estrutura social dos corpos. Muitos, por fim, acreditam que a “solução” para toda essa “exposição desnecessária que tomou conta da arte contemporânea” seria resolvida impondo limites à arte⁶⁰³.

E essa imposição de limites, pensam, poderia ser solucionada com a segregação de trabalhos com nudez para espaços fechados, e incluindo maiores entraves para o uso de dinheiro público. A questão da fonte dos recursos foi

⁶⁰² GOOGLE. Termo de busca: peça macaquinhos. Disponível em: <<https://www.google.com/>>. Acesso em: 18 jan. 2022.

⁶⁰³ CORREIO BRAZILIENSE. Op. cit. sem pág.

citada por diversos comentadores. Principalmente no caso de trabalhos artísticos que pudessem ser considerados transgressores. Com argumentação que aponta para a necessidade de remover qualquer financiamento público, colocando no setor privado a anuência para o desenvolvimento de trabalhos artísticos que fossem considerados subversivos. Afirmam que essa seria uma forma de desmascarar a “hipocrisia” dos defensores de DNA de DAN, pois supõem que o público não pagaria ingresso para assistir à performance. Essa falta de interlocução entre público e arte contemporânea – principalmente do mercado que a cerca – parece interligada à falta de informação a respeito da multiplicidade que forma a sociedade neste país.

A falta de entendimento da multiculturalidade brasileira ou talvez o desejo de que tal característica seja apagada de nossa sociedade, fez com que muitos se voltassem para ataques contra artistas como Maikon K. Contudo, a resposta do performer não foi passiva e indiferente. Utilizando da sua capacidade criativa, K respondeu aos ataques direcionados ao seu trabalho e à sua existência tanto com trabalhos subsequentes quanto com manifestações verbais. Sendo essa última ferramenta analisada no subcapítulo 3.4, que utilizei para descrever a reação do artista em suas redes e em outros canais de comunicação.

3.4 ANÁLISE DAS RESPOSTAS E ENTREVISTAS DE MAIKON K, INCLUINDO SEUS MANIFESTOS POÉTICOS

Para além das mensagens críticas ao trabalho realizado em DNA de DAN, Maikon K recebeu mensagens pessoais agressivas e até mesmo ameaças de morte. Essas agressões iniciaram-se a partir do período em que surgiram as campanhas difamatórias contra artistas que, direta ou indiretamente, apresentaram trabalhos atravessados por questões de sexualidade e de gênero. A homofobia, ainda que o artista não aborde questões de sexualidade diretamente em seu trabalho, foi uma das armas usadas contra o performer. Por conta disso, pode-se dizer que os ataques foram direcionados para preceitos do corpo LGBTQIA+ como instrumento político de transformação, ainda que não intencional. E além de Maikon K, Danieli Pereira também relatou ter recebido diversas ameaças e mensagens de ódio. Em entrevista ao jornal Folha de

Londrina em 2020, a profissional comentou que as ameaças chegavam de perfis de pessoas comuns, sem qualquer relação com o mercado de arte ou com partidos políticos⁶⁰⁴. Maikon descreve essa movimentação em torno do acontecimento como resultado de uma onda de *Fake News* que buscavam, por meio de informações distorcidas, colocar a sua nudez como uma atitude deliberada de ato obsceno. As ameaças contra o artista e contra outros integrantes da organização do Festival de Londrina traziam mensagens que incluíam atear fogo em seus corpos, colocar o artista para ser estuprado coletivamente ou até mesmo “afogar essas pessoas” no Lago Igapó⁶⁰⁵.

Os ataques, tanto pessoais quanto coletivos, contra Maikon K geraram respostas do artista em forma de manifestos e produção poética. Seja por meio de textos ou pela criação, por meio de convite, de uma apresentação destinada a questionar o posicionamento conservador de parte da sociedade. A primeira resposta oficial foi publicada na página pessoal do artista no Facebook. Essa postagem saiu em 16 de julho de 2017, dia seguinte ao primeiro episódio de perseguição, em Brasília, sofrido por Maikon K⁶⁰⁶. Em seu texto, o curitibano marcou o perfil de pessoas importantes em sua vida, como seu esposo Beto Kloster, assim como de diversas figuras proeminentes do campo da arte na capital paranaense. O relato é longo para os parâmetros de uma rede social, mais de dez mil caracteres. E seu teor vai, entre outras coisas, do agradecimento aos que o apoiaram até sua opinião a respeito da atual realidade do sistema policial brasileiro. Começando pelo apoio, o artista agradece os conhecidos e desconhecidos cujas palavras de incentivo o alcançaram. Seu agradecimento é acompanhado do reconhecimento de um pensamento compartilhado por esse público: “arte como forma de expandir as visões e atuar no mundo”⁶⁰⁷. Ao analisar a situação em que seu trabalho foi envolvido, o artista aponta para o paralelismo com outras ações contra produtores de arte ocorridas na mesma época. Maikon usa como exemplo a invasão policial contra o espaço cultural Casa Selvática, em Curitiba, no dia anterior à sua apresentação em Brasília.

⁶⁰⁴ STRUCK, Vitor, 2020. Op. cit. sem pág.

⁶⁰⁵ Ibidem, sem pág.

⁶⁰⁶ MAIKON K. Eu quero agradecer de verdade a todo apoio que recebi aqui nessa rede social. **Facebook**, usuário: maikon.kempinski, 16 jul. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3Jud8rJ>>. Acesso em 15 fev. 2020.

⁶⁰⁷ Ibidem, sem pág.

O artista afirma haver uma mescla neste século entre uma cultura “high-tech” aliada a uma sociedade com algumas atitudes “neomedievais”⁶⁰⁸. E, passando a descrever o roteiro de sua performance, K ressalta a não intenção de tratar de questões de sexo (relativo às possibilidades do ato), e aponta uma possível interpretação de DNA de DAN. “É um rito de nascimento e morte. É um corpo imóvel e exposto em sua fragilidade”. E a nudez, nesse contexto, teria sido um ponto de inflexão incômoda para uma parte do público, que teria enxergado nesse corpo “um espelho incômodo de seus preconceitos e bloqueios”⁶⁰⁹. E ao causar medo intenso, esses indivíduos chamam por uma instância maior, aqui entra a atuação policial, grupo também majoritariamente formado pelo mesmo tipo de seres receosos contra novos olhares que compunham parte da plateia involuntária de DNA de DAN. O medo é tamanho que dez policiais juntos foram necessários para enfrentar a nudez, ou para garantir por meio do exemplo que aquela situação nunca mais acontecesse.

No caso da entrevista cedida à Revista Trema!, Maikon K, em pergunta que coloca o seu caso de forma paralela ao de Wagner Schwartz, descreve a importância de recuperar o corpo. Isso porque, em suas palavras, mesmo possuindo “múltiplas possibilidades de ser, só é permitido ao corpo servir ao mercado, ao retrocesso, à estagnação”⁶¹⁰. E, ainda que tenha passado alguns meses, sua desilusão com os avanços das ferramentas de sociabilidade e suposta disponibilidade de informação na internet continua tão pessimista quanto do momento de seu relato no Facebook. Entendendo que uma esperança de autonomia da sociedade quando da criação dessas ferramentas não se concretizou. Ao contrário, segundo o performer, nós fomos “capturados” e reduzidos a “manada organizada não pelo chicote, mas pelos likes e comentários indignados”⁶¹¹. Seus argumentos indicam a existência de uma onda de conservadorismo e ódio ao diferente que se materializou a partir de estímulos que considera organizados exatamente com o intuito de criar o que chama de “populismo neomedieval”. Um controle cujo intuito seria o de criar inimigos, associando-os com crimes como o da pedofilia, e que encontrou em trabalhos

⁶⁰⁸ Ibidem, sem pág.

⁶⁰⁹ Ibidem, sem pág.

⁶¹⁰ MINDÉLO, Olívia. Op. cit. p. 10.

⁶¹¹ Ibidem.

com nudez masculina alvos exemplares. Tudo isso, continua, aliado a uma falta de entendimento da arte contemporânea, teria transformado cidadãos sob “cabresto estrutural” em “juízes do bem e do mal”. Essas pessoas estariam inclinadas a aceitar apenas o que lhes é vendido como a realidade ideal, como o corpo merecedor de respeito.

Assim, trata-se de um trabalho artístico criado objetivando colocar o corpo nesses entre lugares da existência, diminuir suas definições e barreiras comportamentais, afastá-lo de seus usos para a publicidade, que está em voga nas redes sociais⁶¹². Esse enfrentamento pode levar pequenos curtos-circuitos a toda a estrutura de controle da sociedade sobre os corpos. Não somente ao público como também aos artistas que se colocam abertos a experimentar. É impossível imaginar o que cada pessoa pensava ou pensou ao enxergar o corpo de Maikon K naquela bolha, seja perto ou ao longe, enxergando um corpo ou uma silhueta, porém a repercussão de toda essa experiência é muito perceptível. Houve quem acreditasse nas distorções contadas a respeito dos fatos e que, por isso mesmo, se permitisse acusar e enxergar no corpo do artista uma ameaça de proporções catastróficas. A nudez que não satisfaz, esse foi o exposto pelo artista curitibano, a nudez questionadora, afastada do consumismo, considerada crime por alguns e usada como ferramenta política pelos detentores do cabresto moral. A tudo isso Maikon diz não. Concluindo sua primeira resposta com a constatação de que o circo armado para aprisionar diversos artistas, transformá-los em alagozes, foi eficaz em seu intuito. E por isso mesmo K se mostra relutante a alimentar ainda mais toda essa falsa defesa da moral⁶¹³.

O performer continua sua defesa do corpo e das capacidades dessa existência corpórea cada vez mais tolhida do humano. A nudez, indica, é o todo do corpo. Numa descrição breve das tantas instituições sociais cujo poder atravessa ou se sobrepõe à liberdade individual, atuando no corpo para domá-lo e, dessa maneira, usá-lo como “ventríloquo”⁶¹⁴. O artista entende a arte como capaz de recuperar toda essa sensibilidade perdida para os planos de poder de uma sociedade obcecada com a industrialização e conseqüente padronização

⁶¹² Ibidem.

⁶¹³ Ibidem, p. 11.

⁶¹⁴ Ibidem.

do mundo. É mais fácil e aceitável viver sob estritas regras de comportamento quando não se enxerga outra possibilidade de existência. E, apontando para a nudez como ferramenta dessa convulsão: “a nudez é uma tomada de consciência e é isso que choca”⁶¹⁵.

Avançando para esse entendimento do corpo e suas possibilidades no campo da política, Olivia Mindêlo questiona o performer a respeito do caso do Projeto de Lei 8.615/2017 que buscava ampliar a abrangência da legislação com relação à nudez. O texto trazia normativas de classificação de trabalhos de entretenimento restringindo o acesso para crianças e adolescentes, além de incluir proibição do uso de símbolos religiosos. E, respondendo que toda motivação para a criação de censura seria proveniente de interesses políticos, o performer relaciona também a ideia de proibir a “profanação de símbolos religiosos” como outra possível brecha para o cerceamento da liberdade artística⁶¹⁶. Ressaltando um fator que causou problemas de interpretação no episódio de suas perseguições, “o que é profanar?” Quem decidirá o que esse termo significa? Assim como o atentado ao pudor não indica a qual pudor se refere, o performer afirma que o profano também se tornaria arma para calar opiniões contrárias ao poder estabelecido.

Com relação ao trancamento da ação impetrada por Filipe Barros, foi publicada uma nota na página de Maikon K no Instagram. Em seu texto, o artista assevera o fato de que seu trabalho em DNA de DAN “não foi crime”⁶¹⁷. E na sequência do texto, o artista deu destaque a um trecho do parecer emitido pelo TJ/PR o qual descrevia o ato de abertura do processo como “indisfarçável propósito de odiosa censura”⁶¹⁸. Essa determinação explícita por parte dos juízes de entender a perseguição à obra DNA de DAN em Londrina como censura vai ao encontro do que foi possível perceber da narrativa também defendida por muitos canais de mídia. Outro destaque retirado do texto do parecer reforça esse entendimento de censura e descreve a atuação daqueles autores da ação como “pessoas que se arvoram tutores de uma população

⁶¹⁵ Ibidem.

⁶¹⁶ Ibidem.

⁶¹⁷ Maikon K. Não Foi Crime. Curitiba, 25 jun. 2020. **Instagram**: usuário maikon__k. Disponível em: <<https://bit.ly/3GhKpVG>>. Acesso em: 15 out. 2020. Sem pág.

⁶¹⁸ Ibidem, sem pág.

inteira, hipócritas que acreditam ter o poder de censurar o que o vizinho pode ouvir, ver e consumir”⁶¹⁹. Essa postagem foi acompanhada por comentários unânimes em apontar para a vitória contra essa perseguição e censura da obra de Maikon K. A ausência de críticos da obra DNA de DAN pode ser explicada pelo fato da página do artista, que tem mais ares de página pessoal do que profissional, conter um público aparentemente formado por admiradores e amigos próximos. Ressalva-se também o fato de que a polêmica em torno da nudez em trabalhos artísticos àquela altura estava relegada a um segundo plano. Isso porque, naquele momento, havia maior interesse dos agentes de discurso conservador em combater as ciências médicas que, desde o início da pandemia de COVID-19, tornou-se o foco das polêmicas bolsonaristas.

Outra maneira encontrada pelo artista para responder à polêmica gerada em torno de suas apresentações de DNA de DAN em 2017 foi a criação artística. Seus estudos durante o período em Berlim parecem ter abarcado temas vistos como motores da produção da performance. Sendo um deles a concepção dada pela sociedade da ideia de crime, relacionado à luta para impedir o contraditório, mais do que tentar produzir justiça. No perfil do artista no Instagram aparecia o anúncio, já em 2021, de um workshop (Figura 53) cuja provocação principal era “eu quero cometer um crime_ transgressões performáticas”⁶²⁰.



FIGURA 53 – Captura de tela de imagens postadas no Instagram pessoal de Maikon K. Curitiba, 2021⁶²¹.

⁶¹⁹ Ibidem, sem pág.

⁶²⁰ MAIKON K. Workshop online Eu Quero Cometer Um Crime. Curitiba, 01 set. 2021. **Instagram**: usuário maikon__k. Disponível em: <<https://bit.ly/3JXZeyA>>. Acesso em: 15 out. 2021. Sem pág.

⁶²¹ Ibidem.

As pesquisas em torno dessa temática do crime, do que seria um crime ou qual seria o limite a partir do qual uma ação se tornaria ilegal, Maikon K abordou em sua entrevista para a Kotter TV⁶²². Em sua fala o artista comentou que a ideia para essa temática surgiu a partir de questões levantadas em diversos trabalhos seus e não apenas com a polêmica de DNA de DAN. E complementou dizendo que haverá desdobramentos futuros da pesquisa, traduzidos em trabalhos que serão realizados em sua residência artística na Alemanha, pois Maikon considera impensável que sejam realizados no Brasil por conta do cenário político atual.

⁶²² BOGÉA, Anderson. Op. cit. sem pág.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, foi analisada a performance DNA de DAN a partir de sua produção, desenvolvimento, percurso e repercussão quando da prisão de seu principal autor, Maikon K. A apresentação do tema se iniciou por um primeiro capítulo dedicado a apresentar a performance e relacioná-la com o contexto político do final dos anos 2010. Nesse período ocorreram diversos casos de perseguição a produções artísticas que abordavam, ou eram atravessadas indiretamente, por questões de gênero e sexualidade. A abordagem desses trabalhos se dava pela disposição do corpo, seja na sua relação com o espaço público ou na experimentação de seus limites. Nessa atuação, os artistas encontraram resistência por uma parte do público que associou esses trabalhos a atos criminosos. E para entender de que maneira a estrutura social poderia ter contribuído para essa formulação foram apresentados referenciais que pudessem jogar luz em temas como: padronização do corpo, vivências dissidentes (especialmente de pessoas LGBTQIA+), desenvolvimento cultural de características sexuais, entre outros.

A arte é abordada no primeiro capítulo como forma de compreender seus usos por parte de artistas LGBTQIA+. Com destaque para duas linguagens principais que compõem a performance DNA de DAN, dança e artes visuais. Assim, buscou-se mapear algumas das possibilidades que essas pessoas parecem encontrar nessas linguagens para desenvolver experimentações corporais que abram debates a respeito dos usos de seu corpo e de sua identidade. A construção cultural em torno dos corpos e o estudo entrelaçado de contexto político-social e produção artística apontou para possibilidades de compreensão do julgamento crítico realizado pelo público contra DNA de DAN. O temor de que trabalhos atravessados por questões de gênero e sexualidade pudessem romper com tradições culturais deixou o público conservador vulnerável a discursos moralizantes. Abrindo espaço para que agentes políticos (eleitos ou aspirantes a cargos eletivos) aproveitassem a oportunidade para ganhar notoriedade e se posicionar como representantes dos ideais conservadores. Esses agentes produziram textos e vídeos em que discursavam contra o que entendiam como “degradação da família tradicional”. Seus alvos

eram de diversas áreas, como educação, direitos trabalhistas, movimentos sindicais, assistência social, entre outros, porém, com o intuito de focar o objeto desta pesquisa, a análise se concentrou nos casos de perseguição a artistas.

O estudo de episódios similares teve como recorte temporal o ano de 2017 e a escolha dos casos se deu por similaridade com a performance de Maikon K, seja pelas questões levantadas, por sua representatividade para a comunidade de pessoas LGBTQIA+, ou pelo tipo de crimes imputados. Também foi levada em consideração, no momento da escolha dos exemplos, a capacidade de mobilização e publicidade de sua repercussão. Dentre as características compartilhadas por esses trabalhos, destaca-se a referência à religião cristã e o uso de alguns de seus símbolos.

Acusações de heresia e profanação foram apontadas pelos agentes de poder como razões para os usos que artistas faziam de símbolos religiosos. Em seus textos e denúncias não era levada em consideração a possibilidade dessas pessoas utilizarem essas referências por serem parte de seu credo religioso. Entretanto, ao analisar o discurso e parte do desenvolvimento poético desses trabalhos o que se percebeu foi um tratamento respeitoso desses símbolos. Com somente alguns casos em que o uso dos símbolos, realizado de forma crítica, intencionava questionar o discurso de conservadores que usavam da religião para impor regras de conduta a outros grupos sociais; sem críticas à crença ou às figuras místicas que representam o cristianismo.

Outra característica interpretada como passível de criminalização pelos agentes conservadores foi a ausência de classificação indicativa ou mesmo segregação dos trabalhos a um espaço com controle de frequência. A denúncia seria de exposição da nudez a crianças e adolescentes. Tida como resultado de imposição de pessoas com ideais progressistas, a consequência dessa exposição, entendiam, seria a desestruturação do conceito de família heteronormativa.

Assim, e utilizando-se de leis relativas a atentado ao pudor e atos obscenos/libidinosos, que possuem definições abrangentes, os acusadores acionaram os aparatos de segurança pública, bem como judiciais, para questionar a legitimidade artística dessas obras. O aceite das acusações por

parte de policiais, delegados e tribunais de primeira instância pelo país acarretou desdobramentos contra os artistas. Desde o impedimento de reapresentação de alguns desses trabalhos até prisões. Tendo Maikon K sido autuado durante duas de suas apresentações naquele ano, e levado à delegacia em uma delas.

O segundo capítulo é dedicado à análise do desenvolvimento da performance DNA de DAN por Maikon K e outros artistas, bem como de seu percurso pelo país. Seu financiamento aconteceu em 2012, ocasião em que o projeto para o que viria ser a performance foi contemplado com o prêmio Klauss Vianna. A obtenção de recursos possibilitou a integração de outros profissionais que contribuíram na criação ou treinamento dos elementos constitutivos da versão final da obra que foi apresentada a partir de 2013. O trabalho corporal ficou a cargo de Kisy Amarante Fischer que foi contratada como coordenadora de movimento. Agregando conhecimentos desenvolvidos a partir de seus estudos da arte do Butoh, Fischer criou experimentos que associavam suas contribuições em dança aos princípios religiosos, místicos e de culto à natureza professados por Maikon K. Sincretismo que possibilitou a criação de uma “dança” posteriormente descrita pelo performer como “dança-instalação”. Tendo o conceito de instalação, aparentemente, sido originado a partir da contribuição de outros artistas como Fernando Rosenbaum e Faetusa Tezelli. Os dois profissionais foram convidados por K para auxiliá-lo na criação de um ambiente imersivo, no caso de Rosenbaum, e um figurino, no caso de Tezelli. O primeiro possuía pesquisa voltada para a ocupação do espaço público com estruturas plásticas, de grandes dimensões e que se assemelhavam a bolhas. A segunda trouxe sua experiência oriunda de dois campos de conhecimento, a moda e as artes visuais. O resultado para a ideia de ambiente foi a criação de uma bolha plástica que envolveria o performer com dimensões que demandariam espaços abertos ou de pé direito alto. Já com relação ao figurino optou-se pela criação de um líquido que cobriria todo o corpo de Maikon K e substituiria roupas e adereços.

Uma vez concluída essa etapa de produção o trabalho passou à fase de percurso. O artista começou a apresentar seu trabalho em Curitiba e, depois de receber recursos por meio de participação em editais de circulação, tanto do SESC quanto da FUNARTE, levou sua performance a outras cidades e estados.

Recebendo reconhecimento também, durante o período inicial, da performer Marina Abramovic que forneceu para Maikon K as suas impressões a respeito do trabalho. Posteriormente, Abramovic, em parceria com o MAI, recomendou que a performance fosse integrante de uma exposição que a homenagearia. DNA de DAN foi então apresentada em espaços como o da mostra “Terra Comunal: Marina Abramovic + MAI”, em 2015, e o das unidades do SESC que receberam os projetos incentivados pelo programa “Palco Giratório” em 2017, entre outros. O período de apresentações continuou mesmo após o episódio de sua prisão em Brasília e de averiguação da polícia durante sua passagem por Londrina. As últimas edições da performance ocorreram em 2018 e a pausa nas reapresentações foi motivada pelo que o artista indicou ser um enfoque inadequado para o tipo de debate que ensejava com seu trabalho. Isso porque após o ocorrido com as abordagens policiais, Maikon notou que a recepção à sua performance abordava interpretações eróticas e políticas que, acreditava, não compunham a poética de DNA de DAN. Assim, resolveu interromper seu percurso com a obra até que seja mais propício retomá-la; referindo-se ao cenário político atual.

O capítulo dois segue para uma complementação da análise da performance por meio de seus registros fotográficos e audiovisuais. Retomando momentos como o da preparação corporal, que se deu em propriedade do performer na cidade de Quatro Barras no Paraná, o estudo dos registros fotográficos foi do processo criativo até seu percurso de apresentações. Este adendo à análise baseada nos artigos, entrevistas e outros textos que descreviam o desenvolvimento e circulação da obra, foi relevante para entender sua visualidade. E por não ser possível reproduzir os trechos de vídeo em que partes da apresentação foram capturados, as figuras com frames escolhidos serviram de guia para a descrição do movimento. A dança em DNA de DAN se desenvolveu a partir de premissas estabelecidas durante o processo de criação, quando o performer esteve trabalhando em conjunto com Kysy Fischer, e que recebeu outras características quando da interação com o público. Que se dividiu entre aqueles tomados fruição artística e os que foram absorvidos pelo pânico moral.

Na sequência, o capítulo três, e último da dissertação, transcreve alguns dos acontecimentos que se sucederam após as abordagens policiais à DNA de DAN. O artista esteve envolvido na criação de novos projetos que serviram como resposta à atuação da polícia e de agentes políticos que questionaram a legalidade das apresentações. Foram dois projetos principais, a foto-performance Fotona, resultado de oficina ministrada por K em parceria com Kazuo Okubo, e a peça Domínio Público, em co-criação com outros artistas perseguidos em 2017. E a partir de iniciativas de instituições, coletivos, profissionais e acadêmicos ocorreram manifestações públicas em que foram expressos, de um lado, apoio à arte e, de outro, repúdio à atuação dos agentes de segurança e políticos conservadores. Os eventos relatados vão desde notas de repúdio, como o texto lido por representante do corpo curatorial do Festival Internacional de Dança de Londrina, passando por celebrações, como o Festival da Arte Degenerada, e até comunicados oficiais, como a nota técnica emitida pelo Ministério Público Federal.

Na sequência do capítulo foram relacionadas as notícias que abordaram os acontecimentos, tanto de Londrina quanto de Brasília. A começar por Londrina, a relação das notícias analisadas foi posta de maneira cronológica, dividida entre “pré-acontecimento”, “apresentação” e “pós-evento”. O “pré-acontecimento” abrangeu desde a publicação do catálogo na internet, além de folders digitais com detalhes de data e horário até postagens em redes sociais. As publicações em redes sociais foram realizadas desde algumas semanas antes da data de estreia do trabalho até durante a apresentação no festival de Londrina. Em meio às informações de divulgação foram notadas referências à prisão do artista em Brasília, bem como à sua classificação indicativa. Nas horas que precederam o evento foram lançadas notas publicitando, com imagens e textos, os preparativos da performance no Lago Igapó. Uma das postagens tratou de desmentir boatos a respeito do cancelamento da performance. O ocorrido demonstrou que o anúncio de estreia da apresentação havia atraído a atenção dos moralistas que buscavam interferir no evento.

As informações publicadas durante a performance atinham-se a registrar o desenvolvimento da ação artística no palco do Lago Igapó. Já a abordagem da polícia somente começaria a ser divulgada algumas horas após o término da

apresentação e se estenderia pelos dias e semanas seguintes. Esta difusão do acontecimento se deu com notícias que relatavam os detalhes da performance ao mesmo tempo em que levantavam questões como nudez em espaço público, liberdade artística e classificação indicativa. Neste sentido, alguns dos textos e reportagens rememoraram a prisão de Maikon K em Brasília, comparando os dois episódios e destacando seus pontos em comum. A parte final desta etapa do capítulo três foi reservada à listagem de notícias da época do acontecimento na capital federal. As notícias e textos daquele período não tiveram a mesma repercussão na época do “pré-acontecimento” como ocorreu em Londrina. Naquele momento não havia histórico de polêmica e, portanto, a divulgação da estreia da performance foi realizada majoritariamente em sites e colunas especializados em promover agendas culturais. A relação de similaridade se dá após a prisão, quando, assim como no caso de Londrina, os jornalistas associaram o episódio com debates relacionados a temas de costumes e de liberdade de expressão.

O texto segue para desdobramentos que afetaram a vida pessoal e profissional de Maikon K. No caso de Londrina, o político Filipe Barros protocolou uma ação judicial contra o performer, além de enviar requerimento à CPI dos Maus Tratos solicitando que Maikon K fosse convocado para interrogatório. Por meio de argumentos como a defesa da família tradicional e a proteção de crianças e adolescentes, Barros fundamentou seu pedido nas leis que definem perturbação da ordem pública e atentado ao pudor. As duas ações movidas pelo então vereador tiveram desenvolvimentos distintos, mas conclusões similares. No caso do pedido submetido à CPI dos maus tratos, apesar de ter recebido apoio verbal do presidente da comissão, o então senador Magno Malta, ninguém relacionado ao festival de Londrina ou à performance foi convocado a depor. Em relação ao processo judicial, o pedido foi acatado e a ação se desenrolou, inclusive com mudanças em seu escopo, por parte dos advogados de Barros, para tentar manter o entendimento de ato criminoso, mas terminou com seu trancamento em 2020. No relatório final emitido pelo TJ/PR, os juízes do caso emitiram parecer que indicava ser a ação judicial uma tentativa de censura à liberdade artística por parte do então vereador.

No período em que o processo esteve em andamento Barros recebeu apoio da atual vereadora de Londrina, Jéssicão. A legisladora esteve ao lado do político em suas campanhas em defesa da ideologia política de direita na cidade. Carregando em sua trajetória uma contradição, ser abertamente lésbica, casada no civil com outra mulher, e ser contrária aos movimentos de luta pró direitos civis de pessoas LGBTQIA+, Jéssicão foi eleita em 2020 com discursos conservadores. Seus argumentos eram similares a de outros políticos que apontavam para uma degradação da sociedade causada por trabalhos artísticos como a apresentação da performance de Maikon K no Lago Igapó. Notou-se que o intuito desses políticos não era o de realmente manter sob prisão os artistas, mas levantar polêmicas e manter em torno de seus projetos políticos uma aura de salvamento da sociedade. Assim, a reação do público conservador e, principalmente, sua indignação contra esses artistas era o principal objetivo dessas campanhas.

As atitudes dos referidos políticos foram oportunistas, aproveitando-se de medos identificados numa parcela dos seus possíveis eleitores. Percebe-se que havia certa consciência, por parte desses agentes, de que seriam infrutíferas as tentativas de criminalização dos trabalhos no âmbito da justiça e que seria apenas na recepção do trabalho que seus discursos produziram eco. Essa reverberação do discurso moralista se reverteu no ganho de seguidores em suas redes pessoais. Não à toa a principal atuação desses atores sociais se deu na internet, por meio de imagens, textos e vídeos reproduzidos à exaustão em suas páginas eletrônicas.

Houve ainda uma terceira ação de Filipe Barros. Nesse caso voltada para a regulação dos mecanismos de incentivo à cultura em Londrina. Seu mandato propôs uma alteração na legislação conhecida pela sigla PROMIC e que servia à distribuição de recursos para eventos e trabalhos artísticos. O projeto de alteração dessa lei propunha estabelecer proibições baseadas em classificações indicativas. Os trabalhos de arte com classificações para maiores de 18 anos teriam que ser apresentados em espaços fechados e com restrição de público. Após alterações em seu texto, e tendo sido criticado por advogados e juristas por sua possível inconstitucionalidade, o projeto foi aprovado pela câmara de vereadores e sancionado pelo então prefeito em 2018. Enquanto essas ações

eram analisadas e difundidas por Barros e outros moralistas, algumas suspeitas e investigações a respeito de possível corrupção antes e durante o mandato presidencial de Bolsonaro eram noticiadas. O partido político de Barros fazia parte da base de apoio do presidenciável, e em suas postagens as suspeitas eram ou ignoradas ou descritas como perseguição oriunda de políticos opositores.

Passando à reação do público na internet com relação às notícias que detalhavam as abordagens policiais em apresentações de DNA de DAN em 2017, o capítulo três apresenta uma análise dessa recepção. Os comentários se dividiram entre a defesa da liberdade artística e o uso de um discurso que associou a arte contemporânea com problemas estruturais da sociedade. Os canais de notícia na internet também se polarizaram entre priorizar a versão dos fatos a partir da visão de instituições de arte e profissionais da área que defenderam Maikon K e os agentes políticos e de poder que se mostraram críticos a diversos aspectos da performance. Além de alguns portais que tentaram equalizar os argumentos de ambos os lados. Para abranger reportagens de ambos os episódios foram selecionadas algumas notícias de portais da região de Brasília, como o Correio Braziliense, e algumas de jornais de Londrina, como a Folha de Londrina. E para trazer exemplos de publicações mais amplas foram analisados alguns portais que tratam de temas nacionais, buscando abranger notícias de todas as regiões do país. Os portais foram escolhidos também por seu volume de acessos, como o site do UOL que pertence ao conglomerado de comunicação associado ao jornal Folha de São Paulo.

O resultado dessa seleção foi a separação dos comentários por temas, já que as conversas entre espectadores das notícias por vezes abordavam conceitos amplos e polêmicos. Surgiram debates a respeito da liberdade de expressão artística, tentativas de interpretação das leis relacionadas às questões morais e de costumes, interlocução da arte com o público, ensino da arte, críticas à atuação de juízes, críticas aos conservadores e aos políticos moralistas, ataques pessoais com ameaças de violência contra Maikon K e outros artistas/profissionais. A extensão dessas mensagens não permitiria que se abrissem discussões aprofundadas a respeito desses temas o que gerou

argumentações focadas em frases de efeito e conclusões de senso comum. As mensagens críticas à performance repetiam muitos dos termos usados pelos políticos que perseguiram Maikon K.

A resposta do artista às ameaças, mensagens agressivas e campanhas contra seu trabalho e sua vida pessoal veio por textos e atitudes. Utilizando de sua habilidade para a criação poética, o performer declarou que não se calaria e por meio de entrevistas e poemas denunciou o que entendia como um esforço coordenado de moralistas para ludibriar o público e ganhar votos dos conservadores. Do ponto de vista profissional, Maikon criou além das obras *Fotona* e *Domínio Público* outras performances que continuaram sua pesquisa dos limites do corpo e a conexão com o invisível da existência. Teve também a oportunidade de realizar uma residência artística na Alemanha onde decidiu investigar a ideia de crime. O que aparenta ser uma forma de revisitar a polêmica criada em torno dos acontecimentos em 2017. Seria possível extrair dessa experiência questionamentos capazes de elucidar algumas características da cultura de nossa sociedade que tem usado da criminalização para segregar grupos indesejáveis.

Os ataques perpetrados por moralistas, apesar de direcionados às artes naquele ano de 2017, não aparentam ser um movimento voltado para controlar a produção artística nacional. Isso porque os alvos desses ataques variam ano a ano, de acordo com o que apresenta maior penetração nas discussões de redes sociais e de sua evidência nas mídias, digitais ou físicas. Aqui foi possível vislumbrar uma resposta parcial à questão levantada na introdução desta pesquisa: "por que o trabalho, que foi apresentado em espaço público em outras ocasiões, somente chocou os conservadores em 2017?". Trata-se de um sintoma encontrado durante minhas pesquisas e que aponta para uma conjuntura política e social mais complexa que inicialmente aparentava ser. O nu, apontado como usual para as artes por parte de muitos jornalistas, acadêmicos e mesmo por pessoas não relacionadas formalmente com as áreas de humanidades e artes, foi motivo de temor por parte dos conservadores. Especialmente quando se trata do nu masculino. E isso pode ser percebido pela reação do público, não à performance em si, mas ao discurso conservador que orbitou a polêmica em torno da obra de Maikon K. Com argumentos, que mesmo

contraditórios e superficiais, foram aceitos acriticamente por uma parcela da população. Não apenas a população de Brasília e Londrina, mas de todo o país. Fato que é corroborado, ainda que com algumas exceções, pela facilidade com que muitos dos agentes políticos que fizeram campanhas de difamação contra os artistas LGBTQIA+ se elegeram em 2018 e 2020 em todas as instâncias do executivo e do legislativo.

Ocorreu um uso político da polêmica que se avolumou em torno de obras como DNA de DAN em 2017 e nos anos seguintes. E não se trata apenas da ideia de obra aberta, em que o trabalho artístico se torna independente de sua criação e de seu criador, ganhando novas camadas de interpretação aos olhos do público. Trata-se de uma argumentação conservadora que criou fatos inexistentes, e tirou os trabalhos de seu contexto de forma conveniente para forjar provas que corroborassem a ideia de existência de um complô por parte de artistas contra as liberdades de religião e de defesa dos ideais conservadores.

O trabalho de Maikon K, incluindo seu corpo e o movimento criado por sua dança, seu uso da quebra de barreiras entre linguagens artísticas, a busca por acessar e transmitir a experiência do invisível, todos esses elementos foram ignorados. Ao invés de discutir tais características, as pessoas usavam os eventos de judicialização da obra como parte de uma discussão política focada no pânico moral criado por políticos de partidos de extrema-direita que tentavam conseguir audiência para seus planos de governo. DNA de DAN passou a ser enxergado como um trabalho socialmente ativista, focado exclusivamente em erotismo e sexualidade. Mesmo a publicidade em torno de sua apresentação, como pode ser visto na divulgação do Festival de Dança de Londrina, dava ênfase ao fato de se tratar de um trabalho censurado. Antes mesmo de assistir à performance, o público estava ciente da polêmica que cercava sua circulação.

As intenções do artista eram discutidas por esses agentes sem a sua participação; entrevistas e depoimentos nos quais Maikon K apontava suas preocupações estéticas eram ignorados. Um caráter de julgamento, apontando para atos de pedofilia e perversão sexual, dominou o discurso de muitos que buscavam interpretar a construção da obra a partir de um viés conservador; a performance se tornou uma outra coisa, recebendo simbologia estrangeira às intenções iniciais do artista e à sua visualidade.

A tentativa de direcionar o debate para essas acusações de pedofilia, zoofilia, entre outros conceitos criminosos, buscava ainda criar uma barreira argumentativa que impedisse uma contra argumentação por parte dos defensores do trabalho ou do próprio artista. Essa barreira argumentativa servia como obstáculo para impedir que o argumento fosse melhor analisado. Essas barreiras eram criadas para descredibilizar a defesa de DNA de DAN ou de outros trabalhos com nudez masculina. Isso porque a falta de lógica do pensamento que fazia a associação do trabalho artístico com os crimes citados era disfarçada por trás de uma acusação. Quem tentasse defender o trabalho poderia ser questionado a respeito de suas intenções com essa defesa; tentava-se descrever a defesa do trabalho como se fosse uma defesa da pedofilia.

A transformação do significado da obra se tornou tão latente que o próprio performer se absteve de continuar apresentando o espetáculo após esses acontecimentos. Não há dúvidas a respeito desse sequestro do trabalho, tornando-o menor que a polêmica prisão do artista, reduzindo o debate a esse fato. As possibilidades de discutir o corpo na arte contemporânea, de analisar a estética dessa experiência de contato com o invisível proposta por K, se tornaram matéria de segundo plano. Seja para criticar ou apoiar, muitos assistiam ao trabalho ou discutiam seus registros por meio da chave política, de embate entre avanços sociais e a ideia de ameaça às tradições.

Apesar dessa constatação, o discurso conservador de agentes políticos não pode ser visto como o único motivo para o rechaço recebido pela obra DNA de DAN. Nota-se que predominou entre os espectadores uma argumentação em prol de uma arte contida e que se afaste de quaisquer questões de gênero e sexualidade. Havia um público, mesmo entre aqueles de visão progressista, que concordava com frases como “eles estão buscando formas de corromper as crianças”, “a luta por liberdade se transformou em luta por libertinagem”, “eles querem destruir os laços familiares, desunir os pais e seus filhos”. Espectadores que se aglomeraram e compartilharam seus pontos de vista em redes sociais como Whatsapp, Facebook, Twitter, Telegram e Instagram. Ferramentas com pouco controle sobre o conteúdo distribuído em seus perfis, páginas e grupos, o que permitiu a proliferação de campanhas de difamação cujas mentiras eram recebidas como verdades por grupos que temiam pelo futuro da sociedade. As

ações conjuntas perpetradas por esse público auxiliaram na expansão do discurso conservador manipulado por alguns grupos políticos. O resultado dessas atitudes foi a chegada ao poder de um grupo de pessoas que se apoiaram no moralismo da sociedade. Muitos eleitores entregaram o poder de ação na esfera das políticas públicas a agentes de discurso conservador que se espelham em métodos autoritários da extinta ditadura militar brasileira iniciada em 1964.

Apesar do cenário de retrocesso no legislativo e no executivo federal, o incômodo causado por DNA de DAN fez com que o público progressista debatesse os pilares de pontos da legislação que se mostram arcaicos e desconectados da realidade. O texto de leis que tipificam “ato obsceno” e “atentado ao pudor” precisa de adequação para refletir as questões de nosso tempo. Com sua redação atual, essas leis acabam por servir aos anseios de autoridades machistas e intolerantes aos comportamentos não normativos. Demandas como a repressão ao estupro, à pedofilia, à violência doméstica, aos abusos, assédios, importunações sexuais nunca encontraram respaldo satisfatório nessas leis. E para tais crimes ainda se faz necessária a elaboração de legislações específicas, e aprimoramento das já existentes, que combata efetivamente a violência denunciada por milhões de mulheres, pessoas negras, LGBTQIA+ e de outros grupos vulneráveis.

Outros pontos debatidos em razão da polêmica foram os do ensino da arte e da naturalização da nudez. E nesse ponto acredito que as questões possam se entrecruzar. A nudez pode ser ensinada ou ela precisa ser experienciada? Qual seria o papel do ensino da arte nessa tarefa? Por seu caráter mais anárquico, deveria a arte ensinar ou deseducar os corpos? Seria possível que a arte servisse à desconstrução dos padrões estabelecidos nos meios de comunicação e publicidade os quais apresentam um corpo perfeito a ser almejado? O nu não é um elemento de todo ausente em nosso cotidiano, ele está em toda parte, seja nas telas de computador, televisão e celular, até em algumas das peças publicitárias impressas. Então a mescla de educação, arte e entendimento da liberdade do corpo poderia ser experienciada de forma a tentar criar uma consciência crítica a respeito do tipo de vivências e visualidades do corpo que são apresentadas e estimuladas na sociedade.

De todos os resultados de DNA de DAN, em sua capacidade de gerar novas consciências sobre o corpo, de causar polêmica por estar no lugar certo e no ano certo para enfrentar um refluxo de autoritarismo conservador que remonta aos ideais da ditadura, destaca-se um. O seu questionamento indireto da masculinidade hegemônica que aparece mais evidente nesta pesquisa. A masculinidade que se impõe no singular e que foi construída para excluir o respeito às masculinidades que não se permitem aprisionar em costumes que impedem o seu desenvolvimento. Talvez seja pelo caminho da destituição da masculinidade hegemônica, e valorização da pluralidade de gêneros e sexualidades, é que instituições de arte – seja de ensino ou de desenvolvimento e exposição – podem abrir espaços para debates necessários à sociedade.

REFERÊNCIAS

32 MOSTRA. In: NOGUEIRA, Vagner. **Revista História e Acervo da Mostra Afro Brasileira Palmares**, Londrina, v. 1, n. 1, p. 45, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3mxgrV1>>. Acesso em: 15 mai. 2021.

ACHA, Renato. Cena Contemporânea divulga programação completa. **Acha Brasília**, Brasília, 26 jul. 2018. Espetáculos, sem pág. Disponível em: <<https://bit.ly/3Jn62ov>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In:_____. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AGÊNCIA SENADO. Para debatedores, Fundação Palmares passa por desmonte e é usada para prática de racismo. Senado Notícias, Brasília, 02 set. 2021. Comissões, sem pág. Disponível em: <<https://bit.ly/3HKK1yX>>. Acesso em: 21 out. 2021.

AGENDA Porto Velho. Palco Giratório 20 Anos – DNA de DAN. Porto Velho, 12 jul. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/303ysPK>>. Acesso em: 05 mai. 2020.

AGRELA, Lucas. Os 50 sites mais acessados do Brasil e do mundo. **Revista Exame**, São Paulo, 20 jun. 2017. Tecnologia. Disponível em: <<https://bit.ly/2K1Nr5H>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

ALESSI, Gil; VIEJO, Manuel. Empresários financiaram disparos em massa pró-Bolsonaro no Whatsapp, diz jornal. **El País Brasil**, São Paulo, 18 jun. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2RkWH6R>>. Acesso em: 3 abr. 2022.

ALIA. DNA de DAN no Festival de Dança de Londrina: grupo de extrema-direita tentou censurar performance e não conseguiu. **Associação Londrinense**

Interdisciplinar de AIDS, Londrina, 20 out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3tUaOmW>>. Acesso em: 12 fev. 2020.

ALMA PORTAL. Festival de Dança começa sábado. **Alma**, Londrina, 05 out. 2017. Jornalismo Cultural. Disponível em: <<https://bit.ly/3zV0QD3>>. Acesso em 15 fev. 2020.

ALMA FACEBOOK. Não vamos nos calar! Facebook, 15 out. 2017, usuário: @AlmaLondrina Disponível em: <<https://bit.ly/3ObeqKD>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

ALMEIDA, Neto. Vereador pede explicações após performance de homem nu no Igapó. **Portal Paiquerê 91.7**, Londrina. Jornalismo. Disponível em: <<https://bit.ly/3Afuxjf>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

_____. Vereadores aceitam pedido sobre projeto de espetáculos com nudez. **Paiquerê**, Londrina, 07 fev. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3zXRHJV>>. Acesso em 15 fev. 2020.

ALONSO, Angela. A comunidade moral bolsonarista. In: ABRANCHES, Sérgio et. al. **Democracia em risco**: 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANDRADE, Isabella de. Cena Contemporânea promove retorno de Maikon K para a capital. **Correio Braziliense**, Brasília, 25 jul. 2017. Diversão e arte. Disponível em: <<https://bit.ly/2YsUvAe>>. Acesso em: 28 mai. 2019.

APD ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE DANÇA DE LONDRINA E REGIÃO NORTE DO PARANÁ. Catálogo do 15º Festival de Dança de Londrina, 2017. Londrina: APD, 2017.

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea**: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 136.

AYRES, Ricardo. A intervenção performática do coletivo Rasgo na abertura da exposição Queermuseu: uma ação contra a abordagem frágil da diferença. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL CONTRA O CÂNONE: ARTE, FEMINISMO(S) E ATIVISMOS SÉCULOS XVIII A XXI, 12, 2019, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul – Bienal 12, 2019.

AZEVEDO Jr, Aryovaldo de Castro. Fake news e as eleições brasileiras de 2018: o uso da desinformação como estratégia de comunicação eleitoral. **Revista Más Poder Local**, v. 44, pp 81-108, mai. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3vTbufo>>. Acesso em 15 fev. 2022.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3lqfgBd>>. Acesso em: 11 jul. 2019.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. Inocentado, homem torturado na prisão processa Magno Malta por associá-lo a pedofilia. **Folha de São Paulo**, Vitória, 15 nov. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2zLnnWZ>>. Acesso em: 2 abr. 2022.

BASTOS, Sophia Pires; NETO, Almir Megali; TEÓFILO, João. Desmonte da educação: o anti-intelectualismo no governo Bolsonaro. **Centro de Estudos Sobre Justiça de Transição**, Belo Horizonte, 9 mai. 2019. CJT/UFMG, sem pág. Disponível em: <<https://bit.ly/3t3WhXf>>. Acesso em: 21 out. 2021.

BATTCKOCK, Gregory. A arte corporal. In: GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. Trad. Renato Cohen. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BBC BRASIL. Entenda o escândalo de uso político de dados que derrubou valor do Facebook e o colocou na mira de autoridades. **BBC Brasil**, 20 mar. 2018. Disponível em: <<https://bbc.in/2Ai0x9O>>. Acesso em: 8 abr. 2022.

BOGÉA, Anderson. NÓS: Cultura, Arte, Filosofia #12 - Maikon K - Performance como perversão. Kotter TV. Disponível em: <<https://bit.ly/3hodsFH>>. Acesso em: 19 ago. 2021.

BOITO JR, Armando. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. **Revista Crítica Marxista**, Campinas, n. 50, p. 111-119, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3pth4P6>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

BOTTON, Fernando Bagiotto. Como a imagem de um homem produz uma imagem do homem? In: _____. O homem da imagem e a imagem do homem: a construção da subjetividade masculina por meio dos retratos e periódicos de Curitiba na virada do século XIX para o XX. 2013. 177 f. **Dissertação** (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), 2013. pp. 59-98. Disponível em: <<https://bit.ly/3yV1cwl>>. Acesso em: 13 out. 2021.

BPP e Sesc promovem exposição de Fernando Rosenbaum. 31 jul. 2013. Disponível em <<https://bit.ly/3juhuD7>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

BRAZ, Marcelo. O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 128, pág. 85-103, jan./abr. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2luOL0Z>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

BREVILHERI, Fernando. Polêmica do artista nu repercute nas redes sociais. **Tarobá News**, Londrina, 16 out. 2017. Blogs. Disponível em: <<https://bit.ly/3ASZUAn>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

_____. Cambé na CPI dos maus tratos? **Tarobá News**, Londrina, 30 out. 2017. Blogs. Disponível em: <<https://bit.ly/3v2TkWa>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

BRIGUET, Paulo; CORREA, Ricardo Cezar Ceridorio; FUKUSHIMA, Luiza Dib Palma Pimenta; GARCIA, Marise; GAYA, Solange; JÚNIOR, Lucílio de Held; KRETSCH, Marcella Cardoso; NASCIMENTO, João Ricardo de Souza; SILVA,

Eliane de Oliveira; SOARES, Douglas Roberto. Manifesto em defesa da cultura londrinense. **Folha de Londrina**, Londrina, 26 out. 2017. Folha Geral. Disponível em: <<https://bit.ly/3ma1Le8>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

BULGARELLI, Lucas. Moralidades, direitas e direitos LGBTI nos anos 2010. In: SOLANO, E. **O ódio como política**: A reinvenção da direita no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad: de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Cuerpos que importan**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2018.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Projeto define crime de pedofilia no Código Penal: Hoje não há um dispositivo específico para pedofilia no Código Penal. Site da Câmara dos Deputados, Brasília, 19 jan. 2021. Disponível: <<https://bit.ly/3OqwW1D>>. Acesso em: 2 abr. 2022.

CÂMARA MUNICIPAL DE LONDRINA. Gabinete do vereador Filipe Barros. Ofício 015/2017. Londrina, PR, 2017.

CAMPOREZ, Patrik. Ministério dos Direitos Humanos conclui que quase 90% da violência sexual contra crianças acontece no ambiente familiar. **O Globo**, Brasília, 14 mai. 2019. Disponível em: <<http://glo.bo/3HQZ63u>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

CARMO, Anderson do. Aqui é uma fábrica ou um desmanche? 'Overtongue', de Michelle Moura, e 'Máquina Êxtase', de Maikon K. **Conectedance**, São Paulo, 9 mar. 2020. Dança em Perspectiva. Disponível em: <<https://bit.ly/2KYJ7XE>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

_____. Crítica: “DNA de DAN” evidencia compromisso do Sesc com arte que não faz concessões. **nd+**, Florianópolis, 12 ago. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/36foyr>>. Acesso em: 20, jun., 2020.

CARRARO, Bruno. “Lei do nu artístico” é sancionada em Londrina. CBN Londrina, Londrina, 11 jul. 2018. Política. Disponível em: <<https://bit.ly/3zrOgeg>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

CARRILHO, Ulisses. The ancestral body: an interview with artist Maikon K. **Marina Abramovic Institute (MAI)**, São Paulo. Disponível em: <<https://mai.art/terra-comunal-content/2015/3/24/the-ancestral-body>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

CASA Redonda. DNA de DAN | Maikon K | 8 Performers | Terra Comunal - Marina Abramovic + MAI, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2Yy4rbu>>. Acesso em: 20 mai. 2019. Vídeo.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CASTRO, Rodrigo. Hora Extra #59 - Performance e Moralismo. **Agenda**, Rede Minas de Televisão, Belo Horizonte, 31 jul. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2SJMubJ>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

CASTRO, Rosana de. Ah, gente! É a mulher do pezão.... In: **Anais do 27o Encontro da Anpap**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.2849-2863. Disponível em: <<https://bit.ly/3pGRE0x>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

CENA CONTEMPORÂNEA. Penúltimo dia do Cena Contemporânea contará com foto histórica e performance de Maikon K. Notícias, Cena 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3mGaoPE>>. Acesso em: 20/05/2021.

CHAGAS, Filipe. Em domínio público. **Falo Magazine**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3 p. 04-11, jul. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3ndWQqW>>. Acesso em: 20 dez. 2020. p. 9.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**: criação de um tempo-espaço de experimentação. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1989.

CONJUR. TJ-PR tranca ação penal contra performer acusado de espetáculo obsceno. 23 jun. 2020. Facebook: usuário ConsultorJuridico. Disponível em: <<https://bit.ly/3gcqDPH>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

CORREIO BRAZILIENSE. “Se minha arte é bem-vinda, eu quero voltar”. Brasília, 25 jul. 2017. Facebook: usuário correibraziliense. Disponível em: <<https://bit.ly/3vLNWcd>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

COSTA, Jurandir Freire. A inocência e o vício: Du coté de chez Proust. **PHYSIS – Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, n. 1, v. 2, 1992. Disponível em: <<https://bit.ly/38N8kO6>>. Acesso em: 05 jan. 2021.

CUEVAS, Clara Eliana. **Corpos abjetos e amores malditos: homossexualidade, anonimato e violência institucional na ditadura stronista em Assunção, 1959. 2015. 170 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), 2015.** Disponível em: <https://bit.ly/3nSpjFE>. Acesso em: 22 out. 2021.

CURADORIA Palco Giratório 2017. Afirmar a importância das artes cênicas num tempo de incertezas é o principal motor do projeto em 2017. In: **SESC**. Catálogo Palco Giratório: circuito nacional 2017. Rio de Janeiro/RJ: Serviço Social do Comércio – Departamento Nacional, 2017.

DANÇA BRASIL. Festival de Londrina. Dança Brasil, São Paulo, sem data. Notícias. Disponível em: <<http://dancabrasil.com.br/festival-de-londrina>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

D'ANGELO, Helô. Detido por atentado ao pudor, artista vai voltar a Brasília para repetir performance. **Revista Cult**, São Paulo, 19 jul. 2017. Notícias, sem pág. Disponível em: <<https://bit.ly/3HOMJUD>>. acesso em: 15 fev. 2020.

DANTO, Arthur. Arte e perturbação [1985]. In: _____. **O descredenciamento filosófico da arte**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, pp. 155-170.

DIAS, Tiago. "Nós, LGBT, já fomos crianças e isso incomoda", diz artista acusada de incitar pedofilia". **Universo Online (UOL)**, São Paulo, 12 set. 2017. Entretenimento. Disponível em: <<https://bit.ly/2LaCYbv>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

DINIZ, Roni. DNA de DAN - Maikon K: perguntei à Marina Abramovic. Disponível em: <<https://bit.ly/38a9lzl>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

DNA DE DAN. **Info: DNA de DAN**. Disponível em: <<https://www.maikonk.com/pt-br/dna-de-dan>>. Acesso em: Acesso em: 16 jul. 2019.

ENQUETE – o que você pensa sobre a censura nas artes? **Folha de Londrina**, Londrina, 16 out. 2017. Folha 2. Disponível em: <<https://bit.ly/3m8gl0f>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

ESPETÁCULO COM ARTISTA NU termina na delegacia em Londrina. **Banda B**, Curitiba, 16 out. 2017. Cidades. Disponível em: <<https://bit.ly/3nWnSqW>>. Acesso em: 21 fev. 2020.

ESTADÃO CONTEÚDO. Governo Bolsonaro foi “negligente” sobre impacto de ações para enfrentar crise hídrica, aponta TCU. **InfoMoney**, São Paulo, 13 jan. 2022. Gestão. Disponível em: <<https://bit.ly/3xEKmqA>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

FARIAS, Agnaldo. **Arte brasileira hoje**. São Paulo: Publifolha, 2002.

FESTIVAL ANUNCIA SELECIONADOS da edição 2017. Festival de Dança de Londrina, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3A6bHKK>> . Acesso em: 15 fev. 2020.

FESTIVAL DA ARTE DEGENERADA acontece em Londrina neste sábado, 11/11. Alia, Londrina, 09 nov. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/39leNtv>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

FESTIVAL DE DANÇA DE LONDRINA. Hoje, 16 horas, concha acústica. Londrina, 14 out. 2017a. Facebook: usuário dancalondrina. Disponível em: <<https://bit.ly/33T4i6T>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

_____. Aqui, agora, nascendo um Ovo de Serpente. Londrina, 14 out. 2017. Facebook: usuário dancalondrina. Disponível em: <<https://bit.ly/3174oa1>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

_____. Primeira hora de “DNA de DAN”. Londrina, 14 out. 2017. Facebook: usuário dancalondrina. Disponível em: <<https://bit.ly/3mBgglL>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

FILHO, Ruy. Especial: Domínio Público. **Revista Antro Positivo**, 22 dez. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3P1s8Ai>>. Acesso em: 1 jul. 2022.

FILIPE BARROS E MAGNO MALTA no senado. Facebook: usuário filipebarrosocial, Brasília, 20 out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3bzaRMs>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

FILIPE BARROS. Meu projeto propõe dobrar a pena para quem promover apresentação de danças eróticas para crianças em escolas. Londrina, 11 out. 2021. Facebook: usuário filipebarrosocial. Disponível em: <<https://bit.ly/3KMCZLO>>. Acesso em: 05 dez. 2021.

FISCHER, Kysy Amarante. Sempre fica um pouco de perfume: reverberações do Butoh no processo criativo de DNA de DAN. 2015. 202 f. **Dissertação**

(Mestrado em Teatro) - Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/3sVIU8e>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

FOCO in Cena. DNA de DAN: Maikon K / Performance no Memorial. Disponível em: <<https://bit.ly/30cIDTt>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

FORTES, Luana. Censura | Autocensura: moralismo contra a arte. **Revista Select**, 21 dez. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3ACdU4r>>. Acesso em 18 mai. 2020.

FOTONA. Disponível em: <<https://maikonk.com/pt-br/fotona>>. Acesso em 15 fev. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FRAGA, Plínio. Apoio da elite explica taxa de votação em Bolsonaro, mostra pesquisa. **Revista Época**, São Paulo, 21 ago. 2018. Política, sem pág. Disponível em: <<https://glo.bo/35BcklJ>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

FRAGÃO, Luisa. Ratinho Jr. reduz número de aulas de sociologia, filosofia e artes em escolas públicas. **Revista Fórum**, São Paulo, 23 dez. 2020. Brasil. Disponível em: <<http://bit.ly/3sc7Nxb>>. Acesso em: 5 jan. 2021.

FREITAS, Artur. História e imagem artística: por uma abordagem tríplice. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 34, julho-dezembro de 2004, p. 3. Disponível em: <<https://bit.ly/391hgi6>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

_____. Roteiro de viagem para corpos sem rumo. In: _____. **Festa no Vazio**: performance e contracultura nos encontros de arte moderna. 1ª ed. São Paulo: Intermeios, 2017, pp. 21-31.

FUNARTE. **Portaria nº 385 de 04 de dezembro de 2012**. Torna público o resultado final do Prêmio Funarte Petrobras de Dança Klauss Vianna/2012.

Ministério da Cultura, Brasília, DF. Disponível em: <<https://bit.ly/2GzvKrY>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

FUNARTE. 'DNA de DAN' estreia dia 3 em Curitiba, levando experiência de imersão e exploração dos sentidos à plateia. Disponível em: <<https://bit.ly/3bfo1yS>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

G1. Artistas e políticos se manifestam após performance com nu no MAM. **G1 SP**, São Paulo, 02 out. 2017. Pop e Arte. Disponível em: <<http://glo.bo/39Q78Nw>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

G1 ES. Contrato: senador que reagiu à homofobia na CPI tem dois filhos e está com marido há 10 anos. **G1 ES**, Vitória, 01 out. 2021. Disponível em: <<http://glo.bo/3OFdmyv>>. Acesso em: 11 jan. 2022.

G1 GO. Imagens de sexo nas ruas de Caldas Novas causam polêmica na internet. **TV Anhanguera**, Goiânia, 19 nov. 2012. Sem pág. Disponível em: <<https://glo.bo/3KqdorR>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

G1 POLÍTICA. Entenda a lei de importunação sexual, que já levou à prisão de foliões no carnaval. **G1 DF**, Brasília, 04 mar. 2019. Disponível em: <<https://glo.bo/3s2Y2BQ>>.

G1 PR. Festival de dança de Londrina começa neste sábado; veja a programação. **G1 PR**, Londrina, 06 out. 2017. Disponível em: <<https://glo.bo/3ATtq9j>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

G1 SP. Homem solto após ejacular em mulher em ônibus é preso de novo ao atacar outra passageira. **G1 SP**, São Paulo, 02 set. 2017. Disponível em: <<https://glo.bo/3AFa7RV>>.

GADELHA, Álvaro. Governo deveria ter agido em 2020 contra crise hídrica, diz especialista. **CNN Brasil**, São Paulo, 16 out. 2021. Business. Disponível em: <<https://bit.ly/3QyIRNk>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

GARONCE, Luiza. Artista detido pela polícia durante performance de nu artístico volta ao DF. **G1 DF**, Brasília, 26 jul. 2017. Disponível em: <<https://glo.bo/3ureA7n>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

_____. Cena Contemporânea chega à 20ª edição em Brasília sem patrocínio do FAC. **G1 DF**, Brasília, 20 ago. 2019. Disponível em: <<https://glo.bo/34pAdwj>>. Acesso em 15 fev. 2020.

_____. Vitrine cultural do DF, Jogo de Cena apresenta 7 atrações nesta quarta. **G1 DF**, Brasília, 19 jul. 2017. Disponível em: <<https://glo.bo/3uvptFk>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

GAZETA DO POVO. Entretenimento. **Caderno G**. Curitiba, 12 dez. 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/32XXgZC>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

GLUSBERG, Jorge. **A arte de performance**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações e protestos no Brasil**: correntes e contracorrentes na atualidade. São Paulo: Cortez, 2017.

GOLDBERG, RoseLee. **A arte da performance**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GOOGLE. Termo de busca: peça macaquinhos. Disponível em: <<https://www.google.com/>> . Acesso em: 18 jan. 2022.

GREINER, Christine. **Butô(s) na América Latina**: uma reflexão crítica. Fundação Japão em São Paulo, 2 ago. 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/3pgDL8M>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

GUILHOTINA: musical xamânico-terrorista para uma sala de aula, 2007. Disponível em: <<https://maikonk.com/pt-br/guilhotina>>. Acesso em: 28 jan. 2021.

HANNA, Judith Lynne. **Dança, Sexo e Gênero**: signos de identidade, dominação e desejo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

HEINBERG, Allan; CHEUNG, Jim. Avengers: The Children's Crusade – Volume 01. E.U.A.: Editora Marvel, 2012.

HONORATO, Cayo; KUNSCH, Graziela. Antes que isso também seja proibido. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 11, n. 1, jan.-jun. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3p2pLjI>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

IDANÇA – DNA de DAN, de Maikon K, estreia em Curitiba, 02 dez. 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/3qctIZ6>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

IG. Cinco vezes que o Brasil flertou com a censura nas artes nos últimos anos. **IG**, 12 set. 2019. Gente. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZTtc4B>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

JEUDY, Henri-Pierre. **O Corpo como Objeto de Arte**. Tradução: Tereza Lourenço. São Paulo: Estação Liberdade Ltda, 2002.

JONES, Amelia. **Body Art**: Performing the Subject. Minneapolis/E.U.A.: University of Minnesota Press, 1998. p. 13.

JORNAL DE BRASÍLIA. Indústria do entretenimento adulto cresce na Pandemia e ultrapassa sites como CNN, Netflix e Amazon. **Jornal de Brasília**, Brasília, 11 fev. 2022. Notícias. Disponível em: <<https://bit.ly/3HBJNeS>>. Acesso em: 14 jun. 2022.

JORNAL TAROBÁ Segunda Edição – Londrina. Filipe Barros quer responsáveis por 'DNA de Dan' na CPI dos maus tratos. **TV Tarobá**, Londrina, 24 out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2Gzx51W>>. Acesso 12 jun. 2019.

JUNIOR, Cesar Augusto Cavazzola. Não seja enganado: nudez em público não é arte, é crime! **Locus**, Passo Fundo, 16 out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3COFFoj>>. Acesso em 15 fev. 2020.

KATZ, Jonathan Ned. **A invenção da heterossexualidade**. Trad. Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

KEMPINSKI, Maikon. O ator/xamã e o corpo do abismo: a realidade do corpo liminar. 43 f. **Trabalho de Graduação** (Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais) – Setor de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

K, Maikon. Um copo de bÍlis. Revista Continente, Curitiba, 15 mai. 2018. Depoimento. Disponível em: <<https://bit.ly/3mXvPug>>. Acesso em: 22 jan. 2020.

LAPOUJADE, David. O corpo que não aguenta mais. In: LINS, Daniel & GADELHA, Sylvio. **Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo**. Rio de Janeiro, Fortaleza: Relume Dumará, SECULT-CE, 2002.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEÃO, Lúcia. Teatro engajado. **Revista Roteiro Brasília**, Brasília, ago. 2018, Que Espetáculo, Ano XVII, n. 280.

LEITE Jr, Jorge. **Das maravilhas e prodígios sexuais**, São Paulo, Annablume/Fapesp, 2006.

LIMA, Bianca; GERBELLI, Luiz Guilherme. Como a crise institucional provocada por Bolsonaro impacta a economia. **G1 DF**, Brasília, 17 ago. 2021. Economia. Disponível em: <<http://glo.bo/3O6Thkz>>. Acesso em: 16 abr. 2022.

LIMA, Juliana Domingos de. O caso do artista preso por 'ato obsceno' e os limites da liberdade artística. **Nexo Jornal**, São Paulo, 17 jul. 2017. Expresso, sem pág. Disponível em: <<https://bit.ly/3HM4rs4>>. Acesso em 15 fev. 2020.

LONDRINA. Lei nº 8.984, de 6 de dezembro de 2002. Cria o Fundo Municipal de Cultura e o Programa Municipal de Incentivo à Cultura – Promic e dá outras providências. Art. 2º. Disponível em: <<https://bit.ly/3FgSwAJ>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

LONDRINA NA RESISTÊNCIA ao fascismo! Ato em defesa da arte e da liberdade de expressão agora na Concha Acústica. **Grupo Alia**, Londrina, 15 out. 2017. Disponível em: <<https://fb.watch/8kPRqhk7hb/>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

LONDRINA TUR. 'Revolução da Alegria' é o tema do Festival de Dança 2017. **Londrina Tur**, Londrina, 05 out. 2017. Cultura. Disponível em: <<https://bit.ly/39SEtDX>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

LONGO, Ivan. PM é chamada para interromper performance com nu artístico no Paraná. **Revista Fórum**, 16 out. 2017. Brasil. Disponível em: <<https://bit.ly/3ECyAIT>>. Acesso em: 22 fev. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUCCHESI, Sofia. Corpos em dupla pulsão: No último final de semana, o Trem! Festival de Teatro trouxe à Camaragibe e Recife 'DNA de Dan', performance de Maikon K. censurada no ano passado. **Revista Continente**, Recife, 04 jun. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/30dERbd>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. A lógica da suspeição: sobre os aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil. **Rev. bras. Hist.**, São Paulo, v. 17, n. 34, p. 203-220, 1997. Disponível em: <<https://bit.ly/3mjje39>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

MAGGIO, Sérgio. 10 episódios que jogaram o Brasil de 2017 na Idade das Trevas. **Metrópoles**, São Paulo, 22 dez. 2017. Tipo-assim, sem pág. Disponível em: <<https://bit.ly/3sGrpKP>>. Acesso em 15 fev. 2020.

MAIKON K. Curitiba. Instagram: usuário maikon__k. Disponível em: <<https://bit.ly/3qeHp6e>> . Acesso em: 18 jan. 2022. Sem pág.

_____. Sobre. Nem Performance. Nem Dança. Nem Teatro. Disponível em: <<https://www.maikonk.com/pt-br/sobre>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

_____. Eu quero agradecer de verdade a todo apoio que recebi aqui nessa rede social. Facebook, usuário: maikon.kempinski, 16 jul. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3Jud8rJ>> . Acesso em 15 fev. 2020.

_____. Não Foi Crime. Curitiba, 25 jun. 2020. Instagram: usuário maikon__k. Disponível em: <<https://bit.ly/3GhKpVG>>. Acesso em: 15 out. 2020. Sem pág.

_____. Workshop online Eu Quero Cometer Um Crime. Curitiba, 01 set. 2021. Instagram: usuário maikon__k. Disponível em: <<https://bit.ly/3JXZeyA>>. Acesso em: 15 out. 2021. Sem pág.

MAIKON K: espetáculo DNA de DAN. In: SESC. Catálogo Palco Giratório: circuito nacional 2017. Rio de Janeiro/RJ: Serviço Social do Comércio – Departamento Nacional, 2017.

MARCONI, Guilherme. Toda nudez será classificada, prevê projeto. **Folha de Londrina**, Londrina, 23 abr. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/32bQ40g>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

MARCONI, Guilherme; COMELI, Loriane. De olho na nudez, vereador de Londrina quer mudanças no Promic. **Folha de Londrina**, Londrina, 15 out. 2017. Folha Política. Disponível em: <<https://bit.ly/3o9dFaA>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

MARINGÁ POST. Página Inicial. **Maringá Post**. Disponível em: <<https://maringapost.com.br/>>. Acesso em 15 fev. 2020.

_____. Artista fica nu em performance no Lago Igapó em Londrina e quase acaba preso. **Maringá Post**, Maringá, 15 out. 2017. Light. Disponível em: <<https://bit.ly/3hLXo7A>>. Acesso em 19 fev. 2019.

MAROS, Angieli. Redução de Humanas no currículo escolar afeta liberdade crítica dos estudantes. **Jornal Plural**, Curitiba, 12 jan. 2021. Vizinhança. Disponível em: <<http://bit.ly/35EgDdf>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

MARQUES, Michel Luis. Panorama Palco Giratório: um olhar catarinense. 95 f. **Trabalho de Graduação** (Licenciatura em Educação Artística – Habilitação em Artes Cênicas) – Departamento de Artes Cênicas, Universidade Estadual de Santa Catarina/UFSC, Florianópolis, 2009.

MARS, Amanda. Como a desinformação influenciou nas eleições presidenciais? – Alguns estudos sugerem que pode não ter sido crucial, outros especialistas destacam que Trump pautou a agenda dos grandes veículos da imprensa. **El País Brasil**, Nova Iorque (E.U.A.), 25 fev. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2JyHmvF>>. Acesso em: 08 mai. 2022.

MARTÍN, Sara. Los estúdios de la masculinidade: una nueva mirada al hombre a partir del feminismo. In: TORRAS, Meri. **Cuerpo e Identidad**, Barcelona/ES: Edicions UAB, 2007.

MEDEIROS, Afonso (org.). O imaginário do corpo entre o erótico e o obsceno – fronteiras líquidas da pornografia. In: _____. **O imaginário do corpo entre o erótico e o obsceno** – fronteiras líquidas da pornografia. Goiânia: Funape, 2008.

MEMORIAL Minas Gerais Vale. Performance DNA de DAN. Belo Horizonte, 12 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sXJXglsTI2I>>. Acesso em: 21 mai. 2020. Vídeo.

MENDES, Conrado Hübner. A política do pânico e circo. In: ABRANCHES, Sérgio et. al. **Democracia em risco?** 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MENDONÇA, Heloísa. Queermuseu: O dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo. El País Brasil, São Paulo, 13 set. 2017. **Cultura**. Disponível em: <<http://bit.ly/35uUSfR>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

MENDONÇA, Kelly Yara De Souza. Imagem e performance: arquivo e repertório. In: _____. Repertórios de transgressão: narrativas visuais e performance política na marcha das vadias. 2017. 164 f. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/39x7oQR>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

MENGUE, Priscila. Limites para a arte é tema da redação da Fuvest. **Folha de Londrina**, Londrina, 07 jan. 2018. Folha Geral. Disponível em: <<https://bit.ly/3CZwAZG>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

MINDÊLO, Olívia. O ódio, essa punheta coletiva. **Trema! Revista de Teatro**, Recife, mar. 2018. Entrevista, p. 8-13.

MIRANDA, Danilo Santos. Presenças. In: SESC Pompeia. **Catálogo Terra Comunal**: Marina Abramovic + MAI. São Paulo: Serviço Social do Comércio – Regional SP, 2015.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Revista Sociologias** - Dossiê Gênero, família e globalização, Porto Alegre, ano 11, n. 21, pp. 150-182, jan/jun. 2009.

_____. **O desejo da nação**: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX. São Paulo, Annablume/FAPESP, 2012.

MITSP. DNA de DAN - Maikon K. São Paulo, 22 fev. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/37Zqplc>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

MITSP 2018. Apresentação. São Paulo. Disponível em: <<https://bit.ly/3HEfVOT>>. Acesso em: 08 mai. 2020.

MORAIS, Frederico. Contra a arte afluyente: o corpo é o motor da “obra”. In: BASBAUM, Ricardo (org). **Arte contemporânea brasileira**: texturas, dicções, ficções, estratégias. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail (Org.). **A Experiência do cinema**. Trad.: João Luiz Vieira. Rio de Janeiro: Edições Graal; Embrafilme, 1983, pp. 437-454.

MUSILLI, Célia. O 'homem da bolha' deixa uma lição à cidade. **Folha de Londrina**, Londrina, 27 jun. 2020. Colunistas. Disponível em: <<https://bit.ly/39i8zAv>>. Acesso em: 01 mai. 2021.

NEXO JORNAL. Jovem Pan anuncia canal na TV e quer ser ‘Fox News brasileira’. **Nexo Jornal**, Extra, 14 out. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3ldvpZd>>. Acesso em: 21 dez. 2021.

NOBRE, Marcos. **Ponto-final**: A Guerra de Bolsonaro contra a democracia. São Paulo: Todavia, 2020.

NOBREGA, Ana Carolina M. C. Uma análise do discurso pudico contra a performance La Bête de Wagner Schwartz: A arte na era da pós-censura, da pós-verdade e da fake news. **Trabalho de Conclusão de Curso** – Licenciatura em Artes Visuais, UNESPAR – Campus I – Escola de Música e Belas Artes do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3kxogQU>>. Acesso em: 29 ago. 2021.

NUNES, Leandro. Detido em Brasília, Maikon Kempinski chega em SP com 'DNA de DAN'. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 11 ago. 2017. Estadão Cultura,

Teatro e Dança. Disponível em: <<https://bit.ly/3927WL4>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

O GLOBO. Performer tem sua obra interrompida e é detido pela PM de Brasília. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 jul. 2017. Cultura, sem pág. Disponível em: <<https://glo.bo/3JLTloi>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

OITO PERFORMANCES. In: SESC Pompeia. **Catálogo Terra Comunal**: Marina Abramovic + MAI. São Paulo: Serviço Social do Comércio – Regional SP, 2015.

OLIVEIRA JÚNIOR, Isaias Batista de; MAIO, Eliane Rose. “Não vai ser permitido a nenhum órgão do governo fazer propaganda de opções sexuais”: o discurso inaugural no “desagendamento” do *kit gay* do MEC. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 15, n. 01, p. 125-152, jan./mar. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/313Rofw>>. Acesso em: 18 jul. 2019.

OLIVEIRA, Kelly. A verdade que não te contam sobre o abuso sexual infantil. **Veja Saúde**, São Paulo, 30 mai. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3OJgIWu>>. Acesso em: 13 mai. 2022.

PAIQUERÊ. Performance de homem nu no Igapó termina com tentativa de prisão. **Portal Paiquerê 91.7**, Londrina, 15 out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3IGKrxh>>. Acesso em: 19 abr. 2020.

PANTOLFI, Sérgio. O desmonte da política ambiental no Brasil liderada por Ricardo Salles. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 20 mai. 2021. Sem pág. Disponível em: <<https://bit.ly/3mZHDfN>>. Acesso em: 21 out. 2021.

PEREIRA, Danieli. A olho nu. **Folha de Londrina**, Londrina, 21 out. 2017. Folha Opinião. Disponível em: <<https://bit.ly/3kq10y2>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

PEREIRA, Deborah Macedo Duprat de Britto; SUIAMA, Sérgio Gardenghi. MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL - PROCURADORIA FEDERAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO. NOTA TÉCNICA NO 11/2017/PFDC/MPF: Liberdade

de expressão artística em face da proteção de crianças e adolescentes. Brasília: MPF, 2017.

PINHEIRO-MACHADO, R.; SCALCO, L. Da esperança ao ódio: a juventude periférica bolsonarista. In: SOLANO, E. **O ódio como política**: A reinvenção da direita no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

PIRES, Andreia Moreira. Performances e políticas de um corpo criminoso. 2018. 149f. **Dissertação** (Mestrado em Artes) Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2018. Disponível em: <repositorio.ufc.br/handle/riufc/49618>. Acesso em: 16 ago. 2020.

PODER 360. Espírito Santo elege senador homossexual; Magno, aliado de Bolsonaro, perde. **Poder 360**, Brasília, 8 out. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3R2dIH1>>. Acesso em: 14 jan. 2022.

PONTES, Dan. Mais um artista peladão na praça em Londrina. **Contextuador**, Londrina, 14 out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3EU9rtF>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

PRADO, Miguel Arcanjo. Artista respeitado, Maikon K é preso por ficar nu em performance. **Universo Online (UOL)**, São Paulo, 16 jul. 2017. Blogosfera. Disponível em: <<https://bit.ly/2Gxo8q0>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

PRAZERES, Leandro. Pandora Papers: megavazamento de dados inclui Paulo Guedes e empresários brasileiros. **BBC News Brasil**, Brasília, 3 out. 2021. Disponível em: <<https://bbc.in/3igyooM>>. Acesso em 26 dez. 2021.

QUINALHA, Renan Honório. Desafios para a comunidade e o movimento LGBT no governo Bolsonaro. In: ABRANCHES, Sérgio et. al. **Democracia em risco**: 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988). 2017. 329 f. **Tese** (Doutorado em Relações

Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3HMslOn>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

REDAÇÃO RBA. Crise ambiental provocada por Bolsonaro ameaça enfraquecer economia do país. **Rede Brasil Atual**, São Paulo, 01 ago. 2021. Ambiente. Disponível em: <<https://bit.ly/3y4Qz9X>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

“REVOLUÇÃO DA ALEGRIA” é o tema do Festival de Dança 2017. **Site da Prefeitura de Londrina**, Londrina, 04 out. 2017. Cidadão. Disponível em: <<https://bit.ly/3D1mlyx>>. Acesso em 15 fev. 2020.

REZENDE, Humberto. "Se minha arte é bem-vinda, eu quero voltar", diz artista que foi preso. **Correio Braziliense**, Brasília, 17 jul. 2017a. Cidades. Disponível em: <<https://bit.ly/34Ft0oW>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

_____. Artista é preso durante apresentação que integra o Palco Giratório, do Sesc. **Correio Braziliense**, Brasília, 16 jun. 2017b. Disponível em: <<https://bit.ly/39E4mGX>>. Acesso em: 30 out. 2019. Sem pág.

RIBEIRO, Fausto. Produção artística no espaço urbano: controle estatal e conflito. In: **Anais do Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos**. Unicamp - Campinas, 2019. p.36-54. Disponível em: <<https://bit.ly/2X3XDAk>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

RIBEIRO, Marcio Moretto. Antipetismo e conservadorismo no Facebook. In: SOLANO, E. **O ódio como política: A reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ROCHA, João Cezar de Castro. Rumo à Estação Brasília. In: _____. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. Goiânia: Caminhos, 2021. p. 309-355.

RODAS, Sérgio. Juiz proíbe peça de teatro que representa Jesus como mulher transgênero. **CONJUR (Consultor Jurídico)**, 16 set. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/3bkbtqG>>. Acesso em: 30 dez. 2020. Sem pág.

ROSSI, Pedro Vinicius. Precisamos falar sobre o 'homem nu'. **Folha de Londrina**, Londrina/PR, 17 out. 2017. Espaço Aberto. Disponível em: <<https://bit.ly/3DsdIMP>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

RPC Londrina. PM é chamada durante performance com nu artístico no Festival de Dança de Londrina. Norte e Noroeste RPC/**G1 PR**, Londrina, 16 out. 2017. Disponível em: <<https://glo.bo/39lXoXf>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

SAÉZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu**: políticas anais. Trad. Rafael Leopoldo. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2016.

SANT'ANA, Tiago. "Queermuseu": A apropriação que acabou em censura. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 18 set. 2017. Diversidade. Disponível: <<https://bit.ly/3lryVAG>>. Acesso em: 16 out. 2021.

SANTIAGO, Debora Maria. Aproximações entre arte, educação e agroecologia em projetos artísticos. **Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais – Art & Sensorium**, Curitiba, n. 1, v. 4, pp. 27-39, jun. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3cZQsCk>>. Acesso em: 08 dez. 2020.

SANTOS, Clóvis Domingos dos. O Cordeiro Imolado. In: **Catálogo da 7ª MITsp | Mostra Internacional de Teatro de São Paulo**, Ministério da Cidadania, Itaú, Secretaria Municipal De Cultura E Sesc: São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3mOCLHt>>. Acesso em: 20 dez. 2020. p. 185.

SANTOS, Rafa. TJ-PR tranca ação penal contra performer acusado de espetáculo obsceno. **CONJUR (Consultor Jurídico)**, São Paulo, 23 jun. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3knrQ9l>>. Acesso em: 5 fev. 2022.

SAYURI, Juliana. Livros, canivetes e anjos: A lucrativa máquina de vendas que financia Olavo de Carvalho e outras dezenas de figuras da extrema direita. **The Intercept Brasil**, 28 ago. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3qOFF3b>>. Acesso em: 9 out. 2021.

SECEC. Manifestação Pública do Conselho de Cultura do Distrito Federal sobre a nudez na arte. **Site da Secretaria de Estado de cultura e Economia Criativa**, Brasília, 05 jul. 2018. Arte, sem pág. Disponível em: <<https://bit.ly/3sAbnC1>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

SENADO FEDERAL. PARECER (SF) Nº 1, DE 2018. Brasília, 06 dez. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3lrOrme>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

SESC Rondônia. Palco Giratório 2017 – DNA de DAN. Porto Velho, 6 jul. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3sO1Hm0>>. Acesso em: 20 ago. 2020. Vídeo.

SESC/RS. Performance “DNA de DAN” está entre os destaques da semana no Festival Palco Giratório. Porto Alegre, 15 mai. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/304O7yr>>. Acesso em: 05 jul. 2020.

SETENTA, Jussara Sobreira. **O fazer-dizer do corpo**: dança e performatividade. Salvador: EDUFBA, 2008.

SIQUEIRA, Elton Bruno; PONTES, Francini Barros. Zoe: vida comum ameaçada. **Revista Brasileira de Estudos da Presença** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. vol.9, n.2, Porto Alegre, Mar 11, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2KTAGNF>>. Acesso em: 05 mar. 2020. Sem pág.

SIQUEIRA, Elton Bruno Soares. O evangelho segundo Jesus, rainha do céu: uma recepção ruidosa. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO, 4., 2019, Recife. **Anais...** Campina Grande/PE: Realize editora, 2019.

SOUZA, Marilena Inácio de; BARONAS, Roberto Leiser. Queermuseu – Cartografias da diferença na arte brasileira: breve discussão sobre polêmica e

gestão da memória discursiva. **Discurso & Sociedad**, Santiago/Chile, v. 12, n. 3, p. 508-520, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/39oriKI>>. Acesso em: 5 jan. 2021.

STEUERNAGEL, Marcos. “Domínio Público: Performing the Brazilian Conservative Turn”. **Latin America Theatre Review** – Center of Latin American Studies, University of Kansas. v. 52, n. 2, abr./jun., 2019. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/article/731096>>. Acesso em: 05 abr. 2020.

STILES, Kristine. Performance. In: Nelson, Robert; SHIFF, Richard (eds.). **Critical terms for art history**. 2nd ed. Chicago; London: University Chicago Press, 2003, pp. 75-97.

STRUCK, Vitor. Justiça tranca ação penal contra artista. **Folha de Londrina**, Londrina, 26 jun. 2020. Folha 2. Disponível em: <<https://bit.ly/3hPpEX7>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

TAINE, Laís. Festival Termina com Show e Manifesto. **Folha de Londrina**, Londrina, 16 out. 2017. Folha 2. Disponível em: <<https://bit.ly/3EYOgg9>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

TERRA, Carlos Gonçalves. Erotismo em Objetos: Para Ver, Ler, Usar e Pensar. In: Congresso do CBHA, XXXVIII., 2018, Santa Catarina. **Anais...** Florianópolis: Comitê Brasileiro de História da Arte - CBHA, 2018.

TIBURI, Márcia. La Bête: a quem interessava transformar a performance em escândalo? **Revista Cult**, São Paulo, 30 out. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3jdihHA>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

TN ONLINE. FESTIVAL DE DANÇA DE LONDRINA começa sábado; confira a programação. **Tribuna do Norte Online**, Londrina, 06 out. 2017. Cotidiano. Disponível em: <<https://bit.ly/3AxTqqu>>. Acesso em: 21 fev. 2020.

UFSC. Espetáculo 'O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu' emociona e inspira o público. **Notícias da UFSC**, 01 nov. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3q5TkRr>>. Acesso em: 02 jan. 2020.

UM FESTIVAL EM ASCENÇÃO meteórica. **Londrina Convention Bureau**, Londrina, 03 out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2XMBPNt>>. Acesso 15 fev. 2020.

UNICAMP. Quem tem medo de artista? **Unicamp**, Campinas, 27 ago. 2017. Blogs, sem pág. Disponível em: <<https://bit.ly/3JpIDD2>>. acesso em: 15 fev. 2020.

VAZ BRANCO E FERREIRA. TJ-PR tranca ação penal contra performer acusado de ato obsceno. **Vaz Branco e Ferreira**, Rio de Janeiro, 23 jun. 2020. Notícias. Disponível em: <<https://bit.ly/3ufx8rk>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

VEREADORA JESSICÃO. Aqui o meu DIÁLOGO com artista peladão em praça pública. Londrina, 24 out. 2017. Instagram: usuário vereadorajessicao. Disponível em: <<https://bit.ly/3IszUiB>>. Acesso em: 18 abr. 2021.

_____. Bugando a cabeça dos esquerdopatas em 3.2.1.... Londrina, 2 nov. 2021. Twitter: usuário @a_jessicao. Disponível em: <<https://bit.ly/3w9wE96>>. Acesso em: 05 dez. 2021.

_____. Em você encontrei tudo que precisava para ser feliz. Londrina, 25 jul. 2019. Instagram: usuário vereadorajessicao. Disponível em: <<https://bit.ly/3waw6Qf>>. Acesso em: 05 dez. 2021.

_____. Há quatro anos atrás.... Londrina, 2 out. 2020. Instagram: usuário vereadorajessicao. Disponível em: <<https://bit.ly/3KMZi80>>. Acesso em: 05 dez. 2021.

VICE BRASIL. Público impede prisão de artista abordado por PMs em festival artístico no Paraná. **Vice Brasil**, São Paulo, 24 out. 2017. Notícias. Disponível em: <<https://bit.ly/3HohYWq>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

VIEIRA, Henrique. Fundamentalismo e extremismo não esgotam experiência do sagrado nas religiões. In: SOLANO, E. **O ódio como política: A reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

WILTEMBURG, Luís Fernando. Artista nu é ameaçado de prisão. **Folha de Londrina**, Londrina/PR, 15 out. 2017. Redação Bonde. Disponível em: <<https://bit.ly/3mi94Bq>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

_____. Espetáculo com homem nu quase termina com artista na delegacia. **Bonde News**, Londrina, 15 out. 2017. Polícia. Disponível em: <<https://bit.ly/3hOnhno>>. Acesso em: 18 fev. 2019.